Ímpeto (Inspiração Livro 3)

Gisele Souza


ímpeto
SÉRIE INSPIRAÇÃO III
GISELE SOUZA

ÍMPETO

GISELE SOUZA

Copyright © 2015 Gisele Souza

Capa: Intuição Design

Revisão: Carla Santos

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da

autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras do Novo Acordo Ortográfico.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível

ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei n°. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

“...O relâmpago que, num ímpeto apaixonado, mostra céu e terra e, antes que um homem

tenha a capacidade de dizer 'Olha!', devoram-nos os beiços da escuridão. Com essa rapidez, o que

era brilhante alcança a ruína.”

(Shakespeare)

“Nunca se pode concordar em rastejar, quando se sente ímpeto de voar.”

(Helen Keller)

Agradecimentos

Quando decidi escrever “Inspiração”, não tinha ideia de que se tornaria uma série.

Eu planejei apenas um livro, porque, na verdade, nem sabia que poderia e conseguiria

chegar até a última página. Só que os personagens secundários foram ficando mais

exigentes, suas histórias mereciam um livro só para eles. E assim surgiu a série *Inspiração*.

Ímpeto foi para mim o mais difícil até agora. Muito intenso e complicado, confesso

que tive medo dele, adiei o quanto pude, mas ainda bem que tudo deu certo. Ao escrever

a última página tive a sensação de dever cumprido. Acho que alcancei o que queria no

livro e espero que o recebam de braços abertos.

E, desde a publicação do primeiro livro, eu tive anjos ao meu redor me

impulsionando para frente, incentivando e me dando forças para continuar.

Não posso deixar de agradecer, primeiramente, a Deus pelo dom que me deu e pelas

pessoas lindas que colocou em meu caminho. Principalmente meu esposo, meu eterno

namorado, meu amigo e companheiro, confidente, a base que me segura firme, que

sempre esteve ao meu lado me incentivando e dando todo apoio que preciso. Meu filho

lindo, o menino que me ensinou o verdadeiro sentido do amor incondicional, que

entende que preciso trabalhar e ainda divide a felicidade comigo quando realizo mais um

sonho. Vejo em seus olhinhos que sente orgulho por cada novo trabalho que começo e

finalizo. É o amor desses dois meninos lindos que me faz acordar sorrindo todos os dias,

que me faz sonhar mais um dia.

Aos meus pais, que me educaram com amor aos livros. Minha irmã por ser a

chatinha que tanto amo.

E tem alguém muito especial que surgiu em minha vida com os livros e a escrita:

Carla Fernanda, minha amiga e revisora. Um anjinho que Deus colocou em meu caminho

para trazer mais alegria e luz. Amiga, sem sua ajuda e amizade eu não consigo continuar,

espero que venham anos e anos de muita amizade e muitos livros. Te adoro e você sabe

disso!

Como esquecer os lindos leitores que gostam do meu trabalho? Não há maneira de

escrever um livro e não mencioná-los. Sem cada um, eu não teria chegado aonde estou,

seus comentários e ansiedade por mais uma obra minha fazem com que eu continue, que

faz tudo valer a pena.

Não posso esquecer de maneira alguma os blogueiros, parceiros e não parceiros, que

com suas divulgações, apoio, resenhas e carinho com meus livros me ajudaram a estar

onde estou e fazer da série o que ela é hoje. Então, agradeço imensamente todas as lindas

e lindos, que tiram um pouquinho do seu tempo para o meu trabalho. Não sabem a

gratidão que sinto por vocês.

Tem aquelas pessoas também que me acompanham diariamente, dividem medos e

alegrias, sorrisos e lágrimas. Minhas amigas lindas, vocês são demais. Obrigada por tudo,

sem vocês eu já teria sucumbido várias vezes ao desânimo. Então, minhas lindas, quero

que saibam o quanto são especiais para mim: Lenny Silva, Biia Rozante, Babi Barreto,

Shirlei Ramos, Carlinha, Vanessa Marques, B. F. Moreira, Pitty Bonadio, Juliana Parrini,

Brooke J. Sullivan, Débora Favoreto, Lela S. Mazza, Cris Saavedra, Veronica Góes, Andréa

Titericz. Algumas ainda não conheço pessoalmente, mas espero em breve dar o abraço

cheio de carinho que merecem.

Agradeço às minhas betas que me acompanharam no decorrer do livro e com

suas

opiniões ajudaram muito: Luana E. Robson, Isabel Cristina, Maria Falcão, Iza Corat, Lais

do Vale, Lygia Fernandes. Obrigada lindas, de coração!

À Mel Oliveira, Babi e Rosemeire Lilane pela ajuda nas pesquisas.

Acho que é isso, espero que recebam esse livro de coração aberto e curtam muito.

Obrigada e um superbeijo.

Gisele Souza.

Nota da autora

Ímpeto é o terceiro livro da série *Inspiração*, composta de quatro obras.

Cada uma focará em um casal protagonista e contará uma história diferente.

Todos os fatos e acontecimentos deste livro são meramente imaginários, nada é

concreto ou real. Tentei ao máximo me aproximar da realidade, fiz pesquisas e recolhi

depoimentos, inclusive os dados técnicos, mas não é certeza de que alcancei esse

objetivo. Então qualquer relato que fuja da realidade é porque foi criado exclusivamente

da minha imaginação.

Sumário

Agradecimentos

Nota da autora

Prólogo

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Epílogo

Biografia

Contato

Outras obras na Amazon

Prólogo

Acho que não existe dor maior que essa. E, sinceramente, se existir não quero nem

saber. Por anos fui uma casca vazia, a dor me cortava como uma lâmina afiada fazendo

com que minha pele se tornasse nada mais que feridas abertas. Não havia ninguém em

meu coração. Só ele, infelizmente. Não conseguia arrancá-lo do meu peito, e tentei

muitas vezes em vão. Vivia em uma linha tênue de amor e ódio. Sei que ele não foi

culpado da minha dor principal — não diretamente —, ninguém foi, na verdade. O que

aconteceu foi uma fatalidade, mas tudo se juntou em uma bola de neve, me

transformando em quem eu sou hoje.

Meus olhos vagavam por aquele quarto vazio, exatamente como me sentia há doze

anos. Tão diferente do que era antes, sempre fui uma garota de sorriso fácil, sonhadora e

que acreditava em finais felizes e num amor pleno como o que minha mãe viveu. Porém,

esse tipo de relacionamento, sonhos e realizações não são para todos, eu já não me iludia

quanto a isso. Fui quebrada tão profundamente que não havia espaço dentro de mim

para esse tipo de coisa. Era sempre assim quando me via só, me afundava em

autopiedade e não gostava; e odiava mais ainda o que vinha a seguir: *flashbacks*. Policiava-

me para que não acontecesse, mas nem sempre dava certo. Senti minha pele se

arrepiando com a lembrança retornando. Fechei os olhos e me entreguei.

***

Estava atrasada para o nosso encontro, fazia alguns meses que assumimos nosso

relacionamento. Bruno não ficou muito feliz, porém não se intrometeu, porque eu era

maior de idade e sabia o que estava fazendo. Sem falar que Alberto era tudo que sonhei:

lindo, apaixonante, romântico na medida certa, quente e engraçado.

Cheguei ao seu apartamento e subi as escadas depressa. Ele dividia o apê com Bruno,

mas meu irmão não estava em casa àquela hora, pois tinha um encontro ou algo assim.

Quando cheguei à porta, bati duas vezes e aguardei; e, em seguida, respirei fundo

tentando acalmar meu coração, que batia freneticamente no peito. Quando ele me

atendeu com aquele sorriso safado no rosto foi como se qualquer ansiedade que pudesse

estar sentindo se esvaísse. Só via ele na minha frente.

— Demorou, princesa.

Alberto envolveu suas mãos fortes em minha cintura e puxou-me de encontro ao

seu

corpo num abraço gostoso, relaxei em seus braços sentindo os músculos fortes me

cercando.

— Desculpa, fiquei presa na faculdade.

Ele se afastou e olhou em meus olhos, seu olhar estava escuro e sabia que ele me

desejava. Alberto se transformava quando estávamos presos no encanto sensual que nos

envolvia. Ia embora o cara brincalhão e em seu lugar ficava um homem cheio de desejo.

— Não tem problema, foi bom te esperar. Fiquei na expectativa e tenho certeza de

que valerá a pena.

Sorri para ele e meu coração se enterneceu de tanto amor. Meus olhos percorreram

todo seu corpo. Ele usava apenas uma bermuda de tactel, seu peito forte estava despido e

minhas mãos se moveram no automático. Contornei os gominhos do seu abdômen,

arranhando levemente e imaginando como minha língua faria esse caminho da felicidade

em breve, deslizei minha palma em seu peitoral forte e encontrei seus olhos, Beto mordia

os lábios com uma cara de safado mais linda que já vi. Ele se inclinou e falou em meu

ouvido:

— Se continuar assim, amor, eu vou te foder contra a parede desse corredor.

Preciso dizer que fiquei tentada, estar com Alberto aflorava em mim uma selvageria

sexual que não conhecia. Tinha dezenove anos e ainda estava descobrindo minha

sensualidade, mesmo tendo perdido minha virgindade aos dezesseis, agora era como se

fosse tudo novo.

— Você não faria isso, faria?

Não podia impedir de lançar o desafio, ele sorriu como um lobo e me pegou em seu

colo batendo a porta com o pé, envolvi minhas pernas em sua cintura e enlacei seu

pescoço.

— Só não faço porque seu corpo é só meu para ver e apreciar. Não quero olhos de

ninguém em cima da minha garota.

— Hum, possessivo!

Sua boca tomou a minha antes que eu acrescentasse mais alguma coisa, os

sentimentos que me invadiam estavam ganhando proporções enormes e aquilo me

assustava. Os lábios de Alberto moviam contra os meus freneticamente e com fome.

Conhecíamo-nos há pouco tempo, eu havia entrado na faculdade naquele ano enquanto

ele era um veterano que provou de todas as coisas. Eu apenas começava minha

vida

acadêmica e também em outros sentidos. Um aperto no peito fez com que meu desejo se

esfriasse assim como meu coração.

Alberto me depositou na cama e ajoelhou-se aos meus pés para tirar a sapatilha, mas

parou ao ver meus olhos. Ele me conhecia bem.

— O que foi, Ana?

Respirei fundo e desviei o olhar, não queria estragar aquele momento. Estava na

expectativa para o dia que ficaríamos sozinhos, eram raras as vezes que tínhamos essa

liberdade.

— Não é nada, sou uma boba mesmo. Já vai passar.

Seus dedos envolveram meu queixo e ele puxou meu rosto para o dele, depositando

um beijo suave em meus lábios. Fechei os olhos, sentindo que aquela aflição se

aprofundava; eu precisava falar.

— Beto, promete nunca me deixar? Estou com medo; tá tudo muito perfeito — falei

sem olhar para ele, porque não conseguia, não podia. Tinha receio do que veria em seu

rosto.

— *Ann baby*, olha pra mim. — Sacudi a cabeça negando, mas abri os olhos e o

encarei. Alberto sorria levemente e envolveu minha bochecha com sua mão

grande. —

Nunca vou deixar você, princesa. Te amo com tudo que tenho.

— Jura? E nunca vai desistir de mim?

Ele encostou a testa na minha e contornou meu queixo, nariz e lábios com o dedo

indicador.

— Nunca, Ana. Até o fim ficaremos juntos, você nunca irá se livrar de mim.

Meu coração se acalmou e me entreguei a ele mais uma vez, fizemos amor devagar

olhando um nos olhos do outro. Eu acreditei em suas palavras, foram como um porto

seguro para eu me abrir. Seu corpo no meu era o paraíso, e me sentia completa ao seu

lado. O amor do Beto era essencial em cada respiração que eu dava.

E eu acreditei nele!

Que idiota eu fui!

***

Voltei ao presente tentando espantar aquelas memórias que mexiam comigo mais do

que queria, levantei-me da cama e fui ao banheiro, entrei debaixo do chuveiro e tomei um

banho bem gelado para acalmar meus desejos. Meu corpo estava quente e me recusava a

fazer algo a respeito, não que eu não estivesse acostumada a isso. Mas porque eu estava

com desejo por ele e não me permitia mais, nunca mais. Não assim quando minhas

emoções estavam à flor da pele. Só satisfaria aquela obsessão louca em minhas

condições.

Terminei meu banho e voltei para o quarto decidindo o que fazer. Ele precisava de

ajuda e seria uma boa ideia para colocar meu plano em ação. Como diz o ditado:

“Vingança é um prato que se come frio”. Contudo, isso seria quente, muito quente.

Alberto não me veria chegando, eu faria com ele o mesmo que fez comigo. Por sua causa,

me tornei cínica e perdi o meu maior sonho. Nunca me recuperaria e tinha certeza de que

ele também não.

Capítulo 1

Ana Luíza

Meu nome é Ana Luíza Petri, sou a irmã do meio numa casa com duas meninas e um

garoto. Não sou a caçula mimada nem a mais velha responsável, porque para mim e o

Bruno ficou a diversão. Éramos livres e aproveitamos muito, até que perdemos a

estrutura da nossa família. Por algum tempo ficamos perdidos, mas não durou muito

porque minha mãe tomou conta de tudo, sacudiu a poeira e deu a volta por cima. E foi

com ela que aprendi a amar sem limites e também encontrar uma flor em meio ao caos.

Eu cresci uma menina feliz, tinha uma mania meio controladora de me divertir. Fazia

questão de ter um dia tranquilo e cheio de brincadeiras. Tornei-me uma adolescente

apaixonada e sonhadora, então eu conheci o meu príncipe encantado. Caramba, que

idiotice! Bom, mas voltando a velha *eu*...

Estava tão animada para o primeiro dia na faculdade de Enfermagem. Fora o fato de

que Bruno estaria por ali, pois meu irmão era um estudante veterano do quarto período

de Medicina. Mas a verdade era que eu me sentia mais segura tendo ele perto de mim.

Desci do carro e localizei o apartamento que iria dividir com uma amiga, que

também era estudante de enfermagem, mas já era seu segundo ano no *campus*. Conheci

Luciana por uma rede social e conversamos um pouco, me simpatizei com ela logo de

cara. Era loira, alta, olhos castanhos... mas também muito inteligente e extrovertida. Subi

as escadas e, no segundo andar, procurei a porta certa, bati e esperei. Quando a mesma

foi aberta, foi inevitável não sorrir. Achava que minha colega de quarto me recepcionaria,

mas me enganei. Bruno estava lá, sorrindo pra mim, com seus olhos azuis amorosos.

— Achou que eu não estaria aqui, irmãzinha?

Nem pensei duas vezes, abracei-o com tanta força e percebi o quanto estava nervosa

por aquilo. Tê-lo ali, exatamente na hora em que meu coração parecia pular pela boca, foi

um bálsamo. Afastei-me e olhei pra ele.

— Você precisa ir pra casa, mamãe vai ter um troço se não aparecer logo.

Ele sorriu de lado e colocou uma mecha do meu cabelo para trás da orelha.

— Eu vou, assim que ajeitar tudo por aqui. Mudei de apartamento, agora estou só

com um amigo.

— Ah, é? Que legal, mais espaço para as vadias?

— Ana Luíza Petri, que linguajar é esse?

Arqueei uma sobrancelha e o encarei fixamente.

— Quer mesmo que eu diga?

Ele levantou as duas mãos e se afastou.

— Já vi que chegou com a corda toda, entra na sua casa para os próximos anos. Sua

amiga saiu para que eu a recepcionasse, porém não vim sozinho. O amigo com quem

estou morando agora quis vir, mas não sei se foi uma boa ideia.

Sorri e entrei largando uma mala no canto da sala e, em seguida, olhei em volta,

fascinada. O apê era pequeno, mas eu amei cada detalhe. Ele significava liberdade e

independência. Olhei para o Bruno.

— Por quê? Ele é um idiota como você ou é baixinho, feio e sem graça?

Meu irmão jogou a cabeça para trás, rindo tanto, que deduzi ter acertado em alguma

das opções.

— Meu Deus, como senti falta do seu bom humor. Beto é um idiota, mas nada de

baixinho pra ele, feio e sem graça pode ser.

E naquele momento ouvi um barulho vindo do banheiro, e automaticamente virei a

cabeça. Tudo bem, pode parar tudo que estão fazendo. Sabe aquele cara alto, cabelo

cortado bem baixo, rosto forte, olhos penetrantes e corpo escultural de um deus? É com

isso que me deparei.

Tenho certeza de que meu rosto era uma mistura de incredulidade e admiração.

— Olá, você deve ser a irmã do Bruno. Prazer, sou Alberto Brenner.

Saindo do meu devaneio sonhador, dei um passo à frente, peguei a mão dele que

estava estendida e me inclinei para um beijo de cumprimento, e juro que ele deu uma

mordiscada em minha mandíbula.

— Prazer Alberto, sou a Ana.

— Hum, *Ann baby*, acho que vamos nos dar bem.

Achei graça naquela afirmação, ele nem me conhecia... E que nome era aquele que

me chamou?

— Por quê?

— Eu só sei disso, simples.

— Droga, sabia que não seria uma boa ideia!

Olhei para o Bruno e percebi que tinha me esquecido de que ele estava ali. Corei

envergonhada e soltei a mão do amigo do meu irmão. Voltei para a porta e peguei minha

mala; sem olhar para os dois fui em direção ao corredor, que provavelmente levava ao

quarto.

— Eu vou deixar a mala ali. Vamos pedir uma pizza pra comemorar, Bruno?

Nem fiquei pra ouvir a resposta, precisava fugir. Abri uma porta e vi que estava

ocupada, então me dirigi à outra. Antes que pudesse colocar a mão na maçaneta, fui

interrompida.

— Ei, *Ann baby* — Olhei para o final do corredor e vi que Alberto me encarava,

sorrindo. —, não demora, já estou sentindo sua falta.

E aquilo bastou para que eu me encantasse completamente. Eu sei que é idiota, mas

quem pode explicar uma coisa assim? Ele simplesmente me capturou com aquele sorriso

de menino travesso. E eu caí como uma patinha. Como fui idiota! Mas, enfim, explicado

como eu conheci o meu príncipe que virou sapo, voltamos a atual *eu*.

Tornei-me amarga e sarcástica ao longo dos anos com a maior decepção e dor da

minha vida, ainda não é hora de contar essa parte, mas não foi fácil me reerguer. Porém,

tomei minha mãe como exemplo. Dei a volta por cima, terminei minha faculdade,

consegui um emprego e o cargo de enfermeira-chefe veio fácil. Eu trabalhava mais do que

deveria, não tinha ninguém ou nada que me motivasse a voltar para casa.

Namorei alguns caras depois do Alberto, mas nenhum se comparou ao que senti por

ele. E pra mim isso estava perfeito, porque nunca mais queria sentir aquilo novamente.

Só que algo que aprendi foi que a vida, e esse filho da mãe do destino, tem uma maneira

de colocar tudo nos eixos. Acho que eu estava desestabilizando o equilíbrio terrestre... ou

cósmico? Algo assim.

Quando achei que estava me libertando dele — Alberto não me procurava há muito

tempo —, havia desistido e engrenado na carreira de galinha (morri de raiva, claro, mas

achei que seria melhor, pois somente assim poderia viver minha vida em paz), o cara

cismou comigo outra vez. Parecia ter feito um voto de castidade e me atormentou por

quatro anos. Porém, vou te dizer: foi mais difícil resistir a ele do que olhar um bolo

suculento de chocolate estando de dieta.

E, então, veio a maldita viagem, eu sentia como se fosse minha última chance. Porém,

não admitiria nunca o que realmente queria. Desabafei com Sabrina e um plano se

formou em minha mente. Eu me vingaria dele por cada coisa que sofri. Só que o destino

brincou comigo de novo, acho que o bendito não vai muito com a minha cara.

Eles haviam ido há uma semana e eu tentava levar minha vida e esquecer a rejeição

que sofri antes da sua partida. Estava com um prontuário em mãos e parei em frente à

porta de um paciente em estado terminal. Ele tinha um câncer raro e estava em seus

últimos dias. O cara era jovem demais e solitário. Senti um aperto no peito antes de

entrar, tinha que manter a calma e não demonstrar nada do que sentia. Ele não precisava

saber o quanto eu morria de pena por seu estado, principalmente por estar tão sozinho.

— Olá, bom dia! Está se sentindo melhor hoje?

Ele me olhou e revirou os olhos, sabia que estava sendo irritantemente positiva,

mas

não poderia deixar o cara passar seus últimos dias se lamentando.

— Não precisa fazer essa cara pra mim, só vim te dar o remédio e o de sempre.

— Tudo bem, não tenho pra onde ir mesmo.

— Mas o que é isso, Henrique? E eu, não sou uma boa distração? — Sorri pra ele que,

enfim, devolveu com uma pequena risada.

— Não há maneira de ficar sério com você, Ana. Me desculpe, é que hoje estou um

pouco melancólico, deve ser meu fim chegando.

— Dramático!

Ele riu e olhou em meus olhos, estava mais visível o cansaço que enfrentava.

— Estou lembrando meu passado e percebi que fui um idiota. — Arqueei uma

sobrancelha enquanto aplicava o remédio na intravenosa em seu braço. — Não sei se

você percebeu, mas eu sou um cara solitário, e isso é totalmente minha culpa. Eu afastei

todo mundo por uma desilusão amorosa, amei tanto uma mulher e a deixei escorregar

por minhas mãos por um erro da juventude. Sempre fui muito orgulhoso e não perdoei,

era um idiota! Não percebi que ela era minha única chance de felicidade, me afundei em

autodesprezo, vivi uma vida desregrada, e vim parar nessa cama de hospital, sozinho e

arrependido.

— Não fica assim, todos nós erramos na vida. Você não está sozinho, Henrique!

Ele franziu a testa e olhou pra mim.

— Não? Então, por que não vejo ninguém que me amou a vida toda por aqui? Se eu

pudesse voltar atrás... — Balançou a cabeça, desolado.

— O que você faria?

— Eu teria casado com ela, perdoado o erro idiota e seguido nossa vida. Talvez nem

estivesse nessa cama hoje. — Suspirou, olhando para o teto. — Espero poder encontrá-la

do outro lado, sabe? Para poder pedir perdão por ter estragado nossas vidas.

Fiquei algum tempo no quarto, conversando com ele, tentando distraí-lo da

autopenalização pelos erros não perdoados, depois o deixei com seus pensamentos. Meu

coração estava tão apertado pelo cara, que me mantive afastada para não piorar seu

estado. Queria fazer algo por ele e, à noite, voltei para lhe pedir o nome da tal mulher.

Iria tentar encontrá-la e levar até lá, mas Henrique morreu naquela tarde. Nunca senti

tanto a morte de um paciente como aquela.

E na semana dos infernos que se seguiu, tudo virou de cabeça pra baixo, Sabrina

sofreu um ataque do ex-maluco, Alberto e Heitor, o *barman* e dono do *Beer,* onde minha

cunhada e esposa do Bruno cantava, sofreram um acidente de moto quando voltavam pra

casa. Senti como se tirassem o meu chão. Não sabia o que pensar, como agir e o que

sentir. Meu mundo desabou e nem sabia que mundo era aquele. E agir com

impulsividade e raiva sempre foi uma boa armadura. Só que mamãe não me deixou fugir,

ela me deu uma sacudida, literalmente.

Fui para casa e analisei toda a minha vida desde o dia que me entendia por gente até

agora. E me dei conta de algo que não foi muito satisfatório. Eu precisava de uma

finalização, precisava dar o troco para seguir em frente. Bem, foi essa a desculpa que

encontrei pra fazer o que fiz.

Eu estava sufocando em casa, então saí, fui parar em frente ao hospital e fiquei

olhando fixamente para ele. Pensando em como convenceria tanto a ele quanto a mim

daquilo. A dor ainda morava em meu peito, mas nos dias que seguiram após a viagem,

ela se intensificou e nem sabia, ou não queria analisar, o porquê.

Fechei meus olhos e respirei fundo o ar fresco da noite. O que faria seria decisivo

para o meu futuro. Minha cabeça estava confusa, não sabia se apenas cuidaria dele

enquanto precisasse e depois sairia da sua vida, ou se levaria minha vingança

adiante.

O jeito seria esperar para ver. Eu não me arrependeria de nada em meu leito de

morte. Era hora de exorcizar fantasmas.

Capítulo 2

Alberto

Quando decidi dar um rumo em minha vida e esquecê-la de vez, a maldita tinha que

me provocar. Por anos eu tentei deixá-la seguir em frente, sabia muito bem que tinha

errado completamente e o que veio depois arruinou qualquer chance de perdão. Estava

infeliz, mas conformado.

Então, por algum motivo, resolvi tentar tê-la de volta, mas falhei. Não sei dizer o

motivo, mas era uma necessidade que crescia em mim de poder amá-la sem reservas

novamente. Só que não adiantou, todo meu esforço foi em vão. Estava quase desistindo

quando ela veio com aquela proposta. Não me leve a mal, se fosse outra pessoa, em

outros tempos, eu não hesitaria em ter uma companheira de foda, ainda mais sendo tão

fogosa quanto a Ana Luíza. Porém, os sentimentos são uma merda! Pelo que havia em

meu peito, eu não conseguia seguir em frente. Minha vida não saía do lugar.

Por isso precisava me afastar, espairecer e pensar na vida. Contudo, ela estava

enraizada em minha pele como uma erva daninha. Cansei de procurar o que tínhamos

em outras, não existia alguém que se aproximasse da Ana. Por quatro anos, não sabia o

que era ter o conforto de um corpo macio no meu, pois ele queria apenas ela. Eu procurei,

tive mulheres e transei, mas não consegui chegar ao ápice do prazer, porque eu

simplesmente não gozava mais com sua voz gemendo sons de prazer em meu ouvido,

enquanto eu me afundava nela sem parar, com suas unhas arranhando minhas costas e

suas risadas por qualquer coisa boba. Por isso, eu necessitava dela como do ar pra

respirar.

Estava sufocando naquele quarto de hotel. Deixei Heitor no quarto e saí para

caminhar, estávamos numa cidade litorânea e a noite estava fresca. Sentei na beirada de

um banco no canto da praia e fiquei olhando as ondas se quebrarem na areia, enquanto

elas iam e vinham em um ciclo interminável. E era assim que me sentia em relação

àquela mulher, não importava pra onde eu fosse, sempre estaria carregando-a comigo.

Quando me dei conta, estava ligando para o Lucas, pois havíamos nos tornado

grandes amigos. E ele me entendia um pouco, pois passou por algo parecido com o que

acontecia comigo. Enquanto conversávamos, sentia um desespero surgindo em mim, era

como se algo me empurrasse de volta. Eu precisava voltar, por nós. Terminei a ligação e

apoiei os cotovelos nos joelhos e com as mãos na cabeça fechei os olhos decidindo o que

fazer. Aceitaria o que ela estivesse disposta a me dar, mesmo tendo a certeza de que tudo

não passava de vingança e que sairia machucado depois que tudo terminasse.

Subitamente me levantei e fui ao encontro do Heitor. Desesperado, insisti para que

voltássemos e ele, prontamente, me atendeu, mesmo encurtando nossa viagem. Aguentei

por três dias, mas na segunda, à noite, não suportava mais e pegamos a estrada. Algo não

estava bom, sentia calafrios pelo meu corpo e quando me dei conta estava estirado no

asfalto com uma dor terrível na perna e quadril. Sentia como se tivessem me partido em

dois e a última coisa que vi, antes que apagasse, foi o sorriso que costumava ganhar de

Ana Luíza. Será que um dia teria o prazer de aproveitar da sua felicidade novamente?

***

Decepção é uma coisa que te corrói e amarga. Mas o que eu estava pensando? Só

porque, quase tinha morrido, ela voltaria pra mim implorando para que

retomássemos o

tempo perdido? Eu era um idiota mesmo. O pior de tudo era que o meu maldito mau

humor tinha atingido proporções gigantescas, e minha perna operada também não

cooperava.

Havia se passado duas semanas do acidente, operei a perna de uma fratura exposta e

havia uma placa, além de alguns parafusos, prendendo o osso; Heitor estava internado e

em coma: Sabrina havia sido atacada e eu só conseguia pensar no motivo da Ana não ter

ido me visitar. Não que eu estivesse esperando qualquer ação da parte dela, mas nenhum

sinal ou recado? Droga, precisava seguir em frente!

Tentei manter a calma e consegui, até sair do hospital e dar de cara com ela.

Devia estar num maldito pesadelo, a louca insistia em me levar para casa e cuidar de

mim. Por mais que eu negasse ela insistia, então decidi ceder. Ou deixei que pensasse

dessa maneira. Talvez o que faltava nela fosse um pouco de persuasão, vamos dizer

assim.

Estávamos no carro indo pra minha casa e me mantive em silêncio, não iria lhe dar o

prazer de ver o quanto me irritava, não tinha humor e poderia pôr a perder o

plano que

se formava em minha mente. Só que você realmente achou que ela se manteria calada? É,

eu também não! Quando a ouvi bufar pela quinta vez foi quase impossível conter a

risadinha que se formou em meu peito. E, então, a louca explodiu!

— Tá rindo do que, Alberto? Não vejo nada engraçado, você está com essa perna

ferrada e eu tenho que dar uma de babá.

— Você se enfiou nessa porque quis, não te pedi nada, e... — Olhei pra ela arqueando

uma sobrancelha. — O que exatamente você quer dizer com *dar*?

Sorri de lado e vi a confusão em seu rosto bonito. Porra, ela era linda! E, então, veio o

entendimento. Ana franziu os lábios, prendendo-os numa linha fina.

— Você é um idiota. Se não estivesse dirigindo, te daria um corretivo.

O sorriso que segurava se espalhou, ficando amplo, adorava provocá-la.

— Sei que sou idiota, você já cansou de me dizer isso. Mas fiquei curioso, que tipo de

corretivo, linda?

Ela abriu e fechou a boca, sem dizer nada. Depois bufou, esticou a mão e ligou o som

do carro, apertou uns botões e logo começou a soar a voz da Rihanna. Revirei os olhos e

olhei pela janela do carro. Ela conseguia provocar todos os tipos de sentimentos

em mim.

Eu ia de feliz a irritado em segundos.

Pelo horário, vi que o trânsito estava congestionado quando a letra de uma das

músicas me pegou em cheio. Era *Russian Roulette.*

A minha vida passa diante dos meus olhos

E eu me pergunto se algum dia verei o sol nascer novamente

Tantos não terão a chance de dizer adeus

Mas é tarde demais pra rever o valor da minha vida

Fechei os olhos e engoli em seco, encostei minha cabeça no banco do carro e fiquei

em silêncio ouvindo aquela mulher dizer tanto do que se passava dentro de mim e não

poder comentar nada. Esse era o maior problema com a Ana Luíza, ela não aceitava que

tocasse no passado. Porém, para seguir em frente, precisávamos falar sobre isso.

Permaneci quieto o restante do caminho e em algum momento Ana desligou o som,

devia ter incomodado ela de alguma forma. Não iria pensar muito, meu mau humor

tinha aumentado em proporções gritantes. Quando estacionou na minha garagem, eu

desci e ouvi um pequeno grunhido dela ao meu lado. Droga, isso não era bom! Qualquer

som que ela fazia me trazia lembranças.

Dei a volta no carro e esperei que Ana Luíza abrisse o porta-malas, quando o fez

estendi a mão na frente e peguei a pequena mala que tinha algumas de minhas coisas.

Andei meio trôpego em direção à porta da frente.

— O que você pensa que está fazendo? Era para estar de cadeira de rodas e não

andando de muletas, e ainda quer abusar puxando essa mala? Vai acabar caindo. —

Aquela voz autoritária me fez parar no meio do caminho para a varanda. Virei-me meio

desajeitado com a muleta debaixo do braço e a encarei. Ana estava com as mãos apoiadas

na cintura e me olhava com os olhos fulminantes.

— Levando minha mala pra dentro, preciso de um banho urgente! Você pode entrar e

ficar à vontade, vi o tamanho da sua mala, pelo jeito pretende mesmo ficar, mas acho que

não é necessário. Na verdade, acredito que iremos nos matar até o final disso. Mas, o que

posso fazer? Estou impossibilitado de ir contra você, minha pequena. Pode ficar com o

quarto de hóspedes. E não se preocupe, ele fica do outro lado do corredor em que está o

meu.

Virei-me sem deixar que ela rebatesse, eu realmente precisava de um banho e cama, a

perna começava a doer. Enquanto lutava pra levar a mala até o quarto e andar

com as

muletas, ouvi Ana na cozinha me xingando de estúpido e teimoso.

— Sei disso, Ana... Sei disso! — sussurrei para mim mesmo com o peito oprimido.

Enfim, cheguei ao quarto e joguei a mala em qualquer lugar, sem me preocupar com

nada mais que uma boa chuveirada, fui até o banheiro e com cuidado e extrema

dificuldade e dor sentei-me no vaso sanitário, apoiei as muletas na parede. Nem me

atrevi a olhar no espelho, sabia que meu rosto estava machucado, apesar de já ter curado

um pouco após o tempo que fiquei no hospital, e não queria adicionar nada no incômodo

que sentia por já estar em casa enquanto meu amigo permanecia internado e

inconsciente.

Retirar a camisa foi muito fácil, mas quando me dei conta que precisava tirar a

bermuda, fiquei olhando para a tala na minha perna por algum tempo, sem saber como

conseguiria aquele feito. Respirei fundo e encostei a cabeça no azulejo. Então, engolindo

meu orgulho, a chamei:

— Ana, você pode vir aqui, por favor?

Droga, orgulho é uma merda! Senti como se estivesse arrancando pedaços da minha

pele com pinça.

Alguns minutos depois, ela apareceu na porta do banheiro mais linda que nunca.

Seus cabelos castanhos estavam presos num rabo de cavalo alto, deixando aquele pescoço

perfeito exposto, e eu só pensava em lamber cada pedacinho da sua pele. Seus olhos

estavam fixos em meu peito nu e percebi sua respiração acelerada. Bem, ela não era tão

imune a mim como dizia ser.

— Me ajuda a tirar a bermuda, não consigo sozinho.

— Hum, então agora precisa de mim? Aquela coisa de “achar desnecessário”

passou? — Encostou o ombro na porta e apoiou a mão no quadril, sorrindo vitoriosa.

— Sim, preciso de você, mas ainda acho que vamos nos matar.

Ela suspirou pesadamente e assentiu, sabia que eu tinha razão.

— Provavelmente! — Desencostou da porta e veio em minha direção, ela estava

muito perto, perto demais. Sentia o seu perfume gostoso chegando a mim e quase fechei

os olhos de prazer. Ela estendeu os braços, olhando fixamente em meus olhos. Que Deus

me ajudasse! — Coloca seus braços em meu pescoço e apoia o peso na outra perna, vou

te ajudar a ficar de pé sem as muletas.

— Eu sou pesado! — Não conseguia desgrudar dos olhos que tanto me assombraram

ao longo dos anos. Ana torceu a boca esperando que a obedecesse, ela gostava

de

mandar.

Fiz o que me pediu e imediatamente me arrependi, o calor do seu corpo, tão familiar,

fez com que meu coração desse um solavanco, minha pele se arrepiou e senti que poderia

morrer a qualquer minuto, tamanho o desespero que me consumia. Ela também ficou

abalada porque vacilou quase me jogando de volta ao vaso sanitário. Respirei fundo e fiz

como me pediu, apoiei o peso na perna boa e fiquei de pé com a ajuda dela.

— Agora apoia o braço na parede. — Fiz o que ordenou. Sim, ela não pedia,

mandava, e eu nem me atrevia respirar. — Vou tirar sua bermuda.

Engoli em seco e assenti, quase encostei a testa na parede para sentir o gelado e

aliviar meu corpo.

— O que aconteceu? — sussurrou meio incerta.

Sabia ao que ela se referia, com sua voz baixa e insegura. Ela queria que eu falasse

sobre o acidente e o que aconteceu para que adiantássemos nossa volta, mas não queria

falar aquilo com ela, pois denunciaria o motivo de ter retornado e não estava pronto para

dizer, ainda.

— Sobre o quê? — me fiz de desentendido.

— O acidente...

Olhei para ela que, com cuidado, descia minha bermuda pela perna.

— O que eu posso dizer? Estava pilotando a moto e fomos atravessar uma

encruzilhada e um carro nos pegou em cheio, fim da história.

Ela assentiu apesar da minha grosseria, vi que estava concentrada demais no que

fazia, evitava olhar pra cima.

— Estou te deixando incomodada, *Ann baby*?

— Não me chama assim! — esbravejou. Às vezes, Ana era tão sem graça para quem

vivia fazendo piadinhas dos outros. — E não sei por que me deixaria incomodada.

— Essa é fácil! Estou quase nu, você está ajoelhada na minha frente, perto demais.

Isso me traz boas lembranças.

Tem um ditado mais ou menos assim: *Não mexa com uma mulher que tiver suas bolas*

nas mãos. Ou quase isso. Mas, enfim, eu sou um idiota e gostava de provocá-la. Ana deu

um puxão em minha bermuda; em seguida, marchou até a gaveta do armário, abriu-a,

pegou uma tesoura e voltou para onde eu estava. Sem deixar de sorrir, eu a encarei; ela

era tão baixinha e linda.

— Você é um babaca, estou tentando ser profissional aqui.

— Profissional? Tenho certeza de que seus pensamentos, enquanto tirava minhas

roupas, não eram nada profissionais.

— Não tem jeito Alberto, ou a gente se mata ou...

Parou de falar aí, porque ela respirava pesadamente. Ana era controlada e sarcástica,

nunca perdia a calma. Só quando estava perto de mim que ficava sem rumo. Adorava

aquele efeito que tinha sobre ela, sempre tinha sido assim e era bom ver que nada havia

mudado. Soltou o ar e colocou a tesoura em minha mão.

— Se vira com a cueca, corta ela se precisar.

Saiu bufando e marchando pra fora, então, decidi dar um golpe final.

— Na próxima vez estarei sem cueca, é mais fácil, não?

— Idiota!

Sorri de lado e encostei o quadril na parede, com a tesoura cortei a *boxer* preta dos

dois lados e olhei para o chuveiro e a cadeira que pedi pra colocarem ali antes de vir pra

casa me ajudaria a tomar banho sem molhar a perna.

— Agora somos nós! Não tem nenhuma chance de eu ter ajuda neste momento, pois

assustei a enfermeira.

Capítulo 3

Ana Luíza

Entrei na sala castigando o chão e bufando de raiva. Tentava acalmar meus ânimos.

Respirei fundo e senti meus olhos lacrimejando, mas não deixaria que me descontrolasse

assim, prometi que não choraria mais por ele e não o faria. Nem mesmo que estivesse

com vontade de matá-lo lentamente.

Meu corpo parecia que iria entrar em colapso, me sentei no sofá e fechei os olhos em

desespero. Aquilo seria mais difícil do que imaginei. Num impulso levantei-me, não

deixaria que o idiota me visse abalada daquela maneira. Fui até a cozinha e comecei a

mexer nos armários e na geladeira, tinha que distrair minha cabeça ou, então, voltaria

para aquele banheiro e que Deus me ajudasse, não sabia se encheria ele de tapas ou de

beijos.

— Nem a pau que eu beijo aquele desgraçado de novo. — Enquanto abria as portas e

as espancava de volta no lugar, bufei internamente:se eu estava ali, era pra seguir com

meu plano, certo? — Tá, mas isso não quer dizer que eu não possa fazê-lo sofrer, idiota!

— Deu pra falar sozinha agora, Ana Luíza?

A voz dele era como um narcótico, eu adorava ouvi-la, precisava de mais, mas

sabia

que me faria mal. Na verdade, ele era isso pra mim. Respirei fundo e me virei. E me

arrependi imediatamente de ter feito, devia ter ficado de costas e o ignorado, como estava

acostumada a fazer. O que se apresentou à minha frente deixou-me totalmente abalada,

mas contive minhas reações diante daquele corpo nu e dourado. Alberto, apoiado nas

muletas, usava apenas uma toalha circundando sua cintura com o peito molhado e

exposto, seus olhos azuis traiçoeiros me encaravam com tanta fome que dei um passo

atrás recuando um pouco.

— O que você quer? E por que está usando essa toalha?

Ele riu baixinho fazendo com que minha raiva aflorasse. Melhor assim.

— Não consigo vestir nada, Ann. Preciso de uma ajudinha.

Droga!

Assenti e passei por ele, indo em direção aos quartos. Eu estava ali como uma

enfermeira e precisava agir como tal. Ajudar o paciente a vestir uma roupa fazia parte do

meu trabalho. Quando passei ao lado dele, prendi a respiração, pois o idiota segurou

meu braço, obrigando-me a parar. Eu só não arranquei o braço da sua mão porque iria

derrubá-lo no chão e isso não seria legal para a sua perna quebrada.

— Desculpa por aquilo, Ana. Não irá se repetir, eu juro. Irei me comportar.

Aqueles olhos... Ele me devorava, mesmo quando apenas me observava como uma

pessoa normal, mas eu sabia o que eles faziam comigo, e ele também, infelizmente.

— Eu não confio em você, Alberto; sei que vai aprontar mais cedo ou tarde. Isso é de

sua natureza. — Aproximei-me ficando perto do seu rosto... perto demais, pois sentia sua

respiração quente soprando em minha pele. — E é da minha natureza revidar, nunca

mais ficarei em silêncio, nunca mais aceitarei nada vindo de você.

— Se não confia em mim, então, por que fez aquela proposta antes de eu viajar? Pra

foder com a minha cabeça?

Sorri sarcasticamente, menino inocente, não sabia com quem estava se metendo. A

Ana que ele conhecia tinha morrido há muito tempo, não existia mais.

— Confiar é uma coisa, fazer sexo é outra. Para mim, você não passa de um corpo

gostoso onde eu posso sentir cada grama de prazer que ele tem pra me dar.

Alberto soprou o ar com força e prendeu os lábios numa linha fina demonstrando

muita irritação.

— Você vai me pagar, Ana, por cada recusa e humilhação que me fez passar, e

eu vou

fazer você gemer e implorar. — Eu quase ri da cara dele, mas me contive. Afinal, quem ri

por último ri melhor.

— Acho que não. Você está louco pra aceitar minha proposta, quem irá implorar por

alguma coisa é você. Aceite e vamos ver.

— Já aceitei, mas em minhas condições, *Ann baby*.

Ele mordeu os lábios sensualmente. Aproveitei a distração com a nossa "briguinha"

e me desvencilhei.

— Vem, que eu vou te vestir, não é bom ficar andando nu pela casa.

Dei-lhe as costas, pois não aguentava ficar tão perto, ele estava mais próximo da

verdade do que eu gostaria de admitir. Estava quase na porta do quarto quando o senti

atrás de mim.

— Bem que você gosta de me ver nu, né?

— Hum, aí não há nada que eu já não tenha visto, tocado, beijado. Enfim, você sabe,

figurinha repetida não completa álbum.

Ele riu baixinho e entrou no quarto apoiado nas muletas.

— Mas estar comigo é sempre novo.

— Você se acha demais, Alberto. Acorda antes que caia da cama e perceba que tudo

não passou de um sonho.

Eu não queria perguntar onde estavam suas roupas, não tinha paciência para mais

nenhuma gracinha. Abri a mala que estava no canto e peguei uma cueca samba-canção e

uma calça de moletom, não deixaria que ele andasse sem camisa testando minha força de

vontade, procurei uma camiseta branca e respirei fundo encarnando meu papel

profissional.

Olhando seriamente nos olhos azuis que me assombravam, me aproximei devagar

com as roupas em mãos, parei à sua frente e vi que ele se abalou com minha

proximidade. Com a respiração entrecortada, Alberto me encarava fixamente sem vacilar

um segundo.

— Eu vou vestir sua roupa, mas se fizer alguma gracinha, eu vou embora e não volto

mais. Entendeu? — Ele assentiu e respirei aliviada. — Bom... por favor, apoie na parede.

Ele fez o que eu pedi e me aproximei, coloquei as roupas na cômoda que estava ao

lado e levei minhas mãos até a toalha, preciso confessar que fui um pouco covarde. Não

dei nenhuma espiadinha, fui totalmente profissional, era como se aquele apêndice não

existisse. Jesus, que saia justa!

Depois de vestir, com algum custo, a cueca e a calça, me levantei e peguei a camiseta;

em seguida, estendi pra ele, que pegou da minha mão com os olhos queimando nos

meus.

— A camiseta você consegue vestir sozinho, certo?

Alberto assentiu sem dizer qualquer coisa. Franzi a testa estranhando aquela atitude,

pois ele estava aceitando tudo fácil demais. Não houve nenhuma provocação enquanto eu

estava agachada à frente dele. Estreitei meus olhos e saí do quarto antes que a boa

convivência terminasse.

Resolvi voltar para a cozinha e fazer um jantar leve, mas não tinha muita coisa ali. Os

armários e a geladeira estavam vazios, a não ser pelos gelos no congelador.

— Não tem mantimento, sinto muito. Quando viajei, eu limpei tudo pra não estragar.

Pede um lanche que é melhor.

Sem me virar continuei mexendo nos armários, mesmo sabendo que não havia nada

para fazer, queria me distrair de algum modo de sua presença não muito bem-vinda.

— Você não pode ficar comendo lanche. Sofreu um acidente, passou por uma

cirurgia delicada na perna, está se recuperando, perdeu sangue e tá machucado. Vou

pedir um jantar de algum restaurante.

— Então pede para um batalhão, tá todo mundo vindo pra cá.

Revirei os olhos e assenti. Era só o que faltava, a gangue toda a caminho. Peguei meu

celular que estava no quarto e liguei para um restaurante caseiro que eu conhecia, a

comida era muito boa e nutritiva.

Pedi pra que levassem uma maquininha de cartão de crédito. Não estava prevenida

para a quantidade de comida. Pedido feito, voltei para a cozinha e percebi que Alberto

estava sentado no balcão com a muleta encostada ao seu lado e a perna repousava num

apoio para não se machucar e eu tive a impressão de que a escolha da camiseta não foi

tão inteligente assim. Ela se moldou nas costas dele perfeitamente, imaginava como teria

ficado naquele abdômen perfeito. Ai, precisava me lembrar de não olhar.

Sacudi a cabeça e não sabia o que fazer. Resolvi trabalhar que seria o melhor. Fui até

a pia e peguei o receituário junto com os remédios que ele teria que tomar.

— Se você sentir dor, me avise para te dar o analgésico, amanhã vou até o mercado

comprar algumas coisas. Não podemos viver pedindo comida.

— Ana, eu poderia falar com você um instante? É sobre a sua proposta...

Fechei os olhos e me amaldiçoei, queria nunca ter feito aquela proposta na minha

vida. Meu coração parou por um instante. Virei-me lentamente.

— Aquilo foi um erro, Alberto, deixa pra lá.

— Vai fugir da raia, Ana? Essa não é você. Será que não aprendeu nada comigo?

Disse uma vez, é lei.

— Então, por que não aceita que eu te odeio? — Dei de ombros tentando usar o que

eu sabia ao meu favor: o sarcasmo.

— Porque é mentira. E você sabe disso. — Respirou fundo e coçou o pescoço com

uma mão. — Por favor, me dê um minuto sem interromper ou me provocar.

Era muito difícil ceder qualquer coisa, mas resolvi escutar o que ele tinha para dizer,

o que indicava que depois teria retaliação.

— Tudo bem, você tem cinco minutos. — Encostei-me no armário e cruzei os braços

num gesto defensivo que não passou despercebido para qualquer gavião safado.

Alberto sorriu e balançou a cabeça, ergui o queixo desafiando-o a dizer alguma coisa,

mas ele apenas respirou fundo e me olhou.

— Eu passei boa parte da viagem pensando no que você disse, e se sua intenção era

me desestabilizar, conseguiu. Fiquei entre te odiar e correr pra cá e te foder ao

esquecimento. Que se danassem todos meus sentimentos. — Balançou as sobrancelhas.

— Pensei em tudo que vivemos, e tudo que fiz depois que vi que não tinha volta. E

também em tudo que perdemos...

Aquela última declaração enfiou uma faca em meu peito. Ele estava cutucando uma

ferida que prometeu nunca mais tocar. Ela era aberta e sangrava todos os dias, não havia

cura para aquele tipo de dor. Abri a boca para protestar, mas ele levantou a mão, me

impedindo.

— Eu não vou falar sobre isso, prometo. Não agora. — Suspirou profundamente. —

Eu nunca deixei de te amar, mesmo quando estava com outras mulheres. Isso era apenas

uma fuga, algo que me fazia esquecer por alguns instantes tudo que guardava no peito,

mas era momentâneo e depois eu me sentia exatamente como anos atrás. Sujo e errado.

Não vou me desculpar pelo passado nem nada, fique tranquila. Sei que não quer ouvir

isso, mas você sabe que precisamos dar um rumo em nossas vidas. Já esperamos anos

demais, perdemos muito com toda essa briga idiota. Bom, Ana, eu aceito sua proposta

com uma condição.

— Que seria? — Arqueei uma sobrancelha. Apesar de toda aquela declaração ter mexido comigo, eu faria o possível para que ele não percebesse.

— Eu dito as regras, eu escolho quando e aonde vamos foder. Eu escolho quando começa e quando termina. Eu serei o dono dessa situação.

Minha vontade era rir da cara dele, depois de todo o discurso ele finalmente mostrava as garrinhas cafajestes.

— Sabe, Alberto, você até parece um cara legal, lembra muitos aqueles mocinhos de filmes e livros que lutam pelo bem da humanidade e no fim salva a mocinha das garras do vilão. Mas aqui vai uma atualização pra você: Eu não sou a porra de uma mocinha em perigo! Pode até ser que tive esse sonho um dia, não mais. Então, isso não vai funcionar.

Ele sorriu amplamente, o que me deu um ódio terrível de mim por, um dia, querer esses contos de fadas. Um aviso para as meninas de plantão: Sonhar com um príncipe encantado é a maior perda de tempo da vida de qualquer um. Sério! Não espere que alguém faça nada por você. Salve-se da porcaria da torre. É bem melhor do que ver seu príncipe virar sapo. Vai por mim!

— Se você quer me ter novamente, se quer seguir com seu plano mirabolante de

descontar tudo que te fiz, vai aceitar.

Meu coração deu um solavanco. De onde ele tinha tirado isso?

— Como você sabe disso?

— *Ann baby*, eu já te disse, te conheço muito bem. Você não transaria com ninguém à

toa, sem motivo. Não é assim que age. Muito menos se tratando de mim.

— Você não me conhece mais, Alberto. Posso ter mudado. Posso estar interessada

em apenas sexo sem compromisso.

E eu tinha mesmo encontros esporádicos, sexo de uma noite. Isso não era mentira,

mas nunca foi com alguém aleatório, eu escolhia quem levaria para a minha cama.

— Realmente mudou. Muito! Os anos te fizeram muito bem. — Olhou meu corpo de

cima a baixo e senti meu rosto corar, mas impedi de demonstrar qualquer incômodo com

aquilo. — Mas, aí dentro, você continua sendo a minha Ana.

— E se eu não aceitar? E eu não sou sua, nunca mais!

Ele sorriu e piscou.

— Você vai aceitar e será minha novamente! — Levantou-se e com a muleta

caminhou lentamente para a sala. — Vou esperar o pessoal aqui. Se prepara, mulher,

vamos ter um bombardeio de Petri e Bonatti.

Droga, tinha me esquecido disso. Estava visualmente desestabilizada e teria que

enfrentar o olhar felino do meu irmão. Sem contar na chata da Sabrina, que sabia mais do

que deveria.

Não tive muito tempo para pensar sobre o assunto, ou quem sabe correr e me

esconder onde ninguém nunca me encontraria, porque logo a campainha tocou e fui

abrir. Eram Lucas e Sabrina que nem me deram muita atenção, apesar do meu cunhado

me olhar sorrindo daquele jeito que me irritava.

Mas não pude perguntar o motivo e chamaram na porta outra vez, agora seria o

inconveniente do meu irmão, mas antes de abrir respirei fundo e escancarei a porta, de

cara com a trupe parada e sorrindo.

— Eu não sei o motivo de tantos sorrisos assim. Ganharam na loteria e não me

contaram?

Bruno enlaçou os ombros da esposa e sorrindo balançou a cabeça.

— Não, mana. É que nós apostamos uma coisinha e tenho certeza de que vou ganhar.

— E o que seria isso? — Estreitei os olhos em sua direção e esperei o relato

emocionante do meu irmão.

— Apostamos quanto tempo leva para você se render ao meu amigo ou para dar um

pé na bunda dele. Eu aposto na rendição; vocês são uma porra de uma bomba-

relógio.

Basta um toque e BOOM, explode tudo!

Fechei meus olhos e tive que admitir que Bruno estava certo. Só não sabia se era uma

explosão muito boa pra mim.

Capítulo 4

Alberto

Uma vez me disseram que a família é a que o coração escolhe. E eu concordava

plenamente depois de conhecer os Petri. Bruno, suas irmãs e dona Marisa significavam

muito mais para mim do que se fôssemos unidos por laços de sangue. Esses laços foram

desfeitos facilmente quando eu não era nem mesmo um menino que pudesse opinar ou

entender o que acontecia ao meu redor.

Cresci numa família de classe média baixa, tive de tudo um pouco, não

esbanjávamos, porém nunca me faltou nada. Isso se deve ao fato de que minha mãe

trabalhou muito para me criar. Quando ela engravidou de um magnata das indústrias

metalúrgicas, casado por sinal, ele a abandonou e não reconheceu a paternidade; disse

que minha mãe era promíscua demais e que deveria ter dormido com outros homens.

Eu não concordava por ela ter se envolvido com um homem casado, mas

ninguém

podia julgá-la. Pelo que sei ele fez promessas que não tinha intensão de cumprir, e minha

mãe, romântica e sonhadora como era, caiu como uma patinha. E por isso ela foi mãe

solteira e se manteve assim; meus avós a acolheram, mas não ajudaram financeiramente.

Ela trabalhou muito para me dar o que eu necessitava. E eu herdei dela essa gana de ser

bem-sucedido. Como não conheci muito bem meu pai, não poderia comparar. Quando

soube quem era ele, eu tinha quinze anos, e o procurei só para me renegar mais uma vez.

Se eu não fosse a cara do idiota, daria razão, mas estava espelhado em meu rosto nosso

parentesco. Prometi naquele dia que nunca abandonaria um filho. Estaria presente em

sua vida, mesmo que não ficasse com a mãe da criança. E isso também foi algo que

almejei. Não ter um relacionamento. Era complicado, cheio de responsabilidades e

amarras. Depois que passei no vestibular de Medicina, com uma bolsa integral, me

entreguei a uma vida desregrada. E nesse barco conheci o Bruno, que, pelo visto, estava

no mesmo caminho que eu. O que eu não esperava era a bagagem que vinha com ele. A

primeira que me deparei foi a bela Ana Luíza. Nossa, que doçura de garota! Ela era linda

demais, e fiquei louco. Mas sabia que ela não era como as outras. Foi inevitável me

envolver. O clã Petri me acolheu em seus braços maternos como um novo membro. Senti-

me em casa, algo que eu sabia pouco o que era.

Apesar dos meus avós terem acolhido a mim e mamãe, eles nunca foram muito

amorosos. Na família do Bruno e da Ana, eu conheci o amor fraternal. E também o amor

de um homem por uma mulher.

Eu amei, a amei com cada grama do meu ser. Cada molécula minha se encaixou com

a dela. Era simplesmente irresistível.

Só que eu tinha fantasmas, que me atentavam. Mas falarei sobre isso em outro

momento.

Ver todos reunidos ali, à espera do grande comunicado, me fez sentir um aperto no

peito. Depois que tudo aconteceu e nós terminamos, eu me afastei um pouco, bem, o

quanto pude, porque dona Marisa não permitiu que ficasse longe demais. A convivência

com Ana era repleta de altos e baixos. Mantive-me fora do caminho do furacão, mas,

quando ela provocava, eu não resistia em revidar, pois ela causava uma destruição geral

por onde passava e minha vida virava de ponta cabeça. Depois de alguns anos ficou mais

“fácil” estar ao lado dela, sem poder tocá-la, sentir seu sabor. Mas agora se tornava

impossível. Alguma coisa clicou em mim após o acidente e eu precisava dar um rumo à

minha vida.

O primeiro caminho era Ana. Porém, eu não tinha ideia de qual seria o segundo, caso

o primeiro não desse certo.

Lucas e Sabrina chegaram e foram logo se acomodando. Com aquela tala na perna,

eu tinha que me manter o mais quieto possível e não pude recepcioná-los, por isso cada

vez que a campainha tocava era Ana que atendia e voltava soltando fogo pelos olhos, me

fuzilando. Tenho certeza de que se pudesse me esganar pelo simples fato de eu existir,

ela faria. E logo depois foi a vez de Bruno e Layla, Larissa, Maurício e as crianças e, então,

a matriarca da família.

O jantar chegou e logo veio a revelação. Bruno e Layla teriam uma menininha:

Ângela. Aqueles dois eram tão bonitos de se ver, que causava náuseas de tão doces.

Brincadeiras à parte, fiquei muito feliz por eles, porque mereciam cada felicidade que

conquistavam.

Percebi Ana muito quieta e meu coração se partiu. Não estava sendo fácil pra ela. Em

dado momento se levantou com a desculpa de lavar as louças e Bruno não podia deixar de

perturbá-la.

— Ai, Jesus! Eu tinha que filmar isso. Quem diria, a azedinha da Ana lavando as

louças do Alberto? É o acontecimento do século.

E para confirmar minha suspeita de que ela não estava bem, apenas recolheu os

pratos e talheres e caminhou em direção à cozinha. Eu fiquei me coçando no sofá para

saber o que se passava na cabeça da Ana, pois nem mesmo a família sabia o que eu tinha

conhecimento. O clima ficou mais pesado depois da saída dela.

Bruno, por sua vez, levou dois tapas, um da Layla e outro da sua mãe.

— Por que você tem que ser tão chato, hein?

Ele fez uma careta alisando o local, que fingiu ter doído, e sorriu.

— Anjo, acha mesmo que eu perderia a oportunidade de provocá-la? Não é todo dia

que se tem essa oportunidade.

Layla semicerrou os olhos para o marido e eu fiquei alheio às conversas, olhando

para a porta que dava acesso para onde ela havia se escondido. Minha vontade era ir atrás

dela, mas não sabia como seria recebido.

— Tá se sentindo bem depois que veio pra casa, amigo?

Lucas me tirou do transe e olhei para ele franzindo a testa, pois tentava entender do

que ele estava falando. Então, me dei conta que era da perna, que por um momento havia

esquecido.

— Sim, tá tudo bem por enquanto. Só não sei por quanto tempo vai permanecer

assim.

Meu amigo havia se tornado um médico completo. Mesmo ainda sendo residente e

não podendo realizar uma cirurgia sozinho, ele fez um trabalho excelente com a minha

perna, e no momento ele tinha encarnado o meu médico, não meu companheiro de

conversas e confidente.

— Sentindo dor, alguma coisa assim? — Lucas estava visivelmente incomodado com

minha teimosia, mas eu não queria ficar de cadeira de rodas se conseguia andar com a

ajuda das muletas; além do mais minha recuperação estava indo surpreendentemente

bem, bem acima do normal.

— Um pouco, mas é suportável. O problema será conviver com a Ana. Não sei se vai

dar certo, mas eu não tenho forças pra negar por mais tempo.

— Entendo... Sabe o porquê ela está chateada assim? Não disse nenhuma gracinha

desde que chegou. Não é bem o estilo dela.

— Eu sei, mas acho que está sendo muito difícil pra ela. E ainda tem o Heitor no

hospital...

— É verdade, isso está acabando com todos nós, às vezes me sinto egoísta por estar

feliz com tanta coisa acontecendo e ele naquela situação. — Lucas abaixou a cabeça,

chateado. Estávamos muito abalados com o estado do *barman*, o cara simplesmente não

reagia.

Eu temia em segredo pelo pior. Sei que estava sendo pragmático, mas não via uma

saída diferente. Heitor era um cara muito reservado, que carregava um peso enorme nas

costas.

— Ele está em boas mãos, Lucas. Liz é a melhor no que faz.

— Eu sei, fui vê-lo antes de vir pra cá. Ela estava ao pé da cama lendo um livro em

voz alta e a enfermeira disse que também coloca música pra ele ouvir.

Sorri de lado, conheci Liz em um congresso e imediatamente fiz amizade, claro que

primeiro tentei seduzi-la por que a mulher era linda, mas levei um fora bem dado.

Depois disso, vi nela uma boa amiga.

— Acho que nosso amigo terá uma grande surpresa quando acordar.

— Espero que sim, meu medo é de ele não querer acordar, vamos orar para que tudo

dê certo. Agora, Alberto, vai atrás dela, que eu sei que você quer.

Levantei a cabeça e encarei Lucas com a testa franzida, o idiota sorria e piscou.

— Já que você resolveu aceitar tudo, joga todas as suas cartas. Vamos colocar

tampões no ouvido quando Ana gritar, e não se preocupe porque nós estamos

acostumados com a azedinha...

Suspirei resignado, não sabia o que me esperava e estava nervoso com o que Ana

poderia fazer ao me ver chegando. Ainda mais porque eu sabia o motivo de todo aquele

incômodo.

Levantei-me diante dos sorrisos daqueles idiotas e o apoio incondicional das

meninas.

— Cara, você é corajoso. Se Larissa fosse um terço da irmã, eu teria morrido de

ataque cardíaco — Maurício gracejou com os olhos semicerrados, e logo recebeu um

empurrão da esposa.

— Eu posso ser, não esquece que eles têm um pouco de mim. Posso ser

multifacetada, vai dormir no sofá.

Deixei-os com suas confusões costumeiras e discussões sem sentido e caminhei

lentamente até a cozinha. Quando entrei não estava preparado para o que encontrei. Ana

estava com as mãos apoiadas na pia, cabeça baixa, corpo tenso e respirava pausadamente.

Meu coração se despedaçou.

— Ana, está tudo bem?

Ela se virou de supetão e por um momento vi toda a vulnerabilidade em seus olhos e

rosto. Era como se ela pedisse que eu a ajudasse, só que logo tudo sumiu, ela fechou o

semblante e balançou a cabeça.

— Não está tudo bem, você veio atrás de mim me importunar. Já não chega as

gracinhas que estou tendo que aguentar do meu irmão? Logo Lucas e Maurício entram na

onda.

Ela conseguia despertar todos os sentimentos possíveis em mim, eu parecia uma

montanha-russa.

— Você está aqui porque quer, Ana Luíza. Não estou te prendendo, você sabe, pode

ir embora quando quiser. — Não disse? Uma maldita montanha-russa.

Sabia que isso iria deixá-la com raiva, mas nem liguei, preferia Ana soltando fogo

pelo nariz do que sofrendo pelos cantos.

— Estou aqui porque você precisa de uma babá — rebateu de imediato como se para

convencer a si mesma.

Apoiei a perna boa no chão e me impulsionei nas muletas dando um passo à frente.

Ela recuou de imediato.

— Não, você está aqui porque está louca para eu te foder ao esquecimento. Tá com

saudades do meu toque, beijo e perfume... assim como eu estou do seu.

Ela comprimiu os lábios me deixando louco pra tomá-la em meus braços e fazer

exatamente o que eu disse. Mas eu já sabia que viria bomba em minha direção, adorava

provocá-la.

— Você sabe que não é o único a querer alguma coisa, né, Beto? Tenho certeza de que

nenhuma vadia que se envolveu nesses doze anos se comparou ao que eu te dei,

nenhuma delas fez você perder a noção de onde estava, nenhuma te levou ao êxtase como

eu. E isso, meu querido, é o que você procura em cada uma, algo que possa substituir o

que sente por mim. — Sorriu vitoriosa e muito orgulhosa de si mesma.

A filha da mãe tinha que acertar bem em cheio, né? Em cada corpo, eu procurava por

ela. Em cada toque, eu precisava dela. E não fui capaz de encontrar em nenhuma.

Ninguém se comparava a Ana.

Engoli em seco e iria dizer algo que fosse acalmá-la, sei lá, desanuviar esse

clima, já

que iríamos viver juntos. Mas não me contive. Enquanto ela era ferina, eu não controlava

a vontade de provocá-la ainda mais.

— Sabe, Ana, você é muito cheia de si. Eu vim aqui porque sei que está incomodada

com tudo que está acontecendo. Vim oferecer um ombro amigo, mas vejo que você

precisa de outra coisa de mim, certo? Acho que está na hora de começar a colocar em

prática aquela sua proposta. O que acha?

Ela arregalou os olhos e ficou ofegante.

— Nem pense nisso — alertou com as mãos estendidas à sua frente como se

estivesse seSe protegendo da minha aproximação.

— Ué, mas não é isso que queria de mim? Sexo sem compromisso... Desistiu, *Ann*

baby? Você não é assim.

— Não... Não é isso. É que...

Ana gaguejou com os olhos baixo e meu corpo imediatamente se acendeu, adorava

quando ela ficava sem graça. Lembrava-me de momentos deliciosos que passamos juntos.

Ela ficou roxa de tanta vergonha, resolvi deixá-la mais tranquila ou seria capaz de sair

correndo e nunca mais voltar. E isso não era bom pra colocar meu plano em

prática, já

que eu não tinha condições físicas de ir atrás.

— Tudo bem, querida, eu vou voltar pra sala. Não demora e veja se volta, velha Ana.

Estão achando que você está doente ou algo assim.

Dei as costas e saí da cozinha. Não antes de ouvir murmúrios raivosos e panelas

batendo. Tenho certeza de que, se ela pudesse, iria jogar todas as panelas na minha

cabeça. Ana se submeteria ao que sentíamos um pelo outro cedo ou tarde, era só esperar.

Capítulo 5

Ana Luíza

Depois de toda a família comemorar o descobrimento do novo membro e caçoar

muito do Bruno, pois, como ele disse, era rodeado de mulheres e não tinha jeito, porque

sua vida seria eternamente controlada, na verdade estava muito feliz por isso. Minha

família era unida, barulhenta e estavam presentes em cada momento que precisávamos.

E eu me sentia culpada por esconder meu segredo mais doloroso deles.

Sei que não devia me sentir daquele jeito, me amaldiçoei por isso, mas a felicidade

deles me doeu, não era inveja, era apenas um lamento por eu não poder ter aquilo. Deixei

que Alberto cuidasse de todos, afinal eu estava ali, apenas trabalhando. Sei que

Lucas

teria recomendações para que cuidasse da perna, repousos e cuidados, mas eu tinha

certeza de que mais tarde ele me ligaria, afinal era um profissional muito atencioso,

mesmo que Alberto esteja se recuperando bem e de forma surpreendente.

Estava tão cansada, já trabalhei horas a fio, dobrei plantão, sofri com os pacientes. Vi

situações que derrubaria uma pessoa mais fraca, mas em nenhum desses momentos me

senti mais tensa. Meu corpo estava duro, minha cabeça a mil, meus sentimentos loucos e

desorganizados. Odiava me sentir assim, ficava vulnerável e tudo retornava. Não,

definitivamente eu não gostava de ser mais assim.

O quarto de hóspedes do Alberto era confortável demais, mais parecia um quarto de

alguém que costumava viver ali. Não pela qualidade dos móveis — que, diga-se de

passagem, eram muito bons. —, mas pelo aconchego que senti. Além dos quadros

delicados e femininos que adornavam as paredes, o edredom que cobria a cama era de

flores coloridas contrastando com a parede creme, e ao lado da cama havia criados-

mudos com abajures de cada lado. Aquilo me fez pensar se ele recebia visitas. E

se sim,

seriam mulheres, com certeza. Mas por que colocar no quarto de hóspedes e não no

próprio quarto?

Droga, eu já estava com ciúmes de quem ficava ali. Seja quem fosse.

Grunhi irritada comigo mesma. Por que ficava pensando naquilo? Eu estava ali pra

cuidar dele como um paciente e seguir com o plano de fazê-lo aceitar minha proposta e

tirá-lo do meu corpo e mente de uma vez por todas.

Aproximei-me da supermala que levei, peguei uma calça larga de moletom e uma

regata confortável, eu gostava de me sentir relaxada à noite e, como pretendia ficar

enfurnada no quarto até o dia seguinte, não iria colocar um sutiã. Mais tarde, quando

tudo estivesse silencioso, eu iria olhar como ele estava. Provavelmente pelos remédios

que tinha para tomar antes de deitar, que deixei na cabeceira da cama dele, dormiria

como um elefante abatido e seria o momento para eu verificar tudo como enfermeira,

não desviaria meu olhar, juro que não.

O banheiro era igualmente confortável e feminino. Prendi meus lábios para não

soltar nenhum palavrão, não tinha o porquê estar tão indignada, mas não podia evitar.

Todas as mágoas do passado voltavam em proporções venenosas.

Coloquei minhas coisas em cima da pia e arranquei a roupa do meu corpo. Entrei

debaixo do chuveiro tentando espantar toda aquela tensão. O banho foi recheado de

pensamentos incômodos e um *flashback* que eu não queria ter, mas não pude evitar.

Ouvi o barulho do chuveiro assim que despertei de um sonho renovador. Passei a noite em

claro por um bom motivo, óbvio. Motivo esse que tinha um corpo deliciosamente sedutor, mãos

mágicas e beijos quentes. Palavras bonitas. Droga, precisava dele.

Depois de um tempo, passei a deixar Alberto dormir no meu apartamento, Luciana não se

importava e para mim foi uma mão na roda. Levantei-me, enrolei o lençol em meu corpo e fui até

o chuveiro, infelizmente só tínhamos um, eu estava pensando seriamente em me mudar. Esse

lance de dividir banheiro era novo pra mim e me incomodava um pouco.

Ouvi assobios de uma música que ele havia cantado pra mim na noite anterior e sorri

amplamente. Abri a porta e o banheiro estava repleto de vapor da água quente, mas podia ver o

corpo dele refletido pelo vidro do boxe. Beto ensaboava o peito e o abdômen, me deixando com a

boca salivando. Meu corpo imediatamente pediu pelo dele. Ele era tão lindo, sem-vergonha e

todinho meu. Devo ter feito algum som porque Beto levantou os olhos e piscou.

— Junte-se a mim, Ana! — A voz rouca e sensual demonstrava como ele estava ligado no

que tínhamos.

E eu fui, deixei o lençol no chão e tomei um banho deliciosamente relaxante, mais até que o

sono que estava alguns minutos atrás. O banho com Alberto era sempre bom demais.

Droga!

Meus pensamentos traidores sempre me levavam a ele, por doze anos sofri com esse

fantasma. Só que era orgulhosa demais pra tentar algo, mesmo sabendo que poderia ser

um cauterizador de feridas, não me importava. Não podia perdoar tudo que ele me fez e

o que acarretou logo em seguida.

Desliguei o chuveiro, sequei-me devagar e vesti minha roupa confortável para

dormir, tinha esquecido as minhas meias. Enrolei o cabelo na toalha como um turbante.

Estava distraída ajeitando a toalha e não percebi que não estava mais sozinha. Imagine

meu susto ao ouvir a voz grave que me causava calafrios.

— Gostei do visual!

Levantei os olhos, assustada, e estaquei no lugar, na verdade quase retornei ao

banheiro e me tranquei lá até a próxima encarnação. Alberto estava com aquele

sorriso

torto no rosto, aquele que me deixava tonta de desejo.

Seus olhos azuis me encaravam, consumia, ele media-me de cima a baixo.

Imediatamente, senti os bicos dos meus seios endurecerem, porque meu corpo traidor se

arrepiou com a intensidade do seu olhar.

— O que você quer, Alberto? Já acabou meu horário de serviço!

— Hum, achei que estava fazendo hora extra. — Sorriu amplamente como o idiota

que ele realmente era.

— Muito engraçado! O que você quer aqui? Era já para estar deitado, está

convalescendo.

— Queria conversar com você sobre nós, ou nossa convivência ficará insuportável.

Cruzei os braços tentando me proteger dos seus olhos libidinosos que não paravam

de mapear meu colo exposto e meus seios sem a proteção do sutiã.

— Tudo bem, pode falar. — Era melhor concordar, assim ele iria para o quarto logo e

me deixaria sozinha.

Ele sorriu e fiquei com uma vontade louca de bater nele. Na verdade, qualquer coisa

que fazia me deixava com essa vontade de socá-lo até tirar aquele sorrisinho besta do

rosto.

— Você vai ficar aí de pé me olhando com essa cara de quem comeu algo estragado?

Arqueei uma sobrancelha, ele testava cada botão meu. Sabia muito bem o quanto eu

explodia rápido demais.

— Na verdade, você estraga mesmo meu humor.

— Ana, querida, seu humor nunca foi bom. — Não sei o que me irritava mais, o

sorriso sem-vergonha ou a gargalhada debochada.

— Ok, idiota! Acabou com a sessão de palhaçada? Fala logo antes que eu quebre a

outra perna.

Ele revirou os olhos e apontou para a cadeira em frente à cama, ainda sorrindo com

resquícios da diversão às minhas custas.

— Senta, por favor, não consigo me concentrar com você de pé.

Bufei de raiva e sentei-me no banco, queria acabar logo com aquela palhaçada de

conversa. Ainda com os braços cruzados, encarei-o fixamente. Por mais que a presença do

Alberto naquele cômodo íntimo mexesse comigo, não o deixaria ciente do quanto me

incomodava. Era orgulhosa demais!

— Fala logo porque eu quero dormir!

Ele pareceu meio incerto, sem graça até. Seus olhos vasculharam o quarto e estranhei

sua atitude, coçou a cabeça e levantou o olhar parecendo estranhamente vulnerável.

— Eu já disse que aceito sua proposta, certo? O que mais você precisa de mim para

que possamos viver em harmonia?

Meu coração acelerou com a menção da proposta, meu corpo já entendia essa palavra

e se acendeu por conta disso. Fica quietinho, idiota, não tem nada pra você agora.

— Não sei do que você está falando. Da maneira que você quer levar esse negócio,

não vai funcionar. E não precisamos conviver, é sexo sem compromisso e assim que você

tiver alta voltarei para a minha casa.

— Ana, é lógico que você aceitou ou teria me mandado à merda e fugido, como

sempre faz.

— Ainda há tempo de te mandar à merda. E eu não fujo!

— Não brinca! Ana, eu vi como você ficou mais cedo... — Levantei as mãos

encerrando o que quer que ele tinha para dizer, não aguentaria ouvir nada no estado em

que me encontrava.

— Para, você sabe que eu não quero falar sobre isso. Se quiser tocar nesse assunto,

acho melhor ir embora.

Me levantei e abri a porta, segurando-a para que ele se tocasse e saísse logo. Com

dificuldade, ele se apoiou nas muletas e na perna boa, se levantou, parou à minha frente

e olhou em meus olhos.

— Sabe que, um dia, teremos que falar disso...

— Não sei de nada — rebati sem pestanejar.

— Você está só adiando o inevitável, Ana. Precisamos disso para colocar um ponto-

final.

Desdenhei da sua cara de cachorro solitário, ele estava sendo ingênuo ou sonso

achando que me abalava com aquela preocupação toda. Eu o conhecia bem pra saber o

que escondia debaixo daquele rosto de bom menino.

— Você que coloque o que quiser, o meu final já foi há muito tempo!

— Será?

— Com certeza!

— Isso que quero ver...

Seus olhos estavam grudados nos meus, ele estava perto demais. Muito perto, sem

aviso, ou qualquer indício que faria o que fez, seus lábios colaram nos meus num beijo

delicado.

Era como se estivéssemos sem esse toque há anos, mesmo que antes da viagem

tenhamos nos atracado no bar. Isso era diferente. Estava carregado de significados,

demonstrações de sentimentos, coisas a provar. Sua boca moveu-se meticulosamente

sobre a minha, não havia língua, saliva ou outro toque mais que incitasse que iria além.

Apenas um roçar de lábios, um beijo de boca fechada. Mas fez meu coração disparar,

meu sangue correr mais rápido e me senti tonta. Beto se afastou com os lábios

entreabertos e me inclinei um pouco tentando pegar um pouco mais, ele sorriu e sacudiu

a cabeça.

— Acho que não tem nenhum ponto-final aqui, *Ann baby*!

Desgraçado!

— Sai daqui, Alberto! Não quero te ver mais hoje.

Ele fez um biquinho ridículo e inclinou a cabeça de lado.

— Mas eu preciso de cuidados, Ana. Você é minha enfermeira, talvez eu precise de

um beijinho, uma massagem pra dormir, quem sabe um corpo quente pra me acalmar.

Tive a certeza de que não havia nenhum ser humano que me tirasse mais do sério do

que ele. Alberto mexia com cada parte minha, a boa, a despedaçada e a cadela. No

momento, ele havia acordado a cadela. Sorri abertamente e levei minha mão em seu

rosto, ele ficou surpreso e se inclinou para meu toque com um pequeno sorriso no rosto.

Eu puxei a orelha dele com força, provocando-lhe um grunhido de dor.

— Pra você sou apenas uma enfermeira, mas no momento só tenho vontade de te

causar dor. Me irritou demais, cara, acho melhor me deixar em paz. Amanhã a gente se

vê.

Soltei a orelha que, na verdade, nem puxei muito, ele era muito fresco e dramático.

— Ai, vejo que continua a mesma mal-humorada de sempre, né? Mas sabe que gosto

de você assim... Eu vou te deixar em paz por hoje, Ana! Só que amanhã temos que

conversar, de verdade!

Ele saiu mancando e bati a porta com força, me encostando na mesma; e, em

seguida, soquei a madeira com os punhos tentando acalmar meus ânimos. Por que fui tão

fraca? Deus! Como ficaria daqui pra frente? Eu não podia me render assim tão fácil, o

plano era deixá-lo louco e não o contrário. Mas era só ele estar perto, ouvir o som grave

da sua voz, sentir seu toque que me derretia como uma idiota necessitada por mais.

E ainda tinha minha ética como profissional, esperaria mais uma hora e iria ver

como

ele estava. Que Deus me ajudasse!

Mas de algo eu tinha certeza: no final de toda essa história um dos dois estaria na

lona pedindo rendição e não seria eu. Faria de tudo para que isso não acontecesse!

Capítulo 6

Alberto

O cheiro de café fresquinho tem o poder de nos despertar da melhor maneira e, se

não fosse a dor quase insuportável na perna, eu teria apreciado muito mais o aroma que

perfumou meu quarto.

Sentei na cama devagar ao mesmo tempo fazendo uma careta, minha perna estava

apoiada em um monte de almofadas, mal consegui me mexer, porém, pelo jeito o

remédio de dor já havia perdido o efeito porque doía demais. Com cuidado movi minha

perna boa pra fora da cama e peguei a outra com cuidado para apoiar o pé no chão.

Quando me levantei com a ajuda das muletas, não pude conter o gemido alto de dor.

Se não fosse pelo aroma delicioso que me despertou, eu pensaria que Ana tinha

abandonado o posto. Estava tudo no mais absoluto silêncio. Droga, será que ela havia ido

embora? Por mais que fosse ruim admitir, não gostava de ficar sozinho assim.

Tentei me levantar e não aguentei de dor, caí sentado na cama, provocando mais uma

fisgada que ia da coxa até os pés e subia de novo. Quando tentei me levantar de novo, a

porta se abriu e uma Ana vestida de branco com os cabelos presos num rabo de cavalo e

os olhos fixos em mim entrou, roubando o restante do meu fôlego...

— Tá tentando se matar de dor? — o grito dela me assustou e irritou. Será que ela

não via que eu estava tentando não precisar de ninguém?

— Não, só queria levantar por conta própria, é proibido?

Ana suspirou e colocou as mãos na cintura, me olhando com mais tranquilidade.

— Alberto, você operou tem pouco tempo, está se recuperando. Precisa de ajuda, vou

fazer uma massagem pra circular seu sangue e diminuir a dor. Deita de novo, por favor.

Franzi o cenho, estranhando aquela calma e delicadeza repentina. Onde estava a

minha Ana amarga? Tive até medo do que ela poderia fazer comigo quando estivesse à

sua mercê.

Mas não queria contrariá-la, deitei a cabeça no travesseiro e Ana me ajudou a colocar

a perna numa almofada, deixando-me o mais confortável possível.

Percebi que tinha à minha frente a Ana profissional. A mulher que dedicava sua vida

a cuidar de quem precisava, pegou um pequeno vidro do bolso da calça larga e sentou-se

ao meu lado na cama. Sem olhar pra mim, ela levantou o short que eu usava e, então,

fixou os olhos nos meus.

— Sem gracinhas ou eu puxo os cabelinhos da sua perna.

Eu acho que perdi minha língua por tanto cuidado, algo que não experimentava há

muito tempo. Delicadamente Ana passou um óleo transparente nas mãos e começou a

massagear a pele onde a tala não pegava, no topo das minhas coxas, panturrilha, os pés...

Estava tão concentrada, e eu enfeitiçado.

Suas mãos macias aliviaram não só minha dor física como também a que eu

carregava no peito. Olhando Ana tão cuidadosa comigo percebi que minha vida não era

nada sem ela, eu precisava tê-la para me sentir completo.

E precisava convencê-la a ficar comigo, me perdoar, nos perdoar!

Algum tempo se passou e eu relaxei. Quando percebi, Ana já estava se levantando,

abri meus olhos rapidamente e ela me encarava duramente, seu rosto estava impassível.

Não conseguia decifrar nenhum traço que se passava. Sentei-me e engoli em seco.

— Tá tudo bem?

— Não tem nada bem há doze anos — disse com os olhos semicerrados.

Ok, acertou bem no alvo.

— Sinto muito...

— Eu aceito!

Levantei a cabeça subitamente com os olhos arregalados, tenho certeza de que minha

expressão estava hilária.

— O que, Ana? Explique-me, por favor.

— Eu aceito totalmente sua proposta, Alberto.

— Totalmente... Tem certeza?

O sorriso no rosto dela me fez ter dúvidas quanto à aceitação tão fácil.

— Vamos ver... — Balançou a cabeça como se tirasse alguma coisa da mente. —

Agora vem, vou colocar o café na mesa.

Aproximou-se e esperou que eu me acertasse na cama. Dessa vez, por incrível que

pareça, minha perna doía bastante, mesmo tendo uma melhora ótima a dor seria minha

companheira por um bom tempo.

Levantei-me com a ajuda dela e Ana colocou as muletas em minhas mãos. Olhando

em meus olhos, ela pareceu se perder por um momento e eu aproveitei.

— Que dia tem que voltar ao hospital?

— Em dois dias.

— Bom, vou com você. Quero ver o Heitor.

— Eu também.

Ela assentiu e caminhou lentamente pra fora do quarto, eu tive que respirar fundo

umas três vezes para segui-la. Na sala havia uma mesa enorme posta com pães, frutas,

café, iogurte... Tudo que eu rezaria para ter todos os dias. Para quem estava acostumado

só a uma torrada com geleia, aquilo era o paraíso.

Ana puxou a cadeira e aguardou. Quando me aproximei, agradeci com um sorriso e

disse:

— Assim vou ficar mal-acostumado.

— Não fique, estou apenas trabalhando e sou muito dedicada aos meus pacientes.

Quando você deixar de ser, tudo voltará ao normal.

— E porque aceitou a contraproposta que fiz? — Sentei-me, apoiei as muletas na

cadeira ao meu lado e parti um pão colocando-o na boca e sorrindo em direção aos olhos

que me fuzilavam.

— Quem disse que aceitei *essa* proposta? E outra coisa, teremos que esperar você

melhorar, não dá pra brincar com essa perna e com você sentindo dor.

Sorri de lado e peguei o pulso dela por cima da mesa. Com o polegar, circundei a veia

que pulsava, levando sangue para o seu lindo coração bater. Percebi que ela ficou

incomodada, seu coração acelerou, pois senti pela pulsação.

— Você não sabe do que sou capaz de suportar pra tê-la de volta.

Ela puxou o pulso do meu aperto e se inclinou, aproximando-se.

— Você não me terá de volta, Alberto. Entenda uma coisa: é só sexo. — A voz dela

ficou rouca e salivei querendo provar o que me prometia. Engoli em seco e assenti

olhando sua boca com gula.

— Então será o nosso melhor sexo e nunca será o suficiente.

Ela franziu a testa e estreitou os olhos, ficando ainda mais linda. Ana sempre tinha

esse humor, mesmo que antes fosse mais maleável comigo. Sempre explosiva e

impulsiva, não gostava de segurar nada e se entregava a tudo que fazia. No sexo, ela era

uma deusa; seus gemidos e grunhidos de prazer ecoavam em minha mente causando

uma dependência que ninguém era capaz de satisfazer.

Ela me encantou desde a primeira vez pelo rosto delicado, os lábios beijáveis que eu

provei inúmeras vezes. Não era capaz de resistir. Mas a personalidade de Ana era

explosiva. Eu amava isso nela, nunca quis que fosse diferente; na verdade, quando

encontrava mulheres permissivas demais, eu me enjoava fácil.

— Vamos ver quem não será suficiente para quem. — Sorriu como uma loba e se

sentou do outro lado da mesa.

Comemos em silêncio e Ana manteve contato visual comigo o tempo todo, me

deixando incomodado. Eu não era de ficar assim, mas aquela mulher... Ah, aquela mulher

era capaz de despertar em mim coisas que eu nem sabia que existia e esse era um dos

motivos de todo o meu medo no passado.

Tinha que fazê-la me ouvir para que pudesse explicar tudo. As coisas que

aconteceram, o rumo que minha vida tomou, e tudo que passou em minha cabeça desde

que minha mente e corpo decidiram: era só ela que me importava.

— Eu vou trabalhar e você fica quieto aqui. Liga a televisão, eu volto logo depois do

almoço.

— Trabalhar, como assim?

— Isso, no hospital. Está com problema de memória também?

— Não, só achei que você estivesse de folga, algo assim.

Ela pareceu envergonhada. Mexeu com os farelinhos de pão que tinha à sua frente,

de cabeça baixa, e até corou.

— Não, tenho algumas coisas que preciso resolver. Pelo menos umas três vezes

na

semana, terei que ir ao hospital.

Assenti sorrindo, porque captei na hora sua estratégia quando a voz saiu meio

incerta, ela não sabia mentir muito bem.

— Você está fugindo, Ana Luíza?

Subitamente, ela levantou os olhos e me encarou.

— Acha mesmo que preciso inventar alguma coisa para fugir de você?

— Eu acho, está tão louca pra me ter que não aguenta ficar muito tempo por perto

sem pular em meu pescoço.

Ela se levantou e colocou as duas mãos na mesa.

— Eu tenho que me segurar pra não te esganar, isso sim.

Virou-se, pegou a chave do meu carro, a bolsa que estava no *hall* de entrada e saiu

batendo a porta. Logo depois, o carro cantou pneus do lado de fora.

Parti um pedaço do pão francês e sorri.

— É, Ana, esses dois meses serão longos. Quando eu te pegar, você não vai nem

querer sair de casa.

Capítulo 7

Ana Luíza

Eu nunca fugi de uma briga, situação ou problema. Porém, existem momentos em

que devemos recuar e eu cheguei nesse momento quando Alberto deixou meu quarto na

noite anterior. Arrumei logo uma maneira de trabalhar nas férias, meu supervisor chiou

no telefone comigo dizendo que era inaceitável, que eu precisava de descanso. Mas eu

expliquei mais ou menos a situação e ele entendeu, desde que eu trabalhasse somente

meio período duas vezes na semana, e só. Era pouco para manter minha sanidade, mas já

bastava por enquanto. Qualquer coisa, eu arrumaria outro jeito de fugir dele.

Cheguei ao hospital e cumprimentei amigos de trabalho, tenho que dizer que alguns

fugiram. Eu era enfermeira-chefe e bem exigente, posso dizer que um pouco grossa, mas

era meu jeito. Meu trabalho era minha vida, tratava meus pacientes com cuidado e

carinho, e exigia o mesmo deles.

Quando parei em frente ao balcão de enfermagem, sorrindo para minha amiga

Shirlei, ela demorou um pouco para me notar, mas quando fez seus olhos se arregalaram

e eu sabia que vinha bronca.

— Ana Luíza Petri, o que está fazendo aqui? Era para você estar de férias, menina.

Sorri e pisquei um olho dando a volta no balcão e dando-lhe um abraço

reconfortante. Shi, como eu a chamava, era uma mulher linda, delicada,

apaixonada pela

profissão como eu e minha melhor amiga. Ela era a única pessoa que sabia tudo que eu

havia passado, o que Alberto representava e toda a culpa que eu carregava. Perdi a conta

das vezes que ela disse para eu resolver tudo e deixar esse passado pra lá, seguir minha

vida. Mas era mais complicado que isso...

— Estou de volta, amiga. Não está feliz em me ver?

— Sim, mas era pra você estar descansando dessa loucura e se aproveitando do

pediatra gostoso que depende de você.

Sorri e balancei a cabeça.

— Sabe que não posso, e é por esse motivo que estou de volta.

Shirlei colocou as mãos na cintura e me olhou de cenho franzido.

— Não acredito que está fugindo, Ana! Que coisa feia, mas isso não é motivo pra

burlar suas férias. — O tom de voz da minha amiga estava duro e implacável. Tinha que

acalmá-la ou logo ela me daria uns tapas na bunda.

— Calma, amiga. É só meio plantão e duas vezes por semana. Isso se não me

expulsarem antes da hora. E chega de drama, preciso trabalhar. Tem um paciente pra

mim?

Ela bufou e ficou parada irredutível até que relaxou os ombros e se sentou

abrindo o

programa de computador que designava cada paciente a cada enfermeira.

— Por sorte, temos um paciente novo, ele veio transferido de outra cidade. Ele tem

câncer no pulmão. — Apesar de sermos um hospital público e termos muitos problemas

que precisavam ser resolvidos com muita urgência, como toda a saúde do país, tínhamos

a melhor área de Oncologia do estado. — E o médico veio junto, então já viu.

Assenti. Para o médico ter acompanhado o paciente, devia ser conhecido, ou o

médico devia ser muito dedicado e tinha que ter certeza de que tudo estaria de acordo

com as recomendações dele, o que era bom para o paciente, mas cansativo para nós. Não

precisávamos de um ser humano se achando superior em cima da gente.

— E ele será meu, acertei?

— Bingo! Garota inteligente.

Assenti e peguei o prontuário no canto. Colocando meu jaleco, olhei para minha

amiga, sorrindo.

— Só espero que esse médico não me traga problemas, não estou no humor hoje.

Shirlei riu e bufou.

— E quando você está no humor, minha amiga?

Mostrei a língua pra ela e fui para o quarto do paciente. Bati duas vezes e entrei.

Tinha um rapaz por volta de dezenove anos deitado na cama e olhando a televisão, que

estava sintonizada num canal esportivo. Quando abri a porta, ele se virou e sorriu, um

sorriso lindo e radiante.

— Oi! — A voz do rapaz estava rouca, provavelmente pela quantidade de vezes que

foi entubado. Pelo que pude ver, o caso dele era bem sério e teve várias crises.

— Olá, William. Meu nome é Ana Luíza, eu serei sua enfermeira e também haverá

uma amiga que tomará conta de você quando eu não estiver por aqui. Como está se

sentindo hoje?

— Esplêndido! — Realmente soou sincero.

Estranhei a alegria do rapaz, normalmente os pacientes como ele estavam cansados e

de mau humor. Mas ele exalava alegria e esperança.

— Que ótimo! Bom, vou fazer o procedimento de praxe, ok? Você sabe, aferir pressão

e etc.

— Manda ver, gata!

Sorri pra ele e me aproximei. Ele era um menino bonito, olhos castanho-escuros,

nariz fino, queixo quadrado, lábios carnudos. Não dava pra descrever muito mais, pois a

doença provavelmente lhe custou mais que os cabelos.

Fiz todo o procedimento com ele sorrindo pra mim, preciso dizer que fiquei

incomodada com aquele bom humor sem igual.

— Você tem que me prometer uma coisa, Ana.

Ai, meu Deus! Quando os pacientes falavam assim, eu já ficava com medo do que

estava por vir.

— O quê? — Arqueei uma sobrancelha e fitei seus olhos sorridentes enquanto fazia

meu trabalho.

— Promete que não vai se apaixonar por mim? Sei que é inevitável, porque, né, sou

de arrasar, mas você não pode cair de amor. Minha mãe teria um treco se eu arranjasse

uma nora pra ela agora.

Ainda concentrada, franzi a testa e terminei, tirei o aparelho do braço dele e o

coloquei no carrinho, voltei-me e apoiei as duas mãos na cintura.

— É sério isso?

O rapaz apenas sorria.

— É muito sério, esse rapaz não tem jeito mesmo. Aonde ele vai, fica cantando as

enfermeiras.

Virei-me em direção à voz grossa que havia entrado no quarto, interrompendo a

bronca que daria no meu paciente galanteador. Um homem alto, que aparentava ter por

volta de trinta e seis anos, de cabelos e olhos castanho-escuros, rosto bem delineado e

com um sorriso de tirar o fôlego, me olhava com diversão.

— E você, posso saber quem é?

O sorriso do desconhecido só aumentou.

— Sou o Dr. João Marcos e esse rapaz engraçadinho é meu paciente.

— Esqueceu de dizer que sou o seu paciente favorito.

— O mais chato também...

— Você me ama, sabe disso.

Fiquei olhando de um para o outro e pude perceber a familiaridade entre eles.

Ambos tinham um enorme sorriso e os olhos da mesma cor.

— Ok, já pararam com a rasgação de seda? — Eles se viraram pra mim e assentiram.

— Muito bom. Em primeiro lugar, senhor William, eu não vou me apaixonar e, antes que

diga algo engraçadinho, eu lhe digo que não, nem passa pela minha cabeça cair nos seus

encantos. E em segundo lugar, sem gracinhas pro meu lado, viu? E você — Apontei para

o médico do menino. —, quero ter uma palavrinha contigo!

Olhei para ele semicerrando os olhos e saí do quarto, aguardei-o do lado de fora e

ouvi William rindo e caçoando do médico. O intruso se aproximou e cruzou os braços.

Provavelmente tentando me distrair ou intimidar, mas essa tática não funcionava comigo.

— No que posso ajudá-la, enfermeira?

— Meu nome é Ana Luíza e sou a enfermeira-chefe do setor. — Não sei o porquê,

mas tive o ímpeto de corrigi-lo.

— Tudo bem, sinto muito pelo meu lapso. Mas quando chegamos, você não se

encontrava nas apresentações. Vamos começar de novo? — Descruzou os braços e

estendeu a mão. — Meu nome é João Marcos Oliveira e sou oncologista, meu paciente se

encontra num estado mediano do câncer e eu vim para tratá-lo aqui, que é o melhor

hospital do Estado, conto com sua ajuda.

Prendi meus lábios juntos e engoli uma maldição. Não sabia o motivo de estar tão

irritada com o médico gostosão. Isso não era um bom sinal. Peguei sua mão estendida e,

para o meu espanto, ele levou minha mão aos lábios e deu um beijo leve.

Eu nunca fiquei sem ter o que falar na vida, sempre tinha uma piada ou uma

resposta espertinha, mas ali, com o desconhecido gato, com minha mão nos lábios

macios, eu não tinha nada a dizer.

Subitamente arranquei minha mão da sua e dei uma passo atrás, mas, antes de

desviar os olhos, vi que ele sorria.

— Então... — Minha voz saiu fina e pigarreei, tentando normalizá-la. — Então, você

veio pra ficar. Vai tratar do menino aqui?

— Com certeza, e antes que diga algo já passei por todo tipo de autoridade pra isso.

Nem ele ou minha amiga aceitam outra opção. William será tratado por mim, a mãe dele

e eu somos amigos de infância e desde que ele adoeceu tomei os cuidados dele como

minha responsabilidade. — A voz do cara tinha mudado de doce para feroz. Ele tinha

muito cuidado com o menino e eu gostei disso. Assenti e dei um passo para o quarto.

Coloquei a mão na maçaneta e virei.

— O caso dele é muito grave? Não tinha isso no prontuário.

O doutor abaixou a cabeça e suspirou, colocou as duas mãos nos bolsos da calça e

assentiu.

— Infelizmente sim, ele luta com esse câncer desde os doze anos, quando fez quinze

entrou em remissão, mas voltou há dois meses muito mais agressivo. Estou tentando de

tudo, mas Will é forte e o mais importante: ele tem fé e esperança. É o que nos move,

certo?

Balancei a cabeça, assentindo. O mais difícil da minha profissão era ver o quanto

as

doenças minavam a felicidade e esperança das pessoas.

— Bom, te vejo por aí. Vou voltar para o *Don Juan*.

— Boa sorte. — Dei-lhe um aceno e abri a porta. — E Ana...

Virei-me para olhar pra ele, que tinha um sorriso enorme no rosto. Será que não doía

as bochechas?

— Sim...

— Foi um prazer enorme te conhecer, fico feliz por estar furando as férias.

Engoli em seco e entrei no quarto. Ainda sorrindo, Will se manteve em silêncio,

enquanto eu estava com a cabeça a mil. Porém, quando saí, fiquei receosa e ansiosa para

ver o médico novamente.

O restante do miniplantão passou sem grandes acontecimentos. Não encontrei João

Marcos, mas antes de ir embora dei uma conferida em William, que dormia. No próximo

dia estaria de volta, pois algo me impulsionava a tratar esse caso com mais atenção.

Quando deu meio-dia, fui quase expulsa por Shirlei. Ao sair do hospital, respirei

fundo o ar fresco e sorri. Essa minha fuga foi boa de certo modo. Agora precisava voltar

para a toca do leão que queria me comer. Se fosse em outra ocasião e outra pessoa, eu

adoraria ser devorada, mas por Alberto, apesar de eu ter aceito quase tudo que ele impôs,

era perigoso demais!

Parei no meio da calçada quando percebi que, desde que conheci Will e seu médico

de tirar o fôlego, não tinha pensado no Beto. E isso era estranho, pois o cara não saía da

minha cabeça há tanto tempo que sentia como se fosse parte de mim. Era estranho e

reconfortante saber que talvez minha vida pudesse seguir em frente sem o fantasma do

passado.

Capítulo 8

Alberto

Eu ouvi quando Ana chegou logo depois do almoço, havia pedido um marmitex e

almocei na sala com um bico maior do mundo por estar sozinho. Depois cansei de

esperar e fui descansar no quarto. Então, assim que ela pisou dentro de casa eu soube,

mas me fingi de desentendido. Ela abriu a porta, aproximou-se, ficou um tempo parada

ao lado da cama, xingou uns bons palavrões e saiu. Eu sorri, era meio louco, eu sei, mas

quanto mais a Ana ficava irritada, mais eu percebia que ela se importava. O ruim seria se

não ligasse para minha presença, aí eu poderia partir pra outra. Por enquanto, eu ainda

tinha chance.

À tarde, parecia que estávamos brincando de pique-esconde, porque, quando eu saía

do quarto, Ana desaparecia. Somente a vi quando fui tomar banho. Ela apareceu, me

ajudou a tirar a roupa e colocar de volta. E antes que eu pudesse dizer algo, ela sumiu

novamente. Decidi ser um pouco mimado e troquei a roupa com dificuldade, coloquei

uma calça de moletom larga e uma camisa de manga comprida. Calcei os sapatos e

manquei até a sala onde ela estava deitada no sofá com um livro nas mãos.

Peguei a chave na mesa de canto e ela levantou os olhos do livro, me dando seu

primeiro olhar afiado da noite. Sabia que viria uma explosão, talvez uma enxurrada de

palavrões com o que eu estava planejando. Mas quem ligava? Já estava acostumado aos

ataques da Ana Luíza.

— Onde você pensa que vai?

— Não penso, eu vou! — Minha voz saiu mais dura do que eu pretendia.

Ela arqueou uma sobrancelha e calmamente fechou o livro, colocando-o de lado no

sofá.

— Sei, e posso saber aonde você vai?

— Ao *Beer*, estou com saudade do pessoal e sei que Layla está se apresentando hoje.

Quero sair de casa, ouvir uma música, observar o ambiente... — Balancei a sobrancelha e

sorri maliciosamente, o que fez Ana ficar alerta. Ela se endireitou e me observou

atentamente.

— Hum, e como você vai?

Dei de ombros e olhei para o lado, um pouco envergonhado, estava com as chaves do

carro na mão e não tinha pensado que não podia dirigir.

— Vou de táxi, não me importo como vou, mas estarei lá em vinte minutos contando

agora.

Andei até a porta e ouvi um grunhido seguido por palavrões, como eu imaginei que

seria a reação dela.

— Você é um idiota, eu trabalhei, estou cansada... Só queria terminar meu livro e não

ter que ver sua cara feia desnecessariamente, agora tenho que servir de babá pra

marmanjo.

Ela parou ao meu lado, soltando fogo pelos olhos.

— Quer dizer que você não queria ver minha cara feia, mas outras partes do meu

corpo bem que você gostou de ver.

— Idiota! Nem reparo nisso quando estou trabalhando e sabe disso.

Ela tinha razão, era estupidez, eu parecia um assexuado para ela quando Ana estava

em modo profissional. Era até um pouco incômodo. Assenti e me desculpei com um

aceno.

— Ana, eu preciso sair um pouco, comer alguns petiscos e beber um refrigerante,

conversar. Estou ficando louco aqui, sabe que não gosto de ficar em casa, preciso

produzir.

Seus olhos amoleceram, sabia do que ela estava se lembrando e abaixei a cabeça. Ela

suspirou e marchou até o quarto, eu estava prestes a desistir quando ela voltou diferente,

havia trocado o moletom por jeans e jaqueta. Soltou os cabelos e o ajeitava com as mãos,

linda era pouco para defini-la.

— Não vamos demorar, entendeu? E como conseguiu vestir a roupa?

— Com muito custo, pode ter certeza.

Ela sorriu amplamente e assentiu.

— Imagino! Mas ponto pra você pela perseverança.

— Obrigado, agora vamos. Podemos ir de carro, já que você resolveu me acompanhar.

Ela saiu falando, pisando duro no quintal.

— Não resolvi nada, você me obrigou com essa teimosia e carência.

Apoiado na muleta, a segui até o carro, porém, quando me sentei, olhei pra ela, que

me encarava sorrindo. O tipo de sorriso que eu amava, sincero, sarcástico e totalmente

Ana.

— Não é carência, nem teimosia, é tédio. Não tenho nada para me distrair da dor que

sinto na perna.

— Hum-hum, e você não estar rodeado de mulheres bonitas não tem nada a ver com

isso, certo?

— Eu não preciso de outra mulher ao meu lado. Tenho você!

Sua respiração parou e ela estacou com a mão na ignição. Fechou os olhos por um

minuto e sacudiu a cabeça, dando partida no carro. O percurso até o *Beer* foi regado de

um silêncio sepulcral. Senti-me mal por ter dito aquilo, mas foi automático e a mais pura

verdade. Só que não era hora desse tipo de declaração.

Quando paramos no estacionamento do bar, percebi que estava com a clientela

normal, para um começo de semana. Ana se virou, olhou pra mim e seus olhos estavam

brilhando de fúria.

— Não fique dizendo essas bobagens pra mim, Alberto. Eu não caio mais em

seus

encantos. Poupe-me das suas mentiras e conseguiremos levar esse plano adiante. Te

espero lá dentro.

Ela saiu do carro, bateu a porta e sumiu dentro do bar. Eu me senti um idiota, mas ao

mesmo tempo estava feliz por dizer o que estava preso na minha garganta. Eu não

culpava a Ana por ser tão ranzinza e reticente no que se referia a mim, dei motivos de

sobra e o que aconteceu depois é de abalar qualquer um. Só me arrependi por ter tirado

aquele lindo sorriso no rosto dela, mas eu o colocaria de volta, aquela noite mesmo.

O *Beer* estava até confortavelmente vazio, nem muitos clientes, nem poucos ao ponto

de estarem às moscas. Sempre os fiéis, aqueles que saíam do trabalho, faculdade,

namorados que iam ali pra ter um momento gostoso, juntos. Layla tinha uma voz

deliciosa que implicava o romance.

Avistei Ana no bar com um copo de uísque na mão e arquei uma sobrancelha pra ela,

que deu de ombros com a cara amarrada. Layla estava no palco tocando um *pot-pourri* e

tive uma ideia. Cumprimentei Bruno com um aceno, que franziu a testa pra mim, porque

caminhava com a muleta até o palco. Chamei Layla com um assovio, que se

virou pra

mim surpresa e acenei. Ela se levantou e aproximou-se; escutou o que eu tinha a dizer e,

sorrindo, inclinou-se para o microfone.

— Parece que teremos uma surpresa hoje, gente.

— Pois é, as surpresas sobre mim não acabam.

Olhei diretamente pra ela, que estava com os olhos arregalados, e engoliu em seco.

Eu sorri com toda a minha alma e esperei que Layla pegasse o banco, ela se sentou e

pegou o violão. Pensei em inúmeras músicas que podiam fazê-la pensar em nós, mas a

única que me vinha à cabeça era uma versão nova que uma banda cover havia feito

recentemente e ficou muito boa.

Aproximei-me do microfone que Layla me estendeu de cima do palco com o rosto

pegando fogo e sorri para as poucas pessoas que me observavam com atenção.

— Boa noite, gente, meu nome é Alberto Brenner. Estou totalmente fora do meu

âmbito profissional aqui, mas queria dedicar uma música a uma pessoa, então, fiquem

tranquilos porque não vão sair correndo com a minha voz. — As pessoas riram. — Ana,

essa é pra você.

Layla se afastou e sentou-se de volta no banquinho, começou a dedilhar *Losing*

my

religion, do R.E.M., na versão de Boyce Avenue, no violão aquela canção tão gostosa, e o

som, que fazia você querer fechar os olhos para apreciar, preencheu o ambiente.

A música falava de tudo aquilo que eu sentia, tudo que eu queria dela. O sorriso, sua

voz... Ana cantava lindamente e perdeu a inspiração quando o pai se foi, e tudo piorou

desde que perdeu algo valioso para qualquer mulher. Eu me aproximei do balcão com os

olhos nos dela enquanto a Layla entoava a canção. Não disse nada, me aproximei e me

acomodei no banco ao seu lado.

— Essa música é muito mais do que parece!

Ela me olhou de soslaio, mas logo desviou, observando a cunhada no palco.

— Não sei do que você está falando, pra mim é só mais uma música. Linda! Mas só

mais uma música.

— Então, você é mais ingênua do que parece.

— Não sou ingênua, Alberto.

— Ah, não? O que me diz, então, de você estar fugindo de mim? Mesmo sabendo que

nada disso será o suficiente, eu estou entranhado na sua pele, Ana. Aonde você for, eu

estarei lá.

— E isso é uma coisa boa? Quer dizer, você é uma praga na minha vida, isso sim.

— Escuta a música e cale um pouco a boca.

(...) Considere isto

O deslize que me deixou

De joelhos, no chão

E o que aconteceria se todas essas fantasias se tornassem realidade?

Agora eu falei demais

Eu achei que ouvi você rindo

Eu achei que ouvi você cantar

Eu acho que pensei ter visto você tentar...

— A canção fala de um cara que está se perdendo pela mulher amada. Ele tem

esperança de tê-la de volta, se arrepende dos erros, e é como me sinto. Me perdi

completamente e só consigo me encontrar com você, Ana. Você é o único caminho que

preciso, meu sonho e realidade.

Ela olhou pra mim, estreitando os olhos, e soltou a bomba que eu pensei que nunca

ouviria novamente.

— E o que me diz de um cara safado que trai a namorada com a colega de quarto?

Isso é o que um amor faz? Se for, eu não quero isso na minha vida. Um sofrimento assim

já é o bastante para milhares de vidas.

Capítulo 9

Ana Luíza

Acho que quando a gente ama alguém, nos entregamos por inteiro. Bom, pelo

menos, comigo era assim; até que tudo que almejei, sonhei e todo o sentimento que nutri

em minha vida foi estraçalhado. Algumas pessoas podem achar bobagem, que se não era

pra perdoar que me afastasse de vez. Essas pessoas não sabem o que dizem.

Somente quem sentiu na pele a dor de uma traição, sabe o quanto machuca, fere,

decepciona... E o pior de tudo? De início culpamos a nós mesmos por isso, mas logo vem

a revolta. Você entrega tudo que é e o que sente para alguém e a pessoa te segura nas

mãos e aperta até que não haja nada mais que pó. Foi assim que me senti, contudo, o pior

não foi isso. O que se seguiu foi uma avalanche de acontecimentos que me atormentaram

ao longo dos anos. Cada vez que eu me lembrava, ou sentia alguma coisa, tudo retornava:

a dor, o desespero, a mágoa e a maldita saudade.

Talvez seja o fato do meu orgulho ser maior que eu, que me tornou tão amargurada,

mas era algo que não podia evitar. As minhas cicatrizes eram profundas, acredito que

poderiam passar anos que eu não esqueceria isso. Tudo o que aconteceu naquela noite

me levou a ser quem eu sou. Uma mulher seca, infeliz, fria e sedenta por vingança. Só

que, olhando para o Alberto no bar, nada do que planejei esses anos todos vinham em

minha mente. Sentia apenas uma vontade incontrolável de me entregar por completo

novamente.

— Ana... — Ele parecia perdido e a maldita canção continuava a soar. A voz da minha

cunhada era linda, mas, porra, não era o momento dela mexer com meu coração!

— Não tem Ana, Alberto, não mais. Ela foi destruída naquela noite, e depois o que

restou, ou seja, o pouco que eu guardei, se foi também.

Ele respirou fundo e abaixou os olhos, observando as mãos.

— Eu já te disse o quanto sinto muito, você sabe que é verdade. Nunca me arrependi

tanto de uma coisa como daquilo. Não há desculpas, eu não fui obrigado a te trair com

ela, não fui amarrado nem induzido. Simplesmente fui um idiota, eu era jovem e

irresponsável, e depois da notícia que me deu, me assustei. Mesmo sabendo que também

não é desculpa. Foi uma via de escape, não há perdão, mas quero que saiba o quanto

sinto por isso. Se pudesse voltar atrás, eu o faria. Não trairia sua confiança

daquele jeito e

talvez tudo pudesse ser diferente. Sei que tudo que aconteceu depois foi minha culpa.

Ver aquele homem tão altivo e seguro de si daquele jeito era de partir o coração, mas

eu não tinha coração, certo?

Errado!

Eu sentia tudo o que ele dizia como uma facada. Sabia o quanto ele se culpava e se

arrependia de tudo. Mas não podia perdoar, não quando tudo que aconteceu depois me

fez perder muito mais que o orgulho. Desviei o olhar e observei Layla cantar, meu irmão

a olhava com tanto amor que era até engraçado lembrar como ele era na faculdade.

O amor faz isso com as pessoas, transforma sapo em príncipe. E algumas vezes

príncipe em sapo.

Eu devia ter percebido na época como ele não prestava, pelo menos tão jovem quanto

era. Havia acabado de conhecer o pai e jurou que seria melhor que ele, que venceria e se

tornaria um médico de renome e respeitado. Só que tudo desandou, sua infantilidade e

rebeldia o transformaram em alguém que não conseguia seguir limites, se permitir sentir

amor, devoção... Mas eu achei que o mudaria. Engano meu!

Até que tudo ficou sério demais e ele me amou e me deu carinho... além de prazer

absoluto. Quando ficou mais complicado, ele se afastou e, aos poucos, eu o vi se

distanciando de mim. Devia tê-lo sacudido, exigido uma explicação, talvez tivesse dado

um jeito em tudo e nada do que aconteceu teria acontecido, mas me mantive submissa

aceitando o que me era dado. E deu no que deu.

Depois de dar a notícia para Alberto, ele se afastou, disse que precisava de espaço e

eu aceitei. Era algo muito importante e sério, mudaria nossas vidas para sempre. Não o

procurei, permiti que tudo ficasse fácil demais. O dia que cheguei um pouco atrasada da

aula, eu tive uma decepção que deixou meu coração em pedaços. Assim que pisei na sala

percebi que devia ter algo errado.

A casa estava no maior breu e ouvi suspiros vindos do quarto de Luciana. Achei que

o noivo dela tinha chegado mais cedo para o final de semana. Porém, ela não costumava

ficar com ele ali; dizia que eram muitos casais convivendo juntos e podia trocar de par.

Nunca gostei desse comentário, mas não levei a sério, ela era meio sem filtro. Não

pensava pra falar.

Estava entrando em meu quarto quando ouvi um gemido masculino mais alto.

Estaquei no lugar, sentia como se agulhas finas perfurassem meus tímpanos e tudo ficou

em silêncio, apenas o zumbido do meu coração sufocava meu peito. Meus olhos se

encheram de lágrimas e engoli em seco, sentindo como se farpas descessem por minha

garganta.

Não queria que aquilo fosse real, tive vontade de me trancar no quarto, entrar

debaixo da cama com meu travesseiro e esconder a cabeça com medo, como fazia quando

era uma menina e tinha terror dos monstros do armário. Só que o monstro agora era

mais real, eu precisava saber se ele realmente tinha estraçalhado minha vida com

tamanha crueldade.

Respirei fundo e congelei de qualquer expressão que poderia demonstrar, eu tinha

certo hábito com isso. Com três irmãos em casa não podia mostrar o que estava sentindo,

dei dois passos para longe da porta e fechei os olhos por um momento. E se eu saísse de

casa e retornasse algum tempo depois e fingisse que nada estava acontecendo?

Aí eu seria uma covarde e idiota!

Forcei minhas pernas em direção ao quarto da minha colega de apartamento e no

automático coloquei a mão na maçaneta. Contei até três e rezei para que tudo

não se

tratasse de um terrível engano. O que, infelizmente, não foi quando abri a porta e vi que

estava tendo um pesadelo, acordada.

O homem a quem confiei tudo que eu era, me traía descaradamente, exibindo o seu

rosto contorcido de prazer, enquanto minha colega montava em seu colo com abandono.

Quando seus olhos cruzaram os meus, eu vi o quanto ele se arrependia, mas já era

tarde. Eu fui embora. Ignorei completamente os gritos que me chamavam, e fugi. Sumi

por uma semana até que o restante do meu pesadelo me alcançou.

Voltando ao presente, eu fitei seus olhos azuis profundos, a boca cheia e o corpo

tentador.

— Nada do que me disser irá mudar o que eu sinto por você. Ódio, asco, mágoa.

Parecia que ele tinha levado uma facada, porém, não era tão profunda quanto a que

estava enfiada em meu peito.

— Então, o que você quer comigo, Ana? Não entendo a finalidade de tudo que você

tem em mente, se não pretende me perdoar ou, pelo menos, deixar o passado onde está.

Eu me levantei e dei um passo mais perto. Seus olhos se arregalaram e as pupilas

dilataram deixando o azul quase negro. Meu rosto quase colou no dele, sentia

sua

respiração quente soprando em meus lábios.

— Eu só quero tirar você de mim, e nenhuma maneira que tentei deu certo. Não

pense que é amor, pois não é. O que eu quero de você? Seu corpo suado, quero transar

com você e assim tirá-lo de mim, não ter mais resquício do que um dia senti. E não restar

mais nada, nem ódio... Nada!

A boca do Beto estava aberta e ele parecia respirar com dificuldade, eu mesma me

senti sufocar.

— Então vem, que eu vou te dar isso!

Dei um passo atrás assustada, por essa eu não esperava.

— O que quer dizer?

— Não é transar comigo que você quer? Então, é isso que vou te dar.

— Mas, e sua perna?

Oi? Eu estava raciocinando direito? Ele estava oferecendo sexo e eu estava cogitando

a possibilidade de aceitar? Por favor, que não fosse isso que se referia, eu estava muito

abalada com as lembranças pra levar aquela loucura adiante.

— Ela não influi no quanto fico excitado por você.

Olhei para os lados e percebi que estávamos em pleno bar discutindo o que seria

melhor, ou como faríamos para transar. O bar que minha cunhada grávida e meu irmão

estavam.

— Onde?

Ai, meu Deus!

— Em casa. Agora! — Sua voz baixa e rouca causou arrepios que percorreram todo o

meu corpo. Alberto flamejava de desejo e me senti desesperada para me queimar.

Assenti e saí, dei-lhe as costas indo até o carro, não olhei para os lados, não me

despedi de ninguém. Na porta, escutei Bruno me chamar, mas não queria falar com ele.

Ouvi o barulho de Alberto e as muletas em meu encalço, mas não me virei.

Entrei no carro dando partida, logo ele sentou ao meu lado sem dizer nenhuma

palavra, percorri o caminho até a casa muito rapidamente. Quando entramos, ele

simplesmente jogou seu corpo junto ao meu, apoiando-se na perna boa, e prendendo-me

na parede para fazer o que eu queria. Naquele momento, eu perdi a noção de qualquer

coisa. Não sabia mais o que queria, o que sentia.

Só precisava estar ali. Me entregar mais uma vez.

— Eu só terei você nessa condição. Entregue a mim, eu vou dominar cada sentimento

seu e depois você pode partir. Só não pense que se livrará de mim, porque não é o caso.

Eu devia ir embora, desistir daquela loucura, mas meu corpo não me obedecia, ele

não era meu mais. Pelo menos, não naquele momento.

Alberto passou o nariz por meu pescoço fazendo-me arquear em busca de mais.

— Vem, Ana, vamos pro quarto. Não quero ser surpreendido. Do jeito que saímos do

bar, Bruno pode ficar preocupado e vir atrás de nós.

Assenti e esperei ele se afastar. Eu andava como se estivesse ligada na porcaria de

um controle remoto. O que ele solicitava, eu fazia. E isso não era como eu agia mais. No

quarto, Beto me empurrou na cama e eu caí de barriga pra baixo, o rosto imprensado no

lençol enquanto eu o observava atentamente. Enquanto as velhas lembranças me

assolaram, ele sentou-se ao meu lado e me encarou com a testa franzida.

— É isso mesmo que você quer? — perguntou rouco de desejo e, ao mesmo tempo,

lambia os lábios e abria e fechava as mãos tentando se controlar.

— Sim. É isso, quero você!

— E depois?

— Não tem depois, eu vou viver minha vida e você a sua. Simples assim! — Não

tinha como ser diferente.

— Frio assim?

— Frio assim.

Ele assentiu, retirou a camisa e a calça ficando sem nada. Alberto não estava usando

cueca desde o dia que teve que cortar uma *boxer* porque foi malcriado comigo. Eu sabia

puni-lo também, mas não como ele faria comigo.

Seus olhos queimavam em mim e ele deu o comando que eu achei que não ouviria

nunca mais desde que o vi com aquela mulher.

— Vire-se e coloque as mãos pra cima, não se mova. Seu corpo agora é meu!

Capítulo 10

Alberto

Eu tive certeza de que o coração de Ana batia descontrolado quando a vi estendida

em minha cama, com os olhos brilhantes, a boca convidativa e entreaberta e a respiração

acelerada. Era uma visão perfeita e maravilhosa. Não podia resistir, era como me tentar

da melhor maneira possível. Depois de todas as suas palavras de ódio e rancor, eu

precisava mudar aqueles sentimentos.

Apesar do desejo latente em mim, eu tinha receio. Medo de que um passo em falso

pudesse piorar tudo, colocar a perder cada sentimento que ainda nutria por mim. Eu

sofri tanto quanto ela com o rumo que a nossa vida tomou. Após meu erro imperdoável,

eu a procurei por todo canto, desesperadamente, e quase enlouqueci; até que recebi uma

ligação de uma cidade vizinha. Naquele dia, meu mundo veio por água abaixo. Tudo que

eu pensei em fazer pelo perdão da Ana se foi. E o meu próprio perdão também. Eu me

igualei ao homem que me deu os genes e foi embora deixando minha mãe para me criar

sozinha. E foi aí que decidi deixá-la viver em paz.

Só não contava que vê-la, sempre me traria tanta dor e revolta. Ainda mais tendo que

manter o segredo de tudo que aconteceu. Vi ano após ano minha mulher se definhar em

mágoas, via em seus olhos a dor e a tristeza e não podia fazer nada. A distância que eu

mesmo impus a nós era proposital, como um castigo para tudo que provoquei.

E tê-la assim novamente poderia ser bom ou não. Teria que jogar na sorte. Não

perderia a oportunidade.

Ana ainda estava vestida e, cuidadosamente, tirei sua roupa, deixando-a apenas de

calcinha e sutiã. Seu olhos não deixavam os meus e não me atrevi a dizer nada.

Percebi que não conseguiria me conter por muito tempo. Precisava sentir a textura da

sua pele e o sabor dos seus lábios. Deslizei as mãos por sua pele, sentindo a maciez das

coxas grossas. Sentia como se os anos não tivessem passado, mas ao mesmo tempo a

saudade apertava o meu peito. Alcancei a barriga plana e os seios cheios presos pelo

sutiã de renda azul.

— Essa *lingerie* é um atentado a libido de alguém, Ana Luíza. Espero que não use no

hospital.

— Ah, mas, com certeza, eu vou. Você não tem que esperar nada, Alberto. Ninguém

manda em mim e você sabe disso.

— Engano seu, querida. Aqui eu sou seu dono e senhor, e você vai me obedecer, se eu

disser para não usar essa porra diáfana, você não vai usar. Ou é melhor vestir sua roupa e

ir embora agora.

Ela estreitou os olhos e eu sorri amplamente. Eu não era dominador e nem Ana era

submissa, apenas brincávamos e nos dávamos prazer dessa maneira. Tudo começou após

um livro erótico que Ana leu, seu vício particular, experimentamos e gostamos muito.

Não fazia essa encenação com mais ninguém, nunca tive vontade. E por isso eu sabia

que ela não deixaria passar o que falei.

— Só quando o inferno congelar, meu filho. Não se esqueça de quem eu sou e o que

estamos fazendo aqui.

Sorri amplamente e me inclinei, com dificuldade, ficando muito perto dela. Ana

respirou fundo e tentou se afastar, mas não tinha pra onde fugir. Ela estava presa.

— E o que estamos fazendo, *Ann baby*?

— Fodendo, seu idiota!

Droga, a mulher sabia me desestabilizar. Engoli em seco e assenti, meu corpo pedia

pelo dela com urgência, mas precisava ir devagar, fazer com que cada toque, beijo e

suspiro se tornasse memorável. Precisava que aquela noite superasse qualquer uma que

tivemos na vida. Porra, seria o acontecimento do século porque, cada vez que nos

tocávamos, pegávamos fogo e uma noite superava a outra, sempre foi assim.

Com os olhos fixos nos dela retirei a calcinha, ela me ajudou deslizando a peça pelas

pernas, não parava de me encarar com aqueles olhos amêndoas desafiadores. Safada!

O sexo depilado me fez entreabrir os lábios, estava louco e sedento para provar do

sabor que não saboreava há anos. Meu corpo estava rígido e queria tirar o máximo de

proveito.

Só tinha um impedimento, não poderia fazer tudo o que eu queria com a perna

imobilizada pela tala inconveniente. Olhei para ela, que me encarava em expectativa.

— Senta no meu rosto, não vou conseguir te chupar sem me ajoelhar, e com minha

perna desse jeito não vou conseguir.

Ana respirou fundo e ficou em dúvida por alguns instantes. Pela sua expressão, juro

que temi ficar ali, pelado e duro, enquanto ela fugia porta afora. Então, ela se levantou me

encarando atentamente, eu me deitei no meio da cama, estava nu e vi que ela desabotoou

o sutiã provocador. Seus seios fartos saltaram lindos, macios e rosados, implorando por

meu toque.

— Vem, Ana. — Minha voz rouca denunciou meu desejo. Não podia mais aguentar.

Ela respirou fundo e subiu na cama, andando de joelhos até me alcançar. Sem

desgrudar os olhos de mim, escarranchou em meus ombros e esperou, ela pedia

autorização com os olhos serenos.

A nossa brincadeira foi se tornando cada vez mais séria e quando me dei conta

estava gostando demais daquilo e Ana também. Somente ali, ela permitia que eu tomasse

conta da situação. Eu adorava aquela entrega, claro que eu sabia que era tudo em

prol do

prazer. Muitas vezes deixamos essa brincadeira de lado e apenas aproveitávamos a

companhia um do outro. Porém, outras vezes ela precisava daquilo, assim como eu. A

entrega do controle intensificava o prazer.

Vendo meu consentimento, Ana desceu o corpo; e quando foi se aproximando, eu

senti o perfume do seu sexo excitado, o que estava me deixando louco. Lambi os lábios

com gula e disse com a voz rouca:

— Não se mova!

Espalmei as mãos em suas coxas e a puxei mais, porém, quando minha boca roçou

naqueles lábios deliciosos, grunhi de prazer. Quanta saudade senti desse sabor, nenhum

outro se comparava. Ana fazia um esforço enorme para não demonstrar nenhuma reação,

mas eu iria quebrá-la assim como gostava.

Deslizei minha língua por toda extensão daquela carne quente, o clitóris estava

rígido e a pele sedosa se contraía contra minha boca; enquanto eu sugava, Ana gemia

com os olhos fechados. Ela começou a se mover pedindo por mais e eu dei. Mesmo eu

tendo dado a ordem, ela não conseguiria cumprir e eu sabia que não o faria. E ela

também, pois me observava com um olhar desafiador.

Eu estimulei sua carne excitada até que Ana, descontrolada, se esfregava em minha

boca, e eu a fiz gritar em minutos. Pelo tempo que ficamos separados, necessitando do

toque um do outro, eu sabia que seria assim.

Ela respirava rapidamente enquanto eu não parei o ataque; até tentou se afastar, mas

eu a mantive no lugar. Sua vagina se contorcia em meus lábios. Ela olhou para baixo e

ficou me observando enquanto eu sorvia resquícios do seu prazer. Empurrei-a um pouco

e Ana se moveu, me dando espaço.

— Agora senta no meu pau, Ana.

Ela prendeu a respiração e fechou os olhos por um segundo, mas logo se moveu

escarranchando em meu colo.

— Você não vai tomar o controle? — Droga, aquela voz baixa me fez ficar ainda mais

duro e necessitado.

Sorri de lado e levantei a mão tirando uma mecha de cabelo castanho do seu rosto e

colocando atrás da orelha.

— Não posso te comer por cima e nem por trás *ainda,* Ana. Essa maldita perna vai

me atrapalhar. Mas o controle é meu, mesmo você estando por cima.

Ela assentiu, mas vi que ficou receosa com alguma coisa e voltou a me olhar.

— Isso não vai significar nada, você sabe.

Ah, Ana...

Ela estava tão certa, tentando com tanta força se convencer de que aquilo não era

nada que precisava me convencer também.

— O que você quiser, *Ann baby*. Agora, senta em mim, quero estar dentro de você o

mais rápido possível.

— Você está limpo, né?

— Sabe que sim!

Não foi preciso falar de novo. Ana se moveu sinuosamente e quando eu entrei em

seu corpo já não pensava em mais nada, pois estava em casa. Ali era meu porto seguro,

nada do que vivi me preparou para esse reencontro. Sabia que Ana sentia isso também,

só não tinha certeza se era bom.

Comandei os movimentos e ela seguiu com vontade. Sabia que não ia durar muito,

era saudade demais. O sexo com ela não era algo apenas carnal, porque sentia como se

meu corpo se fundisse nela, como se precisasse dela para sobreviver e nem mesmo tinha

tido essa noção.

Os anos não pareciam ter se passado; eu tinha em meus braços a mulher pela qual

me apaixonei; a Ana que me entreguei.

Ela se movia para cima e para baixo, segurei seu quadril a impulsionando mais pra

baixo quando descia. Nossas respirações cadenciadas se misturavam, torturando-me e eu

já queria gozar.

— Ana, eu tô quase lá, mas quero que goze comigo.

Coloquei meu polegar em cima do seu clitóris sensível e pressionei fazendo

movimentos circulares até que a senti me apertar. Apoiei-me em uma perna e

impulsionei pra cima, ignorando completamente a dor que fisgava por toda minha perna.

Levantei as mãos quando percebi que estava tendo um orgasmo. Puxei seu rosto ao

meu e assaltei seus lábios num beijo cheio de saudade e pedidos de perdão. Sentia como

se fosse explodir e foi o que realmente fiz, gemendo o nome dela como uma oração.

Ana desabou em meu peito respirando rapidamente, os resquícios do que havíamos

feito pulsava desenfreado em nossos corpos, enquanto nossos corações batiam juntos.

Fazia desenhos sem nexo nas costas dela com os dedos de uma mão enquanto

repousava a outra na curva do quadril sinuoso, aguardando o momento que ela se

levantaria e fugiria. Eu sabia que viria.

Mas o toque do telefone adiantou esse momento. E eu lamentei quando Ana se

levantou, sem me fitar nos olhos, andou até a sala e conversou por alguns minutos.

Sabendo que ela voltaria como a Ana de sempre — sarcástica, amarga e cheia de rancor

—, sentei-me e me cobri com o lençol.

Quando Ana apareceu no quarto com um robe fechado na cintura, eu soube que o

encanto havia se quebrado.

— Era do hospital, Lucas estava saindo do plantão quando Liz veio atrás dele. Heitor

teve uma resposta. Ele está chamando todo mundo pra lá, parece que tem um plano.

Assenti e me levantei, peguei a muleta caída ao lado da cama e me levantei fazendo

uma careta de dor ao apoiar o pé no chão. Fiz muito esforço que não deveria ter feito,

porque ainda estava em pós-operatório. Fui em direção ao banheiro, lavar o cheiro de

sexo do meu corpo e tentar relaxar a tensão dos músculos. Antes de entrar, me virei e a

encarei.

— Você vai voltar pra casa comigo? — Ana fechou os olhos e sacudiu a cabeça,

negando. Meu coração deu uma batida mais forte e voltou ao normal, senti como se meu

chão tivesse sido tirado dos meus pés. — Entendo...

— É melhor assim... — Sua voz falhou um tom.

— Melhor pra quem? Só se for pra você, que continua vivendo no passado.

— Pra mim não é! Mas não sou eu que vivo no passado, é ele que não me deixa.

Sacudi a cabeça, sorrindo amargamente. Como ela não via o que fazia conosco?

— Não, Ana. É você que não deixa o passado.

Entrei no banheiro e fechei a porta, a deixando para fora. Teria que dar um tempo, o

que aconteceu conosco não foi algo aleatório, foi muito mais e precisava dar o espaço que

necessitava. Se pressionasse demais, Ana poderia fugir de novo, e dessa vez sem retorno,

sem ligação, sem nenhum elo que nos unisse.

Capítulo 11

Ana Luíza

A vida me ensinou que ser impetuosa é sinônimo de burrice. Cada vez que segui

meus instintos, fiz algo que tinha vontade e me ferrei. Agora, como eu voltaria a estar na

casa dele depois de tudo isso? Não conseguiria levar meu plano adiante. Era demais!

Afinal, foram doze anos sem sentir. Foi isso que aconteceu, tinha que me conformar com

a triste realidade. Somente Alberto conseguia despertar em mim todos os sentidos:

coração, prazer e alma.

E aquela surpresa de, no meio da brincadeira, ele ficar por baixo, me deixou

enlouquecida.

A ligação foi providencial. Apesar de estar muito bem onde me encontrava, já bolava

uma maneira de sair sem me ferir ainda mais. Mas não poderia voltar.

No caminho do hospital ficamos em silêncio. Não havia o que ser dito. Eu perdi

minha capacidade de perdoar há muitos anos. Isso me deixou amarga e orgulhosa. Eu

simplesmente não poderia esquecer. O melhor era me afastar. Ficar com ele de novo me

fez ver que nunca poderia ser simples. Nunca poderia tê-lo e sair sem grandes

consequências.

Não demorou muito para chegar ao hospital que Heitor estava internado, Alberto

morava bem próximo do trabalho. Devia ser uma mordomia que ele se permitiu, não

precisar enfrentar horas no trânsito para chegar ao lar.

Quando saímos do carro e andamos lado a lado, parecíamos duas pessoas normais

que se conheciam e nada mais.

Assim que entramos na recepção fomos abordados pela família mais barulhenta da

cidade. Todo mundo falava ao mesmo tempo. Até minha mãe estava ali. E que, aliás, me

olhou desconfiada e, de repente, arregalou os olhos. Droga, não queria dar nenhuma

explicação, por isso me afastei da família Buscapé ficando de lado, tentando captar

alguma coisa naquela bagunça.

Beto se sentou com Bruno e eles começaram a conversar sobre o estado clínico do

nosso amigo. Sabrina e Larissa vieram ao meu encontro. Revirei os olhos e percebi que

naquele meio não poderia demonstrar nada, nem mesmo um pouquinho da confusão que

se passava dentro de mim.

Não queria dizer nada, então, fiquei meio aérea no que as meninas falavam, acho que

era algo sobre a gravidez quase ao mesmo tempo de Sabrina e Layla.

Quando Lucas saiu do corredor, que levava à parte interna do hospital, com a moça

de olhos violetas do lado, meu coração acelerou de felicidade. Eles sorriam. E eu esperava

por notícias não muito boas, um sorriso era um bom sinal.

— Temos boas notícias.

Depois do acidente, Heitor teve um edema cerebral e ficou em coma induzido para

diminuir o inchaço sem causar grandes sequelas. Só que depois de retirarem os

remédios, ele não acordou. Os meninos fizeram de tudo, ficaram preocupados, parece

que até brigaram com o diretor do hospital, então chamaram uma amiga que era a

melhor na área neurológica. Eu percebia o quanto ela era boa profissional. E também o

quanto estava ligada ao tatuado.

Liz sorriu e balançou a cabeça.

— Sim, ótimas notícias.

Bruno bufou e fez uma careta, meu irmão não tinha paciência, não queria nem ver o

dia que a esposa fosse ganhar bebê.

— Nos já entendemos isso, agora vamos parar com a enrolação. Como ele está? O

que aconteceu?

Lucas revirou os olhos, deu sinal a Liz para prosseguir, e ela nos encarava com os

olhos brilhantes de excitação.

— Estou trabalhando com Heitor há alguns dias e não tive nenhuma reposta dele.

Continuava com a atividade de sempre, e via apenas sinais vitais normais e a atividade

cerebral baixa. Hoje eu cantei, algo normal que faço no meu dia a dia quando estou

distraída. E por incrível que pareça, a atividade cerebral aumentou e ficou agitada por

algum tempo. Achei que ele iria acordar. Mas passado algum tempo que fiquei em

silêncio, voltou ao normal. — Ela suspirou, parecendo cansada, e colocou o rabo de cavalo

pra frente enrolando uma mecha de cabelo no dedo, como um tique nervoso. — Eu e

Lucas deduzimos que o que estimula ele é a música. Torcemos para que seja isso! Não

sou boa cantora e pensamos que Layla poderia vir cantar pra ele todos os dias e tentar

alguma reação. Talvez isso o lembre dos amigos, do trabalho.

A felicidade era geral pelo pequeno avanço do nosso amigo. Todos nós estávamos

preocupados com ele, Heitor era muito quieto e tinha um segredo muito doloroso

consigo. Eu sabia porque carregava um também, entendia como ele se sentia e

identificava a dor. Talvez ele não tivesse vontade de viver e isso atrapalhava na sua

recuperação.

Layla e Liz ficaram combinando de uma visita a ele para que minha cunhada pudesse

cantar e ver se dava algum resultado. Não era um procedimento médico, mas Liz estava

otimista que daria tudo certo.

Apesar de ter ficado muito feliz por nosso amigo ter dado sinais de que ainda estava

ali, meu coração estava cansado. Não sabia o que se passava em mim depois daquilo tudo

e precisava me afastar o mais rápido possível. Covardia minha, eu sabia bem

disso. Fui eu

quem começou toda a história de sexo sem compromisso. Devia saber que com ele não

seria assim.

Na verdade, o que eu queria com ele? Com isso tudo? Não sabia, mas precisava ir

embora.

— O que foi, Ana? Está tão estranha.

Olhei para trás e vi que Sabrina e Larissa me olhavam com o cenho franzido,

preocupadas. Não queria dizer a ninguém o que aconteceu, pois teria que dar muitas

explicações que não podia dar *ainda*.

Sorri pra elas e me sentei numa das poltronas da sala de espera.

— Não foi nada, só estou preocupada com o Heitor.

Sabrina pareceu satisfeita com minha resposta e se sentou ao meu lado cruzando o

braço no meu, já minha irmã mais velha não era tão fácil de enganar. Ela ajudou mamãe a

me criar e me conhecia muito bem. Quando tudo aconteceu, quase descobriu a dor que

eu carregava, tive que rebolar para que ela não investigasse mais. Desviei o olhar e

encarei Sabrina, que observava Lucas com os olhos cheios de amor.

— E você, irmãzinha, como está?

— Muito bem — respondeu ela sem desviar os olhos do seu homem.

— E quando aquele sem-vergonha vai te tornar uma mulher decente?

Larissa bufou e se acomodou do outro lado.

— Essa menina cisma em dizer que ainda é cedo. Credo, ficaram quatro anos no

lenga-lenga, ela está grávida do cara e ainda não sabe se é o momento certo. Ah, vá!

Sabrina olhou nossa irmã com cara feia e respirou fundo, encostando a cabeça braço

do sofá.

— Não é nada da minha parte, por mim eu já seria a senhora Bonatti. Mas, como ele

não disse nada, eu que não vou pedir.

Olhei para Lucas, que estava concentrado na conversa sobre medicina ou sei lá o quê,

e sorri.

— Irmã, como você pode ser tão lerda? O cara é louco por você, acha mesmo que ele

continuaria a amar alguém que o rejeitou logo quando decidiu abrir o coração pra nada?

Além do mais, você tem um fruto desse amor crescendo cada dia mais. Deixa de ser

lenta, Sabrina.

— Ah, e o que me diz de você, hein? Doze anos, Ana Luíza, doze anos.

— É diferente!

— Claro que é, relaciona-se a você, certo? Só não esquece que já foi tempo demais.

Quando você acordar, pode ser tarde.

Eu sabia que o que ela dizia era certo. Mas ninguém tinha nenhuma noção do que se

passava dentro de mim. A perda que eu enfrentava. E o que ele me fazia lembrar.

— Eu vou viajar. Minhas férias mal começaram, preciso de um tempo.

Larissa me encarou desconfiada, minha irmã sabia muito bem como eu agia. Mas,

por incrível que pareça, ela não disse nada, apenas assentiu e olhou para o marido que

estava com os gêmeos, prestando atenção à conversa deles.

— Quando eu conheci o Mau, pensei que iria matá-lo.

Franzi a testa confusa e esperei que terminasse, Sabrina também ficou interessada.

Como assim? Eles estavam juntos praticamente a vida toda. Minha irmã mais velha nos

olhou com um sorriso de saudade.

— Nós éramos jovens e imaturos, na escola achava que podia fazer de tudo. Nunca

levei desaforo pra casa, já bastava o que tinha que aguentar de três pestes, era dona de

mim até que ele entrou na escola. Era pior que eu, implicava comigo a todo o momento,

eu odiava ele. Nós não tivemos muitos problemas quando estávamos juntos, somente

pelo fato de que quase nos matamos antes. Um dia, ele me encurralou no corredor e me

beijou. — Suspirou sonhadoramente. *Que louco!* — Aquilo bastou para que me

apaixonasse. Claro que eu dei um tapa na cara dele depois disso. Mas não esqueci.

Quando Mau veio falar comigo no dia seguinte, eu queria socar ele e beijar ao mesmo

tempo. Foi, então, que ele disse que gostava de mim, por isso me importunava. Vai

entender cabeça de criança. Mas o que quero dizer é que o amor vem em diversas formas,

alguns são dóceis como Layla e Bruno, eles se entregaram desde o primeiro segundo.

Outros são complicados e teimosos como Sabrina e Lucas. E tem os que são dolorosos,

assombrados, cheios de mágoas e ressentimentos. Porém, mesmo assim é amor, em sua

forma mais pura.

Engoli em seco e senti meus olhos se enchendo de lágrimas, não podia deixar que

elas me persuadissem. Larissa era perspicaz demais, e perigosa. Pigarreei e engoli o nó

em minha garganta.

— Bom saber que vocês não são os senhores perfeitinhos, Lari. É realmente um saco

ser a ovelha negra da família.

Sabrina riu e concordou comigo. Minha irmã ficou me olhando por alguns minutos e

balançou a cabeça.

— Não somos perfeitos. Às vezes, ainda tenho gana de querer matá-lo. Mas não vivo

sem o meu careca.

Assenti e me levantei. Precisava dar o fora antes que notassem meu estado

deplorável de confusão. Nem mesmo olhei para onde Alberto estava e me virei para

Sabrina.

— Sá, será que você poderia levar o Alberto pra casa? Eu preciso fazer uma coisa.

A caçula franziu a testa, mas concordou, agradeci a ela e me despedi das duas, não

queria alarmar mais ninguém, precisava dar no pé rápido.

Mas, infelizmente, não foi tão rápido.

Quando cheguei à porta de saída do hospital, Beto me esperava encostado na parede

com uma mão apoiada na muleta e a outra no bolso da calça.

— Vai fugir de novo, Ana Luíza?

Respirei fundo e parei na frente dele, Alberto era alto e tive que levantar um pouco a

cabeça para encará-lo.

— Não, preciso resolver algumas coisas.

Ele riu amargo e balançou a cabeça afirmativamente.

— Sei, da última vez que fez isso fui te ver dias depois.

— Não fale sobre isso, você prometeu nunca tocar nesse assunto.

— Mas...

— Sem mais, Alberto. — Minha voz estava embargada somente com a lembrança do

dia ao qual ele se referia.

— Tudo bem.

Dei um passo para trás e desarmei minha atitude defensiva. Meu coração batia

acelerado e precisava sair logo ou acabaria fazendo algo que não precisava. Desabafando,

perdoando. Eu não queria perdoar nada daquilo.

— Olha, não estou fugindo. Só preciso de um tempo, preciso desanuviar minha

cabeça. Tô confusa demais, tudo bem? — Ele assentiu parecendo conformado. Eu não

queria isso, queria que ele me pedisse pra ficar. — Eu vou pedir a uma amiga pra cuidar

de você. Agora tenho que ir.

Ele olhou nos meus olhos com tanta saudade que quase pulei no seu pescoço e

esqueci tudo que passou. Mas, quando ele desviou o olhar, eu corri, fugi. Não fui até o

carro dele, peguei um táxi e parti direto pra minha casa. Lá, arrumei algumas roupas e

comprei passagens para o mais longe possível da tentação que ameaçava minha

sanidade.

Dentro do ônibus, meus olhos se encheram de lágrimas pela terceira vez naquela

noite. E com a privacidade de ninguém me conhecer e saber da minha vida, eu as deixei

rolar. Esperava que quando retornasse, meus sentimentos tivessem se acertado.

Capítulo 12

Alberto

Passaram-se três meses que eu não via Ana Luíza. Em todo esse tempo que a

conhecia, nunca fiquei tanto tempo sem vê-la. Eu a procurei assim que deixou o hospital,

mas por causa da minha perna não consegui alcançá-la. Eu a perdi de vista e ninguém me

dizia onde a mulher estava. Achei até que sabiam e não queriam me dizer para não ficar

mais desesperado do que já estava. Porém, algumas semanas depois que Ana fugiu ouvi

Layla e Sabrina falando que era bom esse tempo, que talvez ela precisasse respirar novos

ares.

Então, eu a deixei. Conformei-me com a distância forçada e sobrevivi os dois meses

sem nem mesmo ouvir suas brincadeiras ferinas.

Nesse meio tempo fui absolvido da escravidão da tala na perna. Voltei a trabalhar

com o apoio de uma muleta, atendia normalmente meus pequenos pacientes e

também

estava fazendo fisioterapia para voltar aos movimentos normais, minha recuperação

estava cada vez melhor, fiquei até surpreso pela gravidade da fratura porque eu tinha me

restabelecido rápido demais.

Heitor continuava em coma e estávamos cada dia mais preocupados, Layla ia cantar

diariamente pra ele, mas desde aquele dia não tiveram nenhum resultado positivo. Passei

horas com ele, conversando e pedindo para que voltasse, mas nada acontecia.

Liz havia perdido um pouco da empolgação, mas não desistia de ter esperanças que

ele iria acordar. Eu confesso que andava bem desacreditado que algo bom fosse acontecer.

Achava que a quota de final felizes do nosso grupo já havia se esgotado com a junção dos

casais perfeitos nos anos que se seguiram.

Bruno, um dos felizardos, estava me ligando para atazanar minha vida mais uma vez.

— Oi, Bruno.

— O que você está fazendo, cara? É sexta!

Como se eu me importasse com o dia da semana.

— E daí? Tô trabalhando.

— Ainda? Mas seu plantão foi junto com o meu.

Encostei a cabeça no braço da poltrona e fechei os olhos, lá vinha sermão.

— Eu estou dobrando.

Não deu outra!

— Porra, Beto! Sabe que isso não é bom, cara, tem pouco tempo que você voltou. Tem

que ir devagar.

— Eu estou indo devagar há três meses, não aguento mais. E minhas crianças

precisam de mim. — Suspirei resignado e olhei para o teto. — O que você quer? Pra ter

me ligado, quer alguma coisa.

Bruno era meu melhor amigo, mais que isso, um irmão mesmo. Mas ele estava me

dando nos nervos ultimamente, podia ser também meu humor que não estava dos

melhores.

— Vem pro *Beer*, Beto. Vamos comer uma pizza depois da apresentação.

Era tentador...

— Não posso Bruno, só saio amanhã agora. Bem, me deixa ir que meu descanso

acabou. Tchau.

Desliguei antes que ele começasse com o discurso que eu tinha que sair de casa, me

divertir e blá-blá-blá.

Saí da sala de descanso direto para o próximo paciente, sorri para a enfermeira que

deixava a UTI Neonatal e me dirigi à sala de esterilização. Com todo o procedimento de

higiene feito, eu entrei no quarto. Tinha bastante criança ali aqueles dias, ou talvez

fossem minhas férias prolongadas que me tirou o ritmo.

Ali tinha bebês muito pequenos e outros maiores, mas com alguma dificuldade que

os colocaram ali. De todos, o que mais me surpreendeu quando retornei foi um menino

que nasceu de seis meses. Não havia muita esperança, pois ele tinha nascido muito

pequeno e com problemas intestinais. Depende de tantos fatores para uma boa

recuperação de um. Só que ficava impossível não me sentir otimista quando dávamos de

cara com um serzinho tão guerreiro.

Ele estava tão ansioso para chegar ao mundo que não aguentou esperar mais quatro

meses na barriga da mãe. E olha, já tinha passado um mês de seu nascimento. Apesar de

algumas crises, problemas sérios que ocorreram, ele continuava lutando. A mãe ficava

quase vinte e quatro horas ali, era tirada apenas para dormir, mas mesmo assim com

muito custo ela não se distanciava por muito tempo.

Esse carinho e amor inabalável, com certeza, contava muito na hora da criança

crescer, ficar saudável, permanecer assim e vencer aquela batalha que foi travada

tão

cedo.

Vendo aquele pequeno que, por vezes, observei quando segurava o dedo do pai com

tanto afinco, senti uma opressão no meu peito. Quem somos nós, adultos, que

cometemos erros, que enfrentamos dificuldades, que nos julgamos maior do que aquela

criança tão pequena que lutava para sobreviver?

Nós somos egoístas.

Nossos problemas ficam ínfimos em contraste com os de pequenos guerreiros como

o Matheus, que respirava com a ajuda de aparelhos.

Sorri para ele e me agachei para ficar na altura do seu rosto.

— Ei, pequeno, firme e forte? Estou orgulhoso de você, foi um mês bem difícil, não?

Mas, cara, você está dando de dez a zero em muito adulto por aí, viu? Isso mesmo. Não

desiste, campeão, ainda temos muito chão pela frente, mas você chega lá. E olha... — Me

aproximei da incubadora e cochichei: — sua mãe e seu pai estão loucos pra te levar pra

casa, fiquei sabendo que seu quarto é muito legal. Tem até bola de futebol.

O coraçãozinho dele batia forte e isso era bom. Sorri e me levantei, fiz todos os

procedimentos necessários. Com todos os sinais vitais normais, eu relutei em me virar,

porque o pequeno me trazia lembranças que não gostaria que estivessem ali. E meu

coração sangrava com tudo aquilo que um erro acarretou.

— Ele está chegando lá, né, doutor?

Me virei e vi a mãe de Matheus, parada atrás de mim, com os braços cruzados e o

rosto cansado. Mas em seus olhos tinha o sentimento mais forte que existe: fé.

— Tá sim! Ele é um lutador.

Ela sorriu serenamente e assentiu, se aproximando da incubadora, colocou a mão na

abertura e acariciou as costas da mãozinha do menino.

— Ele ainda tem muito que enfrentar, mas eu tenho fé de que ele vai conseguir.

— Essa sua fé que dá força a ele, mãe, continue acreditando. Ele vai pra casa nos seus

braços.

Os olhos dela encheram-se de lágrimas e me repreendi por ter dito aquilo. Não era

algo muito certo a se fazer quando era um caso tão instável, mas não podia perder as

esperanças. Mesmo sendo uma profissão que muitas vezes testava nosso emocional e

precisávamos de força para continuar, muitos, graças a Deus, se salvavam, éramos

recompensados com um sorriso de uma criança, um abraço apertado ou um beijo

melado.

— Bom, se me der licença, eu tenho que examinar as outras crianças.

— Claro, doutor, fique à vontade, não quero te atrapalhar. Eu vou cantar pro meu

menino, ele gosta da minha voz, só se acalma assim nas crises.

Sorri e fui para as outras incubadoras, tinha algumas crianças bem críticas ali, que

remetiam muita observação. Enquanto cuidava dos bebês, ouvia a mãe do pequeno

Matheus cantando e lembrei-me de Heitor. Por que ele não respondia a Layla?

Parei com a mão no prontuário quando me dei conta.

— Droga, tatuado. Você quer a Liz!

Com a esperança renovada terminei minha visita a UTI e me despedi da mãe e do

filho. Fui até o andar de cima, mancando e apoiado na muleta, e vi minha amiga parada

no meio do corredor conversando com uma enfermeira. Ela me viu andando na sua

direção e franziu a testa, virando a cabeça de lado.

A mulher era linda demais, às vezes me perguntava por que não tivemos nada. Ah,

sim, porque ela me achava um cachorro e safado.

— Minha amiga, você é uma neurologista renomada e não sabe que o tatuado só quer

ouvir sua voz? — despejei logo que me aproximei o suficiente para que pudesse me ouvir.

— Você bebeu? O que está falando, Beto?

— Não adianta colocar Layla pra cantar pra ele, Liz. Pode colocar até a Madre Tereza,

que ele não vai reagir. O cara quer sua voz o fazendo dormir.

Sorri amplamente por ter descoberto tal façanha. Minha amiga ficou pensativa

olhando pra mim e puxou o rabo de cavalo, enrolando uma mecha no dedo.

— Será?

— Ainda tem dúvidas?

Ela bufou e encostou-se à parede.

— Mas eu canto tão mal.

— Pelo jeito, ele não acha. E se tem algo que conheço naquele *barman* safado é que

ele gosta de uma bela voz.

A mulher, que muitas vezes parecia uma menina, me olhou com as sobrancelhas

arqueadas e parecia até um pouco assustada.

— Eu achei que por ele conhecer a Layla, ser amigo dela, e ouvir ela cantar no bar

diariamente, teríamos bons resultados. Confesso que estou desanimada.

Dei dois passos para frente e a segurei pelos ombros, a endireitando de pé

novamente, pois ela estava toda torta e derrotada na parede. Liz arregalou os olhos e

prendeu a respiração.

— Não fique e faça um teste, cante para o cara.

— E se não der certo? Eu não quero perdê-lo, Beto.

Sorri serenamente e agradeci a Deus por ter tido a ideia de chamá-la. Heitor teria

muito mais que uma nova vida, teria uma oportunidade de ser feliz de novo.

— Não vai. É nossa chance, Liz.

Ela ficou em dúvida, mas assentiu. Soltei seus ombros e a vi se afastando, pensativa.

— E Liz... — Ela se virou com o cenho franzido, devia estar pensando e raciocinando

coisas que só a cabecinha organizada dela fazia. — Eu sei que está ligada nele, Heitor é

um cara de sorte.

Os olhos violetas encantadores e hipnotizantes se arregalaram quase pulando pra

fora. A deixei realmente constrangida, suas bochechas pareciam pegar fogo.

— Eu... é... o quê? — Sacudiu a cabeça e fez uma careta quando eu ri. — Não sei do

que você está falando. Bebeu alguma coisa hoje, Beto?

— Ainda não, cara amiga, mas chegar em casa e beber um copo de uísque é o que me

faz dormir.

— Tudo bem, você venceu! Eu vou tentar. Qualquer alteração, eu entro em contato.

Assenti orgulhoso da minha menina.

— Boa sorte.

— Amém!

Ela se foi e eu, sorrindo, voltei ao trabalho. Eram em dias como esse que eu

amava

minha profissão. Nenhuma tragédia, somente boas perspectivas pela frente. Colocar um

sorriso no rosto dos outros, pacientes ou amigos, seja pelo motivo que fosse, era minha

missão de vida. O sorriso é o alimento da alma.

Pena que fazer sorrir a mulher que eu tanto queria não era possível. Não quando seu

coração estava tão fechado.

Ah, como eu queria voltar no tempo e reparar meus erros. Não os cometer e

consertar tudo de ruim que fiz. Não ter quebrado dois corações que eram inteiros e que

separados se estilhaçaram.

Capítulo 13

Ana Luíza

Posso ter agido errado ao fugir, mas foi minha melhor escolha em anos. Consegui

acalmar meu coração e pensei com mais clareza todo esse tempo que carreguei o passado

nas costas.

Eu gostava muito de montanha, mas alguma coisa me disse para ir à praia e eu fui.

Passei trinta dias maravilhosos numa casa à beira-mar. Acordar e dormir com o som das

ondas quebrando na areia e as gaivotas gritando ao longe, me trouxe uma paz

que não

sentia há muito tempo.

A única pessoa que sabia onde eu estava era minha mãe. Dona Marisa nunca

aceitaria não saber do paradeiro dos seus filhos, mas eu a proibi de dizer para qualquer

um daqueles fofoqueiros onde eu estava. Ela cumpriu, não ouvi um pio sobre Alberto e

companhia. O que não queria dizer que eu não pensava nele a cada segundo. Maldito

bastardo!

Porém, por mais incrível que pudesse ser, eu comecei a vê-lo sob outra perspectiva.

Não sentia mais ódio, apenas muita mágoa, claro, isso não apagaria de uma hora pra

outra. Contudo, conseguia lembrar-me de coisas boas que vivemos sem querer matá-lo.

Talvez só torturá-lo um pouco.

Mas as férias passaram rápidas demais. Um mês depois voltei ao trabalho, só que

não procurei ninguém. Ainda estava sumida para todos, menos para mamãe. E pra mim

foi bom, pude me concentrar e observar as pessoas. Vi idas e vindas, lutas vencidas e

perdidas. Vi minha vida de outro ângulo e concluí que não fiz nada de útil nesses últimos

doze anos. Estava perdendo tempo alimentando o bichinho do ódio e da mágoa.

Três meses se passaram e eu não ouvi falar dele. Não vou negar que muitas vezes

peguei o carro e parei em frente à casa do Alberto, querendo sair e falar com ele, mas

perdia a coragem e ia embora. Vou confessar, sou muito orgulhosa. Não conseguia

vislumbrar a mim esquecendo, perdoando tudo o que passamos. Mas algo me clicou

nesse tempo que fiquei distante.

A maior parte da minha desgraça era minha culpa. Eu fugi, me isolei, e eu nunca iria

me perdoar pelo que resultou dessa distância.

E com esse pensamento ficou mais fácil pensar em Alberto com menos ódio, tudo

bem que eu já pensava nele assim faz um tempo. Mesmo não admitindo.

Dediquei-me a cuidar de Will, que ainda lutava contra o câncer, às vezes parecia uma

batalha perdida, então ele sorria e dizia que iria ficar bem. E não é que ficava melhor?

João, o médico chato, era um problema à parte. E no momento ele estava à minha

frente vomitando ordens que queria que cumprisse. Eu fui descobrir esse lado ditador

dele quando voltei das férias. Como enfermeira do William eu tinha que aguentar todas

— e não eram poucas —, as instruções do doutor todo-poderoso.

Suspirei entediada e assenti para o monte de baboseira que ele me falava, eu já sabia

de tudo aquilo. Mas descobri que interromper a torrente de palavras só fazia vir mais.

— Você é muito petulante, sabia?

Arqueei as sobrancelhas e levantei a cabeça encarando aqueles olhos castanhos

sorridentes. E vi que agora vinha o doutor paquerador.

— Oi? Como assim, eu sou petulante?

— Eu estou aqui falando e você não está nem ouvindo.

Fiquei olhando pra ele sem saber o que falar. Será que se dissesse tudo que tinha

vontade, iria ter problemas no trabalho? Melhor não arriscar.

— Desculpa, não foi minha intenção ofender.

— Hum-hum, sei! Bom, espero que tenha ouvido tudo que te disse para não ter que

repetir.

Arregalei os olhos e dei dois passos para trás.

— Deus me livre disso! Não precisa, eu ouvi tudinho.

João gargalhou na minha cara. Isso mesmo, ele jogou a cabeça para trás e riu muito,

era até charmoso.

— Tudo bem então, vou andando, preciso sair um pouco desse hospital. Seu plantão

terminou?

Olhei o relógio na parede e arqueei a sobrancelha.

— Há meia hora, se você não tivesse ficado aí falando sem parar coisas que eu já sei,

eu estaria em casa, provavelmente vendo um filme já.

Ele fez uma careta até bonitinha e tirou as mãos dos bolsos do jaleco.

— Poxa! Sinto muito, Ana. É que sou muito cuidadoso com meus pacientes. Não quis

te amolar.

João coçou a cabeça e me olhou realmente envergonhado. Eu e minha boca grande.

Não deveria ter dito nada...

— Tudo bem. Mas, enfim, eu vou embora também. Precisa de mais alguma coisa?

— Não, pode ir pra casa. A não ser que você queira dividir uma pizza comigo.

Sorri e estreitei meus olhos. O cara estava me chamando pra sair depois de me

azucrinar por meia hora. Mas não vou negar que ele era bonito, na verdade muito bonito,

só que eu não estava procurando nenhum relacionamento. De nenhum jeito, nem carnal

ou emocional.

— Acho melhor não, tenho algumas coisas pra organizar da viagem.

— Hum, uma hora você vai ter que aceitar.

Balancei as sobrancelhas, ele não desistiria fácil.

— Vamos ver, né? — Mas preciso dizer que aquele homem sorrindo me deixava

balançada. Seu sorriso era sincero e cheio de dentes certinhos.

— Você sabe onde tem boa comida e um lugar bem frequentado por aqui? Tô

cansado de comer em casa, *delivery* não é minha praia.

— Na verdade, sei sim. Tem um bar de um amigo que é muito bom. O *Beer at the Bar*,

tem música ao vivo e tudo.

— Perfeito. É o que eu preciso. Então, Ana, não vou te prender mais, vou dar uma

passada nesse bar e te falo se gostei. — Piscou um olho como se fosse me enganar com

aquele charme barato. Eu era vacinada contra tipos como João Marcos.

— Sei, e amanhã você volta a ser o ditador.

Dei as costas pra ele e andei um pouco até que o ouvi murmurar:

— Você gosta do ditador.

Pior que gostava mesmo. João era algo novo na minha vida, uma página em branco,

pronta para ser escrita. E eu não sou idiota, percebi as cantadas que ele me dava,

indiretas e olhares sedutores. Mas ainda não estava pronta para seguir em frente. Meu

coração estava confuso. Tinha ideias rondando minha cabeça que há dois meses nem

mesmo cogitava a possibilidade. Mas me disseram uma vez que a maturidade muda a

gente, a minha demorou pra chegar. Mas antes tarde do que nunca.

Antes de terminar o corredor, voltei-me e João ainda estava parado me observando,

com o rosto tombado de lado e sorrindo.

— Quando chegar ao *Beer,* diga que me conhece; seu atendimento será ainda melhor.

E, quem sabe, não aceito seu convite algum dia?

Pisquei pra ele, que sorriu.

— Espero ansiosamente.

Ai, meu Deus!

***

O problema do seu dia de folga é que todo mundo te procura nesse dia, parece que

sentem cheiro de que você não quer fazer nada, nem mesmo piscar eu queria. Meus olhos

se recusavam a abrir, mas o maldito telefone não parava de apitar. Tateei na cômoda e o

peguei, olhei para a tela e era o número da Shirlei no visor.

— Oi, amore. Já com saudades?

— Saudade dessa sua língua afiada? Não mesmo. Queria te pedir um favor.

— Ai, meu Deus, lá vem.

Ela deu uma risadinha baixa e suspirou.

— Sabe que tô trabalhando no hospital do seu irmão, né? — Shirlei havia encontrado

outro plantão no hospital que o Bruno trabalhava para conseguir pagar a

faculdade da

filha mais velha. — Meu marido ficou doente e não posso ir trabalhar hoje. Quebra esse

galho pra mim, Ana?

— Ai, Shi. Sabe que não quero que ninguém me veja.

— E vai se esconder até quando, sua louca?

— Até o dia que eu ficar velhinha e ninguém me reconhecer.

— Só pela sua língua afiada não tem como te confundir. Mas, Ana, é sério, não posso

perder esse emprego.

Droga, eu sabia disso. Ela lutava muito para ajudar o marido a dar uma boa educação

para as filhas.

— Eu sei. — Suspirei resignada e olhei para o teto fazendo uma careta. — Qual o

plantão?

— Ai, não acredito! — A louca gritou no meu ouvido. — É do meio-dia às oito.

— É, já são nove horas. Tudo bem, mas você me deve essa.

— Serei eternamente grata, querida.

— Vou cobrar.

Desliguei o telefone, rindo dos gritos que ela dava do outro lado da linha. Eu queria

mesmo aproveitar essa minha folga pra dormir, não pensar em mais nada, mas o que não

fazemos pelas amigas, né?

Mandei mensagem para o meu irmão que iria fazer uma visita e ele logo respondeu:

Uau, vou esconder meus pacientes.

Muito engraçado!

Apesar de toda minha preguiça, ela foi embora a partir do momento que meu

cérebro registrou que teria que ir trabalhar. Arrumei a casa por cima, tomei um banho,

lavei e sequei o cabelo, vesti minha roupa e fui para o hospital.

Chegando lá não tive tantos problemas pra entrar, todos me conheciam ali e logo fui

encaminhada para a UTI NEONATAL. Eu gostava de trabalhar com crianças recém-

nascidas, eram guerreiros em miniaturas.

Quando entrei, meu olhar logo foi capturado para uma mãe que debruçava sobre a

incubadora de um bebê e cantava baixinho pra ele. Sua voz suave parecia acalmar a

criança que dormia serenamente, apesar da quantidade de tubos e fios aos quais era

ligado. A cumprimentei com um aceno e fui fazer meu trabalho, mas a voz continuava a

me acompanhar e me trouxe tanta paz que tive que me apresentar.

— Olá, sou Ana Luíza. Você é a mãe do pequeno? — Era uma pergunta retórica, já

que somente os pais podiam ficar na UTI.

Ela se virou e sorriu amorosamente.

— Sim, é o meu pequeno Matheus.

Aproximei-me e olhei os pequenos dedinhos, os bracinhos, o peito que subia e descia

rapidamente.

— É lindo. Um guerreiro, né? Eu li o prontuário.

— Sim, passamos por situações bem complicadas, mas já foi. Agora ele está ficando

bem. O doutor disse que logo vou poder pegar ele no colo de novo. Não vejo a hora.

— Deve ser uma emoção muito grande pegar seu filho nos braços.

Ela sorriu serenamente com os olhos fixos no menino.

— É sim, não existe sensação mais pura. Você não tem filhos? Desculpa perguntar.

Senti como se meus pulmões tivessem explodido. Balancei a cabeça negativamente.

— Eu não tive essa graça na minha vida.

A moça ficou em silêncio e olhou para o filho, se aproximou e pegou minha mão que

estava apoiada na incubadora.

— Tenho certeza de que logo terá, é uma mulher cheia de amor, a gente vê em seus

olhos.

Sorri tristemente e olhei pra ela, que me encarava fixamente.

— Às vezes, acho que o amor não foi feito pra mim. Tenho a impressão de que

quando começo a amar alguma coisa, ela é roubada de mim. Talvez eu tenha nascido

apenas para cuidar dos outros, não pra ter algo meu.

— Bobagem, tudo que é seu está guardado. É só esperar, e, às vezes, está tão perto

que você não consegue ver.

A mulher à minha frente, além de forte e boa, era feliz. Apesar de todo o sofrimento

que provavelmente passava, ela sorria e ainda confortava uma mulher que nem conhecia.

— Desculpa por isso, ando um pouco emotiva. — Ela balançou a cabeça e sorriu. —

Qual seu nome mesmo? Acho que não me disse.

— Paloma — disse simplesmente.

— Bom, Paloma, parabéns pelo guerreiro que teve, tenho certeza de que ele lhe trará

muitas alegrias. E logo vai poder ir pra casa com ele nos braços.

— Eu disse isso a ela ontem.

Senti meu corpo todo formigar, dos pés a cabeça, meus olhos se fecharam

automaticamente e meu coração parecia bater descontrolado. Eu não queria me virar, o

instinto de autopreservação me gritava para fugir, mas não faria mais isso. Virei-me e

encarei o homem que eu mais amei na vida. O único que me deu algo que não poderia ter

nunca mais.

Capítulo 14

Alberto

Quando vi Ana Luíza pelo vidro da UTI não pude acreditar, achei mesmo que estava

no meio de um sonho. Então, quando alguém trombou comigo, porque eu estava no meio

do corredor, percebi que era real. Tinha muitas perguntas na cabeça, principalmente o

que ela estava fazendo ali, mas me reservei o direito de apenas observar a mulher que

tinha roubado meu coração sem devolução, sorrindo tão serenamente. Era raro vê-la

daquela maneira. Principalmente se eu estivesse por perto.

Entrei na sala de esterilização apoiei a muleta na parede, lavei as mãos, vesti a roupa

especial e entrei em silêncio, encostei o ombro na parede e fiquei observando como ela

olhava o pequeno Matheus e conversava com a mãe dele. Em seu rosto lindo tinha uma

expressão que fez eu sentir uma dor física por ela. Algo que vi anos atrás e pedi a Deus

nunca mais ver no rosto dela.

Acho que nunca me perdoaria por aquilo.

Quando ela parabenizava Paloma pelo menino e dizia o que eu disse com a voz

embargada, eu não resisti e tive que tornar minha presença notável. Ana levantou os

olhos e me encarou fixamente, por um momento vi apenas surpresa, ela até sorriu, então,

veio o conhecimento de onde estava, o que estava fazendo, e o sorriso morreu. Porém, o

que me surpreendeu foi que o ódio não veio, o rancor que eu via sempre nos olhos dela

não estava ali, havia apenas... saudade.

— Bom dia, doutor Alberto.

Sorrindo, desviei o olhar da Ana muda e cumprimentei a mãe do Matheus com um

aceno.

— Bom dia! Tudo bem com o nosso menino? — Desencostei-me da parede e

caminhei até a incubadora, peguei o prontuário sob o olhar atento das duas. — Hum,

parece que ele passou a noite bem, não teve nenhuma crise. Tá se recuperando bem, mãe.

Cada dia fico mais otimista de que logo ele poderá ir pra casa.

— Ai, graças a Deus! Fico tão preocupada, você nem imagina.

Levantei os olhos e sorri cúmplice encarando a mulher, que me observava

atentamente.

— Eu imagino sim. — Ana deu um suspiro profundo e desviou o olhar virando de

costas e, em seguida, foi até a outra incubadora.

Balancei a cabeça e voltei para o pequeno Matheus. Conversando com a mãe dele, eu

fiz meu trabalho com atenção, apesar de estar atento em cada detalhe do que Ana fazia.

Depois de examinar umas três crianças, a vi se despedindo das outras mães, que

chegaram nesse meio tempo, e saindo da UTI. Não podia perdê-la de vista.

— Enfermeira, pode esperar um minuto? Preciso falar com você.

Ana estacou de costas para mim e se virou com os olhos estreitos em duas fendas.

Ela engoliu em seco e assentiu.

— Claro, doutor.

Meu sorriso aumentou de tamanho em proporções constrangedoras. Por natureza,

Ana era uma mulher que não aceitava ordens, acredito que até mesmo no hospital que

ela trabalhava não devia ser de fácil convívio, só que ela estava ali ajudando a amiga.

Sabia disso porque, quando Ana sumiu, Shirlei me ajudou em casa sendo minha

enfermeira, e foi então que consegui aquele plantão para minha nova amiga. Nos

aproximamos esses três meses, falamos da Ana principalmente, ela me aconselhou a

deixar o tempo correr e parar de irritar a amiga dela. Mas era impossível quando cada

palavra minha provocava um ataque de fúria na esquentadinha. Então, por receio

ou

outra coisa que fugia do meu entendimento, Ana saiu e me esperou do lado de fora.

Terminei meu atendimento às crianças, que estavam calmas aquela tarde e saí da

UTI. Ana estava de costas com as mãos enfiadas nos bolsos do jaleco. Abaixei a cabeça e

me aproximei devagar para não assustá-la. Para agir com ela, tinha que ser como se ela

fosse um predador, tinha que ser cauteloso e não fazer movimentos bruscos.

— Então você voltou? — Parei na frente dela, que arqueou uma sobrancelha e sabia

que tinha uma resposta espertinha na ponta da língua. — Foi uma pergunta retórica,

Ana, não é pra levar ao pé da letra, só não sei como começar a conversar com você.

— Ora, acho que um “oi, tudo bem?” seria um bom início.

— Exatamente como você me disse “adeus e até logo”?

Ana virou o rosto e fechou a cara. Sabia que devia ser mais brando, mas fiquei

chateado mesmo por ela ter partido ao invés de ter ficado para resolver as coisas.

— Eu não devia e não devo satisfações dos meus passos a ninguém, Alberto. Então

não, não deveria ter me despedido, o que, na verdade, eu fiz, não saí sem falar nada como

da outra vez.

Encarou-me com os olhos pegando fogo, ali estava o rancor escondido. Ela não

era

apenas a serenidade que vi dentro da UTI. Eu tinha que fazê-la falar ou nossas vidas

ficariam paradas no mesmo lugar de sempre. Já passou tempo demais, a ferida estaria

sempre aberta, mas ela podia ser tocada agora.

— E você ficou bem onde esteve? Seja lá onde estava.

Ela sorriu e me olhou divertida, porque suas covinhas apareceram, o que me deixou

extremamente feliz. Valeu qualquer dor que eu causaria depois dessa conversa amena.

— Pescador como sempre, né? Fiquei sim, consegui pensar na vida com clareza, revi

alguns conceitos, o que fiz com meu tempo todos esses anos.

— Hum... um lugar de libertação. Eu gostaria de ter ido junto.

Ela bufou e revirou os lindos olhos castanhos.

— Claro que sim!

Encostei-me à parede, não deixando os olhos dela vagarem para nenhum outro lugar.

— E chegou a alguma conclusão, Ana?

— Cheguei sim. — Ela me encarou como se estivesse certa do que fazer dali pra

frente.

Eu senti um frio na barriga, um sentimento de perda, algo que não poderia mudar,

algo que ela já havia decidido e precisava forçar isso para fora dela, precisava tentar.

— Acho que está na hora, Ana.

Ela arregalou os olhos e vi que seu peito subia e descia muito rápido.

— Não, Beto, nunca será a hora. Por favor, se você ainda gosta de mim como diz, não

toque nesse assunto.

— Já se passaram muitos anos, Ana. Precisamos resolver isso, você tem noção de que

nós não conseguimos seguir com a nossa vida mesmo tendo a ideia fixa de que

deveríamos ficar separados? Por que será isso? Ainda temos algo para resolver,

precisamos colocar um ponto-final.

Ela se aproximou e nas pontas dos pés me encarou fixamente.

— Ponto-final? É isso que você quer?

— Eu preciso de uma direção, Ana Luíza. Não dá mais pra viver assim. Eu sofri um

acidente que me fez ver o que eu estou perdendo na vida, você diz que viu isso na sua

fuga libertadora, mas vejo que não. Continua irredutível quanto ao nosso passado.

— Ele tem que ficar lá.

— Como, se você o carrega como uma cruz? Deixe-o ir, Ana.

Seus olhos se encheram de lágrimas e sua expressão foi a mesma que vi anos atrás,

naquela cama de hospital. Arrependi-me e ao mesmo tempo não de pressioná-la, porque

ela precisava falar, desabafar. Escondeu por tantos anos aquele segredo, me obrigou a

fazer o mesmo e isso a envenenou por dentro, fez com que ficasse amarga e rancorosa.

— Uma mãe nunca deixa um filho ir, Alberto. Você nunca vai entender o sentimento

de perda, o sentimento de ter falhado, de não ter lutado mais. Eu sou a culpada, o que eu

carrego não é ódio pelo que aconteceu; sei que isso não foi o causador de eu ter perdido

nosso bebê. O que me fez não lutar mais por ele foi essa minha maldita mania de fugir;

eu me isolei e, quando senti dores, não pude chegar à ajuda a tempo. Por um dia inteiro,

eu sangrei. Se não tivesse me afastado, hoje nosso filho seria um adolescente amado, e

não apenas uma lembrança, um amor perdido. E o pior? Nisso eu perdi completamente a

chance de sentir o amor de mãe novamente.

As lágrimas desciam pelo seu rosto e Ana soluçava em meio às palavras; dava pra

sentir sua dor tão profundamente como uma ferida que te rasga aos poucos. E foi

inevitável acompanhá-la. Meus sentimentos, que guardei por anos, mais até do que o

tempo que conheci Ana, explodiram: a rejeição do meu pai, a luta da minha mãe, a

solidão, a perda e culpa pelo filho que perdemos... tudo retornava.

— Eu também o perdi, Ana.

— Você nem o queria, Alberto. Eu estava grávida de quase quatro meses, tinha

descoberto nosso filho há três semanas e você se mantinha distante, estranho demais.

Você não queria nosso menino.

Não era verdade, eu apenas fiquei assustado e fiz a maior burrada da minha vida

com isso. E quando vi Ana no hospital e fiquei sabendo que não tinha mais um bebê,

faltou meu chão. Mas o que ela disse me trouxe a realidade das lembranças que me

arrebataram.

— Menino?

Ela riu amargamente e cruzou os braços em modo defensivo.

— Quando tiraram ele de mim, me disseram que era um menino.

Senti como se me faltasse o ar, não sabia disso. Meu coração deu aquelas batidas

fortes e espaçadas, senti como se ele tivesse sido quebrado exatamente da maneira

quando encontrei Ana naquele hospital, sem expressão, vazia, sem nenhum sentimento.

— Eu não sabia!

— Claro que não, depois que tudo aconteceu você se afastou completamente,

não

quis nem saber de mais nada, Alberto. Você acha mesmo que toda minha mágoa, minha

dor é somente pela traição?

— Ana, não estou entendendo, você me afastou, você não me quis por perto.

Ela estreitou os olhos e sussurrou:

— Eu estava despedaçada, completamente estraçalhada. Não queria ninguém por

perto, queria morrer e não sentir aquela dor e aquele vazio que me dilacerava a cada

passo que dava. E você? — Riu amarga. — Foi fácil fazer o que eu pedia, mas, enfrentar

junto comigo, me apoiar, dizer que nada daquilo deveria ter acontecido, ou seja, estar

comigo apesar de tudo, foi difícil demais para o promissor Alberto Brenner.

Suas palavras eram repletas de tristeza e dor. Eram verdadeiras e, então, percebi que

o ódio de Ana não era só pela traição, mas pelo abandono. E eu conhecia aquilo muito

bem. Mais uma vez, me senti sujo, exatamente como o meu pai era.

Eu só podia sentir muito, meu coração havia sumido de tão pequeno que eu o sentia.

Ana me olhava com o rosto banhado em lágrimas e abaixei a cabeça, derrotado. Percebi

que não havia retorno para nós, era muita dor. Como um relacionamento sobrevive a

isso? Não havia maneira de recuperar o que sentimos, pois eu matei o que tínhamos

quando dei as costas à mulher que tinha acabado de perder meu filho e perder

completamente qualquer chance de ser mãe.

— Sinto muito, Ana. Não vou esperar pelo seu perdão porque sei que ele não virá,

não vou mais importuná-la.

Virei-me e caminhei arrastando os pés pelo corredor do hospital, mas parei ao ouvir

um grunhido dela atrás de mim.

— Acho que nada nunca vai mudar, né, Alberto? Mais uma vez, você vai fugir quando

eu preciso que fique.

E meu coração voltou a bater.

Capítulo 15

Ana Luíza

Poderiam se passar séculos que eu nunca me esqueceria daquela dor, acredito não

haver dor maior. É algo que te paralisa, incapacita, faz você perceber que nada está em

suas mãos.

Porém, eu acreditei piamente que estava.

Achei que já tinha passado pelo pior, mas a notícia acabou com qualquer esperança

de que o que eu sentia fossem apenas contrações de *Braxton Hicks*. Eu estava perdendo

meu bebê, a criança que sempre sonhei em ter, o fruto do homem que mais amei na vida.

Mas eu amei alguém muito mais que a ele, muito mais que a mim mesma, ainda que

fosse tão pequeno. E eu não o tinha mais, não poderia segurar meu filho nos braços, não

o admiraria enquanto o amamentasse, nunca ouviria seu sorriso doce ou o acalentaria

quando chorasse.

Estava vazia, não tinha mais nada, nem ódio ou amor, apenas a perda de alguém que

eu nem mesmo conhecia.

Eu senti toda a dor do parto, chorando de tristeza porque iria passar por aquilo sem

nem mesmo ter a recompensa de segurar aquela mãozinha, contar os dedos gordinhos,

admirar os pesinhos. A cada fisgada no meu útero sentia como se meu coração estivesse

sendo arrancado fora, meu corpo expulsava o meu filho que não podia mais ficar ali.

Ah, meu Deus! Como eu queria que ele ficasse.

Algo errado aconteceu, os médicos começaram a ficar agitados, eu não dei muita

atenção. Estava com a mente anestesiada e logo meu corpo também ficou, só ouvi um

médico dizendo que teria que fazer uma cesárea de emergência, era até estranho usar

esse nome. Quando você ouve algo assim é porque terá seu filho nos braços, mas no meu

caso não, eu não o teria. Ficaria apenas marcado em minha pele o que eu não podia ter.

A enfermeira me olhava com um olhar de pena, seus olhos estavam lacrimejando e

logo ela se afastou. Não podia chorar num centro cirúrgico. Quando voltou, estava

recomposta e pelo que percebi eu não teria meu bebê naturalmente, ele seria retirado de

mim, roubado. Mas aquilo tudo foi minha culpa. Eu fugi, eu me afastei de todos e quando

comecei as sentir dores não tinha a quem recorrer, perdi sangue demais durante o dia e

meu filho se foi.

Quando o tiraram de mim, eu não ouvi seu lamento à minha procura, apenas um

silêncio sepulcral que me dilacerava a cada tique-taque do relógio e os tilintares dos

instrumentos cirúrgicos. Vi que enrolaram algo pequeno demais num pano e pensei que

tinha acabado, mas não. Meu tormento durou mais algumas horas até que me apagaram

completamente. Quando acordei, estava desnorteada e minha mente ainda não tinha

captado nada direito. Olhei para o lado e a enfermeira, que me encarava com aquele

mesmo olhar, saiu e voltou com um homem jovem e os olhos baixos.

— Tá tudo bem?

Sério?

— Não, doutor, eu perdi meu filho.

Ele assentiu e me envergonhei por ter sido tão bruta, mas meu humor não estava

bom em nada e não tinha vontade de mascarar o que eu sentia, acho que nem

conseguiria.

— Sinto muito, Ana. Sinto mesmo, não tínhamos o que fazer quando você deu

entrada.

— Eu sei, perdi muito sangue.

Ele assentiu e estava um pouco perdido, não sabia onde colocar as mãos e a

enfermeira agia como se não estivesse ali, se distraindo com qualquer coisa que não a

fizesse estar perto de mim.

— O que foi, doutor? Ainda tem mais alguma coisa?

Ele engoliu em seco e assentiu, fechei meus olhos e senti as lágrimas escorrerem,

derrubando as barreiras, saindo livres para meu desespero. Eu nunca me esqueceria da

voz daquele homem, nunca, ela me assombraria o resto da vida.

— Pelo tempo que o feto ficou em seu útero tivemos complicações, Ana. Você

teve

uma hemorragia muito séria e não conseguimos estancar, sinto muito, mas precisamos

retirar seu útero e salvar sua vida.

— Que vida? — sussurrei com a garganta fechada de dor. Não havia mais nada de

bom dentro de mim, por minha própria estupidez eu perdi qualquer chance de sentir

aquele amor de novo.

— Tem alguém que você queira avisar?

De primeiro eu queria gritar que não, precisava passar por aquele luto sozinha. Mas

ele tinha o direito de saber.

— O pai do bebê, eu vou ligar. Onde estão minhas coisas? — Abri os olhos e a

enfermeira me entregou a bolsa. Eles já iam saindo quando me lembrei de algo. —

Doutor, qual era o sexo do bebê?

Ele tombou a cabeça de lado e respirou fundo.

— Era um menino, Ana.

Senti um arrepio de saudade.

— Davi... — Sorri tristemente e virei o rosto olhando para a janela, era uma manhã

muito chuvosa. Parecia que eu tinha dormido a noite inteira, sedada.

Esperei que os dois saíssem do quarto e liguei o celular, o mantive inativo as

duas

semanas que me isolei e não foi surpresa a quantidade de ligações e mensagens de texto,

principalmente de Alberto. Eu não li nenhuma e as apaguei, apenas mandei uma

mensagem dizendo que estava no hospital e o endereço. Em menos de duas horas, ele

estava parado na porta do quarto com os olhos cheios de lágrimas.

Não consegui olhar pra ele por muito tempo. Mas quando ele foi se aproximando

rapidamente, eu apenas levantei a mão e ele parou.

— Não se aproxime, eu só te chamei aqui porque não podia te dar a notícia por

telefone.

— O que aconteceu, Ana? Você está bem? Por onde andou? Sumiu por duas semanas,

eu estava louco, já não sei o que dizer pra sua família.

— Você não tem que dizer nada, eu te proíbo de contar qualquer coisa que aconteceu

conosco. Você me deve isso, Alberto. Pelo menos, nisso você terá que ser fiel.

Ele parecia ter levado um soco na cara, fez uma careta e abaixou a cabeça.

— Eu prometo, pode confiar.

Bufei com uma risada irônica.

— Sei, mas se você não cumprir eu juro que nunca mais vou lhe perdoar. Nem por

isso, nem por nada. — Virei meu rosto porque não suportava olhar pra ele, e então

precisava dizer. — Eu te chamei aqui porque eu perdi nosso bebê, não consegui segurá-lo

nem mesmo com tanta vontade que tive. Ele se foi.

Não olhei para ele, mas também não ouvi qualquer murmúrio vindo de onde estava.

Virei a cabeça devagar e não havia qualquer expressão em seu rosto, ele me encarava

apenas muito sério, seus olhos brilhavam, mas não caiu uma lágrima por nosso bebê

perdido.

— Sinto muito, meu amor.

— Eu não sou seu amor! Não me chame assim nunca mais. — Alberto se assustou

com meu grito e deu um passo atrás. Mas eu não tinha terminado. — Eu perdi meu filho

por sua culpa, seu desgraçado, nunca vou poder segurar a mão dele e o levar pra escola,

nunca vou ouvir sua vozinha me chamando de mãe e você só sente muito. Vai embora

Alberto, não quero você aqui. Isso tudo é por sua causa também

— Ana, eu...

— Eu não posso ter mais filhos, nunca mais, entendeu? Vai embora, você só me faz

mal.

Virei-me e lhe dei as costas, senti que ele se aproximava e quando abaixou-se para

falar em meu ouvido apenas uma lágrima caiu em meu rosto.

— Sinto muito Ana, nosso segredo está guardado.

Então ele foi embora, não voltou, não ficou comigo. Não me abraçou, não chorou a

perda do nosso filho, nem do nosso amor, me vi sozinha e vazia. Aquilo foi a maior

traição vinda de Alberto, ele traiu os meus sentimentos ao me deixar. Devem estar se

perguntando: Como, se eu pedi para ele ir embora? Sim, eu estava sofrendo como nunca

havia sofrido na vida. Mas o que disse foi da boca pra fora, eu me culpava. Sabia que a

culpa de ter perdido meu pequeno Davi era somente minha.

Depois de tudo eu me recuperei, pelo menos por fora. Continuei no meu esconderijo

para tirar resguardo e ninguém desconfiar de nada. Quando voltei para a casa, minha

mãe notou que eu estava diferente, mas ela me conhecia bem e sabia que o melhor era

me deixar sozinha. E com o passar dos meses, eu fui me transformando numa cópia de

mim, voltei para a faculdade, mas troquei de apartamento. Aluguei um só pra mim, não

vi Alberto, mas também evitei qualquer contato ou lugar que ele pudesse estar. Bruno ia

me ver, mas não perguntava nada sobre nosso rompimento e agradeci a Deus

pela

família que eu tinha.

A dor me acompanhou a cada passo que eu dava, perder meu filho foi a dor mais

terrível que eu senti.

Quando eu o vi de novo, meses depois, achei que iria morrer, Alberto também tinha

mudado. A fama de galinha o vestiu completamente, a cada dia estava com uma mulher

diferente. Não era mais o homem que amei, e ainda amava. Acho que a praga de tudo é

que eu era alguém que só amava uma pessoa. Eu o queria longe para não ter que vê-lo,

mas se pedisse para que minha família o afastasse teria que dar detalhes e quanto menos

mexesse na ferida quase não ela sangraria.

Ele olhou pra mim e me provocou, como era antes de namorarmos. Eu fiquei tão

surpresa que não tive reação, peguei meus livros e saí. No outro dia foi a mesma coisa,

então eu revidei. Foi assim por anos, até que ele resolveu que me queria de volta.

Palhaçada!

E foi quando tudo começou a desandar. Toda a dor que guardei e os sentimentos que

não precisava sentir voltaram com tudo. E, então, me entregar pra ele sem amarras ou

restrições fez renascer aquele carinho que tinha enterrado dentro de mim, por

isso a

minha fuga. Pensei em cada momento que tivemos, desde o início ao fim. Que fim? Dei-

me conta que não havia tido um fim. Precisava desse fim e seguir minha vida.

Quando o vi me dando as costas mais uma vez, eu não me contive.

— Acho que nada nunca vai mudar, né, Alberto? Mais uma vez, você vai fugir quando

eu preciso que fique.

Ele se virou devagar e com a testa franzida se aproximou.

— O que disse, Ana Luíza?

— Quando me deixou no hospital eu precisava que ficasse, me abraçasse, me desse

carinho e me consolasse. Porém, você foi embora levando qualquer carinho que eu

poderia ter por você, qualquer sentimento bom que poderia me trazer de volta. Eu me

arrastei para a luz apenas por ser teimosa demais, mas não tinha nenhuma vontade de

levantar de novo.

— Você me mandou embora, me acusou, me culpou. O que queria que eu fizesse? —

ele sussurrou com a voz entrecortada.

Aproximei-me e olhei em seus olhos azuis que me deram tanto amor e esperança um

dia.

— Que ficasse! Que me amasse! Ele se foi, você se foi. Fiquei completamente só.

Alberto respirava com dificuldade e seus olhos encheram-se de lágrimas.

— Eu me culpei cada minuto desses anos, Ana. Não sou merecedor de você. Eu

causei a dor em nós dois por uma safadeza, uma falha de caráter, eu sei que sou culpado

pela perda do nosso filho.

Balancei a cabeça negando e sorri tristemente.

— Percebi nessa minha fuga, que não há culpados nessa história. Foram catástrofes,

uma atrás da outra, perdas irreparáveis e, no final, ainda não consigo te esquecer. Que

droga isso, não? — Sorri em meio às lágrimas. Ele engoliu em seco e continuou me

olhando com saudade.

— Você sabe que não é culpada, né?

— Eu sou de certa forma, talvez se não tivesse me isolado teria sido socorrida a

tempo. Mas a dor é só minha.

— Não, Ana, é minha também. Ele era meu filho também. Um menino, então?

— Sim. Davi.

— Um nome lindo!

— É sim.

— O que a gente vai fazer, Ana?

Ele levantou uma mão e acariciou meu rosto descendo até o pescoço, era um carinho

que costumava fazer quando estávamos juntos.

— Viver? Seguir em frente?

Alberto suspirou profundamente e negou com a cabeça com os olhos fixos nos meus.

— Eu ainda te amo!

— Eu sei...

Ficamos nos olhando por tanto tempo que não soube dizer quanto. Eu parecia estar o

conhecendo naquele momento, prestei atenção em cada detalhe em seu rosto, agora mais

maduro. Algumas rugas marcavam seus olhos, ele sorria muito. Uma vez, ele me disse

que antes rugas de sorriso do que de estresse. Seus lábios carnudos que, quando puxados

para o lado, faziam surgir um sorriso sem-vergonha que sempre gostei. O maxilar

barbeado e, por fim, seus olhos azuis intensos.

— O que você vamos fazer, então, Alberto?

Capítulo 16

Alberto

Deslizei a mão que repousava em seu rosto para o pescoço e fiz um carinho com o

polegar. Ana Luíza fechou os olhos e inclinou-se para meu toque. Meu coração

batia

descontrolado desde o momento que ela me pediu para ficar.

Afinal, porque eu não fiquei desde o começo? Porque era mais fácil ir embora e não

sentir nada. Blindar-me da dor que Ana vivia, mesmo que eu tivesse acompanhado de

perto, sentindo minha própria dor, e fingir que nada acontecia se tornou mais

descomplicado.

Eu era um moleque sem coração, mas os anos me fizeram bem. Amadureci, e se

pudesse voltar no tempo faria tudo diferente. Como não poderia, faria com que o

presente valesse a pena; faria com que aquele mínimo de esperança dela voltar a me amar

se tornasse o grande alento da minha vida.

Respirei fundo e coloquei tudo o que sentia no que iria fazer. Aproximei meu rosto

do dela e esperei, Ana prendeu a respiração e, porque eu demorei a beijá-la, ela abriu os

olhos novamente, eu continuava com o carinho em seu pescoço.

— O que eu vou fazer, Ana? Eu vou te amar até quando você permitir.

Ela abriu a boca para falar e me aproveitei sem qualquer escrúpulo da oportunidade.

Colei meus lábios nos dela num beijo suave e repleto de sentimentos: saudade, amor,

felicidade, esperança. Ela ficou um pouco assustada no começo, receosa até, mas logo se

soltou e envolveu os braços em meu pescoço encostando os seios macios em meu peito.

Apertei sua cintura e ajeitei a cabeça para beijá-la direito. Meus lábios pareciam ter

voltado pra casa. Éramos tão perfeitos um para o outro que não pareciam ter se passado

tantos anos sem aquele tipo de carinho.

Mesmo tendo dormido com ela e a beijado, não era como agora. No beijo tinha

carinho e amor. Algo que achei que não ia experimentar mais. Dizem que damos valor às

coisas quando a perdemos, eu concordava plenamente. Só quando perdi tudo que Ana

significava pra mim, dei a devida importância a ela.

Ana se entregou ao beijo com abandono e esqueci completamente onde estava,

quando vi já a imprensava contra a parede e ela me puxava ainda mais ao seu encontro

até que ouvi um pigarro e uma risadinha debochada. Droga!

Afastei-me e, ainda de olhos fechados e com a boca entreaberta, Ana era a visão mais

linda que eu via em anos.

— Até que enfim os dois turrões deram o braço a torcer, ou o que estou vendo aqui é

um desrespeito gritante aos pacientes? Ana Luíza, quando falou que vinha para o

hospital não achei que a veria com os médicos. Se tivesse essa noção teria escondido eles

também e não só os pacientes.

Percebendo que quem estava torrando a paciência era seu irmão chato e sem filtro,

Ana abriu os olhos e me encarou com os olhos brilhando.

— Bruno, você é um idiota e eu vou te bater se não sair daqui agora.

Pelo canto do olho, o vi sorrindo e dando de ombros. Levantou as mãos e se virou

resmungando que se Ricardo tivesse visto estaríamos em maus lençóis.

Ela me encarava atentamente como se procurasse qualquer vestígio de que era um

engano o que disse. Eu não a culpava; agora entendia o porquê de tanta mágoa. As coisas

foram se acumulando: problemas não resolvidos, sentimentos e mágoas sem fim. Mesmo

que Ana tenha dito para eu me afastar, deveria ter ficado. Ela estava magoada demais,

afinal o errado na situação fui eu e não ela.

— Você falou sério?

— Sobre o quê? — Dei um meio sorriso e deslizei um dedo por seu rosto delicado.

— Não se faça de bobo, Beto. Você vai ficar dessa vez? — Sua voz baixa estava receosa

e suspirei profundamente, ela não deveria duvidar disso, mas eu a entendia.

— Sim, Ana. Não deveria ter ido nem da outra vez, se quer saber. Mas a questão é:

você está pronta pra viver de novo?

— Eu não sei. E se não estiver?

Seu rosto lindo havia se transformado naquele jeitinho de menina travessa e

encrenqueira que eu tanto amava.

— Eu vou lutar por você até minhas forças acabarem, você não ficará livre de mim

tão fácil dessa vez.

Ela queria sorrir, mas se segurava, espalmou as mãos em meu peito e me empurrou

levemente, fazendo-me dar um passo atrás.

— Não será fácil, Alberto. Por mais que eu queira tentar, por mais que eu saiba que

tudo mudou, o tempo passou e nós amadurecemos. Será difícil. Sou uma pessoa

orgulhosa e ainda sofro por tudo que perdemos.

Ergui seu queixo entre meus dedos e dei um selinho em seus lábios.

— Eu sei quem você é, Ana. Não estou te conhecendo agora, eu a amo do jeitinho

que é.

Ela virou a cabeça escapando do meu olhar. Sabia que não seria fácil, eu a conhecia

bem. Uma hora, ela ficaria pensando se fez certo, medindo os prós e contras.

— Olha pra mim, Ana Luíza. Vamos ficar bem, ok? Eu vou ficar, juro pra você.

Ela assentiu e engoliu em seco, vi que ficou sem graça e sorri encantado.

— Vai terminar o plantão? — Ela me olhou de cenho franzido e assentiu. — Ótimo!

Te vejo às oito, então, quero te levar pra casa.

— Tudo bem.

— Ok, eu vou trabalhar, me espera na recepção.

Ana assentiu e se endireitou. Estava com as mãos apoiadas na parede antes. Ela

andou até o final do corredor e sumiu, sem olhar pra trás. Suspirei cansado e feliz.

Apesar de todo o problema que enfrentaríamos e da conversa muito séria que teríamos,

eu tinha fé que daria tudo certo.

Precisava achar o inconveniente do meu amigo. Bruno não podia ter passado direto,

fingindo não ter visto nada, em vez de me atrapalhar? Logo quando, enfim, pude

acreditar que daria tudo certo.

Havia chegado a hora de contar nosso segredo para toda a família. Ana não sofreria

mais sozinha. Era hora de me tornar homem e assumir tudo, principalmente cuidar da

minha mulher.

Encontrei Bruno terminando de atender um paciente, ele se despedia do rapaz na

porta do consultório quando me viu. Piscou um olho e sorriu. Não sabia se batia nele ou

gritava de alegria por ter esperanças de que tudo se ajeitaria.

— Ora, o *Don Juan* resolveu largar a enfermeira.

— Idiota, ela é sua irmã, não fala assim.

Ele levantou as mãos, sorrindo ainda mais.

— Verdade, mas não pode negar que aquela cena já se repetiu muitas vezes. — Ficou

sério, de repente, e cruzou os braços em modo Bruno protetor. — Eu espero que com isso

que aconteceu, essa porra de agarrar enfermeiras tenha chegado ao fim.

— Você sabe que não faço isso há muito tempo, cara.

— Verdade, você brochou. — Balançou as sobrancelhas e revirei os olhos. Às vezes

era impossível conversar com o Bruno. Não sabia como Laya o aguentava. Ah, ela não

conseguia, pois dava uma na cabeça dele e o cara amansava.

— Não brochei, babaca. É que meu corpo cismou que só queria uma mulher, mesmo

eu tentando ficar com outras.

— Tá, chega dessa merda. Não quero saber das suas peripécias sexuais. Que porcaria

é aquela que aconteceu no corredor? Pelo que me consta, Ana estava sumida e antes de

ela ir vocês estavam quase se matando. Não entendi.

Balancei a cabeça e respirei fundo, na verdade nem eu sabia como tudo aconteceu tão

rápido. Sinceramente, tinha até medo disso.

— Não sei te explicar, cara. Só posso te dizer que temos uma carga emocional e um

passado muito doloroso para resolver.

— Eu sei... — ele respondeu com tanta convicção que levantei minha cabeça

subitamente. Meu coração acelerou e, de repente, fiquei nervoso de decepcionar meu

melhor amigo, meu irmão.

— Como assim?

Bruno bufou e fez uma careta.

— Tá na cara que vocês têm muita merda pra resolver, Alberto. Só espero que saibam

que tem uma família que sempre estará ao lado dos dois. Não se esqueça disso. — Engoli

em seco e assenti, não esperava esse apoio incondicional.

Será que depois que ele soubesse de tudo, teria a mesma opinião? Eu acreditava que

não.

— Ei, estou indo ver o tatuado. Vamos lá?

— Claro!

Bruno assentiu e liderou o caminho até o centro de tratamento intensivo. Chegando

lá, nós fizemos todo o procedimento de higienização e entramos. Na cabeceira da cama

do nosso amigo estava Liz, que falava e sorria para Heitor.

— Se esse cara não acordar logo é um idiota. Olha, a Liz está caidinha nele, Alberto.

— Eu sei, vamos torcer para que ele volte. — Pisquei para meu amigo e me aproximei

devagar não querendo assustar a mulher. Mas Bruno não teve a mesma delicadeza.

— Ei, Liz Belle, como está nosso amigo hoje?

Ela deu um pulo e arregalou os olhos, suas bochechas se avermelharam na hora e

olhei Bruno de cara feia.

— Oi, meninos. Hoje, por incrível que pareça, está bem melhor, temos uma

novidade. Ele teve uma reposta cerebral mais ativa, acreditam?

— Você está cantando pra ele, Liz? — perguntei mesmo sabendo que iria constrangê-

la.

— Eu não consegui, parece errado.

— Não sei por que, mas, se o cara gosta da sua voz, cante pra ele.

— Eu ando lendo livros e conversando normal.

— Mas ele quer que cante, menina. Cante, poxa! — Bruno era bem inconveniente

quando queria.

Ela respirou fundo e fez o mesmo tique da outra vez, enrolou uma mecha de cabelo

entre os dedos.

— Tudo bem, eu vou tentar.

— Isso, essa é minha garota! Vamos lá, me deixa dar umas bordoadas nesse tatuado.

Está na hora de acordar, já dormiu demais. O bar está uma loucura sem você.

Bruno passou por nós dois e se aproximou da cama de Heitor verificando sinais

vitais, atividade cerebral e tudo que um médico precisa fazer quando vê um paciente em

potencial. Logo começou a bater papo com Heitor como se ele estivesse acordado e

entendendo tudo.

Liz se despediu e saiu em silêncio, deixando-nos a sós com nosso amigo. Eu e Bruno

ficamos falando com ele por algum tempo e percebi certa mudança no tatuado. Ele estava

com a expressão mais amena e fiquei esperançoso que logo voltasse para nós. Quando a

enfermeira entrou para dar banho nele, saímos prometendo voltar logo e esperando que

ele estivesse bem.

O plantão foi tranquilo e sem grandes incidentes, graças a Deus. Trabalhar com

crianças era uma bênção, mas também muito doloroso quando algo trágico acontecia.

Ana não esbarrou comigo no hospital e eu não sabia o que pensar. Será que ela estava me

esperando na recepção?

Não queria criar expectativas, ainda estava muito recente, Ana era arisca demais e

podia mudar de ideia facilmente. Só que eu havia decidido que minha vida sem ela não

valia a pena e dessa vez seria diferente.

Quando cheguei à recepção, eu a vi sentada numa das poltronas folheando uma

revista com os olhos atentos no que lia, ela não notou minha presença de imediato e

aproveitei para observá-la sem que notasse. O que não durou muito tempo. Ana levantou

a cabeça e me encarou séria por alguns segundos, logo me presenteou com um doce

sorriso.

— Estava te esperando, Beto.

Como eu gostei de ouvir aquilo.

Capítulo 17

Ana Luíza

O correto seria eu seguir Alberto até a casa dele com meu carro, já que eu tinha ido

para o hospital com ele, mas Beto não quis arriscar. Disse que era muito tempo para eu

pensar, de certa forma eu concordava. Apesar de não ter me arrependido de ter aberto

meu coração e arriscado dar uma chance, uma traição te marca e deixa cicatrizes, por isso

acredito que é difícil confiar cem por cento de novo.

Alberto me olhava a cada curva e sorria, eu tentei manter minha pose de mal-

humorada e passei a não virar pra ele, fiquei observando a rua enquanto dirigia, pois ele

ainda não podia e quando chegamos saí sem que esperasse por ele. Aliás, ele estava

muito mais ágil agora que usava apenas uma muleta de apoio.

Entramos e ele foi me chamando para a sala, fazia três meses que não pisava na sua

casa e ela havia sofrido mudanças. Estava mais aconchegante.

— O que aconteceu aqui? Tá tão relaxante o lugar.

Ele sorriu e foi até a estante ligar o som, enquanto fiquei de pé ao lado da poltrona

cor de creme que estava coberta por uma manta colorida. De costas para mim, ele disse:

— Shirlei! Além de enfermeira particular também foi minha decoradora, ela disse

que minha casa era muito impessoal e não sossegou até que eu atendesse todos os seus

caprichos.

— Bem a cara dela.

— Sim, nos tornamos bons amigos.

Não sei por que isso me incomodou, não era ciúme, Shirlei era casada e feliz, sabia

que ela faria de tudo para que eu ficasse bem com ele. Talvez seja isso, ela sabia demais o

que eu sentia e podia ter falado pra ele, apesar de achar que não, pois minha amiga era

muito fiel e bondosa. Mas tinha medo de alguém que me conhecia tanto estar perto dele.

— Espero que não a roube de mim, ou comece tramar planos mirabolantes.

Ele ligou o som, parou na faixa que queria e, em seguida, se virou, sorrindo.

— Não, Ana. Nada de planos mirabolantes, eu prometo. — Ele sorriu e enfiou as

mãos nos bolsos da calça.

Assenti e fiquei sem saber o que fazer, olhando para os lados tentei jogar conversa

fora.

— Bom, foi um ótimo negócio eu ter fugido então. Você fez uma nova amiga, obteve

uma decoração legal e arrumou sua casa. Ah, sem falar na perna que se recuperou bem.

Pela minha visão periférica, vi ele se aproximando como um gato. Conhecia Alberto

muito bem para saber quando ele estava prestes a dar o bote.

— Parece que sim, se não fosse o fato de você ter sumido por três meses, na verdade

estou para te perguntar. Você voltou só agora? Pelo que me consta férias é apenas um

mês.

— Não, eu retornei há mais tempo, mas preferi ficar distante.

— Hum, então o carro que vi muitas vezes aqui em frente não era o seu?

Engoli em seco e dei a volta na poltrona, ele estava perto demais.

— Não.

— Estranho, jurei ter visto seus belos olhos se escondendo quando entrei em casa.

Droga, aquele dia achei mesmo que ele tinha me visto.

— Provavelmente, você está enganado. Eu me mantive a distância o máximo que

pude, até a Shirlei me pedir para cobri-la no hospital. Aliás, acho que ela tramou isso

contra mim, você não está envolvido, Alberto?

Ele riu e balançou a cabeça.

— Ana... cale a boca e dança comigo.

Virei-me e o encarei, percebi que estava andando de um lado para o outro em cima

do tapete e ele estava parado no meio da sala com a mão estendida. Notei também que

uma música suave tocava e eu nem tinha notado, tamanho era o meu nervosismo. A

minha resposta inicial seria não, não queria dançar. Mas isso era o orgulho falando,

decidi não ouvi-lo mais, perdi doze anos escutando esse idiota. Engoli em seco e dei um

passo após o outro até parar na frente dele e colocar minha mão na que ele me estendia.

— Você sabe o quanto é difícil pra mim, né?

— Porque você é uma cabeça-dura, turrona. Mas eu sei sim e te entendo, por isso te

aceito.

E aquilo queria dizer mais que qualquer promessa sem sentido que ele pudesse fazer.

Mais do que qualquer declaração de amor. Ser aceita do seu jeito é maravilhoso e só pode

ser feito por alguém que gosta muito de você.

Ele me puxou para seus braços e encostei a cabeça em seu peito ouvindo as batidas

do coração. Mesmo mancando, Beto me conduziu numa dança. No aparelho de som

tocava a música *Tears in Heaven*, do Eric Clapton. A canção era intensa, melódica,

romântica e se você estivesse muito sensível choraria sem pensar.

Bem, eu estava muito sensível, meus sentimentos estavam bagunçados, meu coração

despedaçado se curava devagar. Eu estava onde deveria, sabia disso, mas minha cabeça

cismava em gritar, em trazer lembranças dolorosas.

— Eu não sei se consigo, Beto. É muito pra esquecer.

Ele me embalava e, ao ritmo da música e intensidade da letra, dançávamos no tapete

da sala.

— Aí que está seu erro, Ana. Isso não é uma coisa que se esquece, mas que se

aprende a conviver. Eu errei, não nego. Assumo toda a culpa, era um idiota infantil e

egocêntrico. Mas eu mudei e pretendo recuperar o tempo que perdemos.

— Mas como nós vamos conseguir? Temos uma carga muito grande!

— Nossa dor foi sentida separadamente, não compartilhamos com ninguém. É igual

quando compartilhamos e dividimos as alegrias com alguém. A dor pode ser amenizada

se outro te ajudar a carregar. Eu te ajudo a carregar e você me ajuda a carregar. Um

relacionamento é assim, um apoia o outro em todos os momentos da vida.

— Você acha que eles devem saber?

— Já passou da hora, amor.

Ouvi-lo falando assim depois de tantos anos fez um nó se formar em minha

garganta. Sentia como se fosse sufocar se não deixasse os sentimentos em liberdade.

Assenti em seu peito e fiquei em silêncio ouvindo a música.

Você saberia meu nome se eu o visse no paraíso?

Você seria o mesmo se eu o visse no paraíso?

Eu devo ser forte e seguir em frente

Porque eu sei que não pertenço aqui ao paraíso

Apesar de tudo, eu e Alberto vivemos num inferno autoimposto quando deixamos a

dor, a mágoa e a tristeza nos segurar. Era hora de seguir em frente, ver a luz, sentir o

amor e a felicidade. Deixar a vida seguir seu rumo.

— Não sei se estou pronta pra falar tudo que eu te disse de novo.

— Eu estarei com você, Ana. A gente tem que tentar, por favor, não me exclua da sua

vida de novo. Agora eu te entendo e você a mim. Não há motivos para nos mantermos

separados.

— Não sei se posso confiar.

— Não vou forçar a confiança vindo de você, isso é algo que se conquista, sei que

uma vez quebrada pode não ser restituída, mas eu prometo lutar cada dia para, pelo

menos, remendar. Sei que ficarão ranhuras do passado, mas eu prometo ser paciente.

— Tá parecendo um voto de casamento.

— É um voto de amor. Eu te amo da mesma maneira, até mais do que anos atrás.

Acredite em mim.

— Eu quero acreditar.

Realmente queria acreditar. A música parou e continuamos abraçados. Sentindo

aquele calor que nos unia, apreciando cada segundo em que nossos corpos estavam em

harmonia. Eu tinha a impressão de que depois que tudo desandou, o universo favorecia

para que continuasse dando errado. Talvez fosse meu mau humor que insistia em colocar

a culpa em alguma coisa, mas estar nessa paz era restaurador.

Senti um toque em meu queixo e levantei a cabeça olhando aqueles olhos azuis e

sorriso de menino.

— Eu não sei o que fazer a partir de agora, Ana. Não sei como agir com você, estou

com medo de cometer alguma burrada.

Seu rosto estava contorcido numa careta engraçada e foi inevitável não sorrir. Era

hora de tomar as rédeas da minha vida; se eu decidi me entregar que fosse de corpo e

alma. Se precisava perdoar para seguir em frente, que o perdão fosse para ambas as

partes: para mim mesma e para ele.

Me afastei do seu corpo e levei minha mão até a frente da minha blusa, desabotoei

cada botão com o olhar atento de Alberto.

— Acho que entre nós não cabe mais espaço para perder tempo, Alberto. Eu,

sinceramente, não sei o que deu em mim pra esquecer tudo, pois foram anos

alimentando mágoas, mas agora que decidi, eu quero tudo! Sem medos, receios, nada

que nos impeça de viver intensamente.

Ele não sabia se olhava para minha blusa aberta ou meus olhos, lambeu os lábios e

se aproximou, espalmando as mãos fortes em minha cintura nua. Colou a boca na minha

num beijo suave que me fez fechar os olhos.

— Então, eu quero fazer amor com você.

Oh, Deus! Tinha muito tempo que eu não sabia o que era fazer amor. Abri meus

olhos e observei como ele me olhava atentamente, procurando por qualquer reação

minha que o impedisse de continuar. Assenti com a boca colada na dele e senti que ele

sorria.

— Só não fique convencido, não suporto quando você está assim.

— Mas você sabe que esse é meu charme, *Ann baby*.

— Não sei onde você acha que isso é um charme, é egocentrismo isso sim.

Ele se afastou rindo e me juntei a ele, Beto estendeu a mão e envolveu meu pescoço

fortemente.

— Senti tanta falta dessa leveza, você não faz ideia.

— Eu faço sim.

Alberto assentiu e me puxou para seu corpo, ele terminou de tirar a blusa pelos

meus ombros, e ela ficou no chão, completamente esquecida.

— Sua pele é tão macia e cheirosa, cada parte sua é deliciosa, Ana. — Desafivelou o

fecho do meu sutiã, que se juntou à camisa branca. — Eu nunca esqueci como era sentir

meus dedos por sua pele, é algo que carreguei por todo esse tempo. Parecia gravado em

minha memória a ferro e fogo.

Desceu os lábios até meu pescoço distribuindo beijos molhados e mordidas suaves

pela minha pele, chegando até o meu ombro e um pouco mais abaixo.

— Eu preciso admitir que amaldiçoei muitas vezes a minha necessidade de ter você.

Mordi a boca quando seu polegar roçou em meu mamilo túrgido.

— Típico de você, Ana Luíza, mas você não sabia? Não ceder aos seus desejos te

torna escravo deles.

Poxa, por que tudo que o homem falava era sexy e sensual? Respirei fortemente

quando suas mãos alcançaram meus quadris e ele as deslizou para frente, desabotoando

o botão da minha calça jeans.

— Eu sei agora.

Com a boca em minha nuca, ele bufou e disse:

— Não sabe de nada, mas eu vou te mostrar.

Beto se afastou e olhou pra mim repleto de desejo e carinho. Seus olhos haviam se

escurecido, as pupilas estavam dilatadas, a respiração acelerada. Ele puxou a camisa

daquele jeito sexy que os homens fazem, tirando sem deixá-las do avesso. Desfez-se da

calça e ficou de cueca à minha frente, e com isso apenas uma peça íntima nos separava.

— Mostra então...

Ele sorriu de lado e assentiu. Aproximando-se, enganchou os polegares em minha

calcinha e a deslizou, deixando-a cair o resto do caminho.

— Desculpa, eu ainda não consigo me abaixar direito. A perna ficou boa rápido, mas

tenho algumas limitações. Queria poder beijar suas pernas, cada parte do seu corpo

quando ainda está de pé diante de mim. Se eu pudesse, me ajoelharia aos seus pés, Ana.

Engoli em seco e olhei pra ele, o homem era magnífico.

— Não tem que se ajoelhar, Beto. Não mesmo.

Ele sorriu e assentiu, me puxou pela nuca e encostamos pele contra pele, fechei os

olhos pela maravilha que era estar assim com ele. Por mais que tenhamos transado dois

meses atrás, não era como isso. Agora nos perdíamos e nos encontrávamos.

Beto me puxou para trás e se sentou no sofá. Entendendo o que ele queria, eu

escarranchei em seu colo e ficamos rosto a rosto. Suas mãos passeavam por minhas

costas e ele me olhava cheio de devoção.

— Será que você ainda vai me amar de novo, Ana?

Engoli em seco como se um nó se formasse em minha garganta. Ah, se ele soubesse.

Mas eu não queria dizer ainda; calei suas palavras e a espera de uma resposta com um

beijo apaixonado. Dizem que atos valem mais que palavras e, por mais que eu sentisse

aquilo não queria falar, não ainda, então resolvi lhe mostrar com aquele beijo o quanto eu

ainda o amava.

Alberto gemeu baixinho e me apertou junto ao seu corpo. Nossas peles se

eletrizavam e se uniam como se fossem uma. Ele se inclinou e me deitou no sofá macio

estendendo-se por cima de mim e encostando a ereção em minhas coxas, ainda cobertos

pelo tecido de nossas peças íntimas começamos um vai e vem sem penetração, com as

bocas coladas.

Era o paraíso estar assim com ele sem nenhuma culpa me assombrando. Será que eu

conseguiria deixar o passado pra lá? Estava esperando que sim.

Beto tirou nossas roupas íntimas, apoiou a perna boa no sofá e entrou em mim com

os olhos fechados; eu também fechei os meus sentindo como era bom estar assim

novamente. Parecia que não havia passado um ano sequer de distância entre nós. Nossos

desejos se transformavam em um só: o de pertencer a alguém.

Ele se movia com maestria e eu me entreguei completamente. Envolvi minhas pernas

em sua cintura e impulsionei meu corpo para que seguisse seus movimentos.

Alberto

levantou o peito para poder olhar em meus olhos e com o rosto contorcido de prazer, ele

aumentou os movimentos, sem desgrudar os olhos azuis dos meus. E quando cheguei ao

clímax, eu simplesmente não pude me conter.

— Eu ainda te amo, Beto.

Capítulo 18

Alberto

Eu não podia acreditar que tudo aquilo era real, ter Ana em meus braços daquele

jeito de novo me trouxe tanta paz que temi estar sonhando. Porém, sentir os dedos de

Ana tocando meu abdômen, quadril e perna trouxe a certeza de que não era um sonho,

mas uma deliciosa realidade.

— Sua perna tá melhor mesmo?

Sorri e assenti, abaixei o rosto em seus cabelos e aspirei o perfume que tanto senti

falta.

— Sim, eu fiz fisioterapia direitinho, ela ficou boa rápido, até demais na verdade.

Mas ainda dói muito.

— Hum...

Ana traçou a extensão da cicatriz em minha coxa com o dedo indicador, subindo

e

descendo.

— Por que a pergunta?

— Nada, só estou receosa de você ficar fazendo muito esforço e te dar algum

problema.

— Ana, mesmo se ela ainda estivesse aberta com pontos recentes, eu não perderia a

chance de estar aqui com você.

Ela se inclinou e apoiou-se nos cotovelos para me olhar nos olhos. Seus longos

cabelos deslizaram por seus ombros e eu os coloquei no lugar aproveitando para sentir a

textura da pele da mulher que eu amava tanto.

— Você é louco, tem noção do que acontece quando não se cuida de uma cirurgia

como a sua? Pode perder a perna por uma infecção boba.

— Eu perderia as duas para estar com você.

Ana arqueou as sobrancelhas e por um minuto pareceu chocada, mas logo riu com

vontade e balançou a cabeça.

— Isso foi ridículo, Alberto. Querido, precisa melhorar suas cantadas, parece que

parou no tempo. Não sou a menina idiota de antes. Como conseguiu viver no harém que

se metia?

Meu sorriso morreu e segurei seu queixo na palma da minha mão.

— Não fala assim, Ana. Não me lembre como fui idiota todos esses anos, como não

cresci e me escondi. Concordo sobre a cantada, mas é verdade. Eu faria o que fosse

preciso para estar contigo assim de novo.

Ana não aguentou sustentar meu olhar e deitou a cabeça em meu peito ficando em

silêncio. Passei a acariciar seus cabelos, deixando-os deslizar por meus dedos. Desliguei

minha mente de qualquer coisa, estávamos numa bolha e ninguém podia nos atrapalhar.

Ana começou a cantar baixinho e fiquei prestando atenção à letra da música,

demorei um pouco a identificar qual era, mas logo percebi que era *Just give me a reason*.

Sua voz era tão doce, e a letra tão significativa.

A música falava de consertar o coração, de aprender a amar de novo, que ainda havia

tempo, que poderíamos seguir em frente. Ana parou de cantar e ficou quieta por um

tempo.

— Você vai comigo contar pra eles?

— Com certeza.

— Sabe que Bruno vai querer te matar.

— Eu sei disso. E não me importo, eu mereço qualquer coisa vindo deles.

Ana passou a mão em meu peito e parou em meu pescoço.

— Então, vamos lá.

***

Ana havia mobilizado todo mundo para um jantar na casa da mãe dela no dia

seguinte, ela passou a noite comigo, dormiu em meus braços tão tranquilamente. Eu não

consegui pregar os olhos. Quando amanheceu, ela foi trabalhar prometendo me

encontrar lá às sete da noite. Eu fiquei nervoso o dia todo.

Consegui sair do hospital às 19h30. Corri para a casa de dona Marisa, que havia me

enviado uma mensagem convidando para o jantar porque Ana tinha uma coisa a dizer.

Me fiz de desentendido e respondi que estaria lá. Quando desci do táxi, vi que todos já

estavam à minha espera.

Não sabia se era bom ou ruim. Chegar por último faz com que todos olhem em sua

direção. Saí do carro e fiquei receoso na porta, pois não sabia se batia ou apertava a

campainha; porém, antes que eu pudesse decidir, Ana abriu a porta, preocupada.

— Ainda bem que chegou, não aguento mais responder as perguntas.

— Como assim? O que está acontecendo?

— Parece que o idiota do meu irmão deu com a língua nos dentes e falou que a gente

estava se beijando no hospital.

— Filho da mãe!

— Pois é, aquele lá não sabe ficar quieto.

Assenti e sorri meio sem graça, por mim não tinha nenhum problema de todos

saberem que estávamos juntos de novo, porém ela não parecia muito feliz com a fofoca

do irmão.

— Tudo bem, Ana. Eu não tenho nada a esconder, agora é você. Está bem com isso?

Ela me olhou por um segundo e sorriu maliciosa, pegou minha mão na dela e me

puxou para a sala onde estavam todos reunidos. Lucas e Sabrina se espremiam numa

poltrona conversando baixinho e se entreolhando apaixonados. Maurício e os meninos

estavam no chão do tapete brincando com uma torre de bloquinhos. Larissa e dona

Marisa estavam arrumando a mesa de jantar e Bruno estava olhando Layla comer

brigadeiro da panela com os olhos arregalados.

— Bem, se não é a família Petri reunida...

Ana apertou minha mão quando todos os olhares curiosos se voltaram para nós.

Bruno sorriu conhecedor, Lucas e Sabrina apenas nos observaram e assentiram, Layla

continuou comendo e acenou, dona Marisa se aproximou e Larissa foi se sentar com o

marido e os filhos.

— Estávamos te esperando, filho. — Ela abaixou a cabeça observando nossas mãos

unidas. — Mas vejo que tinha alguém que te esperava com mais ansiedade, certo? Fico

feliz que, enfim, tomaram juízo nessas cabeças-ocas e pararam de palhaçada.

— Mãe...

— E você, dona Ana, esperou tempo demais. Estava cansada de vê-la sofrendo por aí

e só dando cabeçada, estava vendo a hora que ia te pegar e dar umas boas chineladas na

bunda.

Sorri para dona Marisa e a abracei com o braço livre da muleta, não queria soltar a

mão da Ana porque prometi que estaria ao seu lado e ficaria, mas a mãe dela merecia

minha atenção.

— Eu também estou feliz que tudo se acertou, dona Marisa. Espero que tenha lugar

pra mais um nessa família linda.

Ela balançou a cabeça e deu dois tapinhas em meu rosto.

— Bobinho, você sempre fez parte da família.

Em seguida, deu-nos as costas e foi até a mesa terminar de arrumar. Fiquei

embasbacado tentando entender o que ela quis dizer, mas não conseguia raciocinar nada.

Ana sorriu e me puxou para o sofá, sentamos e Bruno me encarava firmemente.

— Quais são suas intenções com a minha irmã?

O riso foi geral. Estreitei meus olhos para o Bruno, que sorriu amplamente

parecendo exatamente o idiota que era.

— As melhores possíveis, cara. As melhores...

Ana sorriu e abaixou a cabeça. Lucas estava se coçando para falar, mas se mantinha

quieto com o cerco de Sabrina em seu pescoço.

— Ah, cara, eu tenho que falar. Ver Alberto fodão todo romântico e Ana vermelha

ganhou meu dia. Porra, tô feliz!

— Você é um babaca, isso sim. Sabrina, como aguenta esse cara?

A caçula sorriu e deu um beijo no namorado, marido, não sabia bem o que eles eram.

— Ah, porque ele é muito lindo, não acham?

Layla, que não parava de lamber a colher, pois o brigadeiro tinha acabado, sorriu

para nós dois.

— Fico feliz que estejam juntos finalmente. Vê se não deem espaço para mágoas de

novo, conversem.

Ana assentiu e virou o rosto pro outro lado prestando atenção nos sobrinhos que

estavam alheios a tudo em volta. Ser criança é muito bom, não tem preocupações,

somente o que vão comer e brincar.

— Bom, gangue, hora de atacar! — dona Marisa nos chamou com um sorriso no

rosto.

Bruno se levantou e puxou a cadeira para a esposa, que o agradeceu com um beijo.

Acomodamo-nos em pares e após uma oração começamos a comer.

O jantar foi tranquilo, todos conversaram e brincaram. Apesar da gozação inicial,

ninguém estranhou eu e Ana estarmos juntos. Parecia que estavam esperando. O que não

era surpresa, afinal eram doze anos de um romance mal resolvido.

Quando terminamos de comer, dona Marisa veio com uma travessa de mousse de

chocolate, que parecia estar divino. Estranhamente, Bruno e Layla se entreolharam e

sorriram.

Ana se levantou e todos a observaram, dividindo o olhar para a travessa de doce.

— Eu preciso contar uma coisa a vocês. É muito importante que ouçam com atenção.

E todos já sabiam o que viria. Nosso segredo seria revelado à família.

Capítulo 19

Ana Luíza

Sentia como se meu coração fosse saltar pela boca de tão acelerado que estava.

Minhas mãos começaram a suar, meus ouvidos zumbiam, o ar me faltava e tive

que forçá-

lo para dentro dos meus pulmões. Sentia como se todos os olhares estivessem voltados

para mim. E realmente estavam. Por que eu fui cismar de contar a todos de uma vez?

Estava tendo uma ameaça de ataque de pânico e precisava me controlar, senti isso uma

vez e não foi legal. Só que quando aconteceu, eu estava sozinha. Mas agora não, porque a

mão de Alberto, que segurava a minha por baixo da mesa, me trazia de volta à realidade;

e, com ele ali, eu não sucumbiria novamente, apesar de ter sido ele a causa do meu

primeiro ataque.

Abaixei a cabeça e respirei fundo umas três vezes, senti um calor em meu pescoço,

era a mão do Alberto que me envolvia num meio abraço protetor, então ele sussurrou:

— Fica firme, Ana. Eu estou do seu lado.

Assenti e levantei a cabeça, olhei para ele e sorri em agradecimento. À minha volta

só tinha pessoas que me amavam e tinha certeza de que estariam ao meu lado. Então, o

porquê de eu nunca ter dito nada? Era doloroso demais, ver a pena em seus olhos,

perceber o cuidado que eles teriam ao falar de crianças e mulheres grávidas ao

meu

redor, acabaria comigo. Não queria ser lembrada a cada minuto do que eu não poderia

ter, mas também não queria ser tratada diferente. Porém, chegou ao fim, sabia que esse

dia chegaria e estava pronta para abrir meu coração.

— Acho que eu devo desculpas a todos vocês, escondi um segredo que, na verdade,

nem é tão grave assim para muitos, é uma coisa tão “natural” que acontece o tempo todo.

Talvez muitas pessoas não entendam toda a minha dor e revolta, eu não ligo, essa é uma

dor que carrego em meu peito todos esses anos, e percebi que ela se tornou imensa por

carregá-la sozinha. — Respirei fundo e olhei pra minha mãe, que já sorria compreensiva

sem nem saber do que se tratava. — Todos sabem que meu relacionamento com Alberto

acabou de repente e que eu não suportava nem olhar pra ele. Certo? Bem, o que não

sabem é o motivo e isso era insuportável pra mim na época. Ainda é, na verdade. Eu não

queria contar pra vocês por orgulho ou teimosia mesmo, se tivesse dito não precisaria vê-

lo desfilando pela casa, por nossas festas, mas, como não o fiz e tinha que conviver com

ele, passei a desprezá-lo. Acho que isso aumentou e perdi o controle do que sentia, vivia

entre um amor que não queria sentir e um ódio muito bem-vindo. Tudo começou

algumas semanas antes de tudo desabar, quando eu descobri estar grávida.

Minha mãe e Layla se afastaram da mesa e encostaram-se à cadeira com seus rostos

contorcidos naquele sentimento que eu não queria: pena.

— Minha filha, não precisa falar nada... Não mexe na ferida ainda.

Sorri para ela e balancei a cabeça. Se não dissesse agora, não diria nunca mais.

— Não mãe, eu preciso. — Olhei para Alberto, que assentiu e ficou com a cabeça

erguida me dando apoio, apesar de saber que ele estava receoso da reação da minha

família. — Bom, o começo de toda minha maré de azar acho que não precisam saber,

porque é muito pessoal e íntimo. Não irei dar detalhes também porque não consigo falar

muito sobre isso sem desabar. Acho que minha quota de desabafos foi feita ontem. O que

nos separou foi algo muito sério no relacionamento: a perda da confiança. Fiquei

arrasada, mas o que veio depois foi o que me destruiu completamente. Quando eu e Beto

nos separamos, eu estava grávida e duas semanas depois perdi o bebê; e, não satisfeita, a

roda do destino também me tirou o privilégio de ser mãe. Por causa da minha teimosia e

infantilidade, demorei a conseguir atendimento médico e tive complicações. Não

consegui mais ser inteira, hoje vejo que devia ter dito a vocês tudo que aconteceu, talvez

pudessem me colar.

Olhei minha mãe que me encarava com tanto amor, que me senti pequena diante

daquele sentimento puro.

— E por que escondeu isso de nós, Ana? Somos sua família, iríamos te apoiar.

Não conseguia olhá-la nos olhos e abaixei a cabeça envergonhada.

— Sabe o quanto sou orgulhosa, mãe. Preferi ficar em silêncio, sofrer sozinha do que

admitir minha burrice. E também não queria que soubessem o que me fez fugir.

Eu sabia que Bruno, que se manteve em silêncio e muito sério o tempo todo, era o

que mais sentiria. Sempre fomos muito próximos, parecidos até, mas o fato dele ser

amigo de Alberto complicava tudo.

— Acho que é um pouco indispensável que você diga alguma coisa, Ana Luíza.

Sempre soubemos o que separou vocês.

Fiquei tão assustada com o que ele disse que quase engasguei com o ar.

— Como assim, Bruno? — Como eles sabiam se eu tive o maior cuidado de não falar

a ninguém, nem demonstrar sentimentos? Apesar de que nos últimos anos me tornei

menos cuidadosa quanto a isso.

Meu irmão bufou e desdenhou com a mão.

— Desde que começaram a namorar, eu sabia que daria errado. Pedi ao Alberto para

se afastar, mas ele se negou, estava encantado com sua beleza e vivacidade. Coisa que se

apagou, né? — Olhou pra nós dois e senti um aperto no peito pelo que ele estava falando.

— Você sempre foi muita sonhadora e ele um mulherengo assumido. Porém, acreditei

que ele mudaria, afinal minha irmã era encantadora, linda, alegre, apaixonada pela vida...

Quando Ana surtou e saiu do apartamento, eu simplesmente liguei os pontos.

Alberto engoliu em seco e vi como ficou envergonhado com o olhar ferino do meu

irmão. Ele olhou Bruno nos olhos e suspirou.

— Sinto muito, já não sei o que fazer para reparar o que fiz para Ana e todos nós.

Bruno balançou a cabeça e cruzou os braços sobre o peito.

— Não tem que se desculpar, não pra mim. O pior já passou. Só que coloque algo na

sua cabeça, cara. O homem quando ama não olha outra mulher com desejo, não se

importa se ela engordou ou emagreceu, se acordou de mau humor ou se está

resplandecente de alegria. Quando a gente ama só existe *aquela* mulher, a gente ama o

que ela é, o que representa em nossas vidas, amamos a maneira como nos torna

homens

melhores. Eu entendo que você não teve uma boa base de um relacionamento na infância

e por isso pode ter ficado confuso, mas agora tem, não há desculpas para ser tão babaca!

— Sorriu de lado e olhou pra mim. — E isso vale pra você também, Ana. Não é porque

você não pode ter filhos que esse idiota vai te amar menos. Não crie problemas onde não

existe.

Tive certeza de que suas palavras emocionaram a todos, mas eu não podia olhar para

o outro lado nem se quisesse. Sorri em agradecimento, meu irmão era simplesmente

incrível.

— Eu sei disso, irmão!

Bruno assentiu e levantou-se, não antes de dar um beijo em Layla e sussurrar alguma

coisa em seu ouvido, que a fez sorrir com lágrimas nos olhos. Ele deu a volta na mesa e

abaixou-se ao meu lado, me virei e olhei nos seus olhos azuis.

— Você não deveria ter sufocado isso por tanto tempo, Ana. Somos sua família. Não

iríamos te tratar de modo diferente, ter pena de você... Nunca!

— Já estão diferentes, seus olhos estão brilhando de lágrimas não derramadas,

Bruno.

— Não Ana, não é pena. É compaixão, amor e compreensão. Nós nunca pensamos

em algo assim tão doloroso, se eu soubesse tinha te salvado de si mesma há muitos anos.

Mas eu te entendo, sei o porquê de se manter em silêncio, só não pense que ficaremos

diferentes com você.

Estendi a mão e envolvi o rosto do meu irmão com carinho, me virei e olhei minha

cunhada com um sorriso no rosto.

— Eu estou feliz que construiu uma família, irmão, nunca duvide disso.

Tinha medo de ele ficar receoso quanto a estar feliz com sua vida por minha causa e

não queria isso. Era um dos motivos pelos quais guardei tudo pra mim.

— Nunca, Ana. Eu te conheço, apesar da pinta de durona, sei muito bem quem você

é. — Olhou para Alberto e franziu a testa. — Você sempre fez parte da família, sabe que

errou, não sou eu que te darei alguma lição, ou porrada na sua cara, que, por sinal, você

merece. Não me meti anos atrás por saber que eram dois adultos num relacionamento

consensual. Mas espero que use todos os dias da sua vida para consertar isso.

Alberto parecia emocionado com as palavras do Bruno e assentiu.

— Pode ter certeza disso!

— Bom! Agora vamos comer essa mousse logo, que eu tô com desejo.

Bruno levantou-se e deu um beijo em meu rosto e dois tapas no ombro do Alberto.

Em seguida, voltou para o lado da esposa e a abraçou.

Aquela linda família era minha e eu era feliz por tê-los, a aceitação e compreensão

incondicional me pegou desprevenida. Tive que engolir em seco algumas vezes para

poder segurar o choro. Alberto apertou minha mão e eu tive certeza de que ficaríamos

bem. De um jeito ou de outro.

***

Depois do jantar, como sempre, nos dividimos. Meninos de um lado, meninas do

outro. E era nessa hora que eu sabia que viriam as perguntas. Eles me olhavam estranho

desde que tudo foi revelado, principalmente minhas irmãs.

Acenei para Alberto, que se juntou aos caras para beber uma cerveja e jogar

videogame, nós fomos para a cozinha ajeitar tudo. Assim que pisei na entrada, Larissa

parou de secar a louça e se virou segurando um pano de prato.

— Então, Ana Luíza, vai contar agora o porquê de esconder isso da gente tanto

tempo? — minha irmã mais velha parecia dividida, estava entre ser compreensiva ou ficar

brava. Eu a entendia, afinal ela nos criou junto com mamãe.

— Larissa, dê um tempo pra sua irmã — minha mãe disse ao entrar na cozinha com

o dedo em riste para ela.

— Mãe, ela não pode fazer isso. Somos parte de uma união, ela tem que entender que

estamos juntos pra qualquer coisa, qualquer motivo. Acho que você e Sabrina não gostam

de nós. Por que esconder uma dor assim? Ela pode ser compartilhada e amenizada.

Sabrina, que estava guardando os talheres, se virou e fez uma careta.

— Não me coloca nessa, eu já tive minha quota de sermões. — Mostrou a língua para

as costas da nossa irmã e sorriu para mim, compreensiva.

Ela sabia o que era sofrer em silêncio, se amargurar. Mas ela não esperou tanto

tempo quanto eu. Sempre fui a mais orgulhosa das mulheres Petri, talvez eu tenha

puxado à família do meu pai. O sangue italiano corria por minhas veias, muito mais que

o resto da família.

— Ana teve seus motivos, tenho certeza disso. — Layla me olhou com um sorriso

doce e abençoei a mulher com quem meu irmão tinha se casado.

— Mas eu ainda quero saber... — Larissa parecia uma criança, às vezes, eu a conhecia

bem e sabia que seria a mais difícil de lidar.

Bufei e revirei os olhos. Se ela queria saber eu diria, e que Deus me ajudasse depois

disso.

— Cara, por que você tem que ser tão chata? Eu não quis dizer na época porque tinha

vergonha de ter levado um chifre e, ainda por cima, ter visto o rosto do meu namorado

em êxtase quando a vadia subia e descia no pau dele. Está satisfeita? Por ter sido tão

idiota em acreditar nas promessas dele e na amizade dela. Por ter sido tão ingênua de ter

sonhado que me casaria e seria feliz para sempre com meu marido, fiel e apaixonado, e

com meu filho nos braços. Porque eu estava sangrando por dentro por ter perdido meu

bebê e porque jamais sentiria aquele amor incondicional de novo. Satisfeita, Lari?

Engoli em seco e percebi que estava chorando desde que a primeira palavra saiu da

minha boca e notei minha garganta doendo, porque eu estava gritando feito uma louca.

Larissa sorriu e fungou como se estivesse segurando o choro.

— Agora sim, estou satisfeita!

Franzi a testa e vi que todas tinham parado de fazer qualquer coisa e olhavam pra

mim, não era de se admirar porque eu surtei total.

— Como assim, Larissa? Satisfeita de eu ter surtado?

Minha mãe se aproximou e envolveu-me em seus braços.

— Não, minha filha, porque você desabafou tudo que te engasgava.

Larissa se aproximou do outro lado, me envolvendo num abraço também.

— Você sufocou isso por anos, não acreditei naquela doçura na mesa de jantar. Você é

explosiva e tem que jogar tudo fora. Já fez isso com ele? Porque merece umas belas

cuspidas na cara. — Eu ri e balancei a cabeça negando, ela sorriu e acariciou meu rosto.

— Mas, falando sério, Ana, agora que você resolveu que tudo vai dar certo, tem que se

livrar dessa mágoa. Já que resolveu perdoar tem que ser de verdade e engolir isso tudo

não é um bom remédio, sabe disso.

Sabrina se aproximou e envolveu meu rosto entre suas mãos pequenas.

— A dor só traz dor, irmã. O amor cura, remenda, conserta tudo.

Layla entrou no pequeno espaço que sobrou e beijou minha testa.

— Tá na hora de se perdoar, Ana Luíza, estamos aqui com você. Sempre! Somos uma

família grande, bagunçada, cheia de problemas, mas somos uma família. E isso é o que a

família faz, se apoia, xinga, briga. Ama...

Aquelas quatro mulheres significam mais pra mim do que qualquer coisa. Se eu

tinha alguma dúvida de que ficaria bem já não existia mais. Elas fariam o que estivessem

ao seu alcance para me trazer de volta. Agora não estava sozinha. E me perguntei porque

mesmo escondi isso tudo delas por tanto tempo? Eu era uma idiota e sabia muito bem

disso. E apesar de ser isso, ter feito o que fiz e esconder da minha família, eles ainda me

amavam sem pedir nada em troca.

Senti como se estivesse num *déjà vu* alguns meses atrás quando Sabrina nos contou o

que lhe aconteceu e demos o apoio que ela precisava. Olhando as quatro nos olhos, cada

uma com suas personalidades, problemas, loucuras... eu só constatei que as amava.

— Eu amo vocês, meninas!

E meu coração se desfez de mais um peso, ainda não estava colado por inteiro, mas

tinha fé que se curaria e eu poderia viver plenamente.

Capítulo 20

Alberto

Ouvir Ana falando aquilo tudo, aliás, gritando, sem eu estar presente, desabafando

para outras pessoas, me fez perceber que ainda não tínhamos chegado ao ponto da

questão. O nosso bebê perdido tinha sido perdoado assim como o meu abandono, mas a

traição ainda a envenenava. Não soube muito bem como agir com aquela informação, não

sabia se ela falaria aquilo comigo, porém eu lhe mostraria todos os dias que somente ela

existia pra mim.

Orava para que isso desse certo!

— Então, que confusão, hein?

Olhei para Lucas que me encarava com os olhos repletos de perguntas e eu não sabia

se queria dar.

— Pois é, muito mais do que vocês imaginam.

Bruno ficou em silêncio e não disse nada, apenas balançou a cabeça parecendo

decepcionado. Algo que sempre temi, ele era muito importante pra mim e sabia que se

ele descobrisse iria me culpar, por isso fui homem o suficiente e admiti o que fiz anos

atrás.

— Eu não vou dizer mais nada do que já disse, cara. Só que não será fácil pra você

lidar com a Ana, ela está um pouco fragilizada agora, mas você a conhece bem e isso não

vai durar muito. Sabe que isso ainda vai te bater na cara, né? — Bruno falava com as

sobrancelhas arqueadas e um leve sorriso no rosto.

— E você tá feliz com isso?

— Com certeza, porra! Quero ver o circo pegar fogo. — Todos riram da sua gracinha

e ele logo emendou: — Mas, falando sério, você merece suar e lutar por ela.

— Não precisa me dizer mais isso. Eu sei e vou lutar.

Lucas olhava entre nós como se estivéssemos jogando pingue-pongue.

— Eu tô feliz! Não é só eu que tenho que aguentar as mulheres Petri

Maurício, que estava alheio até o momento, levantou a lata de cerveja num brinde

mudo.

— Por ela vale a pena qualquer coisa que eu venha a enfrentar.

Bruno assentiu, seguido de Lucas e Maurício.

As mulheres Petri eram impulsivas, orgulhosas, intensas e amorosas, acho que

éramos todos sortudos pelas mulheres que tínhamos.

— Ficaram sabendo do tatuado? — Lucas falou chamando a atenção e todos, até

mesmo as mulheres, entraram na sala devagar e... abraçadas.

— O que houve com o Heitor? — Layla era a mais abalada com o estado do cara, acho

que por conviver mais com ele. Mas todos nós estávamos chateados com a condição em

que se encontrava.

— Parece que a Liz resolveu cantar pra ele e o cara mexeu a mão, mas ela se

assustou

e parou.

Bruno arregalou os olhos e se inclinou com os cotovelos apoiados nos joelhos.

— Liz está muito ligada à medicina tradicional, à ética no trabalho... mas nem

sempre é assim, sabemos muito bem disso.

Ele olhou para mim e assenti. Vimos um caso parecido quando ainda éramos

residentes, algo não tradicional que nos fez pensar muitas coisas a respeito da vida.

Porém, Lucas ainda não tinha terminado.

— Eu falei com ela para fazer de novo e ela prometeu tentar novamente, mas que ia

continuar falando e lendo pra ele.

— Bom, espero que não demore muito, estou quase perdendo as esperanças. —

Bruno não havia se mostrado descrente até aquele momento, típico dele porque não

demonstrava o que sentia. Sempre ficava escondido atrás daquele ar brincalhão.

Layla se aproximou do marido e colocou as mãos em seus ombros, que virou e

beijou-a delicadamente. Ela já apresentava uma barriguinha visível, afinal estava de seis

meses. De costas nem repararíamos que esperava um filho, estava linda grávida.

— Tenho certeza de que dará tudo certo, ele vai ficar bem e vamos seguir com nossas

vidas agora que tudo está caminhando.

Ele olhou entre mim e Ana, que abaixou a cabeça e se afastou das irmãs e da mãe,

vindo sentar-se ao meu lado.

— Será que está mesmo?

Seus olhos estavam duvidosos e meu coração acelerou com o que vi. Droga, estava

bom demais para ser verdade! Aproximei-me do ouvido dela e sussurrei:

— Eu vou fazer dar certo, Ana. Vou compensar tudo isso, ok? E não hesite em me

falar qualquer coisa que quiser. Eu aguento o tranco.

Afastei-me e vi que ela sorria. Fiquei até surpreso por vê-la tão à vontade comigo.

— Aguenta mesmo?

— Com certeza! Qualquer coisa por você.

Ela assentiu mais aliviada, sabia que ela sentia que poderia explodir a qualquer

minuto. Ana não engoliria tudo tão facilmente e eu estava preparado para o que viesse.

Ficamos de mãos dadas ouvindo toda a conversa. Layla e Bruno sempre estavam

juntos e apaixonados, Sabrina e Lucas ainda curtiam uma lua de mel de reconciliação,

apesar de ela estar grávida de três meses.

— Minha ultrassonografia é amanhã, será que consigo ver o sexo do bebê?

Bruno sorriu e olhou pra mim.

— Talvez sim, talvez não. Pode ser que veja, mas é muito cedo e pode ficar incorreto

então se ver é bom fazer outra mais adiante pra ter certeza.

Ela assentiu e passou a mão na barriga que quase não se percebia.

— Eu acho que é menino.

Lucas revirou os olhos e balançou a cabeça.

— É menina, amor.

— Não, a garotinha vem pro Bruno sofrer, meu filho vai tomar conta dela.

Dona Marisa, que observava a todos, sorriu encantada.

— É tão bom ver vocês todos felizes, é um sonho que realizei. Mas sinto que ainda

falta algo, talvez um complemento.

Ana ficou tensa e riu para a mãe. Todos os filhos tinham herdeiros a caminho ou já

nascidos, era natural que sentisse falta de um bebê da menina do meio.

— Deve ser o Heitor, mãe.

Ela estreitou os olhos e assentiu.

— É, pode ser... — Às vezes, Dona Marisa era tão misteriosa.

O que ela disse ficou no ar e me acompanhou até em casa. O que ela queria dizer

com aquilo? Ana não podia ter filhos e por isso não viria um bebê de nós dois.

Meu celular vibrou quando entrei em casa após deixá-la. Por mais que eu tenha

pedido, ela disse que era muito para duas noites e precisava dormir, pois no dia seguinte

tinha que trabalhar cedo, porque teria plantão de 24h. Olhei para a tela do celular e

respirei fundo. Ainda tinha que lembrá-la desse fato da minha vida.

Respondi rapidamente e prometi ir no final de semana. Após a resposta de

despedida entrei em casa e fechei os olhos. Esperava que o destino estivesse a meu favor

dessa vez.

***

Podia parecer brincadeira, mas não tinha retornado com Ana, nem mesmo uma

semana, e já sentia falta dela. Acordar sem tê-la em meus braços me causou um caso

grave de mau humor. Fui trabalhar com um tremendo bico, mas ao chegar perto das

minhas crianças tudo se desfez. Elas eram minhas alegrias e muitas vezes ficava me

sentindo impotente sem poder fazer muito por elas. E esse dia era um deles. Uma

paciente de apenas cinco anos na área oncológica teve uma crise respiratória e fora do

meu plantão, quando cheguei já tinha um médico a atendendo.

Entrei no quarto e já tinham estabilizado a menina. Esperei que terminassem e me

dessem todos os passos do ocorrido. Quando o médico se afastou, ele olhou em meus

olhos e assentiu se aproximando.

— Você deve ser o pediatra, sou o João Marcos, oncologista, e estou trabalhando no

hospital aqui perto. Estava a caminho quando uma das enfermeiras de lá, que trabalha

aqui, me chamou.

— Prazer, João. Sou Alberto Brenner. Que bom que conseguiu vir a tempo. Meu

celular deu fora de área a manhã inteira, deve ser por isso que não conseguiram entrar

em contato.

— Bem provável, mas por enquanto está tudo bem com a paciente. Mas o caso dela é

muito instável.

Olhei para a pequena que agora, sedada, descansava enquanto os pais a acariciavam

desolados. Era uma dor enorme passar por aquilo, eu sabia muito bem disso.

— Eu sei. — João Marcos assentiu e foi saindo. — Aceita um café? Por

agradecimento.

— Não precisa agradecer, eu estava bem perto. Mas aceito o café, vou enfrentar um

plantão bem longo agora e meu paciente não é fácil. Sabe como é, sou amigo da mãe dele

e o rapaz abusa.

Sorri e liderei o caminho até a lanchonete, sentamos numa das mesas e pedi dois

cafés puros.

— Então, você é oncologista?

— Sim, é uma profissão que muitas vezes nos traz felicidade, mas outras que são

bem tensas. Eu odeio perder um paciente.

— Quem gosta, não é mesmo?

— Sim, esse meu paciente luta contra o câncer há anos, entrou em remissão, vivia

bem até que voltou com tudo. Já tentei os melhores tratamentos, mas ele é feliz e acho

que faz muita diferença.

— Com certeza, se entregar agrava mais o estágio, mas onde você está trabalhando?

— No Hospital Municipal. A melhor área oncológica é lá.

Assenti e tive que concordar, apesar de ser um hospital público era o que tinha mais

recursos, talvez fosse o fato de ter um beneficiário anônimo que ajudava.

Abri a boca para responder, mas vi Lucas andando com uma cara não muito boa em

minha direção.

— Ei, o que está fazendo sem a muleta?

Revirei os olhos e olhei para ele.

— Oi pra você também. Saí atrasado e esqueci dela. Tudo bem, doutor?

— Não seja debochado, cara. Sua perna está indo muito bem, não vai estragar tudo.

— Relaxa, Lucas, eu estou bem. Aqui, deixa te apresentar. Dr. João Marcos, Lucas

Bonatti. Esse moleque me operou alguns meses depois de um acidente e acha que é

minha mãe.

— Se eu fosse sua mãe te daria uns tapas. — Virou-se para o João e estendeu a mão.

— Prazer, cara! É novo no hospital?

João apertou a mão de Lucas e negou com um aceno.

— Não, na verdade eu só vim socorrer uma paciente, mas já estou de partida. Um

plantão me espera.

Ele levantou e bebeu o resto do café. O cara parecia legal e achava que podia se juntar

à nossa turma.

— O seu plantão é de 24 horas?

— Isso.

— O que acha de ir a um bar familiar que frequentamos? O *Beer* é muito bom.

O cara sorriu e viu as horas no relógio de pulso, levantou os olhos e balançou a

cabeça.

— Já me falaram desse bar. Será muito legal, não conheço muita gente por aí. Vou

sim, encontro vocês lá.

Assenti e esperei que ele se afastasse, levantei-me para ir trabalhar. Lucas ainda

estava parado ao lado da mesa com os braços cruzados e a pose de médico mandão.

— Se você me aparecer sem a muleta de novo, eu vou te bater.

— Ok, mamãe.

Ele riu e se afastou com um sorriso debochado no rosto e balancei a cabeça. Voltei ao

trabalho, mas estava ansioso para o dia seguinte, para poder ver minha Ana e ter certeza

de que estávamos bem.

Capítulo 21

Ana Luíza

— Ei, Ana, como tem passado? Hoje, eu estou um poço de alegria, quer um pouco?

Levantei os olhos da prancheta na minha mão e encarei Will. Ele não estava bem e

percebi isso desde o momento que entrei no quarto. Normalmente ele era muito

animado, gostava de brincar, fazer gracinhas sempre com um sorriso no rosto que parecia

colado. Nesse dia, em especial, o sorriso não estava lá, em seu lugar havia uma tristeza

que rezei para que não aparecesse naquele rosto tão lindo.

— O que foi, Wiil? Roubaram seu bico?

— Rá, rá. Muito engraçadinha. — Ele fez uma careta e se virou para o outro lado

olhando para a janela. — Está um dia lindo, não? Eu costumava jogar bola todos

os dias

de manhã quando estava assim, quer dizer, até meus pulmões se tornarem dois tecidos

inúteis.

— Não fale assim, Will. Você vai ficar bem, e outra, tem muitas crianças piores do

que você. Cadê aquele menino feliz que encontro todos os dias?

Ele virou a cabeça e seus olhos mostravam toda a dor que enfrentou nos últimos

meses.

— Eu estou cansado, Ana. Só queria que isso terminasse, sabe? Não aguento mais ter

esse monte de tubo enfiado em mim, as pessoas me olhando diferente com medo que eu

vá morrer a qualquer momento na frente delas. E o pior de tudo é o olhar de desolação da

minha mãe. Você a viu outro dia, certo? Eu mantenho essa máscara de felicidade porque

não a quero tão preocupada comigo; se eu partir, quero que ela viva feliz sabendo que eu

estou bem.

Suas palavras eram verdadeiras e cheias de dor. Eu sempre soube que a sua

felicidade exagerada tinha algum motivo. Não que ele não fosse otimista e tivesse fé de

que ficaria curado, que isso é um quesito importantíssimo no processo de cura. Mas nós

temos dias em que estamos desanimados, cansados e até mesmo queremos desistir. Isso

estando saudáveis, agora imagine as pessoas que passam por situações complexas como

o processo doloroso de um câncer. Will se mantinha firme todos os dias pelos familiares,

e isso o estava cansando.

Larguei minha prancheta na mesinha ao final da cama e respirei fundo. Coloquei as

mãos nos bolsos do jaleco e me aproximei da cabeceira dele. Olhei seus olhos e sorri.

— O que eu deveria fazer é te dizer que deve continuar firme, que sua mãe vai ficar

bem, que você não pode perder as esperanças... Enfim, eu deveria te apoiar e ajudar

assim, desse modo. Só que eu não sou uma pessoa tradicional.

— Isso eu já percebi...

— Espertinho. É sério, eu não sei dizer algo a alguém que não irá acontecer. O seu

futuro só pertence a Deus, é possível sim que você se recupere, se cure e viva uma vida

longa, saudável e feliz, como também é possível que não aconteça. E você sabe disso, e te

assusta também. É como um menino que ainda precisa do colo da mãe, porém está se

forçando a dar colo. E isso não é legal, Will.

Ele abaixou a cabeça e mexeu na barra do lençol branco com o logotipo do hospital

que o cobria até a cintura.

— Mas eu preciso que ela fique bem, Ana.

— Tenho certeza de que ela precisa que você fique também, Will. Mas, como alguém

que já perdeu um filho, sem nem mesmo conhecê-lo, eu posso dizer que nada no mundo

vai prepará-la para a dor de te perder. Você pode ser o menino mais alegre e feliz do

mundo, que sua mãe vai sofrer se partir. Nenhum pai deveria ver seu filho ir antes dele,

ninguém nos prepara para isso. Então, meu querido, seja feliz sim, seja alegre sim, tenha

esperança e fé. Mas, acima de tudo, deixe que ela saiba o quanto você precisa do amor de

mãe. Deixe que ela te acalente num dia como esse, chore no colo dela que ela, com

certeza, irá trazer sua alegria de volta. Seja o filho e deixe-a ser a mãe. — William

levantou a cabeça e enxugou os olhos com as costas das mãos. Eu o acariciei na careca e o

abracei meio desajeitada. — Você vai ficar bem, menino. Tenho certeza disso.

Ele envolveu os braços em minha cintura e chorou por alguns minutos, meu coração

se enterneceu por ele. Não sabia o que faria se tivesse que passar por uma

situação

assim: estar doente sem uma visão do futuro. Mas, na verdade, quem tem? Não sabemos

o que vai nos acontecer no minuto seguinte, só nos resta viver com fé que estaremos bem

acima de tudo.

— Bem, e eu que achei que o charme desse moleque não iria te pegar, hein, Ana?

Acho que me enganei. — A voz de João Marcos nos assustou e nos separamos, Will

rapidamente enxugou o rosto e fiquei na frente dele para que pudesse se recompor sem

que o médico o visse. Me virei e encarei o intruso.

— Pois é, quem resiste a esse careca?

— Eu te disse. Ela está caidinha por mim desde o dia que nos vimos a primeira vez.

João sorriu e entrou no quarto pegando o prontuário e o analisando enquanto falava.

— É, acho que essa eu perdi.

— Perdeu mesmo! — Will emendou, piscando um olho pra mim.

— Ei, eu estou aqui. Vocês sabem, né? E ambos não têm nada a ganhar ou perder,

pois eu não estou disponível.

João e William me olharam com o cenho franzido.

— Não está? — o médico perguntou com uma pontinha de decepção em sua voz.

— Não mesmo! Primeiro, que não sou uma mercadoria para se ganhar. — Olhei para

Will, expressiva, e ele sorriu balançando as sobrancelhas. — E segundo, é muito

complicado. Então, os dois galanteadores podem guardar suas armas que a *nurse* aqui vai

sair de cena.

João me olhava fixamente, verificando se eu estava falando sério. Já era hora de

cortar qualquer esperança que ele tinha sobre mim. Apesar de não saber bem qual era o

meu futuro com Alberto, nem em que pé estávamos, e de o doutor ser lindo de viver, eu

não sentia atração por ele, apenas um carinho de amigos.

— Tudo bem, então. Você pode vir comigo, Ana? Queria passar alguns

procedimentos com você.

— Claro. — Esperei que ele saísse e olhei para Will revirando os olhos, entediada dos

procedimentos que teria que ouvir. Ele riu e sacudiu a cabeça.

João me esperou do lado de fora do quarto com aquela mesma pose de ditador que

tanto me irritava.

— Não está mesmo disponível? — Sorri amplamente e neguei com a cabeça. — Que

pena, tinha esperanças.

— Sei disso.

— Bom, e eu queria te falar que agradeço o que disse para o Will.

Arregalei os olhos surpresa, eu sabia que ele poderia ter ouvido alguma coisa, mas

pelo jeito escutou muito mais do que pensei.

— Não foi nada de mais!

— Como não? Estou cansado de ver ele e a mãe sofrendo. Cecília se faz de durona,

mas sei que ela sente falta de cuidar de Will, o que ele não tem permitido desde que

adoeceu. E o garoto precisa parar de ser tão turrão, isso não faz bem.

— Sei que não, sofri por anos com isso e me fez ver que é só perda de tempo.

João assentiu e cruzou os braços sobre o peito.

— Ela está muito abalada. Quando o pai de Will faleceu, ela passou a se dedicar

exclusivamente ao menino e depois da remissão se intensificou. Não sei o que fazer para

que ela sobreviva se algo acontecer a ele.

— Você a conhece há muito tempo?

— Desde que éramos crianças, nossas mães eram amigas e crescemos juntos.

Ele não me olhava nos olhos e percebi que a preocupação e cuidado com a mãe e o

filho não era apenas de amizade.

— Você gosta dela.

— O quê?! — Ele se assustou e gritou. Percebendo a altura do que disse, encolheu-se

e me encarou com o cenho franzido. — Como assim, Ana?

Desdenhei com as mãos e fiz uma careta.

— Eu vejo como você olha para Will e o vi com Cecília outro dia. O carinho que tem

por eles, principalmente ela é diferente do que o cuidado de um médico, ou amigo.

João descruzou os braços e respirou fundo, olhando para o corredor além de mim.

— Eu amo os dois, sempre amei!

— Diga a eles, João. William pode não ter muito tempo; e a mãe, bem, ela precisa de

apoio e muito carinho agora. Sei disso.

— Ela não gosta de mim assim, Ana. Eu me declarei há muitos anos quando ela foi se

casar, e sei que nada mudou.

Ai, homens! Só se ela fosse muito louca para não gostar de um cara como João

Marcos.

— Olha, eu não a conheço como você. Mas as coisas mudam, a vida segue caminhos

que a gente não espera. Nos distraímos com os problemas e quando nos damos conta o

tempo passou. Não o deixe passar, o não você já tem, né? — Dei de ombros e ele me

olhou desconfiado, sorri e dei dois tapas em seu ombro. — Não espere tanto tempo para

ser feliz, João. E aquele menino no quarto? Ele te ama como um pai. Dê a ele o amor que

precisa agora e esperamos que esse sentimento o ajude a ter forças para enfrentar essa

doença.

Ele assentiu meio emocionado e me afastei para o próximo quarto, porém, quando

estava para entrar ouvi-o me chamando.

— Ei, Ana.

Parei e olhei para ele, que estava sorrindo meio encabulado.

— Obrigado.

— Não há de quê.

— Então, eu vou ao bar que você me indicou. Te vejo por lá? — Estreitei meus olhos e

ele levantou as mãos e logo emendou. — Como amigos, claro.

— Pode ser que eu passe por lá amanhã, preciso olhar minha agenda.

— Tudo bem. Bom, vou indo. Preciso animar um garoto deprimido.

— Boa sorte.

Ele sorriu e entrou no quarto de Will novamente. É, a vida tem mesmo caminhos

estranhos que nos levam a lugares que não esperávamos. Eu já tinha resolvido um

possível mal-entendido, agora era esperar o que o destino, que costumava brincar

comigo, me traria.

Entrei no quarto e cumprimentei a menina que estava deitada brincando com uma

boneca.

— Bom dia, querida. Como está se sentindo hoje?

Ela levantou a cabeça e sorriu para mim. Aquele sorriso era o que me fazia acreditar

na beleza da minha profissão.

Capítulo 22

Alberto

“Por que você não veio aqui quando terminou o plantão?”

Digitei no celular com uma rapidez, que nem eu sabia que tinha e aguardei ansioso

pela resposta.

Logo o telefone apitou.

“Olá, querido. :p Porque eu estava moída e precisava de um banho e da *minha* cama.

E outra, você não me disse nada convidativo para que me desviasse do caminho da minha

casa.”

Nem respirei, respondi em seguida. Não sabia quanto tempo teria até que Ana caísse

no sono. Se ela ainda fosse a dorminhoca da época que namorávamos era só encostar que

ela dormia rapidamente.

“Como não dei motivos? Quer um maior do que eu deitado na cama com você,

fazendo cafuné até você cair no sono? :D”

Nem um minuto depois, veio a resposta que eu esperava.

“Realmente é um estímulo e tanto, mas agora já estou debaixo das minhas cobertas.

Não saio por menos de um milhão de dólares.”

Sorrindo, digitei:

“Dólares? Que mercenária! Já viu quanto o dólar tá custando? Vou ter que duplicar

meus plantões pra te sustentar, mulher. Rsrs. Mas agora, falando sério, você vai ao *Beer*

hoje à noite? Estava a fim de dar uma saída e quero te ver. Já que não me convidou para

uma noitada na sua casa.”

“Ué, mas achei que você estava falando sério desde o início. E outra, você não precisa

de convite. Minha porta e minha cama estão à sua disposição. É só vir. Eu vou sim, é um

convite? Um encontro? ;)”

Eu não sorria tão amplamente desde a minha juventude quando Ana apareceu no

meu apartamento vestindo uma *lingerie* extremamente pecadora com cinta-liga vermelha.

Senti até minhas bochechas doerem.

“Pode ter certeza, boneca. Isso é um encontro! Te espero lá, não me dê um bolo.”

Não houve resposta, mas eu sentia que era uma coisa boa. Porque, quando Ana

ficava envergonhada com alguma coisa, ela escolhia o silêncio como resposta. Esperava

que realmente não levasse um bolo em nosso primeiro encontro real como... namorados?

Era isso que nos tornamos novamente? De inimigos declarados voltamos ao início?

Não! Depois de tanta coisa que passamos não tinha como começar, nós teríamos que

recomeçar. Carregar todo o passado junto, aprender a conviver com ele, aceitar, perdoar...

Tínhamos lembranças boas e ruins, elas não poderiam ser apagadas, nem eu queria isso.

Como disse um amigo uma vez: É pra frente que se anda.

***

Quando cheguei ao *Beer* notei logo de cara que seria uma noite bem cheia. Elisa e sua

assistente estavam a mil pelas mesas e vi Bruno perto do palco com uma cara de poucos

amigos. Lucas estava atrás do balcão e Sabrina o ajudava a servir o bar.

Me aproximei do meu amigo que nem me notou, pois olhava o corredor que levava ao

camarim com a testa franzida de preocupação.

— Que cara de bunda é essa?

Ele se virou e me encarou friamente, voltando-se para a posição de origem.

— Vê se me erra, cara, não estou com humor pra gracinhas.

Arqueei as sobrancelhas e estranhei a atitude agressiva do meu amigo, que sempre

se manteve com um sorriso sarcástico no rosto e uma gracinha na ponta da língua. Para

ele estar assim só havia um motivo: Layla.

— Que houve, cara? Precisa de ajuda para esconder algum corpo?

— Se eu precisasse de ajuda pra isso não pediria a você, o cara mais escandaloso e

desastrado do mundo. Desculpe a grosseria, mas hoje não estou bem mesmo. Layla

resolveu escolher esse dia pra testar minha paciência.

Cocei a cabeça, preocupado. Dei a volta ficando de frente para ele, estava cansado de

olhar para as suas costas. Bruno parecia que tinha feito um plantão de setenta e duas

horas.

— Fala, Bruno. Sabe que só desabafando que consegue jogar essa merda toda fora.

Ele suspirou e balanceou o olhar entre mim e o corredor.

— Tive um dia infernal no hospital, perdi um paciente na mesa de cirurgia e Layla

não tá passando bem. Porém, mesmo assim teimou em vir se apresentar, disse que hoje

era dia de movimento e não deixaria o Heitor na mão.

— Entendo. Parece que, quando algo não vai bem, tudo se junta se tornando uma

bola enorme, né?

Ele assentiu e respirou fundo.

— Bem isso.

Bruno parecia desolado, perder um paciente é algo que nunca nos acostumamos.

Quando começamos na profissão achamos que temos o poder de ajudar todas as pessoas

e quando acontece de não conseguirmos é como se tomássemos uma surra sem chance

de recuperação. E não fica mais fácil à medida que amadurecemos na carreira, é sempre

muito doloroso falhar.

— O que a Layla tem?

Ele balançou a cabeça e suspirou pesadamente.

— Ela anda com muita azia e algumas dores nas costas. Sei que é algo normal na

gravidez, mas agora é diferente, ela é minha mulher. Não vivo sem ela, cara, e tenho

muito medo de que aconteça o pior. Não sei como lidar com isso. Depois que vocês nos

contaram sobre o que aconteceu com a Ana, eu fiquei mais receoso e cuidadoso. Layla

está quase enlouquecendo comigo.

Eu realmente imaginava o estresse dela. Bruno em modo protetor chegava a ser

insuportável. Eu ia dizer alguma coisa para acalmar meu amigo, mas Layla saiu

do

camarim, vestida para a noite, com um sorriso lindo no rosto. Ela usava um vestido um

pouco justo na barriga que evidenciava seu estado.

Carregando o violão nas costas, ela andou até o marido e o abraçou pela cintura.

Surpreso, ele olhou pra mim e sorriu. Depois envolveu a esposa em seus braços e ela

olhou pra cima.

— Não se preocupe, amor. Eu vou ficar bem, ok? O que tiver de ser será, e estaremos

juntos aconteça o que acontecer.

Bruno parecia emocionado e assentiu, Layla se esticou nas pontas dos pés e o beijou

suavemente. Em seguida, sorriu e subiu ao palco.

Percebi com aquele ato que poderia acontecer a maior das tragédias que eles

estariam juntos, se apoiariam e cuidariam um do outro. O amor é assim: quando a gente

ama, estamos unidos, apesar de tudo.

Layla começou sua apresentação e Bruno relaxou ao perceber que ela não estava

tensa nem desconfortável. Deixei-o admirando a esposa e fui até o bar cumprimentar o

casal vinte. Estava ficando ansioso com a demora da Ana Luíza e precisava beber alguma

coisa. Assim que me aproximei, vi que Lucas estava prestes a explodir com um cara que

possivelmente cantava Sabrina.

Apesar do garoto ser responsável e centrado, ele era muito ciumento. Muito mesmo!

— Cara, se você não der o fora daqui agora, eu vou quebrar a sua cara.

— Lucas, por favor. Está tudo bem!

Com a mão no braço do garoto, Sabrina tentava contê-lo, mas sem muito sucesso, e vi

que estava assustada. O cara olhava para ele, rindo, feito uma hiena. Acreditei que o

idiota estava bêbado e nem percebia a merda em que estava se metendo.

— Olha, eu *extou* pagando pela bebida, só quero beber na barriga da gostosa aí.

Oh, merda!

Vi que Lucas estava prestes a pular o balcão e me adiantei. Segurei o braço do idiota

e o afastei do balcão. Sem olhar para os meus amigos, eu me virei para o babaca.

— Vou falar isso uma vez só, é melhor sair daqui se quiser continuar com esses

dentes na boca; caso contrário, eu conheço uma boa dentista que pode fazer um implante

geral. Essa muleta faz um estrago não acha?. Tá mexendo com as pessoas erradas, e

acredito que está no estabelecimento errado também. Aqui é um lugar familiar, não onde

bêbados idiotas vem para cantar as garçonetes.

Apesar de estar pra lá de Bagdá, o cara entendeu o recado. Desdenhou com os

ombros e saiu capengando e empurrando as pessoas, nem me dei ao trabalho de ver

como ele iria para casa.

Voltei-me para meus amigos e vi que Lucas acompanhava a saída do cara com os

olhos injetados de ódio.

— Ei, Mike Tyson, tá tudo certo agora. O herói chegou. — Dei um soco no ar,

precisava aliviar o clima.

Apesar da raiva, Lucas riu e me encarou. Acenou em agradecimento e torceu a

cabeça de lado.

— É, realmente você parece um daqueles fortões da Marvel. O Capitão América,

talvez?

Fiz uma careta pra ele, que relaxou e voltou ao trabalho atendendo os clientes.

Sabrina ainda parecia preocupada e me olhou expressando agradecimento nos olhos

azuis.

— Obrigada, Beto. Eu estava assustada com o cara, mas não queria que Lucas se

metesse em confusão.

— Não tem de quê, gatinha. Estamos aqui pra isso. — Eu imaginei o que ela sentiu

com a abordagem do bêbado idiota. Em consideração ao seu passado e tudo que ela viveu

recentemente, me admirava o quanto ela estava forte e de pé. — Notícias da sua irmã?

Ela sorriu amplamente e balançou as sobrancelhas.

— Que irmã? Eu tenho duas.

— Engraçadinha... Ana deu algum sinal de vida?

Entregando uma cerveja a um cliente, ela balançou a cabeça.

— A última vez que falei com Ana, ela estava indo dormir à tarde. Não mandou mais

nenhuma mensagem. Provavelmente está morta no sofá da sala. Por quê? Vocês

marcaram alguma coisa?

— Sim.

— Vixe, devia ter ido buscá-la. Quando Ana faz um plantão extenso, ela dorme e não

acorda tão facilmente.

Fiquei realmente preocupado de levar um bolo naquele momento, eu devia ter

combinado de buscar Ana em casa. Seria mais romântico, mas eu quis deixá-la livre. Era

como se eu não a estivesse pressionando para me encontrar, talvez se eu a deixasse

aberta a escolhas ela escolheria ficar comigo. Mas com o que Sabrina disse, vi que poderia

ter dado um tiro no pé.

— Me dá uma dose de uísque, Sá. O mais forte que tiver.

Ela arqueou as sobrancelhas, porém, quando ia me dar o copo, Lucas se adiantou

tomando de suas mãos.

— Você não pode beber, idiota. Tá tomando remédio, esqueceu?

Droga! Fiz uma cara feia pro Lucas, que virou a *minha* dose na boca e sorriu.

Me afastei para não dar uma na cara do menino prodígio e acabar com sua carreira

de bonitão. Estava prestes a ir embora quando tive um *déjà vu*.

Ana vinha em minha direção vestida lindamente, com um sorriso tão safado que

achei que morreria, ela estava quase me alcançando e achei que iria ganhar um beijo

daqueles de cinema quando alguém segurou seu braço.

Ela se assustou e olhou para o lado, eu estava prestes a partir pra cima do cara

quando vi que era o médico que socorreu minha paciente no dia anterior. Ele sorriu para

Ana e ela ficou vermelha como um pimentão. Isso não era legal.

— Achei que iria dormir hoje, enfermeira.

— Não, fui convidada para um encontro.

Ele sorriu e a olhou maliciosamente. Eu conhecia aquele olhar, o cara estava a fim da

minha mulher.

— Resolveu aceitar o meu pedido?

Ana arregalou os olhos e me encarou como se não soubesse o que dizer, me adiantei

e a puxei pela cintura tirando seu braço que foi agarrado pelo doutor.

— Na verdade, ela está num encontro comigo, doutor João.

Ele me encarou como se me conhecesse só naquele momento, então veio o

reconhecimento.

Porém, a pergunta ficou martelando minha cabeça. O que aquele cara queria com a

minha mulher?

Capítulo 23

Ana Luíza

Saí de casa com uma ansiedade inexplicável. Não quis ligar para o Alberto por medo

de voltar atrás no meu plano. Por mais que tenhamos retornado, estávamos tentando,

mesmo que não tenha ficado implícito. Ainda não tinha me declarado totalmente, essa

era minha intenção quando entrei no *Beer*, se não fosse, claro, a interrupção do João.

Tinha me esquecido completamente que ele disse que iria ao bar.

O mais impressionante, que me deixou meio sem ação por alguns minutos, foi o

ciúme e a possessividade do Alberto ao perceber a presença de outro homem,

obviamente interessado em mim.

— Como assim, ela é sua? Vocês estão juntos? — João falou de cenho franzido.

Eles se conheciam?

— Sim, cara. Ela tá comigo!

Eu estava?

João sorriu e balançou a cabeça. Que sorriso besta era aquele?

— Hum, agora tudo faz sentido.

— Sim, ela é minha e é melhor você tirar seu time de campo — Alberto declarou isso,

sem mais nem menos.

João olhou pra mim, sorrindo, e eu fiquei em dúvida se batia nos dois ou apenas em

um. Que conversa era aquela e ainda por cima sem se importarem de eu estar ali ou não?

E como eles se conheciam?

— Que porcaria é essa? Algum dos dois idiotas pode me explicar isso? — Apontei de

um para o outro.

Alberto olhou para baixo, ainda mantinha o braço de polvo em minha cintura,

totalmente possessivo.

— O que você quer saber, Ana Luíza? Estou simplesmente afirmando um fato aqui

para o meu amigo, ele precisa ficar ciente de que você está comigo.

Estreitei meus olhos para ele, o idiota ainda teve o desplante de sorrir.

— Tá, essa palhaçada eu entendi. Mas como os dois se conhecem?

João colocou as mãos nos bolsos da calça jeans e sorriu, dando de ombros.

— Eu o socorri outro dia e fizemos amizade. Conversamos sobre o bar e resolvi

conhecer o famoso *Beer*.

Alberto assentiu e sorriu.

— Veio em uma bela noite, cara. A casa tá cheia e nossa estrela está inspirada.

João olhou para Layla que arrasava no palco com seu violão. Balançou a cabeça

sorrindo em apreciação.

— Realmente, linda e talentosa — nem terminou de falar, a voz do meu irmão soou

próximo a nós.

— E casada!

Bruno se aproximou, cruzou os braços e encarou o médico com o rosto fechado, era

como se ele tivesse escolhido seu alvo e estivesse mirando pronto para atirar. O que esses

caras tinham tomado naquela noite?

João levantou as mãos num pedido de desculpas e Alberto os apresentou e continuei

sendo ignorada.

Já havia atingido minha quota de paciência, empurrei Alberto e dei as costas para os

três patetas. Não parei até chegar ao balcão e dar de cara com Sabrina e Lucas, mais

conhecidos como casal vinte.

Encarei meu cunhado e já avisei.

— Não começa com gracinha, perdi a paciência por hoje.

Ele arqueou as sobrancelhas e curvou a boca num sorrisinho sarcástico e sem

noção.

Lucas era muito bonitinho, mas irritante na mesma proporção.

— E me diga quando você tem paciência, cunhada?

— Sabrina, dê um jeito nesse idiota!

Minha irmã sorriu, colocou minha Corona no balcão e abraçou o namorado/marido,

seja lá o que eles eram.

— Amor, deixa a Ana em paz, por favor?

Fiz uma careta quando o besta se derreteu todo com o carinho dela e se virou para

beijá-la. Eles eram tão chatos, que me virei. Alberto vinha em minha direção com um

sorriso no rosto. Não sabia porque ele estava rindo enquanto eu soltava fumaça pelo

nariz.

— O que foi aquilo? Tá achando que pertenço a você só porque transamos duas

vezes? — atirei logo de cara.

Ele riu sarcástico e negou com a cabeça. Em seguida, me puxou para seu corpo me

abraçando com aquelas mãos de polvo.

— Não sei porque está falando isso, Ana. Somos mais que isso, sempre fomos, e você

sabe.

— As coisas mudam... — O que eu estava falando?

— Não isso! Eu só estava com ciúmes, desculpa. Não tive a intenção, nada de mais.

Seus olhos azuis brilharam de desejo e tinha amor também.

Droga, aquele olhar acabava comigo.

— Só não me ignore mais, já tive isso de você mais do que gostaria de contar.

Ele assentiu e aproximou-se, ficando cara a cara comigo.

— Prometo não fazer mais isso. Agora me dá um beijo, estava com saudades da sua

boca.

Ele nem esperou que eu concordasse com nada. Tomou minha boca com vontade.

Sua língua se enredou na minha e não me importei que estávamos em local público.

Envolvi meus braços em seu pescoço e correspondi ao beijo emitindo um gemido baixo

que o fez apertar-me ainda mais em seu corpo.

Quando me soltou, sem fôlego, ficou parado olhando em meus olhos. Percorreu meu

rosto com os dedos e se aproximou, sussurrando:

— *Você é minha vida!*

— Bom gente, espero que estejam gostando da noite. Terei uma companhia especial,

ela é muito boa e acho que vão se apaixonar. Vem pra cá, Ana Luíza. — A voz de Layla me

despertou do transe e sorri para Alberto, que me olhava curioso com a chamada

da

minha cunhada. Estiquei-me nas pontas dos pés e dei-lhe um beijo.

— Ouve com atenção!

Vi que ele arregalou os olhos e apenas sorri. Eu sabia que poderia parecer que eu

copiei minha cunhada quando ela se declarou para o Bruno sem ter que falar literalmente

e, pelo que eles contaram, deu super certo. Andei pelo bar sem olhar para os lados, não

queria perder a coragem.

Assim que pisei no palco, minha cunhada sorriu e piscou.

— Tá pronta?

— Não!

—Ótimo... Pega seu posto, vamos ao show.

Droga, porque fui inventar essa merda. Olhei para as pessoas à minha frente e quase

desisti. Que porcaria eu estava fazendo ali? Nem cantora eu era. O máximo de pessoas

que me ouviram cantar se resumia à minha família e alguns amigos íntimos. Senti um

cutucão na perna e olhei para Layla, que acenava com a cabeça para que eu continuasse.

Traidora!

Voltei-me para frente e vi que Alberto tinha se aproximado do palco e me observava

com o cenho franzido. Não tinha jeito, ele saberia o que eu tinha ido fazer ali. Respirei

fundo e decidi me jogar aos lobos.

— Boa noite, gente. Hoje eu vim cantar um pouquinho, na verdade copiar algo que

minha cunhada aqui fez anos atrás para o meu irmão. Espero que dê tão certo quanto deu

com eles. A música que vou cantar, com o acompanhamento da nossa estrela é *Try*, da

P!nk. Espero que gostem.

Layla fez a introdução com o violão e eu o procurei entre as pessoas. Beto estava sério

e me observava calmamente. Respirei fundo e dei voz ao que sentia. Meu coração estava

tão pesado e eu não tinha ideia. Deixei que com as letras eu desabafasse.

Engraçado como o coração pode iludir

Mais do que apenas algumas vezes

Por que nos apaixonamos tão fácil?

Mesmo quando isso não é certo

E vinha à minha cabeça tudo que passamos, fechei meus olhos e no refrão abri-os e o

encarei.

Onde há desejo, haverá uma chama

Onde há uma chama, alguém está sujeito a se queimar

Mas só porque queima, não significa que você vai morrer

Você tem que se levantar e tentar, e tentar, e tentar...

Essa era a verdade do nosso relacionamento. Como no clipe, vivemos e quase nos

matamos, porém, no final percebi que não poderia seguir sem tentar. Talvez essa fosse a

finalização que procurávamos.

Layla me acompanhou no terceiro refrão e olhei pra ela enquanto cantava. Com

lágrimas nos olhos, senti o que a música representava e com aquele meu ato louco de me

expor, Alberto saberia o que eu sentia. A música acabou e abracei minha cunhada.

— Diz a ele, Ana. Não espere mais doze anos.

Me afastei de Layla e sorri, ela tinha razão. Não podia, nem queria esperar nem um

segundo a mais. Desci do palco procurando-o. Por que não fiz lá em cima? Acabei me

distraindo e o perdi de vista. As pessoas aplaudiam e me cumprimentavam, eu só queria

achar o Alberto. Bati num peito musculoso e já ia desviar quando senti seu cheiro. Olhei

pra cima e vi que ele me encarava com o maxilar trincado. Engoli em seco e decidi que já

era hora.

— Eu tentei te esquecer, juro que sim. Acho que teria sido melhor pra nós dois que

isso acontecesse, mas descobri que é meio impossível, porque você entrou na minha pele.

Eu ainda amo você, Beto. Do mesmo jeito que doze anos atrás, talvez até um pouco mais.

A distância e a saudade oprimem meu peito tornando o que sinto por você essencial para

eu respirar, e isso não me deixou feliz por um bom tempo. Faça valer a pena, por favor?

Não quero sentir que estou errando, me escondendo de mim. Me leva! Apesar de termos

nos machucado tanto, vamos tentar, certo?

Ele esquadrinhou meu rosto atentamente e, com cuidado, levantou a mão direita e

envolveu-a em meu rosto enquanto ele apoiou a esquerda na muleta.

— Vai valer a pena, vem comigo!

Capítulo 24

Alberto

Eu mal podia acreditar no que ela fez. Era sério aquilo? Ana cantou olhando em

meus olhos, sua voz arranhava de emoção e por mais que ela já tenha feito algo assim

enquanto estávamos juntos, nesses últimos dias foi algo irracional, automático mesmo.

Dessa vez foi diferente porque ela cantava pra mim, falando de nós na frente de toda

aquela gente.

Quando acabou, eu achei que ela se afastaria e por isso fui ao seu encontro. Ao ouvir

tudo aquilo, eu fiquei sem reação. Só tinha que levá-la pra casa e mostrar como valia a

pena ficarmos juntos.

A puxei pela mão e não permiti ser parado por ninguém, até mesmo pelo João, que

nos chamou com um aceno de uma mesa, porque estava sentado com Bruno e Sabrina.

Apenas sacudi a cabeça negando e continuei meu caminho levando-a junto. Entramos no

carro e partimos em disparada até minha casa. Ana dirigiu feito louca e senti um pouco a

minha perna reclamar, havia feito muito esforço. Ainda me recuperava de uma cirurgia

delicada, mas isso não me impediria de ter a Ana, precisava mostrar a ela que nós éramos

perfeitos um para o outro.

Ela estacionou e dei a volta. Ana Luíza me encarava pelo vidro do carro com a boca

entreaberta e fiquei mais louco ainda para tomá-la em meus braços. Abri a porta e

estendi a mão, aquilo era muito mais do que parecia, não apenas um gesto de

cavalheirismo ou educação. Era como uma aceitação final.

Sem demora, Ana aceitou minha mão e a puxei para meus braços. Ela se assustou e

riu. Em seguida, fixei meus olhos nos dela e disse:

— Por todos os anos que ficamos distantes, precisando um do outro e não nos

permitimos ficar juntos, eu vou te amar cada segundo daqui por diante. E se vale a pena

tentar? É mais do que válido, é essencial para o nosso futuro.

Observei sua boca macia entreaberta e levei minha mão ao rosto delicado como fiz

no bar. Ana se inclinou e eu deslizei meu polegar por toda a extensão dos lábios

irresistíveis.

— Preciso que seja da nossa maneira, tudo bem?

Ana olhou pra mim e assentiu. Sorri amplamente e a peguei em meus braços, a

levando para dentro de casa.

— Beto, não. Sua perna! — Sabia que ela protestaria quanto a isso, a perna reclamou

um pouco, mas eu pouco me importei.

— Foda-se ela, eu tenho que carregar a minha mulher até dentro de casa.

Ana não ficou convencida, mas não disse mais nada. Levei-a até o quarto, mesmo

mancando, e não parei até chegar no banheiro. Ela franziu a testa assim que a coloquei de

pé no tapete.

— Sério, Beto?

Assenti, já retirando minha camisa.

— São nossas melhores lembranças.

Ana sorriu e concordou, ela já iria tirar a camisa quando eu a parei. Segurei seus

pulsos e os levei até meus lábios depositando um beijo molhado em cada um. Ana

suspirou e eu sorri. Beijei toda extensão do seu braço até chegar no ombro. Então, beijei o

pescoço e sussurrei em seu ouvido:

— Hora de te dominar, *Ann baby*.

Ela ofegou e eu vagarosamente retirei a blusa, beijando e mordiscando cada parte de

pele que ficava exposta. A barriga era onde ela mais sentia e por isso dei mais atenção ali,

tendo o cuidado de expressar meu carinho na cicatriz que havia abaixo do cós da calça.

— Ainda dói, né?

Não era de dor física que eu me referia e ela sabia. Levantei meus olhos e Ana

assentiu. Puxei sua calça devagar até que a retirasse por completo. Retirei a calcinha de

renda e o sutiã deixando-a nua à minha frente, levantei-me e beijei seus lábios

suavemente. Retirei minha roupa e me virei para pegar algo com o que prender suas

mãos, achando o que precisava, voltei-me e a olhei com carinho.

— Vire-se. — Ela o fez sem pestanejar e percebi que já estava no personagem. Eu a

empurrei levemente para o chuveiro e abri o registro, a água morna caiu sobre

nós e nos

envolveu. Em meio àquele clima sensual em que eu a encarava ardentemente, desejando-

a, Ana devolvia o olhar na mesma intensidade e percebi que eu era apenas meio homem

sem ela.

O cabelo sedoso dela se encharcou de água rapidamente e escorriam gotas no seu

rosto que eu tinha vontade de sugar com a boca enquanto massageava sua pele. Ela era

perfeita e não cansava de admirar.

— Você é linda, Ana! — declarei cheio de admiração e a fiz sorrir, envergonhada.

Fingindo que não vi o seu embaraço, peguei o xampu e comecei a ensaboar os

cabelos dela tomando cuidado de massagear seu couro cabeludo; encantada com o

carinho, Ana chegava a fechar os olhos. Ela adorava isso! Quando me dei por satisfeito,

inclinei a cabeça dela para trás e deixei que a água lavasse toda a espuma. Com os cabelos

limpos, peguei um condicionador que usava e passei nas pontas desembaraçando-as com

os dedos. Sorri para ela, que me encarava atentamente.

Estendi a mão e peguei o sabonete líquido despejando-o na esponja, logo comecei a

acariciar e limpar o seu corpo. Percorri suas coxas e bumbum, demorei-me um

pouco

mais nas costas e ombros, beijando em seguida onde a água tirava o sabão. Em seguida,

fui para os seios e barriga e, então, cheguei na cicatriz que evidenciava a carga do nosso

passado. Ana fechou os olhos e esperei que ela abrisse. Porém, quando me olhou

novamente, eu balbuciei uma promessa que cumpriria todos os dias:

— Eu te amo!

Ana suspirou e assentiu, não precisávamos de muitas palavras. Retirei todo o sabão

escorregadio do corpo dela, apoiei minhas mãos em seu bumbum e ordenei:

— Pule e se agarre em mim. — Um pequeno sorriso surgiu e ela fez o que pedi.

Com Ana segura em meus quadris, prendi suas mãos com a minha e a olhei com

desejo. Com a perna boa, apoiei na parede para que servisse de alavanca. Mordi a boca e

entrei vagarosamente nela.

Estar dentro dela era sempre uma novidade, parecia como a primeira vez, era

intenso, gostoso, sensual, doce. Ana era tudo em uma só e isso me viciou até ficar

dependente.

Nos movemos em sincronia, a água do chuveiro fez uma névoa de vapor nos

envolver. A cada estocada, ela entreabria mais os lábios me deixando insano. Tomei sua

boca e segurei suas mãos por cima da cabeça. Era intenso demais estar no

controle.

No mesmo ritmo que nossas bocas se encontravam, eu me movia dentro dela.

— Beto, vai mais rápido.

— Ana, você sabe que não é assim que funciona. — Mordisquei sua boca levemente e

passei para o maxilar e pescoço.

Ela se esticou provocando um movimento diferente onde estávamos ligados. Gemi

de prazer.

— Para com essa brincadeira. Eu quero gozar, não quero brincar.

Sorrindo, eu a empurrei mais forte contra a parede e aumentei o ritmo como ela

pediu. Eu já estava no limite e quando Ana contraiu-se em mim eu fui à loucura, levei

meu polegar em seu clitóris e estimulei até que, ensandecida, ela se moveu contra mim.

O êxtase nos atingiu quase nos derrubando no chão. Minhas pernas perderam a

força, pelo esforço e também minha perna que reclamou e a depositei em cima do tapete

de banheiro.

Recuperamos o fôlego e a enxuguei com cuidado, levando-a em seguida para o

quarto. Deitamos na cama e ficamos nos olhando pelo que pareciam horas. Não

precisávamos dizer nada. Sabíamos o que um sentia pelo outro. Depois de algum tempo

de traçar desenhos imaginários nos seios e barriga da Ana, eu disse:

— Nós valemos a pena, Ana. — Minha voz estava rouca de emoção pelo que tínhamos vivido naquele banheiro e o companheirismo que dividíamos na cama.

— Eu sei, Beto.

Dormimos nos braços um do outro, uma noite tão tranquila que parecia que nada nos acertaria. Até que amanheceu.

Uma ligação e uma mensagem tinham o poder de provocar qualquer tipo de sentimento: Heitor havia acordado e alguém precisava de mim.

Depois de uma noite maravilhosa eu corria o risco de perder a minha mulher. O passado retornava para nos testar.

***

Ana corria pelo corredor do hospital sem nem mesmo esperar por mim. Confesso que estava nervoso, muito feliz por meu amigo ter despertado, receoso de como o encontraria e aterrorizado com o outro fator daquela manhã.

Quando chegamos à entrada do Centro de Tratamento Intensivo estavam todos ali.

Pelo que me parecia, eles não tinham tido mais notícias do que nós, já que pareciam muito preocupados. E eu tinha que sair correndo dali.

Nos aproximamos e Layla logo sorriu, mas estava um pouco receosa.

— Ele acordou mesmo!

— E como foi? — perguntei para o Bruno que vinha logo atrás.

Ele deu de ombros e abraçou a esposa pela cintura.

— Parece que nossa Liz Belle conseguiu, afinal.

— Como assim?

Layla sorriu amplamente e levou as duas mãos até seu rosto, parecendo encantada.

— Ela cantou pra ele!

Arqueei as sobrancelhas e meu lado médico racional queria debater que a música, ou

a voz da mulher, não tinha nada a ver com isso. E tinha certeza de que ela pensava a

mesma coisa. Mas meu outro lado acreditava que tudo se juntou, trazendo nosso tatuado

de volta.

— Uau! — disse Ana com os olhos brilhando. Layla assentiu e a puxou para um lado.

Fiquei observando-as conversar e Ana parecia tão feliz que fiquei com o coração

doendo de ter que acabar com toda aquela felicidade.

— O que houve com você, Alberto? Tá com uma cara de bunda do caramba, nem

parece que passou a noite toda sorrindo feito um idiota.

— E você é tão inapropriado, sabia? É sua irmã!

— Eu sei, por isso que estou falando. Sorrindo a noite toda, nada mais.

— Hum... — O idiota do Bruno sorria amplamente. — Mas, me diz, cara, Heitor tá

bem mesmo?

Meu amigo fez uma careta e olhou para a porta de vidro que dava para o CTI.

— Ainda não o vi, nem a Liz. Eles estão fazendo testes padrões com ele, sabe como é.

Assenti, sabia muito bem. Depois de tanto tempo em coma, o risco de ter alguma

sequela era muito alto, os primeiros testes eram essenciais para isso.

Ficamos em silêncio esperando alguém para nos atualizar do estado do Heitor, mas

não aparecia ninguém. Eu estava ansioso, tinha que ir, mas antes queria saber do meu

amigo.

— Sério, Alberto, você está me deixando nervoso. O que aconteceu? Tá muito

estranho.

Olhei Bruno e suspirei. Será que podia confiar nele? Não tinha muito tempo para as

explicações que ele pediria. A única que sabia era Ana, mas nunca toquei no assunto com

ela.

— Preciso ir, Bruno. Depois eu volto. Leva Ana pra casa?

Meu amigo franziu a testa, mas ao ver meu desespero de como deixaria Ana, ele

assentiu. Agradeci-o com um tapa no ombro e me aproximei de Ana. Ela sorriu ao me ver

aproximando, mas logo parou percebendo minha expressão.

Ela levantou-se e ficou de frente pra mim. Abaixei a cabeça memorizando cada

pedacinho do seu lindo rosto.

— O que houve, Beto?

Envolvi o rosto dela em minhas mãos e beijei seus lábios suavemente. De olhos

fechados pedi a Deus que desse tudo certo.

— Ana, eu preciso que me escute com cuidado, ok? — Ela assentiu e continuei: — Eu

tenho que ir resolver um problema que surgiu, não posso esperar para ver o Heitor.

Quando voltar, nós precisamos conversar muito sério.

— Você tá me assustando.

Balancei a cabeça e tentei sorrir.

— Não fique assustada, eu vou ficar bem. Mas o que vamos conversar vai decidir

todo o nosso futuro. Me espera na minha casa, por favor? Você está de folga hoje não

está?

— Sim.

— Perfeito! Volto assim que puder...

Ela não parecia convencida, mas eu não podia mais ficar. Dei-lhe mais um beijo nos

lábios e a deixei com sua família. Precisava resolver logo e depois conversar com a Ana,

entre nós não cabia mais segredos ou verdades não ditas.

Ignorar aquilo seria o mesmo que traí-la ou matar o que estávamos tentando

construir aos poucos.

Capítulo 25

Ana Luíza

Fiquei observando Alberto se afastar rapidamente pelo corredor com a muleta de

apoio e alguma coisa me dizia que as coisas não estavam bem, poderia chamar de

intuição feminina, ou neurose mesmo, mas que aquilo não era um bom presságio, não

era mesmo.

— Ana, o que o Alberto tem?

Desviei meus olhos do corredor, agora vazio, e olhei meu irmão com a testa franzida.

— Não sei, Bruno. Espero que não seja nada de mais! — Realmente eu esperava por

isso.

Meu irmão assentiu e parecia preocupado também. Mas agora tínhamos que nos

focar no nosso amigo que havia retornado para nós.

Voltei a me sentar ao lado da Layla e esperamos por mais meia hora até que vimos

Liz caminhando em nossa direção. Estávamos ansiosos e levantamos juntos, ela tinha

uma expressão estranha no rosto e fiquei apreensiva quanto ao estado de Heitor.

Ela parou à nossa frente e ficou nos encarando sem dizer nada, parecia não conseguir

encontrar palavras para começar. Sua boca abria e fechava sem sair som algum.

Lucas se adiantou, porque ele era o mais ansioso.

— Então, como ele está?

Liz fez uma careta e respirou fundo, balançando a cabeça.

— Bom, primeiramente ele se mostrou confuso...

— Normal — Bruno interrompeu.

— Sim, diante do quadro que ele se encontrava, se retornasse cem por cento

poderíamos estranhar e considerar um milagre. Mas logo depois começou a responder

perguntas com mais facilidade, nome, idade, onde mora... Mas, enfim, ele lembra

vagamente do acidente, recordou-se dos amigos...

— Isso é bom, certo? — Layla abraçava o marido, nervosa e feliz pela recuperação do

amigo.

Liz assentiu, mas ainda não tinha acabado, pude perceber pela expressão do seu

rosto o vinco profundo que tinha na sua testa.

— O que foi, Liz? — Tínhamos que saber de tudo e estavam todos tão distraídos com

as boas notícias que não repararam na reticência da médica

— Parece que ele regressou no passado. Ficou falando coisas estranhas, sobre

escuridão e luz, uma culpa que nunca poderá ser restituída. Alguém sabe ao que ele se

refere? Talvez seja mais fácil para eu saber como lidar.

— Não sabemos, Heitor é muito discreto. Nunca disse nada sobre seu passado para

nós — Bruno disse com o rosto sério.

Liz assentiu e a gangue voltou às suas conversas e planos para quando o tatuado

saísse do hospital.

Mas eu achei que ela ainda não estava confortável. Me aproximei e toquei seu braço.

Ela olhou pra mim com aqueles olhos com uma cor tão hipnotizante que era difícil não

ficar impressionada.

— O que foi, Liz? Tem mais alguma coisa, certo?

Ela assentiu e torceu a boca de lado, olhando para o chão.

— Ele acha que eu sou a luz. Fica nervoso quando me afasto, tivemos que colocá-lo

pra dormir, pois se mostrou até um pouco agressivo com os enfermeiros.

Ficamos em silêncio esperando que ela dissesse mais alguma coisa, a médica parecia

realmente envergonhada com o fato de o Heitor querer a presença dela. Mas a meu ver

era até justificável, foram três meses que ele ouviu sua voz, conversando e cantando.

Acho que foi algo que ele se agarrou para voltar à realidade.

Mas meu irmão tinha que ser inconveniente. Se não fosse, não seria ele.

— É, Liz Belle, meu amigo é bem esperto. Eu te avisei, se prepara. — E o palhaço ria

da própria piada, até Layla dar uma cutucada na barriga do piadista. — É só isso que

notou diferente nele?

— Não, os membros parecem fracos, mas é natural pelo tempo que ficou acamado.

Temos que aguardar. — Mesmo ardendo de tão vermelha era extremamente profissional.

— E quando poderemos vê-lo? — Estavam todos tão felizes que ele havia acordado

que eu fiz a pergunta.

— É bom esperar ele acordar e não entrarem todos de uma vez. Mas assim que

despertar podem vê-lo.

— Eu posso ficar, quando ele acordar aviso vocês. — Afinal, eu estava de folga sem

nada pra fazer, se fosse pra casa iria surtar esperando Alberto aparecer ou mandar

notícias.

Liz assentiu e se afastou dizendo que precisava verificar outros pacientes. O pessoal

ainda ficou algum tempo e Layla decidiu ficar comigo, Bruno tentou persuadi-la a ir

embora. Ela ficou firme na decisão até que ele ameaçou tirar as coisas que ela gostava de

comer, o que não foi muito bom pra ele, pois meu irmão se afastou mais que

depressa ao

ter suas bolas prestes a serem prejudicadas.

Foi bom minha cunhada ter ficado, pois me distraiu bastante do pepino que achava

que teria que descascar. E por mais que eu estivesse tão dispersa, preocupada mesmo

com tudo, me sentia melhor por estar ali, fazendo algo útil.

Layla se mostrava extremamente ansiosa para ver Heitor e fiquei preocupada que ela

passasse mal por causa disso. Então comecei a distraí-la, conversar amenidades. Saber as

novidades sobre o bebê e tudo que envolvia estar grávida e a perspectiva de ser mãe.

Foi então que toquei no assunto que me machucava. Minha cunhada, eu tinha

certeza, estava louca para falar sobre isso. Ao contrário de mim, claro. Mas não pude

fugir.

— E como você está se saindo com esse retorno aparentemente calmo com Alberto?

Sorri da discrição dela, não quis dizer que todos esperavam que o fizesse sofrer

demais, mas ao contrário, logo me entreguei. Só que muitos não sabiam o que eu fiz; na

verdade, ninguém sabia. Minha proposta e todo o resto. Nossa conversa dolorosa, e o

acerto de contas que ainda tinha que vir para vivermos em paz.

— Às vezes, ainda quero matá-lo, mas me contenho. Apesar de não querer viver no

passado, ele retorna nas horas mais impróprias.

Layla assentiu e passou a mão na sua barriguinha.

— Eu imagino como deve ser difícil. Você já aceitou e perdoou?

Essa era a pergunta que eu mesma me fazia constantemente. Esse era o verdadeiro

questionamento, certo? Eu tinha aceitado e o perdoado? De certa forma sim, mas ainda

não havia entendido o motivo de ele ter feito aquilo quando simplesmente nós

poderíamos ter conversado e nos apoiado quanto a todo o medo que nos cercava.

— Acho que sim, Layla. Eu não posso mais viver no passado e, por mais que me doa,

preciso seguir em frente.

— Tá certo, mas para seguir em frente você precisa apagar tudo, Ana. Não pode levar

nada, na próxima vez que ver o Beto conversem, diga tudo que tem vontade. Pergunte

qualquer coisa. Não deixe para depois.

Assenti e sorri, Layla era mais nova que eu, mas tinha uma sabedoria de anos. Acho

que toda a carga que teve que aguentar a deixou assim, o que era muito bom para nós.

Passamos algum tempo ainda falando de coisas bobas e depois fomos andar pelo

hospital, mas quando retornamos Liz estava à nossa espera.

— Ele acordou, podem entrar, mas eu não vou agora, ok? Preciso de um tempo longe,

estou ficando confusa.

— Como assim, Liz? — Franzi a testa estranhando o desespero na voz da médica que

se tornou tão especial para nós.

— Eu não posso, gente. — Saiu pelo corredor sumindo na primeira esquina, nos

deixando sem saber o que fazer. Eu achava que ela estava mexida com ele e tinha medo de

como seria dali pra frente.

Afinal, Heitor era seu paciente e tinha uma ética profissional envolvida.

Entramos no centro de tratamento intensivo, lavamos as mãos e nos aproximamos de

onde ele estava deitado, porém, quando afastamos a cortina, aqueles olhos chocolates

encheram nossos corações de alegria.

Heitor estava aparentemente confuso, mas quando nos viu o reconhecimento foi

imediato. Ele abriu um sorriso lindo e com a voz um pouco rouca nos cumprimentou:

— Ora, se não é a pimenta e a minha estrela.

Layla não se conteve e correu para abraçar o amigo, que riu da impetuosidade dela.

Ela chorou um pouquinho e se afastou cobrindo o rosto dele de beijos.

— Nunca mais faz isso comigo, seu cachorro. Quase enlouqueci esperando que

acordasse. E que merda é essa de dormir esse tempo todo?

Ele levantou a mão e acariciou seu rosto levemente.

— Eu estava perdido na escuridão, estrela. A luz me trouxe de volta.

Senti um arrepio percorrer todo meu corpo quando ele disse aquilo e logo soube que

se tratava da Liz. Os olhos do Heitor brilhavam devotos quando falava e entendi o receio

dela. Ele estava fascinado por alguém perfeito, uma luz límpida e pura. E seres humanos

não são assim, somos falhos e cheios de defeitos. Não algo a se venerar.

— Acho que já descansou demais, tatuado, o *Beer* te espera.

Ele olhou para mim e sorriu.

— Eu sei, pimenta, logo eu volto. Só preciso descansar um pouco. Mesmo tendo

dormido esse tempo todo, ainda continuo com vontade de fechar os olhos, a escuridão é

confortável. — Layla olhou pra mim com a testa franzida e balancei a cabeça para que ela

deixasse pra lá, devia estar delirando por conta de tanto remédio. — Mas, me diz, como

essa barriga cresceu tanto? Será que esse menino ia nascer sem o tio estar presente?

Layla sorriu e acariciou a barriga com amor.

— Menina.

Heitor ficou olhando para a cara dela como se tivesse que decifrar o que ela tinha

dito e, então, começou a rir sem parar, fazendo uma careta de dor.

— Não acredito que o Bruno garanhão vai ter uma filha. Isso é de matar qualquer

um.

— Ei, nada disso, ouviu? Matar e morrer, não gosto disso...

Ele ficou sério de repente e assentiu. Ficamos mais algum tempo e logo tivemos que

sair para não cansá-lo. Assim que saímos, vi que ele se preparava para dormir, porque

ainda estava meio grogue. Liz não era vista em parte alguma e fiquei receosa quanto ao

que ela enfrentaria pela frente.

Liguei para o pessoal falando do estado dele, que era muito bom se você contasse o

tempo que ele permaneceu em coma. Depois de sair do hospital, deixei Layla em casa e

não resisti. Ao me ver sozinha, mandei uma mensagem de texto para o Alberto.

“O que está acontecendo? Saiu tão misteriosamente do hospital. Já está vindo pra casa?

Entrei no carro e dei partida, nada de respostas, mas quando parei no sinal o telefone

apitou.

“Ainda não, devo demorar um pouco. Não me espere, pode dormir. Chegando em casa, eu te

acordo pra gente conversar.”

Fiquei olhando para a tela do celular com o coração acelerado e um frio terrível na

barriga de más vibrações. Ouvi uma buzina e percebi que o sinal tinha aberto, cheguei na

casa dele e o vazio que me recebeu foi mais um presságio. Mesmo que eu não fosse ligada

a esse tipo de coisa, me assustei um pouco.

Comi qualquer coisa e acabei dormindo no sofá. Sonhos perturbadores me

assolaram, pois era como se eu estivesse perdendo tudo de novo e não tinha como

segurar outra vez.

Acordei com barulhos na porta e me sentei para esperar ele entrar. Precisava de

explicações, urgente.

Só que não precisou de muita coisa.

Alberto não estava sozinho, um menino de mais ou menos onze anos estava ao lado

dele, seu rosto estava machado de lágrimas e os olhos azuis que eu conhecia tanto me

fitaram com curiosidade e receio.

Naquele momento não precisei de ninguém pra me dizer nada. Eu sabia. Mas Beto

tinha que dar voz ao óbvio para terminar de enfiar a faca no meu coração.

— Ana, esse é o Fernando. Ele é meu filho.

É, o destino estava querendo mesmo me testar.

Capítulo 26

Alberto

Ver os olhos da Ana quando abri a porta partiu meu coração. Devia ter dito tudo a ela

antes desse encontro.

Fernando estava receoso de como seria recebido. Apesar de tudo que aconteceu, eu

expliquei toda a situação. Ele era um bom menino e seu maior medo foi o de ser rejeitado

pela mulher que era tudo para mim. Mas eu garanti que Ana iria adorá-lo. Ele tinha suas

dúvidas devido às circunstâncias, mas era muito esperto também.

Quando Ana se levantou e estendeu a mão, eu respirei um pouco mais aliviado.

— Prazer Fernando, sou Ana Luíza.

Ele ficou parado de boca aberta olhando pra ela. Dei um cutucão nele de leve, que

despertou balançando a cabeça.

— Oi, Ana.

Ela sorriu, mas em seus olhos vi todo o reconhecimento e, então, a lembrança de

quando descobri sobre a gravidez da Luciana, a negativa dela em seguida, a certeza da

Ana e depois de dois anos a confirmação de que Fernando era meu filho.

Lembrei exatamente o que Ana me disse quando fui lhe contar assim que voltei do

hospital que ele estava internado.

— Espero que não fuja deste também.

Na época, eu não entendi o que ela quis dizer até aquele momento. Depois de tudo

que Ana me disse semanas atrás, me dei conta do que significou aquela frase e depois o

sorriso triste, ter se virado após dizer isso e ido embora. Um relacionamento já

fracassado que perdeu qualquer chance de retorno.

Vi que eles estavam sem graça enquanto eu ficava lembrando algo que aconteceu há

anos. Não devia viver no passado.

— Bom, eu vou instalar o Nando no quarto de hóspedes. Ele teve um dia difícil e

precisa descansar, acredito que amanhã será ainda pior.

Coloquei as mãos nos ombros do meu filho e o guiei para dentro da casa. Quando

passamos por Ana, eu abaixei a cabeça e beijei sua testa como uma demonstração de

carinho e que eu me importava.

Eu sabia muito bem o que enfrentaria com a presença do Fernando ali. Era um

lembrete da traição e do que ela não poderia ter. Eu teria que tratar Ana com todo o

carinho e dar atenção aos dois igualmente. Por mais que ela fosse uma mulher adulta e

segura de si, Fernando era o fruto do que derrubou o que tínhamos.

Ele não tinha culpa, e sabia que Ana sabia disso. Mas isso não queria dizer que em

seu coração ela não ficasse insegura, até magoada.

O deixei no meio do quarto de hóspedes e fui até o banheiro, tirei uma escova de

dente nova do armário, pasta e uma toalha seca. Voltei com a testa franzida, porque,

apesar de termos uma relação boa, nunca o tive na minha casa.

Meu filho estava parado no mesmo lugar com a cabeça baixa. Seria difícil trazer a

felicidade de volta na vida dele.

— O que foi, Nando?

Ele levantou os olhos e enxugou rapidamente o rosto.

— Não é nada, só estou esperando.

— Esperando o quê?

— A hora que você vai me colocar pra fora porque ela não gosta de mim. Não tem

como ela gostar, assim como o Pedro.

Engoli em seco e respirei fundo. Aproximei-me do Fernando e o abracei forte, porém,

apesar da dificuldade que enfrentamos ao longo dos anos, nós criamos um vínculo bem

forte.

— Eu não vou te mandar embora. Você é meu filho, lembra? E a Ana é uma mulher

muito boa, não tem como ela não gostar do você. Ela não é como o Pedro.

Ele levantou a cabeça e olhou pra mim, apreensivo.

— Tem certeza?

— Absoluta! Agora é um momento delicado pra você e para ela, dê tempo ao tempo

que vocês vão se dar bem. São duas pessoas incríveis que eu amo muito.

Ele sorriu e assentiu. Dei um beijo em sua testa e o deixei em privacidade para que

descansasse. O dia seguinte seria muito tenso pra qualquer um, ainda mais para um

menino que perdeu praticamente tudo que conhecia.

Voltei para a sala e Ana não estava mais lá, senti um gelo no coração achando que ela

tinha ido embora, mas ao olhar pela janela vi que o carro ainda estava na garagem.

Tranquei tudo e fui até o quarto, Ana estava deitada na cama de barriga para cima

olhando o teto.

— Ele está bem?

— Na medida do possível. Acho que vai dormir um pouco.

Ela assentiu, mas não se levantou e nem olhou pra mim. Permaneci na porta

respeitando o muro invisível que ela tinha imposto entre nós.

— O que aconteceu? Por que ele está aqui?

— Ele é meu filho, Ana.

Ela riu tristemente e suspirou.

— Eu sei, sempre soube. Mesmo quando você fingiu acreditar na vadia.

— Eu sei.

— O que quero dizer é o que aconteceu para que o trouxesse no meio da noite. Sei

que ele não costuma vir aqui, mesmo assim não entendo o porquê.

— Você sabe que o marido da Luciana não permitia. Apesar de não gostar do

menino, Pedro usava o registro de nascimento como uma ameaça.

— Nunca entendi o porquê de você aceitar isso, se foi comprovado que ele era seu

filho. Você salvou a vida dele, pelo amor de Deus!

Apesar de magoada, Ana não estava com raiva do menino, mas sim do que o trouxe

ao mundo. Tinha certeza de que a hora do acerto de contas tinha chegado. Quando

descobri a gravidez de Luciana, ela já tinha ido embora com o noivo para evitar

escândalos e acabar com o casamento prêmio dela. Então, fingiu que o filho que

carregava era do Pedro; mesmo eu querendo saber a verdade, ela me proibiu. Na época

estava muito bom pra mim, não tinha com o que me preocupar, nada para assumir. Eu

era um babaca total mesmo.

Dois anos depois, Fernando precisou passar por uma cirurgia e somente o pai podia

doar sangue para uma transfusão, porque Pedro não pôde. Foi assim que descobrimos

tudo, eu exigi registrar o menino, mas fui impedido.

O marido dela era influente e ameaçou acabar com a vida de todos se eu não ficasse

em silêncio. Mas não aceitei tão fácil, exigi que pudesse encontrar meu filho e ele sabia

que eu era seu pai. Mas não podia dizer a ninguém, pois, para todos os efeitos, Pedro

Carvalho era o pai dele.

Ana sabia de tudo, pois eu achei que ela tinha esse direito, mas desde que contei, ela

nunca comentou nada. Era como se não soubesse.

— Luciana e Pedro sofreram um acidente de avião e morreram, Ana. Fernando não

tem ninguém, por isso eu o trouxe.

Ela se sentou de repente com a boca aberta e branca feito papel.

— Como assim? A vadia morreu? Ops, desculpa.

— Ana, por favor, tome cuidado. Ela é a mãe dele.

— Eu sei, desculpa. Não quero causar nenhum desconforto a ele. Mas o que

aconteceu?

Percebendo que agora poderia me aproximar, sentei na cama ao lado dela e a olhei.

Estava cansado de tanta tensão.

— Não sei muito bem, um jato que eles viajavam caiu e explodiu, não sobrou nada.

Fernando não tinha ido, pois tinha prova no dia seguinte. Graças a Deus por isso, na volta

eles não conseguiram chegar. Não sei mais do que isso.

— Nossa, que barra!

— Sim, o menino estava muito abalado quando cheguei ao hospital. Mas se acalmou

quando me viu.

— A mensagem que você recebeu de manhã era dele?

— Sim.

Ela ficou olhando em meus olhos e minhas mãos coçaram para ajeitar o cabelo

sedoso que caía em seu rosto. Mas não me atrevia, estava em campo minado e tinha que

tomar cuidado. Mulheres como Ana devem ser decifradas como uma bomba nuclear,

qualquer fio errado pode provocar uma explosão.

— E você esperou aquele tempo todo, ainda me levou pra ver o Heitor, para ir ao

socorro do menino?

De tudo que ela poderia dizer, eu não imaginei isso. Estava levando bronca por não

ter atendido meu filho assim que chamou.

— Er... não sabia o que fazer.

— Você não pensa quando se refere a filhos, Alberto. Você age. Esse

distanciamento

que foi forçado, os encontros esporádicos com ele não foram bons. Apesar de ser um

bom pai, que tenho certeza de que é, você não sente o desespero do apelo de um filho.

Ela fazia me sentir pequeno pela terceira vez na vida. Ana me olhava com os olhos

decepcionados e abaixei a cabeça.

— Eu fiquei confuso, Ana. Tem razão, isso não foi bom, eu amo o menino, mas não

sei ser pai. Não integralmente.

O que passei todos os anos, tendo que esconder que era pai de um menino

inteligente e carinhoso foi difícil demais. Eu era permitido vê-lo duas vezes no mês e

tentava fazer o meu melhor.

— E quando é o enterro dos pais dele?

— Amanhã.

— E por isso você o trouxe para que ele possa descansar de tudo aquilo?

Olhei para Ana e me perguntei onde fui encontrar uma mulher que me entendia tão

bem, sem que eu mesmo dissesse qualquer coisa.

— Isso.

Ela assentiu e suspirou, escorregou pelos lençóis até sentar ao meu lado.

Permanecemos em silêncio, apenas pensando. Por minha cabeça, passavam mil

coisas.

Como agora eu tinha a responsabilidade de criar um adolescente, mesmo o conhecendo,

sabia que essa era uma fase difícil e complicada. O que ele passasse poderia mudar sua

vida inteira. E já estava passando por coisas que crianças não deviam sentir.

— Foi difícil superar a perda do seu pai?

— Sim, mas nós tínhamos dona Marisa que não nos deixou de luto por muito tempo.

— Tenho medo do que pode acontecer daqui pra frente com ele.

E se ele se rebelasse? Como eu lidaria com um adolescente rebelde?

— Ele parece ser um bom garoto, Alberto. O máximo que ele pode fazer é fugir pela

janela para encontrar umas meninas. Fica tranquilo, é só dar muito carinho ao seu filho

que vai ficar tudo bem.

— Você vai me ajudar?

Ela não me olhou, mas vi que fez uma careta.

— Não acha que está me pedindo demais?

— Sei que estou. Mas só tenho você, Ana.

Ela ficou em silêncio, sabia que estava apertando o cerco e isso poderia ser fatal. E

Ana costumava fugir quando isso acontecia. Mas eu realmente estava com medo de

enfrentar tudo sozinho.

— Sabe que não vou deixar uma criança em suas mãos, você vai estragá-lo.

— Graças a Deus.

Fiquei tão aliviado que não prestei atenção aos sinais de que ela não havia terminado.

Devia ter percebido antes da facada final e dar meu último suspiro. O acerto de contas

havia chegado.

— E por que você me traiu?

Capítulo 27

Ana Luíza

Eu meio que projetei meu Davi naquele menino assim que o vi, eles teriam a mesma

idade se tivesse nascido. Meu coração acelerou e senti meus olhos encherem-se de

lágrimas, realmente temi ter um ataque ali, no meio da sala, com eles presentes. Graças a

Deus, Alberto o levou para descansar.

Sem demora, corri para o quarto e deitei na cama, me permitindo chorar. Meu

primeiro impulso foi ir para casa, mas eu prometi não fugir mais. E não o fiz. Sabia que

tinha pouco tempo até que ele retornasse e me controlei. Quando Alberto abriu a porta,

eu já estava normal, na medida que a situação permitia, pelo menos.

Eu tinha minhas dúvidas e receios, ter o filho do Alberto com Luciana ali, me trouxe

medos e inseguranças que achei que nunca voltariam. Tinha me esquecido

completamente da existência dele na vida do Alberto.

Eu fiquei surpresa com tudo que aconteceu e me senti muito mal pelo menino, eu

sabia muito bem o que era perder um pai. Percebi o medo do Alberto de não dar conta e

perder a chance que tínhamos nos dado. Mas com tudo que aconteceu, ela voltou para me

assombrar e fiz a pergunta que teimava em apontar na minha língua.

Alberto ficou me olhando por algum tempo e, então, suspirou fortemente virando-se

para frente e olhando a parede lisa do quarto.

— Eu já te disse isso, Ana. Eu era um idiota, me assustei, estava muito fácil aquela

distração e errei feio.

Era difícil ouvir aquilo, era como engolir milhares de cacos de vidro sem poder

vomitar.

— O que não entendo é o porquê, sabe? O motivo e a desculpa você já deu. Mas,

como alguém que se diz, ou dizia, amar tanto poderia ter desejos por outra pessoa?

Vi que ele engoliu em seco e se virou para mim com os olhos tristes.

— Ana, eu não quero te magoar desnecessariamente. Isso faz parte do passado,

então, por que não deixamos lá?

— Porque não posso seguir em frente sem saber isso, faz parte de mim ter

explicações. Fora que agora tenho uma lembrança constante do que você fez.

Sim, eu me referia ao filho dele e Alberto sabia. Ele assentiu e respirou fundo.

— O que quer saber de verdade?

— Por quê? O que te levou a fazer isso, se me amava tanto?

— O que posso dizer, fui fraco, era um idiota, covarde e sem noção de futuro. Pensei

apenas naquele momento. Luciana sempre se insinuou e por mais que me envergonhe

dizer isso, fui tentado algumas vezes, como também evitei estar no apartamento quando

você não se encontrava.

— Para não cair em tentação — interrompi com a voz ácida.

Alberto olhou pra mim e assentiu.

— Depois da notícia da sua gravidez, eu surtei. Me achei inapto a ser pai, comecei a

pensar que tudo mudaria: meus planos e sonhos. Mas o que mais me aterrorizou foi me

tornar uma cópia do meu pai. Mesmo sabendo que não teria como, ainda mais porque eu

não abandonaria um filho como ele fez.

— No fim abandonou! — E, mais uma vez, a mágoa falou mais alto.

— Infelizmente! Bem, quando eu cheguei ao seu apartamento pra gente

conversar,

minha ideia era te pedir em casamento, pois fiquei desesperado com nossa distância e

com medo do que pudesse acontecer. Não vou colocar a culpa no uísque que tomei antes

de ir, pois não foi o álcool. Luciana me convidou para entrar e te esperar. Eu ia embora,

Ana. Mas quando você está com a guarda baixa, as coisas acontecem, e eu cedi por ser um

idiota total. No fim, eu agi exatamente como meu pai. Transei com alguém que não

amava, engravidei ela e abandonei a mulher que me importava junto com o filho que era

desejado. Porque, sim, eu desejei nosso filho assim que me dei conta de que seria pai.

— Você se arrepende de tê-la deixado ir com seu filho?

— De maneira alguma, Só o fato de não ter sido tão presente na vida do Fernando,

mas nunca ficaria com ela, pois não a amei nem um segundo sequer. Meu único

arrependimento é ter deixado você ir. Ter agido imaturamente e causado todo o nosso

sofrimento. Talvez a perda do nosso menino não pudesse ser evitada, mas estaríamos

juntos se eu não fosse um canalha.

Meus olhos se encheram de lágrimas e foi impossível não deixá-las correr. Porém, por

algum motivo, eu fiquei mais aliviada depois de tudo que ele disse. Mesmo tendo doído

tanto.

— Mas você me amou de verdade? — Essa pergunta estava agarrada em minha

garganta há muito tempo, mas finalmente tive coragem.

De repente, seus braços fortes me puxaram e me vi sentada no colo dele com as

pernas de lado, depois Beto levantou meu rosto e beijou meus lábios levemente.

— Amei muito! E amo a cada dia mais, Ana Luíza. Porém, antes que diga qualquer

coisa, foi um erro que cometi e nunca, nunca se repetirá, eu juro isso pela vida do meu

filho.

Ficamos nos olhando e percebi que ele dizia a verdade, mas uma coisa me

incomodava ainda.

— Eu não poderei lhe dar filhos!

Ele sorriu e me abraçou mais apertado, encostando o queixo em minha cabeça.

— Eu não quero filhos, Ana. Tenho você e isso já me basta.

Claro, ele já tinha, mas eu não disse isso. Aceitei e fechei os olhos recebendo o

carinho que recebia.

— Você vai comigo ao enterro amanhã?

Quem faz isso? Eu tinha vontade de dizer não, mas como agir depois de tudo aquilo

que foi dito. E ainda tinha o menino que escandalosamente me lembrava do

homem que

me tinha nos braços e nas mãos. Percebi o receio de ser rejeitado, talvez minha recusa

sugerisse isso.

— Vou, mas depois tenho que trabalhar.

— Eu também, graças a Deus. Só tenho você, Ana. E eu preciso ir, você sabe, pelo

Fernando.

— Eu sei!

***

Aquilo era tudo muito surreal, não sabia muito bem o que estava fazendo ali. Desde

o momento que abri os olhos, pensei estar sendo movida no automático. Não era para eu

estar presente naquele momento, mas ao ver os olhos do menino, inchados e tristes não

tive como voltar atrás.

O velório tinha sido realizado por toda a madrugada e quando chegamos já estavam

carregando os caixões para o cemitério. Era um funeral comum, se não fosse os olhares

maldosos e críticos em nossa direção. Mais no Alberto, para ser sincera.

Fernando não soltou a mão do pai. A amizade dos dois me surpreendeu, ainda mais

pelo pouco tempo que se viam. Pelo que notei, as pessoas não o aceitavam na

família e eu

previa tempestades brevemente.

O menino chorou bastante quando viu o corpo da mãe sendo abaixado, e senti um nó

enorme se formando em minha garganta. Ainda mais pelo fato de o meu coração estar

sendo repartido para o garoto, sem eu nem mesmo ter a opção de escolha. E isso não era

bom.

Afinal, ele era filho da mulher que causou grande parte do meu sofrimento. Quando

soube que ela estava grávida tive certeza de que era do Alberto, o destino não deixaria

essa passar. E aquilo me matou por dentro. Eu não poderia ter meu filho com ele, mas ela

teria.

Quando tudo terminou, o padre falou algumas coisas e as pessoas foram se

dispersando, mas Fernando quis ficar para se despedir da mãe. Da sepultura do

padrasto, ele nem se aproximou. Após ter dito algumas coisas bem tocantes, ele se

afastou e veio para perto de nós para ir embora. Quando nos viramos, demos de cara com

uma senhora que nos olhava com dois punhais ao invés dos olhos.

— Onde você pensa que vai levar o meu neto?

Alberto apertou minha mão e vi que ficou tenso.

— Ele não é seu neto e você nunca o tratou como tal. Meu filho vai pra casa comigo.

— Não me interessa, o que conta é o que está nos registros. Fernando vem comigo.

O menino parecia bem assustado e deu um passo atrás do pai.

— Eu tenho como provar e vou legalizar essa situação, Luciana já não pode me

impedir de registrar meu filho. E se quiser brigar eu te espero no tribunal, mas ele vem

comigo. Passar bem!

Alberto saiu me puxando pela mão. apoiado na muleta, com Fernando logo ao nosso

lado, até que o grito da senhora nos parou:

— Como vai criar o menino? Ele precisa de uma mãe. — Eu sabia que ela estava

tentando penalizar Alberto, e ao mesmo tempo tentava ludibriar o menino.

Claro que a presença materna é muito importante na vida de uma criança, mas

quantos pais estão por aí criando seus filhos sem precisar da ajuda de ninguém? E muito

bem, por sinal. Por isso, algo me impulsionou a me virar e encará-la.

— Ele teve uma mãe e ela sempre será, não precisa de outra. Mas se a senhora quer

dizer que não terá uma presença feminina na vida dele, está enganada. Eu vou ajudar no

que puder, se o Alberto deixar.

Ela desdenhou com um sorriso frio.

— Eu sei quem é você. Quando descobrimos que o menino não era do meu Pedro, eu

investiguei toda a vida desse aí. Você é a traída que ficou seca depois de um aborto.

Aquilo me atingiu como uma bala de canhão e fiquei até surpresa de não ter sido

derrubada no chão. Mas eu estava acostumada a lidar com pessoas daquele tipo.

— A minha vida não lhe diz respeito, minha senhora. Agora se contente se o

Fernando quiser receber visitas. Mas, pela expressão dele, acho que vai ficar feliz de

manter distância.

Dei lhe as costas e, pelo canto do olho, vi que uma garota por volta de vinte anos a

esperava com a cabeça baixa. A mulher era louca e estava claro pra mim que alguma coisa

relacionada ao menino a fazia exigir a guarda, porque amor não era.

Entramos no carro em silêncio e Fernando ficou olhando pela janela durante todo o

caminho. Quando estacionamos na garagem, ele saiu sem dizer nada. Sei que iria direto

para o quarto chorar. Foi o que fiz quando enterrei meu pai.

Franzindo a testa, me virei para o Alberto.

— Por que aquela senhora queria a guarda dele? É óbvio que ela não gosta do

menino.

Alberto respirou fundo e apoiou a mão na cintura.

— Ela é a mãe do marido da Luciana, ele era um político importante, por isso não

deixou que eu o registrasse. Prometeu fazer um escândalo total. Na época fiquei com

receio, mas hoje vejo que o estrago maior seria na carreira dele. Bem, tem uma herança e

a senhora está de olho, pois Fernando é o único beneficiado.

— Nossa! Bem que notei que tinha alguma coisa por trás.

— Sim, mas não vão tirar ele de mim. São pessoas más, Ana. Só não fizeram mal a

ele até hoje porque Luciana não deixava.

Ouvir o nome daquela mulher me dava asco.

— Eu vou trabalhar, te vejo em breve.

Ele acenou e eu estava abrindo a porta do carro quando Alberto segurou minha mão

e se aproximou pelas costas. Sua respiração quente fez meu corpo todo se arrepiar.

— Obrigado pelo apoio, *Ann baby*. Prometo te recompensar por tudo isso.

Virei-me olhando pra ele e sorri tristemente.

— Não faça promessas, elas podem ser quebradas. Eu prefiro ações, essas sim são

válidas para alguma coisa. Você já quebrou promessa demais!

Vi que Alberto ficou perturbado, mas sabia que eu tinha razão. Ele assentiu e deu

um beijo em minha testa, se afastando. Entrei no carro e fui trabalhar, precisava me

afastar um pouco de toda aquela confusão que atingiu minha vida.

Capítulo 28

Alberto

O dia foi bem cansativo, sempre tive essa impressão quando tinha que estar presente

em enterros ou velórios. E como médico, aquela era a pior situação que tínhamos que

enfrentar.

Só que, dessa vez, foi péssimo.

Encontrei os parentes do marido da Luciana quando ela me ligou pedindo ajuda para

o Fernando, que, devido a uma cirurgia, precisava de transfusão de sangue e a tipagem

dela não era compatível. Quando testaram o pai, descobriram que o menino não era filho

do Pedro. Então, Luciana não teve escolha a não ser me ligar, e não foi preciso chamar

duas vezes.

Por conta de tudo que perdi com Ana e todo o meu passado, eu não deixaria esse

filho sozinho. Imediatamente parti para o hospital, doei meu sangue, fizeram o teste e

comprovaram a paternidade e também a compatibilidade. Feito isso, deu tudo certo e em

duas semanas Fernando já estava em casa.

Mas estar naquele hospital sozinho na mira de toda aquela gente não foi fácil.

Ainda

enfrentei Luciana e disse que ela não tinha o direito de ter mentido assim. Porém, ela fez

questão de frisar o quanto fiquei confortável com a desculpa esfarrapada que ela deu na

época, e tive que concordar. Eu quis registrar meu filho, mas fui impedido por uma horda

de políticos e pessoas influentes, pois fui ameaçado e forçado a assinar um termo que

não diria a ninguém que Fernando era meu filho. Imaturo e irresponsável, eu aceitei

encontrar o menino algumas vezes na semana, mas que ele ficasse ciente de quem era

seu pai verdadeiro.

A partir desse dia, eu encontrei meu filho, levei para passear e criamos um laço forte

de amizade. Mas ele sofria nas mãos de Pedro. Depois que descobriu não ser o pai, o cara

fez questão de deixar isso claro ao menino o tempo todo e acho que não abriu mão da

paternidade para me punir. Não mais, não tinha mais a mãe para protegê-lo e Nando

estava onde devia. E acredito que nem preciso mencionar o fato de quão orgulhoso fiquei

ao ter Ana defendendo a mim e ao meu filho.

Vendo-a se afastar de carro, percebi que eu a queria ali comigo, pois já ficamos

separados demais. Iria pedi-la para se casar comigo, ou será que eu a assustaria? Droga,

por que a mulher que me pertencia tinha que ser tão difícil?

Entrei e verifiquei se Fernando estava bem, eu havia pedido um dia de folga do

hospital para ficar com ele, mas queria ir ver o Heitor, que tinha acabado de acordar.

Tomei um banho e me aprontei rapidamente, fui até o quarto do Fernando e bati

devagar. Ele resmungou e entrei. Meu filho estava sentado na cama olhando pela janela

parecendo bem triste.

— Ei, vamos ao hospital que eu trabalho? Meu amigo acabou de acordar e quero vê-

lo. Também quero te apresentar aos meus amigos.

Fernando fez uma careta engraçada e olhou para suas mãos, que repousavam em seu

colo.

— Não sei se estou com vontade de fazer alguma coisa, pai.

Toda vez que ele me chamava assim, meu coração acelerava. Apesar de saber que eu

era seu pai, ele ainda nutria sentimentos por Pedro, acho até que sentia que ele também

era seu pai. E ficava receoso de me chamar assim e magoar o canalha.

Aproximei-me da cama e sentei-me ao seu lado envolvendo seus ombros com um

braço.

— Por que não, Nando? Vai ser ótimo você conhecer gente nova, afinal aqui é o seu

lar.

Ele levantou a cabeça e me encarou fixamente.

— Será? A mãe do Pedro quer que eu vá morar com ela. Eles são perigosos, pai.

Tenho medo de me acostumar a morar aqui e ter que sair.

Balancei a cabeça e o apertei mais junto a mim.

— Olha, tenho muitas coisas que me arrependo na vida, fiz muita burrada, fui

irresponsável a perder de vista, negligenciei muitas pessoas importantes. E ter deixado

você com aquele cara é uma das grandes idiotices que fiz. Só que agora sou outra pessoa,

você sabe que sofri um acidente e fiquei de molho uns tempos, né? — Ele assentiu e

continuou me olhando atentamente. — Pois bem, eu vi a vida de outra forma e passei a

dar valor ao que realmente importa. Minha família! E você, filho, é minha família.

Ninguém vai tirar você de mim, fique certo disso. Nem que tenhamos que fugir desse

povo todo, nós vamos.

Ele me encarava meio duvidoso e esperei que a aceitação batesse nele, era difícil

acreditar depois de tudo que aconteceu nesses dois dias.

— Mas, e sua namorada, pai? E se ela não me quiser?

Apesar de sentir certo incômodo com a presença de Fernando, Ana tomou a

responsabilidade para si. Ela era incrível e eu a amava cada vez mais.

— Em breve, Ana não será mais minha namorada; se ela aceitar, vou me casar com

ela. E conto com você para me ajudar nesse plano.

Ele franziu a testa de um jeito tão bonito. Meu filho já era quase um rapaz, mas era

tão tímido que parecia um garotinho, apesar de ser da altura de Ana, o que não contava

muito, pois ela era baixinha.

— Eu, pai? Mas eu mal a conheço e não acho que tenha tanta influência assim.

— Você que pensa, campeão. Não viu como ela te defendeu lá com a jararaca

Carvalho? E você não viu como me chamou atenção quando entrou?

— Sério? Ela brigou com você por mim?

— Com certeza. Ana é dessas: defende quem ela sente carinho com unhas e dentes.

Ele abaixou a cabeça, mas vi um pequeno sorriso se abrindo.

— Nossa, ninguém fez isso por mim.

Meu coração congelou diante da simplicidade e sinceridade com que ele disse aquilo.

E, mais uma vez, me arrependi do que fiz e o que não fiz. Mas, para não constrangê-lo,

baguncei seus cabelos castanho-claros e me levantei.

— Então chega de se lamuriar. Em breve terá meu nome e nenhum Brenner fica

choramingando por aí.

Nando arregalou os olhos e, de repente, ficou sério, se levantou e esticou a coluna,

ficando ereto até demais.

— Não vou, pai. Serei um Brenner com orgulho.

— Isso aí, garoto. Agora vamos lá ver meu amigo. Quero dar uns petelecos nele pelo

tempo que ficou dormindo. Onde já se viu tirar férias tão prolongadas assim?

***

— Onde está a minha luz? Por que a afastaram de mim? Qual o problema de vocês?

Tragam-na de volta, eu não quero ficar mais na escuridão.

Assim que entrei no centro de tratamento intensivo fui apresentado a uma cena que

nunca pensei que presenciaria. Heitor estava desesperado, se debatendo, xingando e

exigindo. Ele era um cara tão tranquilo e na dele. Nunca pensei que o veria daquela

maneira.

— Ei, tatuado. Que porra é essa? Por que está tão descontrolado assim?

Ao ouvir minha voz ele parou de se debater, tentar se levantar, na verdade, e me

olhou com desespero.

— Alberto, que bom que chegou, cara. Esses homens querem tirá-la de mim! Eu

preciso dela, traga-a de volta.

— De quem você está falando, cara? Acalme-se!

— Meu anjo de branco. Onde ela foi? Não a vejo desde que acordei.

Um dos enfermeiros me olhou.

— Ele quer a doutora Liz, mas não sabemos onde ela está.

Droga! Isso que temia, Heitor tinha se encanado com a Liz.

— Ei, se acalma, meu velho. Se ficar assim pode acabar se machucando e não

queremos isso, certo?

Ele respirou várias vezes e encostou a cabeça no travesseiro fechando os olhos.

Dispensei os enfermeiros, que saíram balançando a cabeça.

— Traz ela, Beto. Preciso da luz na minha vida. Está muito escuro, meu peito vai

explodir.

A coisa parecia muito séria, nunca havia visto Heitor tão abalado daquela maneira,

nem mesmo nos dias que ele ficava pra baixo.

— Heitor, você não tá falando coisa com coisa, está muito agitado. Daqui a pouco,

eles te dopam e você volta a dormir.

Ele balançava a cabeça em negativa, parecendo desesperado. Quando abriu os olhos

e me encarou, vi um mar de dor e angústia dentro dele. O cara era mais perturbado do

que aparentava ser.

— Ninguém sabe o que sinto, então não dê palpites.

— Vixe, vejo que hoje não é um bom dia. Tu dorme por três meses e é assim que me

recebe? Se você não se lembra, eu também estava naquele maldito acidente.

Ele arregalou os olhos e se sentou.

— É verdade! Tinha me esquecido.

— Muito obrigado!

Ele sorriu de lado parecendo mais como o Heitor que eu conhecia.

— Mas você está bem, não tem a cabeça quebrada como eu. Se já era uma bagunça,

agora eu fiquei pior.

Franzi a testa porque ele estava amargo também, não havia nenhum sinal do cara

alegre e descontraído que conhecemos por quase cinco anos.

— O que aconteceu com você esses meses, meu amigo? Não estou te reconhecendo.

— Nada que já não tenha acontecido. Só que quando a gente tem tempo pra pensar

na vida e percebe que nada faz sentido, você se afoga em sua própria escuridão, não há

escapatória dos seus erros. Não tem como voltar no tempo e fazer tudo diferente. Você

precisa da luz e ela não vem! Estou cansado de andar nas sombras.

Ele tinha os olhos vidrados olhando para a parede branca à sua frente.

— Eita, meu amigo. Tá na hora de uma mudança de ares. Vou ver quando você

poderá ir para um quarto normal.

— Quero ir pra casa.

— Sei que quer, mas ainda não dá. Você está fraco, precisa se fortalecer para se virar

por conta própria.

Ele virou o rosto e olhou para o outro lado, encerrando o assunto. Pelo jeito estava

agindo como uma criança mimada.

— Ok, já percebi que não quer falar. Mas eu vim pra te ver e não tenho muito tempo,

meu filho está me esperando.

E como achei que aconteceria, ele virou o rosto e me olhou surpreso. Chocado até!

— Filho? De onde veio isso? Fiquei tanto tempo assim em coma?

Foi inevitável não gargalhar com a sua pergunta. Seria uma surpresa para muita

gente. Eu não devia ter escondido Nando por tanto tempo, não devia ter respeitado uma

vontade tão idiota quanto aquela. Ele era uma parte de mim e tinha orgulho do menino.

— É uma longa história. Mas, sim, eu tenho um filho de onze anos.

— Mas que porra! Quanto tempo fiquei dormindo? Fala a verdade.

— Só três meses, tatuado. O idiota aqui que escondeu o filho de nós, além do fato de

ser um babaca total. — Me virei com a voz de Bruno e sorri para meu amigo, que me

encarava com os olhos estreitos em duas fendas.

— E aí? — O cumprimentei com um aceno.

— E aí, o caralho, Beto. Que merda é essa de esconder um filho? Um filho, cara!

Pelo jeito teria mesmo que me explicar, sabia que havia feito errado e eles mereciam

uma boa explicação. Ainda tinha outras pessoas que devia satisfação. Eles eram minha

família.

Quando cheguei apresentei Fernando ao Lucas e alguns amigos eu estavam por

perto, Bruno não se encontrava na hora e não o procurei, porém Lucas deve ter dado com

a língua nos dentes.

— Não foi por vontade própria, fiquei sabendo dele quando tinha dois anos, a mãe e

o padrasto me obrigaram. Fizeram-me assinar um papel lá que eu não poderia falar dele

pra ninguém.

— Que tipo de gente faz isso? — Bruno não escondeu nem um pouco o asco daquelas

pessoas que eu me referia.

— Gente ruim, tenho certeza. — Heitor deu voz ao que nós três pensávamos.

— Não sei o que passou na cabeça da Luciana para aceitar isso, acho que só não

queria perder o marido.

— O dinheiro dele, você quer dizer. — Bruno desdenhou. — Não, peraí. Luciana?

Aquela Luciana?

— Hum-hum. — Fiz uma careta.

— Mas não é possível que a merda fica ainda maior. Porra, cara! Você teve um filho

com ela? Ai, Jesus! É aquela que deu toda a confusão e ainda foi embora grávida quando

tudo explodiu, né? — Assenti e ele fez uma careta do tipo: “Você está ferrado!” — E a

Ana? Como reagiu?

Eu sorri lembrando de como ela enfrentou a velha e me deu umas broncas de como

ser pai.

— Por incrível que pareça até que reagiu bem. — Franzi a testa e meu sorriso morreu.

— Pensando bem, até demais.

Bruno olhou para Heitor e os dois sorriram enigmaticamente.

— Por pouco tempo — disseram em uníssono.

Droga, aquilo parecia uma premonição.

Capítulo 29

Ana Luíza

— Vejo que seu humor está melhor, hoje. Algo especial?

William sorriu abertamente e negou com um aceno.

— Nada especial, Ana. Só que acordei para mais um dia. Só isso melhora meu

humor.

— Muito bom, garoto. Assim que gosto de te ver.

Ele assentiu e eu sorri anotando no prontuário os dados importantes.

— Mas você também está com uma aparência melhor.

Bufei e sorri enquanto escrevia.

— Obrigada por ser tão gentil em não dizer que eu estava um caco.

— Desculpa, *baby*. Mas a sua cara de quem comeu e não gostou semanas atrás era

inevitável não notar.

Fiz uma careta e revirei os olhos. E eu achando que era um mistério para todos.

— Sei! Eu realmente não sei se gosto de você com bom humor. Pelo menos, quando

está de ovo virado, não se mete na vida alheia. — Arregalei os olhos frisando o que queria

dizer.

— Ah, você sabe que ama o meu sorriso. Mas é sério que ele transformou você de

enfermeira má para a dos sonhos?

Desdenhei com um aceno como se não fosse nada de mais.

— Engraçadinho! Eu já levei tanta porrada da vida que não me surpreendo com nada.

Decidi viver bem e o melhor que puder. Sabe, acho mais fácil.

— Hum-hum, te entendo. Penso da mesma forma. Queria que minha mãe fosse

assim.

Sorri para Will e cruzei os braços, encostando a perna na cama.

— Sua mãe tem vindo muito aqui? Acho que temos nos desencontrado.

— Todos os dias. Apesar do estresse do trabalho, não falta nem um dia.

Lógico que não, que mãe ficaria em paz sem poder ver seu filho?

— Ela faz o quê?

— É advogada na área de família.

— Muito estressante!

— Sim, demais! Ela nunca relaxa. — Wiliam parecia realmente preocupado com a

mãe.

Fiquei com muita pena e tentei amenizar o peso que ele carregava.

— Vai ficar tudo bem, você é forte e vai passar por isso... Arrumar uma namorada.

Balancei as sobrancelhas e Will sorriu, envergonhado.

— Eu tinha, mas quando ela descobriu sobre o câncer disse que não aguentaria me

ver morrer. — Sorriu amargamente.

— Ela que perdeu! Quando a gente ama ultrapassa qualquer barreira.

William assentiu e começou a mexer no lençol.

— Eu sei, é como minha mãe, que cuidou do papai e agora de mim. Como o João

cuida dela...

Assenti até que minha ficha caiu. Em seguida, arregalei os olhos e o encarei.

— Você sabe do João?

— Sim, papai também sabia. Afinal, eles estudaram juntos.

Não posso dizer que fiquei surpresa com a revelação, já que João não conseguia

esconder nem por um minuto o encanto que tinha pela amiga Cecília.

— E como você se sente em relação a isso?

O rapaz sorria de orelha a orelha, o que o deixava mais encantador. Will tinha uma

alegria de viver tão grande que nos contagiava a cada minuto que passávamos em sua

presença. O que quer que acontecesse em nossas vidas, eu nunca me esqueceria daquele

menino. Era um lutador, que, apesar de todos os contratempos que enfrentou, continuava

feliz, com fé e sem desistir nunca de viver. Não apenas sobrevivia; ele aproveitava cada

dia, na medida que suas limitações permitiam, claro. Você via em seus olhos o brilho da

vida. E isso eu carregaria como um presente.

Cada pessoa deixa uma parte de si em nós, seja boa ou má, mas levamos em nossas

experiências energias e “partes” de quem passou por ali. Will foi uma luz, um

ensinamento, um exemplo de como realmente viver e ser feliz.

Ser feliz por nós mesmos, por estarmos vivos, por acordarmos e termos o privilégio

de preencher mais uma página em branco. Poder tentar, sonhar e realizar algo novo. Esse

é o verdadeiro sentido de estar vivo: evoluir a cada amanhecer.

Ele me olhava balançando a cabeça e deu de ombros.

— Sempre gostei do João, claro que eu amei meu pai, mas sempre soube da história

de amor não correspondido com minha mãe. E realmente acho que passou da hora de

minha mãe viver novamente. Desde que papai morreu, ela só dorme e levanta por mim e

pelo trabalho. Não faz mais nada e tenho medo de como ela vai ficar depois que eu me

for.

— Não fala assim, menino. Você ainda não sabe de nada, ninguém sabe.

Ele acenou com a cabeça e respirou fundo. Mesmo tão alegre se via a pontinha de

desânimo que queria dominar, mas o legal de tudo é que ele dava a volta por cima e

derrubava a depressão com uma rasteira.

— Sim, mas há uma possibilidade de que eu não viva por mais tempo. Por isso eu

realmente queria que ela se acertasse com alguém, ou tomasse um rumo diferente. Se

envolvesse com algo que não estivesse ligado a brigas familiares e câncer.

— Te entendo, mas tenho certeza de que vai dar tudo certo, Will. A fé move

montanhas.

— Eu acredito. — Tinha tanta convicção em sua voz e o sorriso, sua marca registrada,

não deixava de estampar e enfeitar seu rosto, alegrar a vida de qualquer pessoa que

tivesse a honra de conhecer aquele menino cheio de luz.

***

Saí do hospital atrasada e minha intenção era ir para casa, mas vi que tinha zilhões

de mensagens do Alberto me convidando para jantar. Algumas realmente assustadoras,

parecia um perseguidor. Dizia que se eu não fosse até lá, ele iria me buscar e me

amarraria até que eu aprendesse a obedecer.

O idiota sabia como me irritar, me provocar mesmo. Bem, missão realizada com

sucesso. Tinha me estressado e meu dia que tinha corrido bem, apesar de tudo que estava

acontecendo, estava a ponto de ser sangrento.

Cheguei à casa dele como um furacão, sabia que não poderia soltar os cachorros nele

de cara, pois tínhamos plateia agora, mas quando o palhaço fosse para o quarto ele iria

ver só o que o aguardava.

Abri a porta com a chave que Alberto tinha me dado e a cena que me recebeu,

preciso confessar, quase me fez voltar, ou cair ali no chão, de tão encantada que fiquei.

Beto e Fernando estavam arrumando a mesa com velas e flores. A casa estava

perfumada e uma música suave tocava deixando o ambiente muito acolhedor.

Eles conversavam e sorriam. Apesar de ainda estar triste e abatido, o menino estava

cativado pelo trabalho de acender as velas e ajeitar os três pratos na mesa. Como a porta

da frente era separada da sala por uma parede de vidro, eles não me ouviram entrar,

então encostei a porta atrás de mim e deixei minha bolsa pendurada ao lado, em uns

ganchos que havia ali. Dei a volta da parede de vidro e fiz notarem minha presença.

Arranhei a garganta e os dois pararam de trabalhar, se virando para me encarar.

Deus, como eram parecidos!

Fernando era a cópia fiel de Alberto, não tinha nada da mãe, graças a Deus.

— O que é tudo isso?

Beto sorriu e se aproximou com um pano de prato sobre seu ombro. Me deu um

beijo na testa e se afastou olhando para o filho.

— Nós tivemos essa ideia de preparar um jantar pra você relaxar depois de um dia

de trabalho, e também para que os dois pudessem se conhecer melhor.

O filho do Alberto corou fortemente e abaixou os olhos, voltando-se para a tarefa que

foi interrompida. Sorri da sua inocência e receio; e Beto me encarou com expectativa.

Provavelmente, ele sabia o que tinha feito com aquela última mensagem. Mas o dele

estava guardado.

— Que ótimo, estou morrendo de fome. Espero que tenha melhorado na cozinha,

Beto. Pelo que me lembro, você era um desastre.

— Ele comprou a comida — disse Fernando com um ar de zombaria na voz olhando

para o pai com uma careta.

Foi inevitável não sorrir. Bem, afinal o menino era um pré-adolescente e estava

agindo como tal.

— Droga, Nando! Não era pra me entregar. Você vai me ajudar, lembra?

Franzi a testa com a conversa entre os dois. O que estavam tramando? Se eu não

aguentava um Brenner imagina em dose dupla, ainda tramando contra mim, pra variar.

— Ajudar no quê? E que bom que comprou a comida, pelo menos não teremos

intoxicação alimentar.

— Engraçadinhos. Vamos comer antes que eu decida deixar os dois com fome.

Pisquei para Fernando, que sorriu e se juntou ao pai. Alberto foi até a cozinha e

trouxe uma travessa de comidas com a ajuda do filho. Depois de colocar tudo na mesa, se

voltou para mim e puxou a cadeira à sua direita.

— Permita-me a honra, madame?

Não posso negar que aquele ato de gentileza, mesmo sendo encenado, mexeu

comigo. Mas resolvi não deixar muito aparente o quanto ele sendo um fofo me deixava

derretida.

— Até parece, quem não te conhece que te compre.

— Vixe pai, não adianta querer enganar ela. Acho que te conhece bem demais.
—

Fernando sorriu se sentando do outro lado da mesa à minha frente.

Beto se sentou ao meu lado e jogou o pano de prato no filho.

— Ei, fica quieto, não diga nada ou não tem videogame.

O menino sorriu e piscou para mim. Que danado, já tinha pegado a manha.

— Bom, vamos comer porque estou pronta para devorar um leão.

— Vamos lá, nossa intenção é te deixar feliz, não com fome.

Resmunguei um “com certeza, você não quer me ver com fome”. Me servi das

variadas delícias que Alberto tinha tido o trabalho de comprar e nos divertimos comendo

e conversando amenidades. Foi muito bom aquele entrosamento. Foi algo bem familiar e

assustador.

Fernando não era nenhuma surpresa, era um bom garoto. Vi muito do Beto nele, mas

com uma personalidade própria também. Algo comum de crianças que ficam

independentes cedo demais. Nos demos muito bem e percebi que meu carinho por ele

crescia mito rápido, o que me deu um pouquinho de medo.

Ele era alegre e tão charmoso quanto o pai. Eu esperava que não ficasse tão galinha

quanto ele.

Quando terminamos de jantar, ele se levantou e voltou com um pote enorme de

sorvete de chocolate com menta.

— Papai disse que é seu preferido.

Olhei pra ele que tinha colocado numa taça para mim e me oferecia com o rosto

coberto de expectativa.

— É sim, obrigada. — Peguei a taça da mão dele e sorri. — E aí, já está se

familiarizando com a casa? Já pensou em que escola vai ficar?

Ele olhou para o pai e franziu a testa.

— Não, ainda nem pensei nisso.

— Foi um dia difícil. — Beto olhou para mim, desesperado.

Eu sabia que ele não tinha pensado nisso, nunca teve essa responsabilidade nas

mãos.

— Imagino, mas ele tem que retornar às aulas logo ou perde o ano todo. A escola dos

meus sobrinhos é muito boa e é perto do hospital.

— Quantos anos seus sobrinhos têm? — Fernando parecia animado com a

possibilidade de conhecer novos amigos.

— Ainda são novos, têm sete anos. Mas acho que gostam de videogame também.

— Ótimo, podemos marcar de eu conhecê-los, se você não se importar?

— Claro, eles vão adorar.

— Beleza, agora, se me dão licença, eu vou dormir. Estou cansado e não quero

segurar vela. Boa noite pra vocês.

Ele se levantou, pegou sua taça de sorvete e foi até a cozinha sumindo pelo corredor

até o quarto. Fiquei surpresa pela educação do menino, nem parecia tão jovem.

Quando éramos daquela idade era uma luta para irmos dormir, gostávamos de

conversar e brincar até tarde. Meus pais sofriam para domar todos nós, Bruno era bem

criativo. Arrumava jeitos de escaparmos quando nos colocavam pra dormir cedo. Até que

fomos pegos e ficamos uma semana sem televisão, claro que nos vingamos dele.

— E então, como foi o seu dia?

Virei-me para Alberto e sorri. Era hora do troco por tudo que eu estava passando.

— Foi bom até eu ser bombardeada de mensagens em especial uma que me deixou

bem irritada.

Ele levantou as mãos em rendição e arregalou os olhos.

— Não fiz nada de mais!

Levantei-me e sorri maleficamente.

— É o que vamos ver. Para o quarto agora, Alberto!

Vingança é um prato que se come frio.

Capítulo 30

Alberto

Tem aquele momento em que você acha que tá ferrado e nada poderá te tirar daquela

enrascada.

Sabia que iria irritá-la mandando a mensagem, mas também tinha certeza de que a

levaria até ali. Ana poderia teimar em ir para casa e eu queria demonstrar com o jantar o

quanto ela era importante em minha vida.

Mas, pelo jeito, havia chegado a hora de acertar as contas. Que Deus me ajudasse!

Ana andou à minha frente sem olhar para trás e a cada passo meu coração acelerava,

me deixando quase surdo pelo zumbido que o sangue fazia ao correr tão rapidamente.

Merda, eu estava com medo! Sim, eu sei. Idiota, mas era verdade. Ana era imprevisível.

Ela esperou eu entrar no quarto e fechou a porta atrás de mim, girando a chave em

seguida. Engoli em seco e fiquei olhando pra ela, que fazia questão de não manter

contato visual comigo. Ana deu a volta e parou à minha frente.

Com um sorriso diabólico no rosto, ela desabotoou minha calça.

— Acho que em doze anos que me conhece ainda não aprendeu nada, né?

— Ana, não fiz por mal. Só queria te trazer aqui — tentei amenizar as coisas porque

não sabia o que faria ao tirar minha roupa. Estava entre o medo e a excitação.

E ela continuou a tarefa de me despir sem se incomodar com o que eu disse.

— Acredito verdadeiramente que você *precisa* de uma lição, algo que o faça lembrar

que não se *brinca comigo*, que não me dá *ordens*, que não me *magoa*. — Olhou em meus olhos frisando cada palavra e me fazendo acreditar que eu iria me lembrar do que quer

que ela fosse fazer comigo.

— Você vai me amarrar?

Ela bufou, sorrindo, e negou com a cabeça.

— Não, isso é muito fácil. Se eu te amarrar, você vai ficar excitado, terá prazer. E isso

não é castigo. — Ana desceu minha calça e a cueca *boxer* não deixando de acariciar

minhas pernas, parando na cicatriz da cirurgia. — O que eu vou fazer com você é algo

que dará prazer somente a mim; você apenas assista e aprenda.

Engoli em seco quando ela se levantou e puxou minha camisa; no automático,

levantei os braços retirando a peça por completo. Ana empurrou meu peito até que eu

andasse de costas, minhas pernas bateram na beirada da cama e caí sentado. Já estava

pronto.

Droga de corpo traidor, eu estava com medo de sentir dor, já que não teria prazer.

— Ana, o que você está fazendo?

Ela sorriu e piscou pra mim, desabotoou cada botão da camisa azul que usava e a

deixou aberta aparecendo pedaços de renda do lindo sutiã branco, que cobria seus seios

macios.

— Quando te conheci pensei ter encontrado o príncipe encantado, era uma bobagem

de criança, meu príncipe virou sapo e eu virei a bruxa má. Mas sabe, Beto? Eu gosto de

ser a bruxa má.

Ela se inclinou para mim e deslizou o rosto por meu pescoço e mandíbula. Eu estava

com a barba por fazer e senti arranhando sua pele, meu pênis saltou e tive muita vontade

de me tocar, mas sabia que ela não permitiria e só iria piorar as coisas.

Então, veio à minha mente a premonição de Bruno e Heitor. Ela estava se vingando

de tudo que tinha acontecido. E tinha escolhido a pior maneira: me privando do seu

corpo, prazer e doçura. Não sabia qual era a intenção da Ana, mas ao final de toda aquela

provocação eu teria um infarto por ereção prolongada.

Mordi os lábios quando Ana se afastou, seus cabelos estavam presos; então, ela

puxou o elástico e sacudiu a cabeça, deixando aqueles fios sedosos tocarem seu colo,

ombros e rosto. Ana parecia sensual demais para mim, não iria aguentar e acabaria me

envergonhando.

— Ana, não brinca assim. É maldade.

— Exatamente... — Levou a mão até o jeans, meus olhos automaticamente seguiram

suas mãos. Ela desceu a calça rebolando, deslizando a peça com tanta sensualidade

inimaginável; a mulher sabia me enlouquecer, a calcinha era da mesma cor do sutiã que

fazia conjunto. A renda mal cobria seu sexo.

— Por que você usa essas *lingeries* para trabalhar? É algum atentado à sanidade

mental dos médicos?

— Não sei do que está falando, ninguém sabe o que há debaixo das minhas roupas,

eu uso elas para me sentir bonita, sexy... — Se aproximou do meu ouvido e completou: —

e gostosa!

Ela passou o dente por meu pescoço e se afastou ficando de pé à minha frente.

— O legal de se sentir confiante é que você percebe que pode fazer qualquer coisa, e

no momento meu objetivo é te enlouquecer. Estou conseguindo, certo?

Assenti feito um louco e Ana riu ruidosamente. Ela deu-me as costas e foi até o

aparelho de som, ligou e procurou uma música na lista que eu gostava de ouvir todos os

dias, apertando o play.

— Acho que não dá pro Fernando ouvir a música nessa altura.

Naquele estado, eu mal estava me importando com o Fernando estar em casa ou não.

Estava a ponto de esquecer tudo, de não deixá-la ter sua “vingança” e jogar minha mulher

na cama e ter todos os prazeres inimagináveis dentro do corpo dela.

A música melódica começou a tocar e Ana se virou, sorrindo, balançando os quadris.

Sua voz doce começou a entoar baixinho junto com o aparelho.

Você e eu fizemos um voto

Na alegria e na tristeza

Eu não posso acreditar que você me decepcionou

Mas a prova está no jeito como isso dói.

A música era *I’m not the only one*, do Sam Smith. Eu poderia dizer que ela tinha

escolhido a dedo, pois tinha tanto a ver com o passado que minha garganta se fechou de

emoção e arrependimento.

Ana se aproximou e pude sentir seu cheiro delicado de rosas; em seguida, ela

colocou a boca muito perto do meu ouvido.

Durante meses a fio tive minhas dúvidas

Negando toda lágrima

Eu queria que tivesse acabado

Mas eu sei que ainda preciso de você aqui

Afastou-se e olhou em meus olhos, séria. Seu corpo balançava ao som do violão

enquanto ela fechava os olhos sentindo a música. Ana se transformava quando cantava,

virava uma mulher sem nós, sem restrições e entregava-se ao ritmo. Percebi isso desde

que começamos a namorar; mesmo que ela cantasse muito pouco antes, eu já a vi no

chuveiro cantando suavemente sem perceber que era observada.

Ela passou as mãos pelo corpo e cantou um pouco mais alto.

Talvez eu não seja suficiente

Você me fez perceber o meu maior medo

Quando a música acabou, Ana respirava rapidamente e me fitava com um brilho

intenso no olhar. Ela lambeu os lábios e vi que estava emocionada e ao mesmo tempo

excitada.

— Em todos esses anos, Beto, eu vivi amargurada, com ódio de mim por me sentir

tão vulnerável a alguém. Porém, mesmo assim, eu não pude te esquecer, essa é a última

vez que toco no passado, não vou dizer mais nada sobre o que aconteceu, a dor que me

fez sentir. Não espere retaliações, *vingancinhas*. Eu sou mais que isso e você também. De

agora em diante eu enterro para sempre o passado. Os erros não serão apagados, a dor

continuará, mas está na hora de seguir em frente. Não tenha dedos comigo, fale o que

quiser, seja você mesmo. Me odiei por muito tempo por te amar, não quero mais isso.

Quero ser amada sem reservas, sem limites. — Ela esticou os braços ao lado do corpo

parecendo uma deusa e me fitou intensamente nos olhos. — Sou louca por você! Não

tem vingança, Beto. Apenas quis fazer algo diferente e dizer o que senti e ainda sinto em

forma de música. Só não me dê ordens ou posso pensar naquele lance de te amarrar.

Fiquei sem saber o que fazer com aquela mulher rendida a mim no meio do quarto.

Ana parecia uma ninfa sensual vestida de *lingerie* branca sob a camisa de botão azul, que

estava aberta, mostrando seu corpo delicioso; se entregando, deixando o passado onde

ele pertencia, carregando as cicatrizes, sim, mas, enfim, dando a oportunidade das

feridas se fecharem.

Eu sorri e levantei-me da cama, enlacei-a com um braço e imediatamente Ana

repousou as mãos em meus ombros. Com os olhos nos dela, abaixei a cabeça e quando

nossos lábios se encostaram, os fechei.

Dei alguns passos, mesmo mancando, com a batida da música simulando uma dança

com a mulher que eu amava, nossos lábios colados me faziam quase perder o juízo. Mas

aquele momento era crucial.

Deslizei a língua por toda extensão da boca dela, mordiscando e sugando seu lábio

inferior. O gosto dela era como um licor para mim, doce e suave. Apertei-a mais junto ao

meu corpo e intensifiquei o beijo; Ana cravou as unhas em meus ombros e a puxei com a

mão livre, ela prendeu as pernas em minha cintura e me virei em direção à cama. Deitei-a

sem me soltar da sua boca porque o beijo estava bom demais.

Meu corpo se encaixou nas pernas dela e com aquela música no *repeat*, movimentei

nossos corpos num ritmo enlouquecedor. Soltei seus lábios e a olhei nos olhos.

— Você não é a única a ter cicatrizes e mesmo assim continuar amando, Ana. Eu

também quis deixar de sentir o que sinto, você me lembrava dos meus erros, de como eu

fui idiota e imaturo. Mas quer saber? Eu te amo demais para viver lá atrás. Está na hora

de criarmos novas lembranças, não acha?

Ela assentiu e sorriu, puxando meu pescoço para ela.

Nossos corpos se encaixavam perfeitamente. Ana estava tão linda daquele jeito, que

não me importei em tirar nada, afastei sua calcinha e entrei onde eu sempre estaria bem

e feliz.

Naquela noite, a vingança dela era uma redenção. Perdoar é difícil demais, acredito

que apenas nos demos a chance porque viver separados, sem ter que vivenciar a dor, era

pior do que sentir um ao outro. Nos amarmos libertava. Com o tempo, talvez aquilo não

machucasse mais.

Uma lágrima escorreu dos olhos dela quando chegamos ao clímax e eu a capturei

com os lábios. Era um beijo de promessa. A promessa de um amor que foi capaz de ir ao

inferno, se queimar e renascer das cinzas.

***

Uma noite especial.

Era a definição perfeita para o que vivemos, fizemos amor até que cansamos e Ana

dormiu em meus braços. A convicção de que a pediria em casamento estava mais

enraizada em mim. Eu a queria do meu lado o tempo todo. Mas não queria esperar

muito, já perdemos muito.

Acordar e tê-la em meus braços ainda do mesmo jeito que adormecemos era um

bálsamo e um aditivo para o dia. Tomamos café com Fernando sorrindo e conversando

com Ana. Eles já tinham criado um vinculo e eu observava, encantado. Ana era especial

demais.

Quando saímos para trabalhar deixei todos os telefones de contato com Nando e

prometi ver a escola dele, Ana disse que iria pegar o telefone da diretora com Larissa.

Assim seria mais fácil matricular o meu filho.

O dia foi bem tranquilo no hospital e recebi uma mensagem da Ana com o telefone

da escola, logo liguei e conversei com a diretora, que foi muito solícita e pediu os

documentos necessários. Eu sabia que Nando tinha tudo na mochila que levou pra minha

casa. Ele era um garoto responsável.

Disse a ela que não tinha transferência nem nada, mas fui informado ser necessário.

Então, pedi a Nando o telefone da antiga escola, liguei e a diretora ficou de me mandar

por fax para adiantar a sua nova matrícula.

No meio do dia, eu recebi o fax e logo fui fazer a matrícula dele, que começaria as

aulas no dia seguinte. Eu estava ansioso pelo futuro, estava tudo indo muito bem até que

descobri que um oficial de justiça me esperava na recepção do hospital.

— Senhor Alberto Brenner, sou oficial de justiça e trago uma intimação ao senhor.

Por favor, assine aqui.

Peguei o papel e tudo desmoronou, a felicidade que eu vivia pela primeira vez em

anos estava ameaçada.

Tudo que é bom, dura pouco.

Capítulo 31

Ana Luíza

— Ai, meu Deus! Eu não acredito!

— O que foi, garota? Não grita no meu ouvido, caramba!

— Eu vi meus bebês e vou me casar!

— O que, Sabrina? Como assim, bebês? No plural? E vai casar quando?

A louca estava tão agitada que gritava a cada segundo, estava difícil de entender.

— Ah, Ana. Não sei. Lucas só me pediu, não marcamos nada, mas eu quero esperar

para ter os meninos com a gente.

— Meninos? Gêmeos? Deus do céu, estamos perdidos, mais dois. — Fiz drama, mas

sorri bebericando o café que tomava na sala de descanso.

— Engraçadinha, nem ficou surpresa por serem dois? Achei que ficaria chocada e

faria todo o teatro natural de Ana Luíza Petri.

— Rá, rá! Não, vocês são tão impulsivos que não seria de admirar que na hora de

fazer filho viessem dois, ou três. Mas como sabe que são meninos? Já deu pra ver? Não é

muito cedo?

— Não deu pra ver, é um palpite.

Fiz uma careta engolindo o café quente, que queimou minha garganta até o

estômago.

— Hum, vê se não vai sair comprando roupas azuis. Seus palpites são sempre um

fracasso.

— Dessa vez não, irmã, Eduardo e Gustavo vem aí.

— Lindos nomes, tenho certeza de que virão com muita saúde e sabendo que são

muito amados. Mas e esse lance de casar, é sério?

Sabrina estava tão empolgada que atropelou tudo, mas também tantas novidades e

surpresas, no mesmo dia, são de enlouquecer qualquer um, ainda mais sendo minha

irmã.

— Sim, quando chegamos da ultra, ele tinha preparado algo lindo com a ajuda do

Bruno.

— Até que fizeram algo bom. Mas, me diz, tá feliz? Passou a neura de que ele não

queria casar contigo.

— Sim, muito feliz!

Sorri amplamente e dei mais um gole no café, terminando de vez com ele.

— Assim que eu gosto de ver, minha caçulinha. Agora tenho que ir, sua louca. Tem

pacientes que precisam de mim, parabéns ao casal pela novidade tripla.

— Obrigada, Ana. Em breve será você... Tchau!

Sei que ela não quis dizer a parte do bebê, mas foi aquilo que minha mente registrou

fazendo meu coração sangrar. Acho que nunca me acostumaria em sentir aquela dor.

Antes de desligar o celular e voltar ao trabalho, vi que tinha uma mensagem do

Alberto me pedindo para ligar pra ele urgente. Pelas poucas palavras, devia ser muito

sério. Ele costumava ser extenso em seus textos e brincava muito.

Disquei o seu número, que estava na discagem rápida, e ele atendeu no segundo toque.

— Ana, você está no hospital?

— Estou sim, terminando meu intervalo. Por que, aconteceu alguma coisa?

Ele respirava entrecortadamente, parecia estar correndo, mas percebi que algo o estava incomodando logo que atendeu ao telefone.

— A mãe do padrasto do Nando está me processando.

— Oi? Como assim?

— Quando descobri que Fernando era meu filho, eles me ameaçaram, sabiam de tudo que havia acontecido conosco e prometeram colocar a boca no mundo. Eu não podia deixar, Ana. Você pediu segredo. Me fizeram assinar um documento que eu não poderia falar a ninguém que Nando era meu filho. E agora que eu falei, ela está me processando por causa disso.

— Putz, mas o cara morreu, não?

— Sim, não sei o que essa velha quer com isso. Vou ter que entrar na justiça para ficar com o Nando, Ana.

Podia sentir pela sua voz que ele estava perturbado.

— Ei, espera. Acho que conheço uma advogada da vara de família. Vou ver se encontro alguma ajuda. Está indo pra casa?

— Sim, não quero deixar ele sozinho. Não se sabe o que essa gente pode fazer.

— Ok, te encontro lá.

Eu não tinha falado com a mãe de William informalmente ainda, nem formalmente

na verdade. Encontrei com ela algumas vezes, mas não foi nada mais que um

cumprimento educado. Como eu sabia que ela estava visitando o filho, fui correndo para

o quarto ver se conseguia pegá-la ainda por ali.

Corri pelo hospital e quando parei na porta aberta estava sem fôlego. Cecilia, Will e

João conversavam alegremente até que me viram na porta.

— Jesus, Ana. Tá correndo de quem?

Puxei o ar profundamente e olhei João, pensando em responder a sua provocação.

Porque sim, ele sorria como um idiota. Mas decidi ignorar, olhei para Cecília e, pela

primeira vez, notei o quanto era bonita e sofisticada. Seus cabelos escuros estavam

presos num rabo de cavalo bem feito, o que completava a calça social e blusa de seda.

— Cecília, preciso da sua ajuda.

Ela arregalou os olhos e apontou para o próprio peito.

— Eu? O que precisa?

A mulher pareceu assustada e percebi que nem me apresentei, deve ter pensado que

eu era uma louca, na verdade estava parecendo uma mesmo.

— Nossa, desculpa. Que grosseria! Sou a Ana.

Ela sorriu e olhou para Will, que devolveu o sorriso da mãe.

— Sei quem você é, esses dois não param de falar da enfermeira gata que William

disse que vai se casar.

Estreitei meus olhos para o garoto, que deu de ombros. Que impertinente!

— Não acredite em tudo que eles falam, são mais fofoqueiros que meu irmão. Bem,

desculpa me apresentar assim, eu sabia que estaria aqui e Will me disse que é advogada

de família.

— Sem problema. O que precisa, Ana?

— Meu namorado foi intimado a uma audiência, é um processo sobre o filho dele.

Cecília franziu as sobrancelhas perfeitas e tombou a cabeça de lado, confusa. Quem

não ficaria, certo?

— Que tipo de processo?

— É complicado, mas o fato é que o nome dele não está registrado na certidão de

nascimento do filho.

Ela fez uma careta e pegou a bolsa que estava pendurada na poltrona.

— Hum... Bem, então acho que temos que conversar com seu namorado para

que me

conte tudo certinho.

Assenti e respirei fundo. Graças a Deus, pelo menos uma coisa se resolveria.

— Muito obrigada, Cecília. Te devo essa!

— Imagina, eu sei todo o bem que fez para o meu filho. Ele me contou os conselhos

que deu a ele, e a mim de tabela. Escutei tudo e agradeço, viu?

Fiquei um pouco envergonhada e assenti. Ela imediatamente se levantou, despediu-

se do filho e me acompanhou até o carro. Decidimos que o melhor era me seguir, assim

não ficaria presa a mim para trazê-la de volta.

Quando chegamos à casa de Alberto, ele andava de um lado pro outro nervoso e

Fernando ficava olhando para o pai com uma carinha que chegou a me dar dó. Ele parecia

assustado.

— Beto. Essa é Cecília, ela é advogada da vara de família.

Ele parou sua via sacra pelo tapete e nos olhou com o cenho franzido, respirou

ruidosamente e pareceu relaxar, tirando uns dez quilos dos ombros.

— Ai, Deus! Você precisa me ajudar.

Cecília sorriu e assentiu, ela passava muita confiança. Parecia ser uma ótima

profissional.

— Vamos ver, preciso que me conte tudo que tá acontecendo porque, pelo pouco

que

Ana falou, não entendi nada.

Ele assentiu, pediu licença e a levou até o escritório, que ficava ao lado. Sentei-me ao

lado de Fernando, que nem olhou pra mim. Torci a boca para os lados, queria puxar uma

conversa com ele para ver se o distraía de tudo que o afligia. Ele passou por tanta coisa e

agora mais essa.

— Então, Fernando, como se saiu hoje? Gostou de ficar aqui sozinho?

Ele olhou para mim e franziu a testa, dei de ombros e ele sorriu.

— Está tentando melhorar meu humor? Foi até legal, até eu descobrir que a jararaca

quer processar o meu pai só porque quer ficar com o dinheiro do Pedro. Nem quero esse

troço, pode ficar com ele todo. Será que eu vou conseguir viver em paz, Ana? Desde que

me entendo por gente, vivo com medo de fazer algo errado.

— Vai dar tudo certo, Nando. Você vai ficar com seu pai. Daqui uns meses, vamos rir

da cara da velha. Pode ter certeza.

Ele me olhou meio de lado e sorriu.

— Você é legal, Ana. Espero que com o tempo possa gostar de mim. Sei que é difícil,

mas se acontecesse seria legal.

— Mas eu já gosto de você, seu bobo.

Ele arregalou os olhos azuis, boquiaberto.

— Sério?

Empurrei-o com o ombro.

— Como não gostar de um menino tão especial? Em três dias você me cativou,

Nando. Vejo que tem muito do seu pai mesmo.

Ele sorriu lindamente, um sorriso que eu não tinha visto até então. Um pouco sem

jeito, eu o abracei pelos ombros e dei tapinhas no seu braço.

— Fica firme aí, não desmorona que vai dar tudo certo.

— Vou tentar. — Ele ficou em silêncio por alguns segundos. — Ana, você perdoou

minha mãe pelo que ela fez?

Arregalei os olhos e engoli em seco, tirei meu braço dos ombros do Fernando e me

inclinei apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Isso é complicado Nando, ainda mais sendo sua mãe. Não é legal, e se eu cometer

um deslize e disser algo que não te deixe feliz.

Ele assentiu, entendendo o que eu queria dizer, e abaixou a cabeça se inclinando na

mesma posição que eu.

— Até que ela era uma boa mãe, sabe, só não era muito carinhosa. Um pouco seca,

na verdade. Acho que eu não fiquei assim, graças ao meu pai.

Olhei para ele e fiquei com pena, me lembrei como Luciana era realmente seca, fria e

até maldosa. Coitado do menino ter nascido daquela mulher.

— Bem, disso você não vai mais sofrer, querido, a família Petri é um carinho só.

Chega a sufocar.

Ele arregalou os olhos e parecia encantado. Uma criança grande!

— Eu serei da família? — Sua voz era repleta de esperança.

— Você já é, Nando. Já é!

Capítulo 32

Alberto

O meu desespero com a possibilidade de perder o Fernando estava chegando ao fim.

A audiência, enfim, tinha chegado; em dois meses, Cecília estudou o contrato e traçamos

um plano para que eu não perdesse o menino, claro que fizemos testes de paternidade e

tínhamos a comprovação de que Fernando era meu filho. Além desse processo, a velha

pedia a guarda dele e eu iria lutar para que isso não acontecesse.

Minha perna tinha melhorado muito rápido e quase não usava mais a muleta de

apoio. Já tinha se passado cinco meses desde a cirurgia, claro que muita fisioterapia tinha

ajudade muito.

Encontrei Cecília na porta do fórum e entramos, Fernando estava nervoso e podia ver

isso em seus olhos. Ele estava cabisbaixo e andava ao lado de Ana sem nem mesmo virar

a cabeça.

A presença dele ali era importante, porque, após a avaliação de uma assistente social,

seu depoimento seria de grande importância.

Aguardamos numa sala até que fomos chamados, Cecília me instruiu para não

aceitar provocação e nem me exceder em nada. Que deixasse que ela tomaria conta de

todo o processo.

O juiz entrou, nos levantamos e começou a sessão. A jararaca me fuzilava com os

olhos e eu jurava que via cifras no lugar das pupilas, pois a mulher estava interessada

somente na herança que Fernando receberia.

Mas, graças a Deus, minha advogada deu um espetáculo. Apesar dos argumentos

apresentados pela acusadora, eu não fui processado. Ela alegou que não havia

transmissibilidade; com a morte do Pedro, não havia danos à imagem do mesmo com a

revelação da real paternidade do Nando.

A velha surtou, começou a gritar e xingar. Foi preciso ameaçar que a colocaria para

fora da sala se não se controlasse.

Porém, o juiz analisou o caso, leu e releu o contrato e concordou que não havia

motivos para aquele contrato continuar sendo válido se a parte interessada havia

falecido.

Então, nos viramos para a temida guarda.

— Vejo aqui que consta no registro de nascimento a paternidade de Pedro Carvalho,

mas, segundo os testes de DNA, Fernando Carvalho é filho do senhor Alberto Brenner.

Confere isso?

O juiz parecia confuso e assenti. Ele respirou fundo e pareceu ponderar.

— De acordo com a lei, compreende-se por guarda unilateral a atribuída a um só dos

genitores ou a alguém que o substitua, nos termos do art. 1.584, § 5º do Código Civil

Brasileiro. Caso mantida a paternidade de Pedro Carvalho, a guarda do menor seria

atribuída à sua avó, parente consanguínea mais próxima. Entretanto, havendo provas

irrefutáveis nos autos de que o real pai biológico do menor Fernando Carvalho é o senhor

Alberto Brenner, é essencial atentar-se que existe uma lei quanto à criação e educação do

menor. Não sei o motivo que levou, senhor Alberto, a abrir mão da guarda de seu filho.

Será que poderia me explicar melhor do que as coisas que constam em meus laudos?

O juiz estava bem sério e Cecilia se adiantou antes que eu dissesse qualquer coisa.

— Meritíssimo, eu tenho algo que pode te ajudar nessa decisão. — Cecília se

aproximou com um papel na mão. Eu sabia o que era, pois Fernando me entregou

quando ficamos sabendo da disputa de guarda.

O juiz pegou o papel e leu em silêncio, suspirou e olhou para nós por baixo dos

óculos.

— Lerei em voz alta para que não haja nenhuma dúvida quanto à validade. Essa é

uma carta registrada em cartório por Luciana Assis Carvalho na mesma data que

Fernando foi registrado; na verdade, ela foi registrada antes da certidão de nascimento.

Passo à leitura, e solicito que os dizeres sejam incluídos nos autos:

“Desde que meu filho nasceu, tão diferente do meu marido, ando com medo do que pode

acontecer, caso ele descubra que não é o pai do Fernando. E por isso resolvi revelar aqui a

verdadeira paternidade dele, vou registrar em cartório para que seja válida como um documento.

Escondi de Alberto que era o pai dele porque perderia a confiança do Pedro e preferia morrer

a isso. Mas minhas prioridades mudaram e preciso deixar meu filho assegurado de qualquer

coisa.

A família Carvalho é muito fria e cruel, não quero meu menino nas mãos deles se algo

acontecer comigo. Então declaro que o pai biológico do Fernando é Alberto Brenner, não o Pedro.

Caso algo aconteça a mim, solicito que a guarda passe para o pai biológico, Alberto Brenner.

Não quero que meu filho seja educado pela família Carvalho.

Assinado,

Luciana Assis Carvalho.”

O juiz dobrou a carta e a colocou na mesa, espalmando a mão por cima, como para

resguardá-la; provavelmente, da loucura da velha que soltava fogo pelo nariz.

— Bem... analisando os autos, e levando em consideração todas as provas que o

compõe, era do interesse da mãe que a guarda do menor, e o exercício do poder familiar,

fosse concedida ao pai biológico. Como é um documento registrado em cartório, atrelado

ao exame de DNA que atesta a paternidade do Réu, concedo a guarda provisória do

menor ao Requerido, consignando que ainda tramitará todo o processo para retificação

do registro de nascimento.

— Mas isso não pode acontecer, e a herança do meu filho vai ficar com eles? — A

velha parecia desesperada.

O juiz a olhou de cara feia, já devia ter percebido que o interesse da jararaca era

somente pelo dinheiro e não por amor ao meu filho.

— Como não há provas nos autos de que o senhor Pedro Carvalho tinha a intenção de

excluir o menor da sucessão hereditária, não possuo meios de invalidar seu ato de

vontade. Além disso, ele criou o menor como se fosse seu filho, motivo pelo qual

mantenho o direito sucessório de Fernando Carvalho.

Fernando se levantou e a encarou, determinado. Suas mãos estavam em punho e a

coragem que demonstrou me deixou surpreso, pois ele esteve tão retraído nos meses que

passamos juntos.

— Eu não quero esse dinheiro! — Em seguida, virou-se para o juiz. — Senhor, eu

posso abrir mão da herança? Eu não quero nada dessa família, se eu puder ficar com meu

pai e a Ana já me sinto feliz.

O juiz levou em consideração a opinião de Fernando e respirou fundo, pois parecia

cansado daquela ladainha. No entanto, não retirou a herança dele. Meu filho me encheu

de orgulho ao se pronunciar a favor de ficarmos juntos. A sessão foi encerrada e, enfim,

voltaria para casa com meu menino. A jararaca teve que ser contida pelo

advogado, pois

blasfemou todas as nossas gerações por ter perdido.

Quando chegamos à porta do fórum, agradeci a Cecília.

— Muito obrigado por todo apoio, Cecília. Se não fosse por você, eu teria metido os

pés pelas mãos. Estava muito nervoso.

— Que nada, você tem uma base forte ao seu lado. E o crucial foi a carta que Luciana

havia dado ao Fernando antes de viajar. — Ela olhou para o meu filho e sorriu. — Muito

esperto você ter se lembrado disso.

Ele assentiu e sorriu. Parecia tão feliz que o pesadelo havia acabado que estava mais

relaxado.

— Eu sei, lembrei disso porque a tensão estava de volta à minha vida. Quando ela foi

viajar, Pedro estava sem paciência para lidar comigo e disse que aquele documento tinha

que ficar guardado, que era muito importante. Minha mãe tinha medo dele.

Cecilia não sabia como responder e Ana abraçou Fernando. A impressão que tivemos

era de que Pedro ficava violento com os dois, mas eu não forçaria meu filho a falar ainda.

Ele precisava descansar de toda aquela confusão.

Antes que eu pudesse dar voz ao que pensava, Ana se adiantou.

— Bem, vamos sacudir a poeira e levar o tatuado pra ver sua luz, ou o cara vai pirar.

— Assenti e sorri para a mulher que amava, ela já havia se soltado do abraço de

Fernando, mas permanecia segurando a mão dele.

Eles tinham se aproximado muito nos últimos dois meses. Eram grandes amigos e

aquilo me deixava em êxtase.

Despedimo-nos da advogada e fomos juntos para a casa do Heitor, pois ficamos de

levá-lo para uma revisão. Por mais que ele tenha ido embora há mais ou menos um mês e

meio, precisava retornar até ele ficar forte e independente; foi bem cansativo pra ele.

Além de ser orgulhoso estava deprimido, porque, após sua melhora, Liz passou ele

aos cuidados de um colega e não ia vê-lo mais. Somente hoje eles se encontrariam

novamente; ela estaria presente na revisão, já que acompanhou-o enquanto estava em

coma.

Chegamos à casa dele e o filho da mãe estava na calçada nos esperando, impaciente.

— Que bom que chegaram. Agora é essa porcaria, tenho que esperar carona porque

não posso dirigir. Tomara que seja liberado hoje.

Franzi a testa e olhei para Ana, que sacudiu a cabeça. Ela era bem conciliadora,

enquanto eu não tinha muita paciência.

— Ei, ei. Vamos parar com esse mau humor que ninguém é obrigado a aturar. Você

acordou, está em casa há mais de um mês e fica com essa tromba pra todo mundo.

Ninguém é obrigado a aguentar isso, somos seus amigos e queremos te ver bem; mas,

meu amigo, se você quer viver nessa merda de depressão, vai viver sozinho.

— Beto! — Ana arregalou os olhos, me repreendendo.

— Não, Ana. Ele não pode agir assim. Nós não podemos permitir isso.

Heitor estava sentado ao lado de Fernando, que assistia a tudo em silêncio. Mas,

como o *barman* não disse nada, e continuou olhando para fora, eu respirei fundo e dei

partida no carro.

Percorremos o caminho num silêncio desconfortável e quando paramos em frente ao

hospital, Heitor pediu que parássemos.

— Desculpe, gente. Prometo guardar esse mau humor, não vou incomodar vocês.

Respirei fundo e me virei, olhando para ele.

— Não queremos que guarde nada, cara. Mas você tá obcecado por alguém que nem

mesmo conhece. Liz fez um trabalho com você, ela fez mais, concordo, mas, cara,

esqueça! Seja nosso amigo de novo.

Ele assentiu e engoliu em seco. Saímos e nos dirigimos até a área neurológica, Ana

ficou com Fernando na recepção e eu acompanhei meu amigo até o consultório da Liz.

Quando nos aproximamos, vi que meu amigo andava devagar, quase parando. Porém,

esperei que ele me alcançasse.

— Você tá bem?

— Tô sim, às vezes minhas pernas não me obedecem. Nada de mais!

Assenti fingindo que acreditava; em seguida, bati na porta e Liz pediu para que

entrássemos.

— Ei, Liz. Trouxe o tatuado para a revisão.

Ela sorriu sem graça e olhou diretamente para o meu amigo, que estava estático na

porta, hipnotizado. A médica corou fortemente e se sentou atrás da mesa se escondendo,

usando a posição que exercia como um escudo.

— Sentem-se, quero conversar com você e depois faremos alguns exames, ok? Você

tem acompanhado ele mais de perto, né? — Ela olhou para mim evitando fazer contato

visual com Heitor. Ele se acomodou ao meu lado e ficou ereto como dois de paus.

— Isso. Como moramos perto, eu tenho vigiado o tatuado. Mas tem uma enfermeira

que fica com ele, Ana também ajudou no início.

— Sei, e como ele tem passado? Eu não estive com o médico que fez as outras revisões.

— Você pode perguntar pra mim, eu não perdi a fala — Heitor disse entredentes.

Liz engoliu em seco e sorriu.

— Sim, verdade. Desculpa! Como tem passado, senhor Teles?

Percebi a tensão e me mexi na cadeira, estava desconfortável com aquela troca intensa de olhares, o mau humor e agora a formalidade.

— Ando bem na medida do possível, doutora. Dependo de todos para ir e vir, não posso trabalhar, perdi meu olfato, sinto cheiros fortes apenas e ando bem cansado de não fazer nada. Além, é claro, de ser ignorado constantemente. Minha médica me abandonou.

Liz ficou olhando pra ele; e eu apenas observei. Achei melhor não me meter.

— Tudo bem! Vamos ver seus reflexos, acho que pode dirigir e trabalhar.

Ela se levantou e Heitor se sentou na maca ao lado, ela verificou os reflexos motores, da pupila, escutou os batimentos cardíacos.

— Eu vi uma ressonância sua e parece que tá tudo bem, nem se percebe que esteve em coma por quase três meses. Pode voltar à vida normal, mas sem exageros. Continue

fazendo acompanhamento mensal aqui por algum tempo. Depois eles irão te dar alta.

Heitor assentiu mal-humorado, mas percebi que ele ficou mexido por ter sido tocado

por ela.

— E pra onde vai, Liz?

Ela sorriu e voltou a se sentar para manter distância do tatuado.

— Vou pra casa, meus serviços não são mais necessários aqui. Tá na hora de voltar.

Meu amigo se levantou e saiu batendo a porta atrás de si. Ela ficou olhando para a

porta fechada com o sorriso congelado no rosto, que foi se apagando aos poucos.

— Acho que não deveria fazer isso. Dê uma chance!

Ela me encarou e franziu a testa, tentando disfarçar.

— Não sei do que você está falando! Já tá na hora de voltar...

— Bom, você quem sabe. Vou nessa, tive uma manhã cansativa. Obrigado por todo

cuidado com meu amigo, Liz. Você foi muito legal por ter ficado.

— Só fiz o meu trabalho!

— Fez mais e sabe muito bem disso... Bom retorno. Não esquece da gente, tá?

— Pode deixar! Adeus, Beto.

— Adeus, Liz.

Saí do consultório e enfiei as mãos nos bolsos; fiquei preocupado com os dois. O que

seria deles? Pareciam tão ligados; porém, enquanto um era orgulhoso, o outro era

teimoso demais. Ana e Fernando conversavam na recepção; e ela ria de alguma coisa que

ele contou.

Meu coração acelerou com a cena. Ela parecia a mãe dele.

— Vamos para casa?

Eles me olharam e sorriram, estava na hora de levar minha família de volta ao lar.

Capítulo 33

Ana Luíza

Em dois meses, eu aprendi a amar uma pessoa que não fazia ideia de que me

arrebataria tão rápido. Ele era doce, tinha um sorriso lindo e os olhos mais azuis que eu

tinha visto. Gostava muito de me abraçar, e com o tempo tomou coragem para me dar um

beijo. Porém, nunca me esqueceria do quanto aquele dia foi especial.

Virou rotina o Fernando chegar da escola e me procurar para bater papo. Eu ficava

mais na casa do Alberto que na minha, às vezes dava uma de louca e ia embora. Percebi

que acontecia mais nos finais de semana, acho que o medo se acumulava e eu precisava

me afastar um pouco.

Só que na sexta, após a audiência, Alberto arrumou um monte de coisas pra fazer

na

rua que, à noite, ao chegar na casa dele, estava esgotada. Deitei no sofá ouvindo Nando

tagarelar sobre como o dia foi agitado e acordei sendo carregada por braços fortes.

Beto me colocou na cama e viu que estava acordada.

— Fiz o possível para não te acordar.

— Não tem problema, eu preciso escovar os dentes.

Alberto sorriu e sentou-se ao meu lado no colchão, levantou uma mão e retirou uma

mecha de cabelo da frente do meu rosto.

— O dia foi bem *punk*, né?

Inclinei-me para seu toque, fechando os olhos para que pudesse aproveitar mais

daquele sentimento que invadia meu peito.

— Um pouco, mas deu tudo certo no final. — Abri meus olhos e o encarei.

Beto se abaixou, aproximando sua boca da minha. O momento que premeditava o

beijo era tão excitante, que ficava pensando como seria dessa vez, e que tipo de beijo ele

me daria: se seria um selinho carinhoso ou um beijão de tirar o fôlego.

Nossos lábios se roçaram e fechei meus olhos recebendo o que ele tinha para me dar.

Desde o nosso primeiro beijo, há doze anos, nunca era igual, sempre tinha algo novo,

diferente de alguma forma. Apenas uma coisa permanecia da mesma maneira: sentia um

frio na barriga e meu coração acelerava.

— Nunca vou me cansar dos seus lábios, Ana — falou com os lábios colados nos

meus.

— Eu acho bom não se cansar mesmo, ainda ficarei aqui por muito tempo.

Ele se afastou sério e perdi o sorriso que estampava meu rosto. Ai, será que disse

algo errado?

— O que quer dizer com isso?

Balancei a cabeça e me sentei, apoiando-me nas mãos.

— Nada, estou só brincando.

Beto estava estranho há algum tempo; peguei-o algumas vezes falando sozinho,

outras vezes parecia querer dizer alguma coisa; tinha receio de estar pressionando

demais, impondo minha presença.

— Ana...

— Não precisa falar nada, vou pra casa. Acho que estamos ficando muito juntos; o

que era para ser um retorno lento e saudável, se tornou uma brincadeira de casinha.

Eu o interrompi, pois não suportaria ouvi-lo pedindo espaço, como eu imaginava que

seria. Me levantei da cama e fui até o outro lado pegar minha bolsa. Quando me

virei,

Beto estava de braços cruzados, parado no meio do quarto, me olhando com os olhos

estreitos.

— Onde você pensa que está indo, Ana?

Respirei fundo e coloquei a bolsa no ombro.

— Vou pra casa antes que alguma coisa dê errado. Tá tudo muito bom demais!

— Por isso você tem fugido de mim todos os finais de semana?

— Sim, e não se faça de ofendido. Era o que ia me pedir segundos atrás, para eu ir

pra casa.

Alberto descruzou os braços e aproximou-se, retirando a bolsa do meu ombro e a

jogando no canto do quarto, envolveu os braços ao redor da minha cintura e encostou a

testa na minha.

— Quando você vai aprender a parar de tentar adivinhar o que eu quero, Ana? É

muito simples! Eu quero você na minha vida, para sempre.

Sabe aquele momento que você sente como se não estivesse presente, seus ouvidos

não escutam mais nada, os olhos mal enxergam e a boca seca tanto que parece ter comido

um quilo de sal?

Me sentia daquela maneira olhando para o Alberto, que sorria suavemente, enquanto

suas mãos subiam e desciam em minhas costas.

— Quero dormir e acordar ao seu lado, dividir cada momento e recuperar cada segundo perdido.

Engoli em seco e meus pulmões pareciam não querer funcionar.

— O que quer dizer com isso?

Ele sorriu e levantou uma mão, espalmando em meu rosto.

— O que você acha, Ana Luíza? Casa comigo?

Arregalei os olhos e meu coração parecia que sairia pela boca de tão rápido que batia. Não percebi que esperava por aquele pedido por tanto tempo, e ele foi feito assim,

tão simplesmente e tão natural que para mim foi a melhor maneira.

O amor crescia em meu peito e já criava raízes de novo. Os dois homens que tomaram meu coração estavam comigo e eu não poderia estar mais feliz.

Deitei em seu peito e assenti. Não precisei dizer nada, ele sabia. Eu estava muito emocionada para dizer qualquer coisa, mas o que são palavras? Um amontoado de letras

que o vento pode levar, mas aquilo ali era muito mais, era amor de verdade que resistiu

ao tempo e a dor. Nós sobrevivemos.

Beto encostou o queixo em minha cabeça e ficamos abraçados pelo que pareceram

horas.

***

Era nosso primeiro final de semana juntos sem eu surtar com dúvidas e

inseguranças. No sábado, Beto nos levou para almoçar e passamos a tarde passeando no

shopping.

Depois que passamos pelo incômodo de uma audiência, Fernando se mostrou um

garoto completamente diferente do que chegou. Falava muito, brincava, chegava a ser

chato até, mas era normal. Coisas de adolescente. Porém, acima de tudo, ele era um doce

de menino.

Nunca esquecia de me contar um detalhe do seu dia e quando encontrava algo que

eu gostava de comer, comprava e levava pra mim. Claro que aquilo me fazia chorar

porque eu me emocionava com cada ato de carinho.

Depois do shopping fomos ao cinema e voltamos para casa. Naquela noite fizemos

uma festa do pijama e nós três dormimos na sala vendo televisão até de madrugada.

Quando amanheceu, vi que havia dois homens lindos me observando.

— O que foi? Eu ronquei?

Beto sorriu e negou com um aceno.

— É que eu contei para esse pestinha que você aceitou se casar comigo e ele quer te

fazer uma pergunta.

— Ai, meu Deus! Fiquei até com medo agora.

Nando parecia um pouco inseguro e abaixou a cabeça, se afastando e sentando no

colchão novamente. Me levantei e sentei-me de pernas cruzadas.

— Pode falar, só não espere uma resposta rápida, pois ainda nem tomei café.

Ele assentiu e suas bochechas coraram fortemente; estava começando a ficar

preocupada.

— Na verdade, é uma coisa boba, porque seja qual for a resposta você ainda é minha

amiga.

— Sou mesmo! — Beto nos observava em silêncio e comecei a ficar apreensiva ao que

estava por vir.

— Bem, eu pedi ao meu pai para perguntar, mas ele disse que eu tinha que tomar a

rédea da minha vida. — Fez uma careta e Alberto sorriu. — Eu queria saber: já que você

vai se casar com meu pai e vai se tornar minha madrasta, eu posso te chamar de mãe?

Eu realmente achava que aqueles dois estavam tramando aquilo há décadas: um final

de semana para acabar com a Ana.

A saudade que senti a cada segundo do meu Davi retornou. O que ele me pedia era

muito mais do que um simples título, era um sentimento que havia nascido em

mim

desde o primeiro momento que o vi. Afinal, ele tinha parte do homem que eu amava.

Um turbilhão de sentimentos me confundiu e não soube o que dizer prontamente.

Nando já estava desconfortável por minha demora e Alberto parecia esperar pelo pior.

Arranhei minha garganta e estendi minha mão, pegando a dele na minha.

— Nando, que coisa difícil você vem me perguntar. Apesar de eu querer muito ser

sua mãe, eu não posso fazer isso. Eu daria tudo para que eu pudesse ser, porque me sinto

como tal. Mas não posso tirar esse direito que sua mãe teve, e ainda tem. Entendo que

esteja carente e sentindo falta de uma mãe, mas você não pode fazer isso com ela. Ela te

amou do jeito dela, mas amou. Prova disso é a carta que te entregou; ela pensou em você,

quis te proteger. Dói o meu coração dizer isso, e negar esse privilégio, mas você teve uma

mãe e eu sei o que é perder um filho; acredito que deva doer na mesma proporção perder

uma mãe. E você não se permitiu sofrer, está guardando isso aí no seu coraçãozinho. —

Cutuquei seu peito com o dedo e vi que ele engolia com dificuldade. Me arrastei até ficar

ao lado dele e o abracei. — Quando meu pai faleceu, eu fiquei arrasada; chorei por dias,

mas meu irmão não. Ele dizia que seria nosso pai e nos protegeria, eu deixei ele falar até

que me irritei e dei-lhe um soco na cara. Ele perguntou por que fiz aquilo e eu disse que

ninguém ficaria no lugar do meu pai. Dali em diante, eu vi meu irmão se permitir chorar

por saudade do nosso pai. Eu não posso tomar o lugar da sua mãe, Nando. Mas serei sua

melhor amiga para o resto da vida, uma *boadrasta*. O que acha?

Vi as lágrimas começarem a escorrer por seus olhos azuis e o abracei mais forte;

Nando já soluçava e gemia. Sua dor era insuportável, pois eu já havia passado por aquilo.

Só que com um detalhe: eu estava sozinha, mas ele não.

Alberto se aproximou e nos abraçou forte; ficamos os três ali, nos apoiando, trocando

um carinho que não havia medidas e nossa família se fortaleceu naquela manhã de

domingo.

Apesar de eu ter dito aquilo para ele, me sentia como mãe. Meu amor por aquele

menino, que em pouco tempo se ganhou o meu coração, era de uma mãe para um filho.

Mas eu nunca poderia tomar o lugar de Luciana, não gostaria que fizessem isso

comigo.

— Obrigado por você existir na minha vida, Ana. É minha melhor amiga. — Sua voz

emocionada me tocou profundamente e ao Alberto também.

Ele se levantou e vi que enxugava o rosto.

— A melhor amiga, Nando. Sempre, viu?

Ele assentiu com a cabeça em meu ombro e sorri. Estava tudo indo para o seu devido

lugar. Só que ainda faltava um pedaço em meu coração. Será que aquele vazio nunca seria

preenchido?

— Agora eu vou alimentar meus dois amores, o café está na mesa pessoal. — Beto

nos chamou da porta.

Levantei meu olhar para Alberto, e ele sorria abertamente; nossa manhã de domingo

havia começado cheia de emoções e promessas. Amizade firmada e sentimentos

conflituosos, lágrimas de saudade e de redenção.

A nossa vida em família estava apenas começando.

Capítulo 34

Alberto

— Vocês o quê?!

— Nós vamos nos casar!

— Em Vegas?!

Arregalei os olhos e fiquei encarando Bruno e Lucas, que me olhavam como se eu

tivesse duas cabeças.

— Sim! Não queremos esperar mais do que uma semana, já passamos tempo demais

separados.

— Puta que pariu, Alberto! Você e Ana só me arrumam encrenca. Como vou levar a

minha mulher grávida de nove meses...

— Oito — Lucas corrigiu.

Bruno estreitou os olhos para o futuro cunhado e continuou:

— Oito meses, que seja. Como vou levar minha mulher com aquela barriga enorme

para Las Vegas?

— Bruno, não seja idiota! Layla está muito bem, linda e maravilhosa, com aquela

barriga. Além do mais estaremos em um grupo de médicos, se algo acontecer saberemos

o que fazer.

— Deus do céu, nem brinca com uma coisa destas. Quero minha mulher no hospital,

com todos os recursos necessários e de preferência que eu esteja do outro lado, como pai.

— Ele parecia horrorizado com a possibilidade de realizar o parto da esposa.

— Concordo! — Lucas parecia do mesmo jeito. — Sabrina ainda está de cinco

meses,

mas a barriga não para de crescer.

Sorri para os dois, que pareciam bem assustados. Meu Deus, eles seriam pais!

— Vocês podem, por favor, parar de drama. Suas mulheres são lindas, estão

saudáveis e eu vou me casar, porra!

Eles se entreolharam e, então, entenderam o que eu queria dizer.

— Em Vegas, porra! — disseram em uníssono e me abraçaram dando tapas e

congratulações.

Aqueles caras eram minha força, muitas vezes pensei em desistir do que me fazia

feliz — Ana Luíza —, sumir e viver do jeito que dava. Mas, por eles, pela felicidade que

conquistaram, por serem homens melhores que eu, permanecia focado a reconquistar a

mulher que amava.

— Então, eu fico ausente por alguns meses e quando volto está todo mundo se

abraçando? O que vocês deram para aquelas mulheres? Fermento? Elas estão a ponto de

explodir.

Afastamo-nos sorrindo e olhamos para Heitor, que nos observava com a testa

franzida e um sorriso sarcástico.

— Pronto! O circo está completo, podemos ir para Vegas! — Bruno se aproximou de

Heitor e deu aquele meio abraço de homem. — Bem-vindo de volta, e sendo você mesmo.

— Obrigado, mas que negócio é esse de ir para Vegas?

Lucas se aproximou e repetiu o mesmo que o Bruno:

— O Dr. Brenner vai se casar com a esquentada da Ana em Las Vegas!

Heitor sorriu abertamente e assentiu.

— Já estava na hora; e, cara, que bônus! Podermos ir a Vegas e ficar milionários.

— Ou pobres! — Ana disse ao se aproximar. — Você sabe que se for azarado perde

até mesmo a cueca, né?

Todos riram da brincadeira dela, menos Heitor.

— Sorte no jogo e azar no amor, pimentinha. Quando será o enforcamento, digo,

casamento?

Idiota, gostava de provocar! Ana mostrou a língua pra ele e sorriu, me abraçando

pela cintura.

— No próximo sábado.

— Porra, tá com pressa mesmo! Então, vou comprar minha passagem. — Heitor

sorriu e bateu em meu ombro enquanto passava para o lado de dentro do balcão do bar.

— Obrigado. Se vocês não estivessem lá não teria a mesma graça, mas eu me casaria

do mesmo jeito. — Abaixei a cabeça e beijei os lábios que eu nunca me cansaria de

provar.

Bruno revirou os olhos e se virou à procura da esposa, que andava em sua direção,

linda como sempre. Layla estava pronta para se apresentar.

— Eu ouvi dizer que vamos para Vegas? Quero ir a uma boate de *stripper*.

— Que porra, Layla! Você tá grávida, mulher!

Ela empurrou Bruno e apontou o dedo para ele.

— Faça me o favor de parar com esse monte de xingamentos porque teremos um

bebê em breve e não quero que a primeira palavra dela seja porra. E qual o problema de

eu estar grávida e ir a uma boate só para mulheres, afinal teremos que fazer uma noite de

meninas, né, Ana?

— Com certeza, cunhada!

— Ah, eu também quero ir. Será que o Channing estará lá, dançando como em *Magic*

Mike? — Sabrina se aproximou sorrindo e alisando a barriga de gêmeos.

Lucas franziu o cenho e a olhou de cara feia.

— Para de assanhamento, Sabrina. Se quiser ver algum macho dançando, eu faço isso

no nosso quarto.

Todos fizeram uma careta para os dois, que começaram a cochichar um no ouvido do

outro. Eles conseguiam ser piores que o Bruno e a Layla.

— Bom, crianças, sei que estão aqui para se divertirem, mas eu preciso trabalhar.

Então, circulando que estão congestionando o bar. — Heitor nos expulsou com um aceno

e um sorriso.

Layla assentiu e foi em direção ao palco. Estavam todos ali para comemorar meu

noivado com a Ana. Fernando conversava com dona Marisa, Larissa e os gêmeos. Bruno

foi até a beirada do palco vigiar a esposa. Lucas e Sabrina se sentaram na mesa ao lado

que estava o primeiro grupo.

Eu e Ana ficamos parados no bar observando a todos; ela estava de costas encostada

em meu peito, enquanto eu estava sentado no banquinho. Minha pimentinha era

baixinha e só assim para ficarmos na mesma altura.

— Tá feliz?

Ao ouvir minha pergunta ela se virou meio de lado, ainda em meus braços, para me

observar.

— Muito. E você? Tá pronto para se enforcar?

— Esperei por isso por muitos anos, Ana. Será o dia mais feliz da minha vida!

E eu dizia a mais pura verdade: estar com Ana dessa maneira realizava cada desejo e

renovava as esperanças.

Ela sorriu e voltou-se para frente, Layla se posicionava no palco tinha

dificuldade

para se sentar com aquela barriga enorme, mas Bruno subiu e a ajudou.

— Acho que Fernando se familiarizou bem, né?

Meu filho estava muito bem para falar a verdade. Mesmo sentindo ainda a morte da

mãe, ele superou bem e quase não tocava no assunto. A não ser pela manhã que chorou

nos braços da Ana.

— Sim, acho que faltava bagunça e alegria na vida dele.

— Verdade, e isso aqui tem de sobra. Você acha que fiz errado em falar aquilo pra

ele? Não me senti confortável em tomar o lugar da Luciana. Mesmo querendo muito.

Senti uma pontinha de mágoa na voz dela e a virei para que pudesse olhar em seus

olhos. Momentos como esse iriam acontecer, pois não podia ser evitado, só cabia a mim

não deixá-la em dúvida do que sentia por ela.

— Acho que você foi uma verdadeira amiga para ele. Mas Ana, se ele te chamar de

mãe não quer dizer que está tomando o lugar da mãe dele, é como ele se sente. Quem

não ficaria feliz por ter alguém como você na sua vida? Somos uns sortudos!

Ela ficou em dúvida e assentiu. Não pude dizer mais nada porque Layla começou a

falar no microfone:

— Boa noite, gente! Para quem não me conhece, meu nome é Layla Bonatti e sou a

cantora do *Beer*. Estamos em comemoração dupla hoje: o retorno do meu chefe e amigo,

Heitor. Depois de meses, ele finalmente retornou para nós. — A plateia aplaudiu e ele

brindou com uma garrafa de cerveja. — E o anúncio do casal que torcíamos muito para

que se acertasse, porque, convenhamos, a tensão desses dois chegava a irritar. Estou feliz

demais por vocês e para comemorar vou dedicar uma música ao casal e ao nosso amigo

Heitor. *Aonde quer que eu vá*, Paralamas do Sucesso.

Todos bateram palmas e ela começou a dedilhar no violão. Ana balançava na minha

frente e, quando a voz perfeita da Layla soou no bar, todos ficaram em silêncio

apreciando a canção.

Olhos fechados

Pra te encontrar

Não estou ao seu lado

Mas posso sonhar

Aonde quer que eu vá

Levo você no olhar.

Todo o momento da música, Ana cantava junto e percebi que Heitor parou de

trabalhar para assistir. No final, todos aplaudiram a perfeição traduzida na cantora. Layla

Bonatti era um anjo em forma de gente que encantava e trazia paz com sua voz.

Me inclinei no ouvido da Ana e sussurrei:

— Você vai comigo aonde eu for, sempre foi. Em todos os momentos, a carreguei em

meu coração e alma. Ana, eu sempre vou te amar. Sinto que muito mais do que essa vida

permite.

Capítulo 35

Ana Luíza

Confesso que toda a carga emocional do final de semana cobrou seu preço na minha

insegurança latente. Depois da música que Layla nos dedicou, Beto foi até o banheiro e

logo me refugiei ao lado da minha mãe.

— Eu acho que você está se escondendo!

Olhei para minha mãe, que observava Layla no palco e, mesmo assim, sabia o que eu

estava fazendo.

— Não estou, quero apenas ficar perto da senhora. Tô com saudades de colo.

Dona Marisa era uma mulher linda e muito sorridente, só que ela não riu, mas

gargalhou na minha cara.

— Você tem um colo lindo e cheiroso em casa, tenho certeza de que não sente falta

disso. Para mim você está assustada com a quantidade de amor que vem recebendo. Não

se acostumou, Ana? Tendo os Petri na família, o que não falta é amor.

— É diferente, mãe.

Ela se virou para mim e sacudiu a cabeça. Olhar nos olhos da minha mãe era me ver.

Tínhamos o mesmo tom de cabelo, os olhos castanhos e a personalidade forte. Exceto

uma coisa: minha mãe tinha paciência, algo que eu havia nascido sem.

— Não é não, você sempre fugiu quando ficava “sufocada” de tanto carinho. Por que,

Ana?

Nunca parei para pensar sobre isso, mas analisando friamente podia comprovar que

era verdade. Sempre que me demonstravam amor demais, eu arrumava um jeito de me

afastar, não sabia muito bem o porquê.

Só que a minha “fuga” estratégica agora tinha nome, aliás, nomes: Alberto e

Fernando.

— Eu não sei como agir com ele, mãe. É muito complicado.

— Qual dos dois? Porque esse sangue Brenner tem o poder de te deixar ainda mais

descontrolada do que já é.

Fiz uma careta e mostrei a língua para ela.

— O Fernando pediu para me chamar de mãe, eu não me sinto confortável com isso.

— E por quê? — Minha mãe tinha as sobrancelhas arqueadas e me olhava como se eu

fosse a maior idiota do mundo. Devia ser mesmo por não entender o motivo de tanta

surpresa.

— Eu não sou mãe dele, nunca serei mãe de ninguém.

Admitir aquilo era muito mais que uma explicação, era uma confissão do quanto me

doía e o quanto eu queria.

Ouvi minha mãe suspirar ruidosamente e levantei os olhos; ela sorria lindamente e

olhou para meus irmãos que estavam um pouco afastados e espalhados.

— Ana, ser mãe não é só parir um filho. É dar amor, carinho e atenção. Você, mais do

que ninguém, deveria saber disso. Convive com crianças o tempo todo e sabe que existem

mães que não nasceram para esse privilégio, e outras que não têm a oportunidade de dar

à luz a uma criança e mesmo assim conseguem ser mãe.

— Sim, mãe. Eu sei de tudo isso, o problema é convencer meu coração disso. Às

vezes sinto que não sou digna e por isso perdi não só meu filho, mas qualquer chance de

ser mãe.

Dona Marisa balançou a cabeça e fez aquela cara que eu conhecia bem. Lá vinha

bronca.

— Mas você tem a chance de ser mãe, filha. Fernando precisa de muito amor e

carinho; pelo que vejo, você já se tornou uma mãe pra ele, e o ama como tal.

— Não, sou uma amiga. Não posso ser mãe dele.

— Você sempre me deu muito mais trabalho do que todos os seus irmãos juntos. Era

muito respondona, dona de si e encrenqueira, mas também a mais carente. — Mamãe me

puxou para um abraço e acariciou meus cabelos como fazia quando eu era uma menina.

— Como eu disse, você não precisa dar à luz a uma criança para amá-la como mãe. Eu sei

muito bem disso!

Me afastei do seu abraço aconchegante e a olhei com o cenho franzido.

— Como assim, dona Marisa? Você teve quatro filhos, como sabe disso com tanta

propriedade.

Ela sorriu e deu dois tapinhas na minha mão, se virando para o palco novamente.

— Tenho sim, quatro filhos, mas apenas três desses quatro nasceram do meu ventre.

— O quê?! — Eu devia estar com uns quilos de cera no ouvido e não escutei direito.

— Como assim, mãe?

Ela sorriu e me olhou por um momento.

— Achei que não precisaria contar isso para nenhum de vocês porque nunca achei

importante, já que meu amor nunca foi diferente. Larissa não é minha filha de sangue, eu

não a gerei, mas a amo desde que estava no ventre da mãe dela.

Olhei para minha irmã, que sorria para o marido, apaixonada e feliz. Não podia

acreditar naquilo. Meu coração disparou e voltei a observar minha mãe para que ela

terminasse de contar.

— Explica isso direito! Ela sabe?

— Sempre soube, mas que importância isso tem se eu sempre fui sua mãe?

— Mas... não entendo!

Minha mãe sacudiu a cabeça e sorriu.

— Não há o que entender, Ana. Eu a amei desde o primeiro momento que escutei

seu coraçãozinho na barriga da minha melhor amiga. Eu era jovem e estava noiva.

Sonhava em ter meu próprio filho, por isso acompanhei de perto a gestação e a felicidade

da Isabel. — Seus olhos castanhos se encheram de lágrimas de repente. — Ela teve

complicações no parto e não resistiu, sua avó não tinha condições de criar um bebê e

meu casamento já estava marcado, então assumi a responsabilidade de criar Larissa.

Eu realmente estava chocada com tudo aquilo, como não ficamos sabendo disso

antes? Por que esconderam? E se Lari sabia, por que não disse nada? Será que ela se

sentia diferente por não ser nossa irmã de sangue?

— Por que não nos contou, mãe?

Ela deu de ombros e enxugou as lágrimas que escorriam por seu rosto.

— Larissa sabe desde que começou a entender as coisas. Seus parentes de sangue

nunca a procuraram desde que me deram ela de papel passado. Ela conhece a mãe

biológica por fotos que mostrei de quando éramos jovens e nutre um carinho por ela,

pois sabe que era desejada, mas a família da Larissa somos nós. Assim que você nasceu,

ela pediu para que eu não dissesse nada. Não queria que a vissem diferente, coisa de

criança, mas com o tempo foi ficando. E Ana, ela é sua irmã, muito mais que isso. Ela é

sua amiga, sua família. Não porque o DNA diz isso, mas porque o coração escolheu!

Engoli em seco e tentei processar toda aquela informação, mas percebi que não havia

como. Era muito a se pensar, mas eu captei o essencial de toda a revelação da dona

Marisa.

Por mais que eu me negasse a admitir que sentia falta e até ficava rancorosa por não

poder ser mãe, era o que eu sentia ao ver crianças e bebês pelo mundo afora. Mas minha

mãe, sábia como sempre, me mostrou que eu podia ser mãe sim, sem tomar o lugar de

ninguém, nem dar à luz aquela criança.

Fernando precisava de alguém que lhe amasse incondicionalmente e isso eu já fazia.

— Mas eu não quero forçar isso dele, o menino ainda está frágil. Não é hora de

decidir nada.

Mamãe me puxou e beijou minha testa carinhosamente.

— Essa é a minha menina. Só não esqueça, Ana Luíza: existem milhares de crianças

precisando de uma mãe carinhosa e dedicada como você, é só você se permitir amar e se

amada por elas. E uma dessas crianças está olhando para cá sorrindo e encantado, olhe.

Levantei-me do ombro da minha mãe e olhei: os dois meninos da minha vida

estavam encostados no bar, me observando. Por mais que qualquer coisa acontecesse em

minha vida, Alberto e Fernando estariam ali pra mim.

— Você tem razão, mãe. Quem escolhe é o coração.

— É sim! Agora vai lá que seus meninos te esperam!

Assenti e me levantei, mas antes de fazer o que ela disse, eu me virei e admirei a

mulher incrível que era Marisa de Alcântara Petri.

— Você só faz a gente te amar cada vez mais, mãe. Não diga pra Lari que me contou,

já que ela não fazia questão de contar. Ela é minha irmã chata mesmo, isso não vai mudar.

Minha mãe sorriu e acenou para que eu fosse aonde Beto e Nando estavam. Quando

me aproximei, os dois abriram os braços e me envolveram numa bolha de amor. Eu

estava em casa!

***

A semana passou rápido demais, por mais que eu fosse me casar por uma agência

responsável por tudo em Las Vegas ainda tinha muita coisa para organizar. Como, por

exemplo, arrumar passagem pra todo mundo no mesmo avião. Nós éramos bem

numerosos.

Eu consegui tirar cinco dias de folga do hospital e todos os outros também, menos

minha amiga Shirlei. Ela voaria para nos encontrar no sábado e voltaria no domingo. Meu

último dia no hospital era especial: Will teria alta. Graças a Deus!

O câncer ainda não havia sumido, mas estava controlado e ele poderia continuar o

tratamento em casa. Ainda mais com um médico particular corujando, ou assombrando,

o menino o tempo todo.

Eu queria me despedir, pois eles moravam em outra cidade e não queria perder

contato. Porém, assim que entrei, me surpreendi por ver o rapaz de pé, já vestido e

sorrindo para uma garota que segurava sua mão.

Arranhei a garganta e ele a soltou com os olhos arregalados por ter sido pego. Então,

o galante William não era tão galanteador assim.

— Bem, vejo que já vai me abandonar. Não gostou da hospedagem cinco estrelas?

Sorri para ele, que se aproximou me abraçando fortemente.

— Você que está me deixando, soube que vai se casar depois de amanhã. Las Vegas,

baby?

— *Yeah*! Eu vou sim, parto hoje à noite, vamos ficar num hotel e aproveitar o dia

amanhã.

Ele sorriu e assentiu, colocou as duas mãos nos bolsos da calça jeans e abaixou a

cabeça.

— Queria muito ir, Ana. Mas ainda não estou bom, sabe como é.

Coloquei a mão em seu ombro e o confortei.

— Não tem problema, Will. É só um casamento como outro qualquer.

— Não seja boba, é em Vegas! Não tem nada de qualquer aí. Vê se não vai encher a

cara e casar com outro cara parecido com seu noivo.

— Pode deixar. — Em minha visão periférica vi que a mocinha havia se sentado e

mexia no celular em silêncio. — Quem é essa menina linda, não vai me apresentar?

Ele corou tão forte que achei que as bochechas do menino pegariam fogo

instantaneamente.

— Sim, desculpa. Ana, essa é minha prima, Tati. — A menina se levantou e se

aproximou sorrindo, vi que mesmo ela olhando para mim, não deixava de prestar atenção

em Will. — Tati, essa é a Ana, uma amiga querida que já sinto saudades.

Tati estendeu a mão e aceitei prontamente.

— William falou muito de você e seu humor peculiar, fiquei curiosa de encontrar

uma mulher que fosse imune ao charme do meu primo. Isso é muito raro.

Me dei bem com ela logo de cara, a menina era alta, com muitas curvas, cabelos cor

de mel, olhos verdes e lábios carnudos.

— Acredito que não sou a única no quarto imune ao charme do garotão aqui. É um

prazer, Tati. Mas, sabe como é, sou vacinada contra tipos como ele. — Soltei a mão dela,

que corou. Virei-me para Will, que nos observava sorrindo. — Mas, enfim, eu passei só

para te desejar boa sorte, muita fé e continue sendo esse garoto incrível. Deus vai cuidar

de você, acredite!

— Eu acredito!

A recuperação de William seria lenta, com altos e baixos, mas eu tinha esperança de

que tudo daria certo. Ele era um menino incrível, cheio de alegria de viver, e tinha fé de

que tudo se caminharia para o que tivesse de ser.

Passamos pela vida para sermos felizes. E apesar de tudo ele era muito feliz!

Eu deixei o casal no quarto, esperando que a alta saísse, e fui terminar meu último

plantão como uma mulher solteira; logo estaria casada. Quem diria? Quando eu

imaginaria isso meses atrás.

Capítulo 36

Alberto

Eu não fazia ideia de que me casar traria tanta coisa pra fazer, ainda mais fora do

país; consultei um advogado, mas depois eu teria que entrar com toda a documentação

para legalizar meu casamento aqui.

Bem, o mais importante estaria se concretizando: Ana seria minha esposa! E eu

estava nervoso.

Nando, ao contrário, ficou uma pilha desde domingo quando contamos nossos

planos para todos. Ele estava tão diferente, nem parecia mais o mesmo menino. Estava

feliz, impulsivo, livre... Na noite passada, ele me disse que gostava muito da Ana e estava

feliz por eu ter sido esperto e ter reconquistado ela, mas que fui burro por tudo que fiz

pra gente se separar e não ter lutado logo de cara.

Bem, quem iria contra esse argumento? Ele só disse a verdade! Mas em tudo que

meu filho falou percebi o carinho enorme que nutria por Ana, eles se davam tão bem que

me surpreendeu. Acho que todo o amor de mãe que ela carregava dentro de si liberou em

meu filho. Nando sortudo!

Enfim, chegou o grande dia para voarmos até nosso casamento. A gangue já estava

preparada, até as gravidinhas estavam a postos. Tivemos um pequeno contratempo por

causa da gravidez avançada da Layla, mas, como estava rodeada de médicos, eles

liberaram. Partimos para Vegas no começo da noite de quinta, e chegamos de manhã.

Nos acomodamos no hotel, e para meu desespero, Ana quis ficar com a mãe até a

noite seguinte, quando estaríamos finalmente unidos. Disse que seria assim e não voltou

atrás. Como eu conseguiria pregar os olhos sem minha mulher ao meu lado?

Mas, como era muito cedo, teria tempo para tentar convencê-la do contrário. Algo

que percebi ao pisar no saguão do hotel era as conversinhas e os cochichos das meninas;

enquanto os outros se distraíam dando entrada na reserva, elas ficavam falando em

segredo.

A cidade do Pecado estava linda como sempre, fazia anos que eu não vinha visitar e

muita coisa mudou desde então, principalmente eu. Olhei para o Bruno, que sentia a

mesma coisa. Quando nos formamos na faculdade, nos demos a viagem como prêmio e

foi uma loucura.

— Parece que sumiram prédios e surgiram outros no lugar, né? — Bruno sorriu

cúmplice e balancei a cabeça.

— Mas quanto tempo tem? São muitos anos!

Ele assentiu e olhou a esposa grávida, que dava gritinhos e conversava

animadamente com as irmãs e a mãe do Bruno.

— Sim, bons tempos aqueles. Mas, sabe, estou mais feliz agora!

— Eu te entendo! Sinto o mesmo. — Bruno estreitou os olhos para mim e deu um

soco de brincadeira em meu ombro.

— É bom se sentir mesmo, é da minha irmãzinha que estamos falando. Não sou o

mesmo cara e quebro sua cara, se a fizer sofrer agora.

— Ei, caras, que briguinha é essa? Vamos lá! Temos um dia inteiro e uma noite para

aproveitar. — Lucas terminou o *check-in* e se aproximou, abraçando-nos pelos ombros.

— Eu tenho a impressão de que suas mulheres estão aprontando — emendou Heitor

ao se juntar a nós.

Maurício fez uma careta, enquanto caminhou à nossa frente, falando:

— Não é impressão, é a realidade. São todas umas lobas prontas para devorar as

ovelhinhas.

Ele disse brincando, mas havia sabedoria em suas palavras. Afinal, estava na família

Petri há muitos anos. Engolimos em seco, juntos. E, em seguida, fomos até as nossas

mulheres tentar dispersar aquela loucura.

Decidimos descansar um pouco da viagem, pois estávamos meio loucos com o fuso

horário. Antes de deitar, passamos pelo restaurante e tomamos um café reforçado.

Depois nos dispersamos e cada um foi para o seu quarto, como era de se esperar, e eu

não preguei o olho sem a Ana do meu lado. Droga de mulher teimosa!

A tarde chegou e fomos andar pela cidade, levamos as crianças, juntamente com as

meninas, para um local que tinha muitos videogames e jogos. Elas adoraram! Confesso

que nós, adultos, também. Quem resistiria a tantos jogos diferentes?

Mas a energia infinita deles não tinha fim; ainda tiveram gás para visitarmos um

aquário muito legal e um castelo que tinha até uma batalha real acontecendo. Deve ter

sido a quantidade de M&M’s que consumiram.

Quando estava anoitecendo, enfim, pediram arrego. Dona Marisa se ofereceu para

ficar com os três para que aproveitássemos a noite. Claro que não nos faríamos de

rogado; voltamos para o hotel para tomarmos um banho e trocarmos de roupa. Nossa

primeira parada seria um restaurante. Escolhemos um bem típico brasileiro. Churrasco!

Parecia que as garotas haviam combinado de nos fazer esperar, todas se enfiaram no

banheiro e demoraram uma vida. Estávamos praticamente cochilando no saguão. Na

verdade, Maurício estava mesmo.

Bruno, como sempre, tinha que aprontar. Enquanto ele não acordou o cunhado, não

sossegou. Mais algum tempo se passou até que Heitor sorriu amplamente e acenou para

que olhássemos em direção ao elevador.

Puta merda!

As nossas mulheres vinham em nossa direção completamente lindas! Cada uma no

seu estilo, mas tive uma certeza: as meninas daquela família eram de arrebentar.

Layla estava maravilhosa vestindo uma calça larguinha de tecido e uma blusa mais

justa. Sabrina, linda e doce, usava um vestido curto florido. Larissa, que era a mais social,

usava um short e uma blusa de paetê. Agora a minha Ana...

Eu nunca a vi tão linda! Tanto por fora quanto por dentro, ela emanava felicidade.

Com um vestido preto longo, que achei que devia ser proibido, por causa do enorme

decote que tinha na frente, ela me deixou literalmente de boca aberta.

— Fecha a boca, Alberto! — Heitor me alertou com humor na voz.

Nem dei ideia para o chato e me levantei, fui ao encontro da minha mulher. Passei

por aquelas meninas lindas e nem as cumprimentei, porque estava focado em apenas

uma. Quando me aproximei, vi que Ana estava corada, mas escondia por trás dos cabelos

volumosos e brilhantes.

Peguei sua mão direita e levei aos lábios.

— Você está maravilhosa, Ana!

Ela sorriu abertamente e tombou a cabeça de lado, me avaliando.

— Você também não está nada mal, Beto.

Entrelacei nossos dedos e me aproximei para falar em seu ouvido:

— Estaria melhor se você estivesse na cama comigo essa noite, não vou conseguir

dormir sem você. — Afastei-me e a olhei nos olhos. Podia perceber que ela estava

começando a desistir da ideia, só precisava insistir um pouco mais.

— Não seja bobo, dormiu sem mim por anos.

— Sim, mas eu tinha opção; agora que me acostumei com seu calor, a cama fica vazia

quando não está.

Ela ficou me encarando e parecia que iria dar o braço a torcer até que fomos

interrompidos pelo empatador do Lucas.

— Ei, pombinhos, o casamento é amanhã. Agora vamos nos divertir e comer. Estou

grávido, poxa!

Arqueei as sobrancelhas e olhei pra ele, mas antes que eu dissesse qualquer coisa,

Sabrina se adiantou e lhe deu um puxão de orelha.

— Tá grávido, é? Quero ver você parir esses dois meninos e aguentar chutes que

parecem que vão furar minha barriga. Não diga besteira, Lucas. — Acho que os

hormônios falaram mais alto, Sabrina cruzou os braços por cima da barriga e saiu

pisando duro. Ele, claro, foi atrás arrependido.

— Coitado, vai sofrer pra desemburrar ela. Se Sabrina já é difícil normal,

imagine

grávida, e de gêmeos. — Ana ria da desgraça alheia.

Depois de tudo resolvido e com a gangue unida, corremos para o restaurante, nos

empanturramos de um delicioso jantar e depois só foi diversão. E, como Maurício previu,

elas estavam aprontando. Acabamos sentando no camarote de uma boate de *striptease*.

Havia mulheres dançando, mas o resto era basicamente homens. Perdi a conta de

quantas vezes precisei cobrir os olhos da Ana. Primeiro, o cara era muito malhado e fazia

gestos que poderiam deixar minha mulher excitada (e eu não queria aquilo); segundo, vai

que ela subisse ao palco como vi uma mulher fazendo? Ana era bem difícil de segurar

quando queria algo; e terceiro, porra, era o primeiro ainda! Os caras eram muito

malhados.

Quando as mulheres dançavam, nós ficávamos sem graça por estarmos com nossas

mulheres e desviávamos o olhar, conversávamos entre nós, ficando assim até que

acabasse o show. Bem, foi algo constrangedor. Na verdade, tínhamos medo de nossas

mulheres mesmo!

Porém, elas não tiveram a mesma consideração. Layla e Sabrina eram as que mais

gritavam para os caras. Grávidas e seus hormônios...

Onde nós estávamos era um pouco afastado do palco e bem cercadinho, por isso

poucas pessoas conseguiam nos ver, mas nós víamos o palco e o restante da boate

claramente. Parece que Maurício estava cansado de ver a esposa babar pelos caras e saiu

em direção ao banheiro. Até que uma voz bem conhecida começou a falar no microfone

em inglês e depois português.

— Caramba, Larissa! O que seu marido está fazendo no palco.

Todos nos levantamos a fim de ver melhor o careca, que estava no meio do palco com

o microfone na mão.

— Boa noite, gente. Eu sou brasileiro e estou aqui com um grupo de amigos. Nossas

mulheres nos arrastaram para cá e tenho certeza de que falo por todos, estou cansado de

vê-las babar por cada bonitão que sobe aqui. — As pessoas riram e aplaudiram, inclusive

nós. — Então, tive a brilhante ideia de chamar meus amigos e aqueles que querem

mostrar para as esposas e namoradas o que é uma verdadeira dança. O que acham? O

dono da boate já liberou.

— Filho da puta! — Bruno disse exatamente o que pensávamos.

As mulheres gritavam, inclusive as nossas, e fomos obrigados a subir naquele palco.

Não queríamos ser chamados de covardes. Ok, na verdade, era até engraçado. Eu queria

ver a cara delas depois do show.

Além de mim, Bruno, Lucas, Heitor e Maurício, juntaram-se a nós no palco mais uns

quatro caras. Nós conversamos um pouco e decidimos pelo mais fácil: ficamos nós cinco

na frente. Elas queriam *Magic Mike*? Elas teriam. Ou quase... E tinha que ser *It's Raining*

Men pra ficar legal!

O que nós nunca informamos, não porque não queríamos, mas porque o que

acontece em Vegas fica em Vegas, é que tivemos uma pequena experiência no palco

quando estivemos ali e não faríamos feio. Claro que não éramos nenhum Channing

Tatum, mas dávamos para o gasto.

Com o barulho ensurdecedor dos gritos e das músicas não dava para ninguém,

exceto os caras, ouvir os gritos que eu dava como instrução. Fizemos passos normais de

dança; e, então, começou a baixaria.

Bruno era o mais animadinho e se pôs na frente do palco. Olhando para Layla, ele

rebolou desajeitado, pelo menos pra mim, tirando a camisa e jogando em direção à

esposa, que não decepcionou e a pegou no ar.

Foi muita diversão. Tinha os mais recatados, que eram os caras lá atrás; e nós, os

idiotas que queriam dar uma de dançarinos. Só que entre nós tinha um que se destacou:

Heitor!

O cara parecia ter feito isso antes e profissionalmente. Não de brincadeira como nós.

Ele fazia passos que não conseguimos acompanhar. Também naquela altura da música

estava cada um no seu quadrado. O tatuado fazia um show digno de *stripper,* acho que o

vi até ganhar um dólar na calça. Sim, porque a camisa já tinha ido para o espaço.

Esperava que uma das meninas a tivesse pegado.

A música acabou e estávamos ofegantes. Não tínhamos mais idade para esse tipo de

coisa. Agradecemos ao nosso público, surpreendentemente grande, e fomos até nossas

mulheres, fugindo, claro, das mãos nervosas que tentavam nos parar. Quando chegamos

até nossa mesa, as meninas pularam em nós totalmente enlouquecidas. Falavam juntas e

perguntavam para o Heitor como ele dançava assim; ele desconversou, mas percebi que

tinha mais por baixo da desculpa esfarrapada de gostar de dança de rua.

Ana estava grudada em mim, me olhando com os olhos brilhantes.

— Tenho a impressão de que você estava escondendo o ouro de mim. Querido, vai ter

que dançar assim mais vezes, mas só para minha apreciação. Quase bati numas três hoje.

Inclusive, uma delas é minha irmã grávida.

Ri da gracinha dela e passei as duas mãos em seu rosto. Aproximei-me da sua boca e

a beijei levemente. Os lábios da Ana estavam doces e macios, deliciosos.

— Eu vou dançar pra você sempre que quiser, Ana. E não fica com ciúmes, nem tirei

a camisa para não te chatear.

Ela riu e se afastou.

— É bom mesmo, mas levantou, né? Tinha que mostrar esses gominhos que são só

meus? Mas eu vou cobrar essa dança, só não me deixe mal-acostumada. Adorei vê-lo

rebolando.

— Por você, eu danço a música que quiser!

Capítulo 37

Ana Luíza

O que foi aquela noite? Perfeita, divertida, romântica, sensual e maravilhosa! Claro

que ter os meninos dançando foi um bônus, menos o Bruno. Porque, eca, era meu irmão...

Mas percebi que a esposa dele adorou.

Eu consegui manter a ideia de dormir longe do Beto... até o meio da noite. Rolei para

um lado e para o outro, e não encontrava posição alguma que me fizesse relaxar, então

percebi o que estava faltando: os braços do Alberto ao meu redor.

Minha mãe dormia profundamente, então me levantei nas pontas dos pés e saí do

quarto. Atravessei o corredor quase correndo. Bati na porta e ele abriu sorrindo, parecia

que já me esperava. Deitei em seu peito e dormi tranquilamente até de manhã.

Tivemos que nos separar, pois eu tinha meu dia de noiva para aproveitar. A agência

preparava tudo, desde as passagens até o jantar na noite de núpcias.

Encontrei minhas irmãs, mãe e cunhada no saguão e fomos para a limusine que nos

esperava. Estavam todas agitadas, já eu não sabia como me sentia. Estava animada e, ao

mesmo tempo, anestesiada: era felicidade e amor demais. Não estava acostumada com

aquilo.

Aproveitei ao máximo tudo que pude, joguei conversa fora com as meninas e

comentamos muito das habilidades dos homens; teve uma hora que tive que fingir estar

morta pelas informações desnecessárias.

Então, o grande momento havia chegado. Estávamos indo até a capela onde seria

realizada a cerimônia. Quando a limusine parou, meu coração começou a bater muito

rápido e minha respiração ficou acelerada. Jesus, ataque de pânico agora não.

— Nada disso, Ana Luíza. Sem drama *Queen*, coloca a cabeça entre os joelhos e

respira fundo. Isso, agora solta. — Larissa, que estava sentada ao meu lado, massageava

minha nuca e aquilo me distraiu um pouco. — Caramba, só você mesmo pra ter um

ataque no dia do casamento. Que merda!

— Cala a boca, Lari. Não vê que ela está prestes a ter um treco? Ana, tá tudo bem, é

só mais um passo.

— Você só fala besteira, Sabrina, um passo gigante, você quer dizer — Larissa

repreendeu nossa irmã, que saiu do carro e esperou do lado de fora. — Não fica nervosa,

vai ficar tudo bem. É só você e ele, não pense mais que isso. Sei que sua cabecinha

sempre vai voltar lá, mas resista e seja feliz, minha irmã. Já se acalmou? Bom, eu vou

deixar você!

Quando Larissa saiu, eu notei que estava sozinha na limusine e levantei a cabeça

respirando normalmente, não era hora de dar uma de louca, mas que a vontade vinha.

Ah sim, ela vinha!

Me controlei e mantive o pensamento focado no prêmio, que já devia estar

enlouquecendo de tanto esperar. Fechei os olhos e abri a porta. Um frio na barriga me

deixou desconcertada. Deus, eu estava parecendo uma jovenzinha apaixonada.

Mamãe

sorria e vi meu irmão saindo de dentro da capela.

— Pronta? — Ele sorriu amplamente e seus olhos azuis brilhavam de emoção.

Engoli em seco e assenti, ele posicionou o braço e enlacei o meu no dele. Olhei para o

céu e, como já era noite, estava escuro e tinha muitas estrelas enfeitando meu momento.

Minhas irmãs e cunhada faziam papel de madrinhas; e mamãe já estava lá dentro.

Quando entrei, me surpreendi pela quantidade de pessoas que estavam ali: Shirlei, o

marido e as filhas; Liz também estava presente, mas, no final, acho que se pudesse

correria dali feito doida; e, então, vi que Alberto me esperava lá na frente, sorrindo. Ao

seu lado estavam Lucas, Heitor, Maurício e Nando.

Beto me olhava com tanto amor que um nó se formou em minha garganta. Ainda

bem que a maquiagem era a prova d’água. Eu não olhava para os lados e nem me

importei se Bruno me acompanhava, mas sei que apressei o passo e quase atropelei as

meninas, e se elas não tivessem aberto caminho eu teria feito. Quando cheguei até ele,

percebi que meus convidados riam baixinho, mas nem me importei.

— Você está linda! — E eu me sentia assim. Meu vestido creme longo e super

decotado nas costas com pedrinhas deixava cada parte do meu corpo evidente; meu

cabelo estava preso num coque elegante e eu usava saltos para ficar mais ou menos na

altura dele. Me inclinei e o beijei no rosto.

— Você também está lindo nesse *smoking*.

— Bem, acho que não preciso fazer nada, né? Já me ignoraram completamente. Eu

posso, por favor, entregar a noiva? — Bruno me deu um puxão e me surpreendi por ainda

estar com o braço enlaçado no dele. Me afastei e ele sorriu, aquele sorriso de idiota que

só ele tinha. — Isso aí! Bem, preciso fazer as honras. Beto, você foi e ainda é o meu

melhor amigo, mas eu quis te matar muitas vezes. Até mesmo planejei isso, mas não o

fiz porque eu sempre soube que acabaríamos aqui, nessa situação. O seu amor e o de

Ana começou e terminou de maneira complicada, mas a vida lhes deu mais uma chance.

Aproveitem ao máximo um ao outro, nenhum tempo é suficiente para viver um grande

amor! Sejam felizes!

Bruno pegou minha mão e colocou-a em cima da de Alberto, que agradeceu ao meu

irmão, mas não disse nada porque estava emocionado.

Nos viramos e quase não contive a surpresa de ter um homem vestido de roqueiro

para celebrar nosso casamento. Bem, afinal estávamos em Vegas. Ele sorriu e começou a

dizer algumas coisas loucas e engraçadas. Só meu casamento para ser assim mesmo. Em

seguida, fez a pergunta que eu esperava ouvir por doze anos, mesmo sem saber disso.

— Ana Luíza, você aceita Alberto Brenner como seu esposo?

Olhei para o Beto, que sorria.

— Aceito!

— Bom, e você, Alberto, aceita Ana Luíza como sua esposa?

— Com certeza!

Não sei se foi impressão minha, mas acho que ouvi um suspiro coletivo atrás de mim

por, enfim, termos nos casado. Beto riu e balançou a cabeça. O roqueiro continuou:

— Pelo poder a mim investido pelo estado de Nevada e ao saudoso Kurt Cobain... —

Franzi a testa e olhei para o cara, que sorriu. — eu os declaro marido e mulher. Podem se

beijar.

Virei-me para Alberto, que envolveu meu rosto em suas mãos, e esperei. Ele olhou

em meus olhos, desvendando minha alma, e num ímpeto tomou minha boca num beijo

arrebatador.

Quando a pequena capela explodiu em aplausos e cumprimentos ovacionados, e

alguns “aleluias” bem entusiasmados, nos separamos e sorrimos um para o outro. Beto

se inclinou e sussurrou em meu ouvido:

— Se você fugir de mim agora, eu vou até o fim do mundo te buscar.

Quando se afastou, vi que era verdade; o que quer que nos esperasse, eu estava

pronta para viver novamente.

— Eu não fujo do que me pertence!

Ele sorriu abertamente e se virou para nossos amigos, que não cansavam de aplaudir

de pé. Vi que minha mãe estava emocionada e Bruno também. Soltei do braço do meu

marido — gente, eu estava casada! —, e os abracei juntos, logo fui cercada por um

enorme abraço em grupo. Nossa família era louca, cheia de problemas, barulhenta e

bagunceira. Mas éramos unidos e felizes, isso que importava na verdade.

O resto? O nome já diz, deixa pra lá que não vale a pena.

***

Nos reunimos no restaurante do hotel para uma pequena comemoração. Eles

abriram um espaço do lado de fora e deixou privado, somente nós usávamos. Foi tudo

lindo, regado a champanhe, petiscos deliciosos, morangos e doces.

— Gostei dessa agência, podemos nos casar mais vezes aqui!

Beto arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Pra quem não podia ouvir falar meu nome até que as coisas mudaram, hein?

Mostrei a língua pra ele, que riu ainda mais e me abraçou pela cintura.

— Cale a boca, tem hora que você só fala besteira. Eu só estou dizendo que é uma

boa agência, se decidirmos renovar nossos votos...

Ele me olhou intensamente e assentiu.

— Todos os anos, se você quiser. — Sua voz já estava rouca e percebi que ele falava

sério.

Ainda não tinha me acostumado àquele lado do nosso relacionamento. Era beleza

demais.

Olhei em volta e todos se divertiam, Nando conversava com os gêmeos e as filhas de

Shirlei. Mesmo com as diferenças de idade, eles se deram bem. Apontei para eles.

— Acho que vejo uma nova geração se formando.

Beto levou a taça de champanhe à boca e bebeu um gole. Assentiu e ficou

observando aquele pequeno grupo.

— Verdade, e ainda tem três para se juntar ali.

— Sim, fico feliz por outros terem uma fase louca como nós tivemos. Já vivemos

coisas que até Deus duvida.

— Uau, Ana. Sem detalhes, por favor, agora sou seu marido. Não quero saber das

suas loucuras.

Dei um tapa em seu peito e tentei não rir quando falei:

— É melhor mesmo não saber, ou talvez você decida desfazer o casamento.

Alberto arregalou os olhos e parecia chocado.

— Jesus, então fica quietinha. — Sorri e ele olhou em volta. — Tá faltando o Will, o

João e a Cecília.

— É verdade, senti falta deles. Mas o Will está muito fraco pra viajar. Sabe que eu

acho que ele tem um casinho com a prima? Os dois coraram demais quando os vi outro

dia. — Beto sorriu e acariciou minhas costas com uma das mãos; a outra permaneceu

espalmada no decote do vestido.

— Bom! Ele merece ser feliz. Todos merecemos. — Apontou para Heitor, que já devia

ter bebido várias taças de champanhe e observava Liz como um falcão.

Nossa amiga tinha vindo de última hora a pedido do Alberto e do Bruno. Ela chegou

e nem mesmo se hospedou, iria embora direto dali mesmo. Heitor a olhava com tanta

intensidade que cheguei a ficar constrangida. Liz tentava não perceber aquilo,

mas estava

complicado pela tensão que ele emanava.

— Verdade. Tomara que ele consiga.

Beto assentiu e me puxou para a pista de dança. Quando percebi era *Tears in Heaven*,

do Eric Clapton, que tocava. Ele me enlaçou e puxou-me para seu peito. Deitei a cabeça

em seu ombro e dançamos lentamente de olhos fechados.

Com a cabeça encostada em meus cabelos, Alberto cantava baixinho, assim como fiz

meses atrás. Como tanta coisa mudou desde então.

Eu me perdoei e o perdoei. Demos uma chance ao amor que teimava em continuar

em nossos corações. Aprendi a dar e receber carinho de novo. O vazio dentro do meu

peito quase não existia mais.

Estava onde devia estar, nos braços do homem que amava, com um futuro regado a

muito amor pela frente. Tínhamos um menino lindo que precisava de tanto carinho

quanto pudéssemos dar e mais ainda.

Ali, rodeada da minha família e amigos, eu tive a certeza de que por mais difícil que

a vida pudesse se mostrar eu poderia contar com o apoio de cada um deles.

Mesmo com meus defeitos e erros seria amada. E o amor tem que ser desse jeito:

você perdoa os erros, convive com os defeitos. Se vale a pena, por que não arriscar?

Eu seria impetuosa quantas vezes precisasse, se fosse pra ser feliz. Completamente

feliz!

Capítulo 38

Heitor

Eu não sabia dizer em qual fase da minha vida tudo ficou sombrio. Na verdade, eu

sabia sim, mas só queria ignorar. Lembrar, me fazia reviver todo aquele pesadelo.

Passei por coisas nesses meses em que fiquei desligado que pensei que não

sobreviveria; e, em todo o tempo que estive desacordado parecia um disco arranhado que

se repetia sem parar. No fim, eu não queria mais acordar, a escuridão estava confortável

para mim.

Até que eu vi uma luz, não era bem isso, mas uma voz que me chamava de volta e era

tão tentador. Sentia como se acalmasse meu coração, e quando ela cantou tive que abrir

os olhos e saber de quem era a luz que me tirava das sombras. Mas ela fugiu de mim!

Passei por fases de mau humor e dias que quis jogar tudo pro alto. Afinal, desistir

era mais fácil. Apenas meu bar me tirava da fossa que me encontrava. O

casamento de

Ana e Alberto foi lindo, os dois mereciam a felicidade. Até que Liz entrou na capela e,

então, tudo desmoronou.

A primeira coisa que fiz ao chegar à recepção do casamento foi ir atrás de algo que

me entorpecesse e fizesse eu esquecer o que havia dentro de mim.

Eu não a culpava por querer se afastar; minha vida era um caos completo. Eu era um

caos completo. Mas ficar vendo-a ali, tão linda, e nem poder me aproximar, acabou

comigo.

Quando percebi já não me aguentava de pé e tiveram que me arrastar até um banco

próximo.

— Heitor, o que você está fazendo, cara? Que merda é essa, quer estragar o

casamento da minha irmã?

Olhei para o Bruno, que pairava sobre mim com os olhos decepcionados. Era isso que

eu causava nas pessoas: ódio, decepção, asco.

— Sinto muito, eu não queria.

— Pois então trate de se ajeitar, cara. Nem parece o amigo que conheço mais. Você

mudou completamente. O que está acontecendo?

Eu não estava completamente embriagado para captar o que ele quis dizer. Passei a

mão pelo rosto tentando buscar um pouco mais de lucidez. Sinceramente, não sabia o

que havia acontecido comigo. Sempre segui em frente e, mesmo querendo largar tudo, eu

continuei.

— Não sei, Bruno. Não estou muito bem. Acho que vou me deitar, não quero

atrapalhar a festa. Sou demais aqui.

Meu amigo sacudiu a cabeça e se endireitou.

— Acho que tá na hora de você confiar na gente. Carregar esse fardo está te

intoxicando, amigo. Consegue andar sozinho?

Sorri de lado e me levantei; confesso que cambaleei e senti a cabeça rodar. Mas fiz o

possível para não ser tão babaca quanto já tinha sido.

— Fica tranquilo que estou bem, o máximo que pode acontecer é uma das senhoras

da boate aparecer e aproveitar-se do meu estado de embriaguez para me arrastar para a

capela mais próxima.

— Vira essa boca pra lá. Mas, cara, vai na fé, descansa e pensa em tudo que você está

fazendo da sua vida.

Olhei dentro dos olhos do meu amigo e me perguntei porque ainda não havia

contado nada a eles. Então, me lembrei, porque era feio demais. E, para ficar ainda pior, o

dia de me afogar em lembranças estava perto.

— Eu não tenho vida, Bruno. Apenas levo um dia após o outro pra não fazer

nenhuma besteira. Mas, não se preocupe, curta a festa da sua irmã, aproveite do abraço

da sua mulher. Essas coisas não voltam. Eu vou deitar.

Ele assentiu e se afastou para me dar passagem; vi que todos me observavam e fiquei

envergonhado. Quando eu era sozinho, podia fazer o que quisesse; agora eu tinha

pessoas que se importavam comigo e por isso devia pensar mais nos meus atos.

Eu não achei mais a Liz desde meu vexame e era melhor assim. Ela não deveria se

sujar na impureza que me cercava. Estava quase no meu quarto quando a vi parada no

corredor, parecia me esperar, e meu coração bateu rápido demais para um cara bêbado.

— Eu só vim me despedir e ter a certeza de que não cairia pelas escadas.

— Você já vai?

Ela abaixou a cabeça e mexeu na bolsa de mão que carregava. Seus olhos, incríveis, de

uma cor rara e totalmente certa para ela, estavam baixos impedindo que eu os apreciasse.

— Preciso ir, meu voo é daqui a uma hora. Não posso me atrasar.

— Fica! Queria conversar com você.

Liz levantou a cabeça e me encarou fixamente, era melhor ter me privado daquele

espetáculo. Eu nunca esqueceria aquele olhar. Ela parecia angustiada.

— Não posso. — Deu um meio sorriso sem graça. — Nem me registrei no hotel, vim

só para o casamento e já estou de partida. Vê se não bebe tanto, você retornou de um

trauma muito forte há pouco tempo.

— Eu preciso beber para esquecer. Você me deixou na escuridão de novo.

Ela balançou a cabeça e seus cabelos castanhos, que estavam cheios de ondas, caíram

por seus ombros. Tive que me segurar na parede para não ir até lá e tirá-los com carinho.

Acredito que ela tomou aquilo como se meu estado bêbado estivesse alto demais. Se

aproximou cautelosa sem desgrudar os olhos dos meus.

— Vem, você mal para de pé. Eu te ajudo a entrar e deitar na cama.

Preciso esclarecer que não sou um cara aproveitador, mas as circunstâncias pediam.

Me apoiei no ombro dela, que ela me ofereceu, e aproveitei os poucos segundos que me

eram concedidos.

Liz cambaleou e diminuí o peso. Ela pediu a chave e lhe dei; abriu a porta e

entramos. Ela não parecia saber o que fazer, então resolvi sentar na cama e ver o

que se

seguiria. Porém, eu estava cansado de esperar. Sabia que havia algo entre nós, e mesmo

assim ela continuava em negativa.

— Por que está aqui, Liz?

— Eu vim verificar você. Já disse — respondeu olhando em volta, procurando algo

que provavelmente nem ela sabia do que se tratava.

— Se é isso, devia ter feito quando me arrastaram para o banco.

Ela levantou os olhos e parou de andar pelo quarto, a porta ainda estava entreaberta

e ela andou de costas até lá. Eu iria perdê-la.

Me levantei e dei alguns passos em sua direção enquanto ela retrocedia.

— É verdade, eu estou cansada e nem pensei direito. Mas, enfim, você não é mais

meu paciente. Não posso ficar te vigiando como se fosse uma criança. — Ah, aquela voz!

Deus, como eu amava ouvi-la de qualquer maneira que fosse.

— Então, você veio me esperar na porta do quarto. Eu poderia ter escorregado e

batido a cabeça.

Quando chegamos à porta, ela parou e me olhou atentamente. Parecia bem irritada

agora e gostei dessa nova faceta da menina tão dócil.

— Que jogo está jogando, Heitor? Não precisa ressaltar meus erros quando os

reconheço.

Sorri de lado e estendi a mão direita, retirando uma mecha de cabelos dos ombros

delicados. Não resisti e tive que deslizar o dedo por seu braço.

— Eu não ressalto erros de ninguém, Liz. Sou um pecador e não posso atirar pedras

enquanto meu teto é de vidro.

Ela passou a língua pelos lábios rosados e fiquei com uma vontade louca de provar

daquela boca.

— Então, por favor, pare de esfregar na minha cara, cada vez que eu o vejo, o quanto

errei ao cuidar de você.

Aproximei-me mais um pouco e ela encostou-se à porta, fechando-a.

— Eu não faço isso.

Meus olhos não desgrudavam dela; eu observei cada detalhe do seu rosto perfeito.

Os olhos violetas, a boca rosada, o queixo delicado e as bochechas coradas. Ela era

perfeita demais, principalmente para mim.

— Você faz, assim como está fazendo agora: provocando sentimentos em mim que

não podem existir.

— Não estou fazendo isso. — Mordi o lábio e Liz fechou os olhos por um segundo.

Quando os abriu, vi que o desejo crepitava de suas íris lilases.

— Para com essa insinuação, Heitor. Isso não tem como dar certo!

Me aproximei do seu pescoço e inalei seu cheiro, o perfume doce e viciante invadiu

meus sentidos. Apoiei a mão em sua cintura fina e passei o nariz pelo pescoço delgado.

Vi sua pele se arrepiando e tive certeza de que ela não resistiria a mim, assim como eu

não resisti ao seu chamado de ninfa.

— Não sei do que está falando, não estou insinuando nada. Só bebi um pouco mais e

perdi minhas inibições.

Eu realmente achei que a parada estava ganha, ledo engano.

Liz espalmou as duas mãos em meu peito e senti que queria deslizar os dedos pela

camisa, mas ela forçou um empurrão, me afastando do seu corpo.

— Então cura essa cachaça sozinho. Se está bom o suficiente para encher a cara e

falar besteiras, está bom para se virar. Passar bem, senhor Teles. Até nunca mais, assim

espero.

Virou-se e saiu do quarto, me deixando parado ali com o primeiro sorriso verdadeiro

em anos. Tive a certeza de que, o que quer que estivesse acontecendo ali, estava apenas

começando.

Capítulo 39

Alberto

Precisava agradecer imensamente a pessoa que me fez seguir a profissão de médico,

especificamente pediatra. Tudo que aconteceu na minha vida desde que a conheci me

levou à felicidade e realização do que sou.

Nunca quis contar para ninguém o que eu fazia, meu “hobby” podemos dizer assim.

Sim, porque essa era a parte de ser médico que eu amava. Mas Ana fazia parte de mim,

éramos um, e ela tinha o direito de me conhecer por inteiro.

Assim que retornamos de Las Vegas, nossa vida tomou um rumo normal, vivíamos

muito bem. Nosso filho — sim, enfim a Ana aceitou o fato de que era uma segunda mãe

para o Nando — estava indo tão bem na escola e no âmbito familiar que me deixava

muito feliz. E com tudo em seu lugar havia chegado a hora da Ana conhecer uma pessoa

importante: a pessoa que me impulsionou a estar junto com ela.

Porém, como era de se esperar, minha querida e doce esposa não estava feliz com

todo aquele mistério. Desde que disse a ela que a levaria para conhecer uma parte da

minha vida que não gostava de divulgar, ela emburrou. Provavelmente, pensava o pior,

mas eu entendia. Mesmo tendo nos perdoado, a confiança não é algo que se conquista de

uma hora para outra, muito menos se reconquista.

— Ei, dá pra desmanchar esse bico. Estamos quase chegando, não quer assustar a

todos com esse humor do cão, né?

Ela se virou pra mim com um olhar ferino e quase me encolhi no banco do carro.

Bufou ruidosamente e jogou as mãos para o alto.

— Olha, é sério. Estou tentando ser uma boa esposa, não ficar surtando a cada

provocação sua, mas você torna isso muito difícil. Ainda mais escondendo as coisas de

mim. Que droga, Beto!

Sorri amplamente e mantive meu olhar na estrada enquanto ouvia-a soltar suas

lamúrias. Ela estava mesmo tentando não ser quem era, mas novidade, querida, eu a

amava daquele jeito mesmo.

— Você não tem que tentar nada, Ana. Eu te amei desse jeito que é desde o segundo

que nos conhecemos. Não tem que se segurar, seja você mesma. Eu aguento o tranco,

sabe como é, o amor a gente não escolhe, mas ama cada parte do outro. Até mesmo as

loucuras.

Ana não disse nada e olhei de esguelha; ela tinha a cabeça virada para a janela, mas

vi que enxugou uma pequena lágrima que descia por seu rosto.

— Por que você tem que ser tão fácil de amar? Até mesmo quando estou brava, não

consigo ficar mais com raiva de você.

Coloquei a mão na perna dela, que estava coberta pelo jeans, e Ana me olhou. Sorri

com amor, e ela devolveu meu sorriso.

— Eu sou o que você me faz ser. Se sou um homem melhor é por sua causa, porque

eu precisava te merecer.

Ana engoliu em seco e assentiu. Ela ainda tinha algumas dificuldades de receber

muito amor e carinho, mas devagar chegaríamos lá.

Ficamos em silêncio o restante do caminho e, quando chegamos naquele sítio

afastado, Ana franziu a testa, me observando atentamente. Eu sorri meio sem jeito e saí

do carro; ela me acompanhou até o porta-malas, de onde tirei a cesta de mantimentos e

minha maleta que usava no consultório.

— Por que tudo isso, Beto? — Ela estava muito curiosa quanto àquilo.

Balancei a cabeça e a abracei com meu braço livre.

— Confia em mim, tá?

Sabia que pedi muito, mas estava na hora, né? Ana me olhou atentamente e,

depois

do que me pareceu uma eternidade, assentiu. Não preciso dizer o quanto aquilo me

deixou feliz e realizado. Ela me deu um voto de confiança sem saber o que iríamos fazer

ali.

O sítio era grande e muito bem cuidado. A casa era antiga e precisava de uma pintura

nova, mas eu iria providenciar isso em breve. Além disso, também era cercada por uma

grade que ia até nossa cintura. Abri o portão e entrei segurando a mão da Ana.

Sim, eu tinha medo dela fugir.

Bem, meu segredo e surpresa não tinham como ficar tão secretos assim porque, ao

dobrarmos a esquina que levava para os fundos da casa, a gritaria das crianças podia ser

ouvida, pois eles deviam estar tomando o café da manhã.

Antes de entrarmos, eu parei e olhei Ana.

— Eles sabem que vínhamos, mas não se assuste quando formos rodeados de

bracinhos gordinhos e gritinhos agudos, ok?

Minha Ana tinha os olhos arregalados e parecia um pouco assustada. Sorri e dei-lhe

um beijo na testa. Ela suspirou e continuei a puxar sua mão na calçada estreita.

Assim que apontamos na porta da cozinha, nós fomos notados. E, como previ,

muitas crianças vieram correndo me abraçar enquanto gritavam ao mesmo tempo.

Perguntavam sobre a Ana: se ela que era minha esposa, como ela era bonita e assim

fizeram uma infinidade de perguntas. Então, quando ela entrou na cozinha batendo

palmas, o barulho diminuiu, mas não muito.

— Isso são modos de receber o Dr. Alberto? Deram pelo menos um bom dia para ele

e para a esposa?

Sorri e cumprimentei a Sandra. Ela, por sua vez, piscou para mim; senti que Ana

tentava puxar minha mão, mas não permiti. Devia estar com ciúmes, não era de se

admirar. Ela não conhecia o que eu fazia ali, nem quem era a linda mulher à minha

frente.

Sandra era uma mulher linda, cabelos muito negros e escorridos, olhos escuros,

rosto perfeito e pele naturalmente dourada. Descendente de índios, eu a conheci quando

era muito pequena. Mas Ana não sabia disso e por isso era natural a insegurança diante

do meu carinho com uma estranha.

As crianças gritaram “bom dia” em uníssono e voltaram para os seus lugares na

enorme mesa da cozinha.

— Bom dia, meus amores. Hoje eu trouxe minha esposa para que vocês a

conheçam.

Em breve meu filho também virá, mas eu queria que a conhecessem primeiro. Não é

linda a minha Ana? — Eles concordaram e Ana sorriu encantada com a quantidade de

crianças que estavam ali. Contudo, percebi que ainda estava tensa, tinha que explicar

tudo a ela. — Bom, eu vou até a salinha e espero vocês lá, ok? Mas sabem como é, um de

cada vez.

Deixei que Sandra os acalmasse e puxei Ana até a sala, onde eu receberia uma

criança por vez. Ainda não tinha conseguido um lugar adequado, mas por ora ainda

estava dando certo.

— Beto, o que está acontecendo aqui? Quem é aquela moça? — Ana disparou assim

que nos sentamos na sala. Na verdade, eu sentei, porque ela permaneceu de pé com os

braços cruzados.

— Senta aqui, Ana. É uma longa história. — A contragosto ela fez o que pedi e

agradeci com um aceno. — Quando estava terminando o ensino médio morava numa

cidade bem longe daqui, você lutou bastante para me criar, mas eu era um pouquinho

rebelde. Às vezes, matava aula para andar pelas ruas com amigos arruaceiros. Um dia,

um garoto nos chamou para ir fumar numa casa abandonada. Quando chegamos lá

estava tudo bem, nós fumamos e viajamos um pouco, não me orgulho de ter feito isso,

mas também foi a primeira e última vez. Estávamos indo embora quando ouvi um choro

baixinho vindo do interior da casa. Chamei meus amigos, mas eles não quiseram ir. Os

covardes ficaram com medo. Quando cheguei a um dos quartos, vi que havia uma cama

caindo aos pedaços, uma mobília bem velha e uma senhora abraçando uma menina de

uns sete anos. Elas estavam com medo do que podíamos fazer a elas.

Ana me ouvia atentamente e colocou a mão sobre o coração, como se assim o fizesse

parar de disparar.

— A casa não estava abandonada.

— Não! — Suspirei fortemente. — Eu tranquilizei a senhora e fiquei penalizado pela

situação que se encontravam. Eu não tinha muito dinheiro, mas provavelmente tinha

mais do que elas. Naquele dia eu carregava trinta reais comigo e tirei do bolso com a

intenção de dar a elas. Me aproximei e a menina se desvencilhou da senhora e ficou me

observando. Ela estava tão magrinha, Ana, parecia ter bem menos idade do que

realmente tinha; estava desnutrida e doente. Ela me olhou com aqueles olhinhos escuros

e perguntou se eu era médico. Respondi que não e ela começou a chorar. Fiquei

desesperado. A senhora, depois de acalmar a neta — fiquei sabendo disso depois —, me

disse que era porque ela estava doente havia dias; vomitava e tinha diarreia porque estava

doendo muito a barriguinha. Eu não podia ficar sem fazer nada. Disse a senhora que me

esperasse e voltei para os meus amigos; tinha um que estava mais sóbrio e pedi para que

me ajudasse a encontrar alguém com um carro. Como morávamos afastados da cidade

grande, para ir a um hospital, precisávamos de um automóvel. Ele ligou para o tio, que a

princípio não queria levá-las, disse que estavam sujas demais para entrar no carro dele.

Eu o subornei com meu próximo salário, que ganharia na mercearia que fazia um bico.

Eu as acompanhei até o hospital e esperei a menina ser atendida. O bom era que tinham

remédios no hospital aquele dia; coisa não muito frequente. Depois dela tomar soro e se

alimentar, foi liberada, nós voltamos e as deixei em casa prometendo voltar; eu não tinha

muito, mas, por algum motivo, quis ajudá-las. E foi por ela e pela menininha que me

tornei médico, Ana. Larguei toda a bagunça e fui estudar para ajudar pessoas como ela,

não deixar que crianças sofressem por falta de atendimento médico. Infelizmente, não

consigo fazer muito, mas quando fundei esse sítio, andei pelas ruas procurando crianças

sem teto para que tivessem uma vida mais digna, sem doenças, porque nas ruas correm

grandes riscos.

Ana parecia não acreditar em tudo aquilo e olhava para os lados sem saber o que

dizer.

— Ele salvou minha vida naquele dia e nunca serei mais grata a outra pessoa como

sou a ele.

Sandra nos assustou ao entrar na sala sorrindo; seus olhos, assim como eu me

lembrava, me observavam cheios de carinho.

— Como assim? Você é a menina? — Ana estava bem surpresa.

— Sim, eu era. Posso me aproximar? — Sandra mostrou a poltrona à nossa frente,

Ana assentiu e ela deu a volta se sentando. — Quando conheci o Alberto, eu quase não

tinha esperanças, vovó já se preparava para me perder, mas Deus colocou esse anjo em

nossas vidas. Mesmo tendo pouco, ele nos ajudou, o que me fez ficar mais forte; e,

quando foi para a faculdade, voltou à nossa casa e disse que não estava nos

abandonando, mas ele ia estudar para ajudar meninas como eu. Nós vivemos com o que

conseguimos e, quando minha avó faleceu, eu já tinha dezoito anos, Alberto veio e me

disse que tinha conseguido juntar um dinheiro e me convidou para trabalhar para ele,

aqui na casa. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido na minha vida. Essas crianças

são tudo pra mim.

— Meu Deus, mas isso é muita informação. Por que nunca contou para mim e a

todos da família?

Dei de ombros e a abracei.

— Nunca quis aparecer, Ana, eu faço isso de coração. Não preciso de

reconhecimento algum. Eu quis me tornar médico por causa das dificuldades de Sandra.

E foi a melhor escolha que fiz. Foi por causa dela que me tornei médico, te conheci... não

preciso de mais nada. Entende?

Ela assentiu e olhou Sandra com cuidado.

— Você a tem como uma irmã. — Assenti, mas Ana não viu. — Não precisa ser de

sangue pra gente amar, né?

— Não, o amor quem escolhe não são laços consanguíneos, mas a alma. — Sandra

sorria abertamente e se emocionou. — Bom, se me derem licença, vou colocar as crianças

para escovar os dentes e mando uma por uma, ok?

Assenti, e ela se foi. Ana não olhava para mim, mas quando se virou sorria

abertamente.

— Obrigada por me mostrar esse lado seu. Não fazia ideia.

— Ninguém faz e isso está muito bom. Não quero congratulações por algo que faço

com o coração.

— Eu te entendo, não vou contar a ninguém. Mas quando foi que você fundou essa

casa?

Respirei fundo, pois essa era a pior parte.

— Quando minha mãe faleceu, descobri uma pequena herança. Meu pai deu um

dinheiro a ela quando eu o procurei, parece que ficou com a consciência pesada de me

ignorar. Mas minha mãe o odiava e não me entregou, guardou e, quando ela se foi,

descobri esse dinheiro. Usei para comprar o sítio e mobiliar, mantenho ele com um

pouco do meu salário e também consegui uma ajuda de patrocinadores. Bruno é um

deles, mas não sabe que eu que estou à frente de tudo. Quando nos formamos, dizíamos

que ajudaríamos as pessoas no que pudéssemos, e eu fiz uma ficha de médicos

para

doações. Assim nós levamos aqui.

— Nossa, é muita coisa para um dia só.

— Eu sei, mas, Ana, eu te trouxe aqui porque você faz parte da minha vida e quero

dividir tudo com você, entende? Acho que precisamos voltar no começo de tudo para que

possamos entender e continuar escrevendo as páginas de nossas vidas.

Meu coração estava acelerado e Ana olhava pra mim com aquele véu nos olhos. Não

demostrava sentimento algum, e aquilo me assustou.

— Nós já agimos muito, movidos pelo ímpeto, né, Beto? Mas alguns deles nos trouxe

onde estamos hoje. Essa casa, o motivo de você ter se tornado médico. O que realizou

depois de anos, só me fez ver o cara que se escondia atrás de todo aquele charme de

cafajeste.

— Ei, não suje meu currículo — brinquei para aliviar o clima, pois o que Ana disse

com a voz rouca me fez ter vontade de chorar. Nunca quis reconhecimento algum do que

eu fazia paralelamente ao hospital e toda minha vida “normal”. Mas saber que ela estava

orgulhosa de mim, me emocionou além do que poderia explicar. Era uma vitória e

sabíamos disso.

— Não seja bobo e me deixa terminar. — Assenti me desculpando e Ana continuou:

— Eu sei que passamos por coisas difíceis, eu fui idiota e você também, mas o que

construímos até aqui me fez perceber que nada acontece em vão. Tudo tem sua hora e

momento certo. Acho que éramos muito imaturos na época para ter um relacionamento

sério, formar uma família. Nunca vou superar a perda do nosso filho. Davi sempre estará

comigo, mas a vida tomou seu rumo como deveria ser. Agora, nós estamos prontos para

seguir mais esse ímpeto. Ser feliz plenamente, esse é o maior desafio que vamos

conquistar!

O orgulho por aquela mulher só crescia em meu peito e não resisti: peguei seu rosto

em minhas mãos e a beijei apaixonadamente. Meu amor pela Ana teve fases

complicadas. Algumas foram de êxtase e prazer, outras foram de dor e perdas, muitas de

raiva, mas a que mais se enraizou em nós foram os momentos de amor, felicidade,

carinho e companheirismo.

Ela estava certa, tudo tem seu tempo. E o nosso estava apenas começando. A

felicidade está dentro de cada um de nós, basta sabermos reconhecê-la em meio a tantas

dificuldades e confusões que criamos para nós mesmos.

A magia da vida é ser feliz plenamente. Mesmo que tudo esteja desmoronando, seja

aquele que vê o lado bom de tudo. Que encontre arestas para fugir do caos. Seja aquele

que num ímpeto decida viver. Seja aquele que se move por e pelo amor.

A felicidade está onde o nosso coração escolhe morar. Eu escolhi a minha casa e ali

fincaria raízes e apenas deixaria o tempo me levar.

O amor de Ana Luíza era meu mais puro presente, ela era minha e eu era dela.

Ninguém mudaria isso enquanto confiássemos nesse sentimento.

Epílogo

Fernando

Eu não fui fruto do amor, mas experimentei esse amor de perto. Achei que minha

vida se tornaria um pesadelo quando recebi a notícia da morte da minha mãe. Porém, não

foi o que aconteceu: conheci o amor puro de uma mãe por um filho nos braços da Ana.

Cada vez que ela sorria e cada vez que me abraçava... era recheado de amor. Eu sentia

em cada parte de mim que em meu coração e alma ela era a minha mãe. Eu só nasci do

ventre errado. Sei lá, talvez não seja legal pensar assim, mas era o que era. Minha mãe

nunca foi muito carinhosa e amorosa, ela era muito ligada a dinheiro e *status* pra

se

preocupar em demonstrar o amor, que eu sabia que ela sentia, pelo seu filho.

Mas minha vida mudou depois de Ana Luíza Petri. Me tornei outra pessoa; era feliz,

livre pra ser quem eu era. E naquele dia tão importante, eles não poderiam ficar de fora.

Meu pai e minha mãe me criaram com muito amor e atenção. Me ajudaram a

escolher o rumo da minha vida. Meu pai a todo momento me aconselhava a não me

deixar levar por impulsos, não perder coisas preciosas como ele fez. Eu ouvi cada

conselho. E por isso estava onde deveria estar.

— Fernando Petri Brenner.

Quando meu nome foi chamado, as vozes e palmas que mais se ouvia eram as da

minha mãe e do meu pai, que me viam pegar o canudo, orgulhosos. Eles estavam

eufóricos pela minha formatura. Cheguei ao diretor da faculdade e recebi os parabéns,

mas aquele não era o momento crucial.

Eu era o orador da turma, por isso fui o último a ser chamado. E estava nervoso, mas

sabia que tinha o apoio da minha família. Cheguei na frente do palanque e testei o

microfone.

— Bem, eu não sei se sou a pessoa mais indicada para estar aqui na frente para dizer

o que sentimos e nossas expectativas. Eu aprendi a viver cada momento como se fosse o

último e não pensar muito no futuro. Por quê? Bom, porque viver é saborear as surpresas.

Acho que não irei dizer a vocês como agir, como proceder nessa estrada que escolhemos

e qual direção tomar. Eu direi apenas: sejam o que nasceram para ser. Irão errar? Com

certeza! Mas algo que aprendi com meus pais foi que podemos sim perdoar nossos erros,

viver e ser feliz. A medicina não é brincadeira, nós iremos lidar com a vida das pessoas e

devemos levar a sério. É um dom que nos foi concedido, pois somente amando aquilo que

fazemos é que realizaremos um trabalho impecável. Porém, meus amigos, não deixem a

essência do que são ser sufocada por problemas e obstáculos. Nós fomos agraciados com

a vida para que façamos um mundo melhor de se viver. E é por isso que vamos lutar

daqui por diante: Pelo direito de viver! Obrigado.

Desci do palco em meio aos aplausos e gritarias; ao chegar no chão, olhei para meus

amigos e sorri, pegamos os chapéus juntos e os jogamos para o alto.

Fui ao encontro da minha família, que estava ansiosa para me parabenizar. Fui

arrebatado pelo abraço da minha mãe que chorava, emocionada.

— Ai, meu Deus! Como estou orgulhosa de você, filho! Arrasou lá em cima.

Toda vez que ela me chamava assim, eu sentia que poderia morrer, pois estava feliz.

Nunca me esqueci do dia que ela me deixou chorar em seu ombro porque eu a queria

como minha mãe. Eu entendi a negativa da Ana, mas o tempo, mais uma vez, foi um

ótimo professor. Com a convivência, foi tão natural como respirar ela me chamar de filho

e eu a ela de mãe.

Era o que nos tornamos.

— Que nada, mãe. Só falei abobrinha.

Meu pai sorriu e abraçou mamãe pelos ombros.

— A modéstia vem da família Petri. Você foi perfeito, estamos todos orgulhosos de

você, Nando. Será um médico esplêndido.

— Assim espero, pai.

— Mas espero que siga o mesmo caminho que o tio aqui, cirurgia geral é mais

emocionante. — Bruno se aproximou, puxando Layla pela mão, e me cumprimentou com

um abraço.

Meu pai revirou os olhos. Era muito divertido ver os dois ainda implicando um com o

outro. Depois de tanto tempo, eles ainda eram amigos fiéis e inseparáveis.

— Larga de ser convencido, Bruno. Deixa o menino que ele vai escolher seu caminho.

Tio Bruno deu de ombros e toda a família me cercou de amor. Olhando em volta,

percebi o quanto eu era sortudo. Fui adotado pela melhor família que poderia existir. Os

Petri eram barulhentos, bagunceiros, problemáticos, mas um amava o outro

incansavelmente.

Fui abençoado!

Minha mãe me tirou do meio de toda a barulheira e me levou pela mão até um canto

mais afastado. Ela era tão baixinha que era engraçado quando estávamos frente a frente.

— Acho que preciso te agradecer!

Franzi a testa e a observei, curioso.

— Pelo que, mãe? Não fiz nada de mais, só fui orador da turma. — Sorri

amplamente, pois ela era bem coruja.

— E foi maravilhoso, mas não é por isso. Nando, eu quero te agradecer pela honra de

ser sua mãe, pelo amor enorme que você me deu, pela felicidade incrível que foi te

segurar em meus braços em tantas situações e ver você crescer, se tornando esse homem

lindo por dentro e por fora. Obrigada por me fazer sentir de novo um amor que achei

estar perdido para mim.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu a abracei fortemente. Encostei a cabeça em

seus cabelos e esperei que ela se acalmasse.

— Eu que agradeço por ter me deixado te chamar de mãe, Ana. Você foi a melhor

surpresa da minha vida. Obrigado por me deixar ser livre, obrigado por me deixar te

amar. Você é, sim, minha mãe. Sempre tenha a certeza disso.

E como uma mulher sábia me disse uma vez: o amor está onde seu coração escolhe.

Não é o DNA que diz quem deve ser o quê, mas sim o amor que é demonstrado em cada

ato, cada palavra. E isso Ana Luíza fez por todo o tempo que me deixou ser seu filho.

Eu era um cara feliz, tinha uma família linda, um futuro pela frente. Um destino a ser

traçado... páginas a serem escritas. O que sabemos que vem pelo caminho? Ninguém!

Sorri para Ana, que se afastou enxugando as lágrimas que escorriam por seu rosto, e

demos as mãos caminhando em direção à nossa família. Meu pai nos olhava com carinho

e, quando nos aproximamos, ele nos envolveu em seus braços.

O amor que aprendi com eles era o que eu queria para mim. Apesar de qualquer

percalço, esse amor sobreviveu firme e intenso. O tempo fez tudo ficar perfeito, afinal

perdoar as mágoas é um desafio.

Mas existe desafio maior que viver?

Observando meu pai olhar minha mãe com tanto amor após tantos anos e ver ela

devolvendo seu amor me deixava feliz.

Ana e Alberto nasceram um para o outro. Eu era honrado de ter visto de perto cada

ato de amor e carinho que não faziam questão de esconder. Eles nunca perderam a

essência, pareciam dois namorados; entre brigas, guerras e reconciliações construíram

uma base sólida para aquele amor crescer cada vez mais.

Eles eram impetuosos sim, mas se amavam muito. Mesmo em meio à dor, eles

superaram o caos e venceram porque o amor falou mais alto do que qualquer coisa. A dor

já não existia, restou apenas saudades.

Sorrindo, eu acompanhei as pessoas mais importantes da minha vida: as pessoas que

me ensinaram o que é amor de verdade.

Aquele amor incondicional e eterno, aquele que você sorri a cada vez que se lembrar

de quem ama. Aquele amor como diz em Coríntios 13, versículo dois:

“E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e

ainda que tivesse toda a fé, de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse amor, nada

seria.”

Era esse tipo de amor eterno que aprendi e que havia recebido. O amor vem em

várias formas e tipos, todos eles são válidos se te fazem bem e feliz. Ame sempre, mas

ame principalmente a si mesmo. Aí, então sim, você será capaz de amar

verdadeiramente.

FIM



Biografia

GISELE SOUZA

Nasceu em Volta Redonda, no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1987. Leitora

compulsiva, apaixonada por livros filmes e séries. Começou a se aventurar no mundo da

escrita em 2013 e assim encontrou sua verdadeira vocação. “Inspiração” é seu primeiro

romance publicado. Considera-se uma pessoa simples com uma vida descomplicada.

Casada e mãe de um menino lindo de cinco anos.

Contato

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

Blog oficial | FanPage

Gostou do livro? Compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o

para futuros leitores. Obrigada.



Outras obras na Amazon

SÉRIE INSPIRAÇÃO

INSPIRE!

Vol. ½, um prequel da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

AMAZON

Conheça Layla Bonatti em seus doze anos, uma menina doce e feliz.

E seu irmão Lucas, um encanto de herói.

Prequel do livro *Inspiração*. Inspire-se e se emocione!



INSPIRAÇÃO

Vol. I da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

AMAZON

Para Layla Bonatti, não havia pessoa mais importante do que o seu irmão, Lucas. Criá-lo desde pequeno cobrou seu

preço e seus próprios sonhos foram anulados, exceto um: a música, paixão que cultivava desde que era uma menina.

Cantar no bar era o seu único prazer, em suas apresentações deixava transparecer todos os seus sentimentos. Desta

forma, encontrou a recompensa tão sonhada: ser amada e valorizada, seus anseios mais secretos.

Porém, o fantasma da perda ainda rondava o seu coração.

Layla será capaz de esquecer toda a dor e finalmente abrir o seu coração para um intenso romance?



IMPULSO

Vol. II da série *Inspiração*

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

AMAZON

Lucas Bonatti nasceu para ser brilhante. Criado pela irmã, sua vida foi regada de responsabilidades, amor e

companheirismo. Contudo, sempre escondeu a ânsia de amar incondicionalmente. Quando, enfim, acreditou ter

encontrado a mulher da sua vida, seu coração foi despedaçado. Então, Lucas não via mais motivos para ser o bom moço

da família.

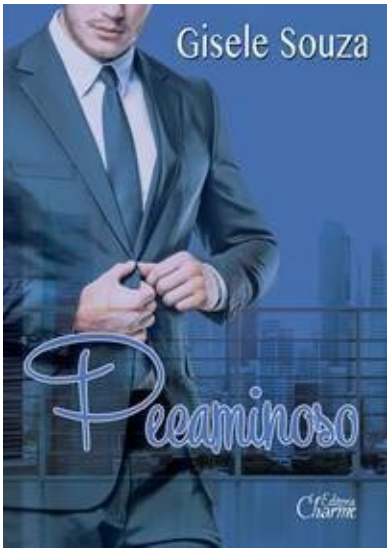
Sabrina Petri, a caçula de quatro irmãos, sempre foi cercada de cuidados e amor. Uma garota alegre e extrovertida

que teve a vida virada pelo avesso subitamente. Quando conheceu o homem que poderia fazê-la feliz, ela já não podia se

entregar.

Um romance tórrido e intenso. Uma atitude movida por impulso pode fazer a vida dos dois mudar completamente.

O amor será capaz de consertar dois corações feitos em pedaços?



PECAMINOSO

À VENDA NO FORMATO IMPRESSO:

AMAZON | SARAIVA | LOJA DA CHARME | CULTURA | CIA. DOS LIVROS

Quando Isabella Leal foi trabalhar em uma empresa de processamento de dados

como estagiária, não imaginou que, ao ser efetivada, passaria por uma situação tão

inusitada... E deliciosa!

Ela se deparou com um vício: Blake Miller. Além de ser lindo e ardente, o jovem CEO

da empresa era irritantemente arrogante.

Após um encontro arrebatador, Isabella percebe que se tornou um erro. Mas ela não

vai deixar isso barato! Blake vai descobrir o que uma mulher determinada e com o sabor

do pecado é capaz de fazer.



MOMENTOS

À VENDA NO FORMATO DIGITAL:

AMAZON

Joana viveu sua vida cercada de momentos bons, ruins, alegres e tristes. Momentos

estes que mudaram sua vida completamente. Quando conheceu Bernardo e André, viu

naqueles dois garotos uma linda amizade. Os três se tornaram inseparáveis. Até que, por

uma brincadeira do destino, tudo passou a ser sombrio.

Depois de anos vivendo cercada de culpa e tristeza, uma chance lhe é dada. Só que

nem tudo é como gostaríamos que fosse. A vida muitas vezes nos prega peças e somos

desviados de nosso caminho.

Momentos plenos de felicidade se tornam apenas lembranças.

O amor pode ser incondicional até que ponto?

***

Link de outros livros da autora na Amazon:

http://migre.me/pdH2Y

Document Outline

- Agradecimentos
- Nota da autora
- Prólogo
- Capítulo 1
- Capítulo 2
- Capítulo 3
- Capítulo 4
- Capítulo 5
- Capítulo 6
- Capítulo 7
- Capítulo 8
- Capítulo 9
- Capítulo 10
- Capítulo 11
- Capítulo 12
- Capítulo 13
- Capítulo 14
- Capítulo 15
- Capítulo 16
- Capítulo 17
- Capítulo 18
- Capítulo 19
- Capítulo 20
- Capítulo 21
- Capítulo 22
- Capítulo 23
- Capítulo 24
- Capítulo 25
- Capítulo 26
- Capítulo 27
- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30
- Capítulo 31

- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Epílogo
- Biografia
- Contato
- Outras obras na Amazon